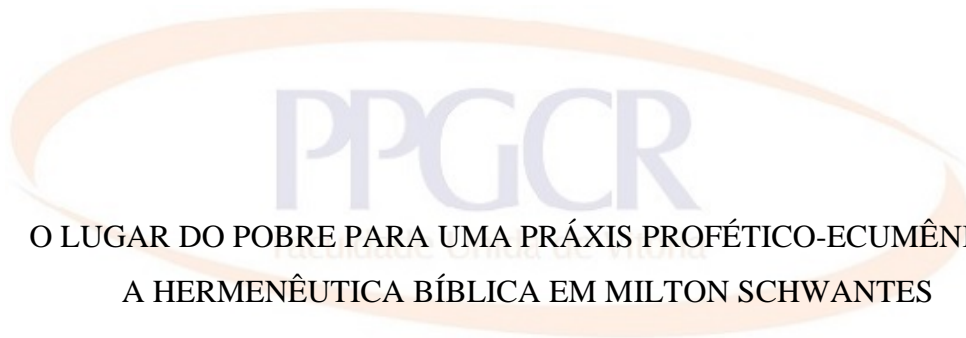


FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

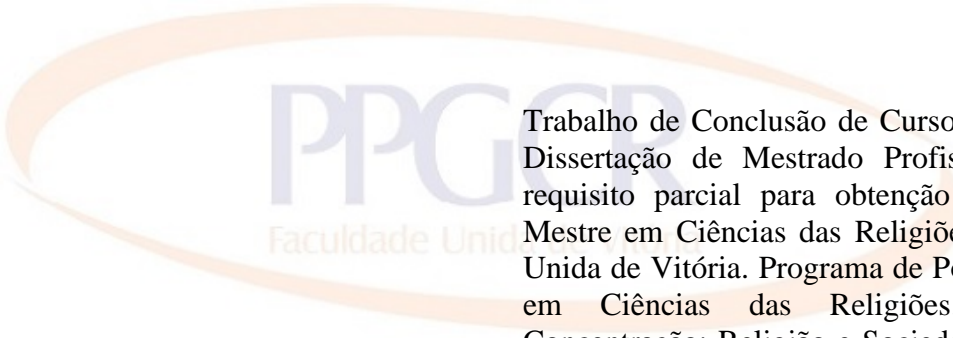
WALLACE SOARES DA CRUZ



O LUGAR DO POBRE PARA UMA PRÁXIS PROFÉTICO-ECUMÊNICA:
A HERMENÊUTICA BÍBLICA EM MILTON SCHWANTES

WALLACE SOARES DA CRUZ

O LUGAR DO POBRE PARA UMA PRÁXIS PROFÉTICO-ECUMÊNICA:
A HERMENÊUTICA BÍBLICA EM MILTON SCHWANTES



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Dissertação de Mestrado Profissional como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões. Área de
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de
Pesquisa: Religião e Espaço Público.

Orientador: Dr. Graham Gerald McGeoch

VITÓRIA-ES

2021

Cruz, Wallace Soares da

O lugar do pobre para uma práxis profético-ecumênica / A Hermenêutica Bíblica em Milton Schwantes / Wallace Soares da Cruz. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2021.

x, 134 f. ; 31 cm.

Orientador: Graham Gerald McGeoch

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2021.


Referências bibliográficas: f. 125-134

1. Ciência da religião. 2. Religião e espaço público. 3. Milton Schwantes. 4. Hermenêutica bíblica. 5. Práxis profético-ecumênica. 6. Igreja profética e de rosto popular. 7. Pobre como critério hermenêutico. - Tese. I. Wallace Soares da Cruz. II. Faculdade Unida de Vitória, 2021. III. Título.

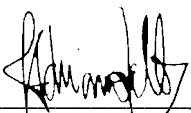
WALLACE SOARES DA CRUZ

O LUGAR DO POBRE PARA UMA PRÁXIS PROFÉTICO-ECUMÊNICA: A
HERMENÊUTICA BÍBLICA EM MILTON SCHWANTES


Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.



Doutor Graham Gerald McGeoch – UNIDA (presidente)



Doutor José Adriano Filho – UNIDA



Doutora Odja Barros Santos



Dedico este trabalho à minha mãe, Iraneide Soares da Cruz, grande colaboradora e incentivadora de minhas conquistas. Meu maior exemplo.

AGRADECIMENTO

Para o desenvolvimento desta pesquisa realizei muitos esforços. Foram dois anos intensos que marcaram a minha vida. Nesta jornada, conheci pessoas que não mediram impulsos em suas contribuições. Assim, agradeço a todos e a todas pelas diferentes formas de apoio.

Em primeiro lugar, ao Indescritível e Inefável...

À minha esposa, Nayara, pela compreensão, paciência, companheirismo e amor dispensados. Aos meus filhos, Lívia e Gabriel, pelos abraços revitalizantes.

À Evangelisches Missionswerk in Deutschland (EMW), pela concessão de minha bolsa de estudos no mestrado profissional em Ciências das Religiões.

Ao meu orientador, Graham Gerald McGeoch, para além de toda a orientação e, sem pretensão, ensinar-me o valor de ser uma entre muitas vozes no mundo.

Ao professor Osvaldo Luiz Ribeiro, por entender o meu anseio em estudar e me incentivar a ser um pesquisador honesto. Pelas inúmeras conversas sobre a vida acadêmica e seus desafios. Nada seria possível sem o seu apoio, por isso, sou eternamente grato.

Ao professor Wanderley Pereira da Rosa, diretor da Faculdade Unida de Vitória (FUV), pelas oportunidades que me foram concedidas neste período, sem as quais não teria condições de concluir meus estudos.

À Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), especialmente ao professor Lauri Emilio Wirth, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, pela autorização concedida para visitar o Campus da UMESp, durante uma semana inteira, em 2019. À Noeme Timbó e Maria de Fátima Almeida, bibliotecárias, por facilitarem o meu acesso às Bibliotecas de Teologia e Ecumênica, da UMESp.

À Mercedes Lopes, pela análise da bibliografia brevemente comentada de Milton Schwantes, localizada no apêndice da pesquisa.

Aos amigos, Wagno, Francisco e Abdruschin pelo investimento em minha viagem a São Paulo, em 2019. “Eu só precisava chegar lá”, mas, vocês garantiram que fosse da maneira mais segura e confortável possível.

Ao Centro de Estudos Bíblicos (CEBI-ES), pelo investimento em minha viagem à Belo Horizonte, para a *Formação Nacional: oficina da LPB região sudeste*, em março de 2020. Este encontro me abriu os horizontes e expandiu a minha compreensão sobre a Leitura Popular da Bíblia no Brasil.



“Tudo que fizermos com a Bíblia para a formação: pesquisa, estudo, línguas, cursos, projetos, aprofundamento, comentários, se não estiver a serviço dos grupos de base, onde a palavra de Deus entra na vida, que seja queimado e esquecido”.

Milton Schwantes.

RESUMO

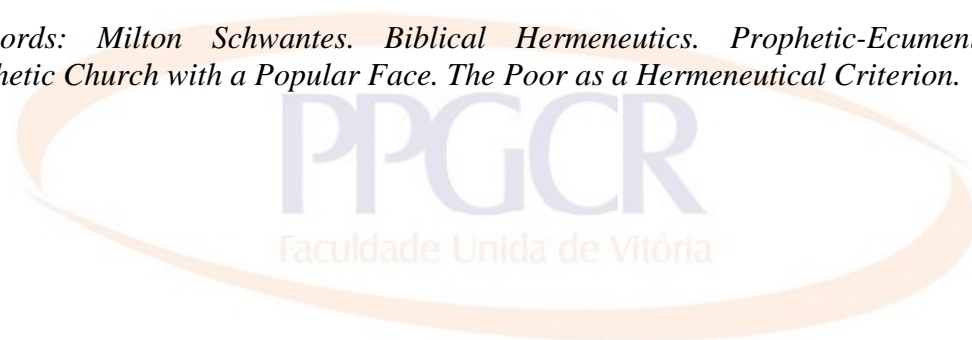
A pesquisa visa perscrutar a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes e seus principais indícios sociológicos. À luz das contribuições das Ciências Sociais, apresenta uma análise do contexto socioeconômico e político do autor, considerando-o um aspecto importante e norteador para o desenvolvimento de seu horizonte hermenêutico. Em seguida, o enfoque recai sobre uma análise da metodologia exegética de Milton Schwantes e das principais hipóteses que perpassam a sua literatura. A pesquisa encerra com apontamentos no campo dos estudos bíblicos contemporâneos, especificamente a sociologia da Bíblia, trazendo à baila um diálogo entre as propostas de Milton Schwantes com outros pesquisadores do texto bíblico. Além disso, procura-se localizar o caráter profissional da pesquisa, a partir da indicação de algumas possibilidades de aplicação do método desenvolvido e empregado por este biblista brasileiro. O pobre é apresentado como critério hermenêutico. Por isso, a hermenêutica bíblica em análise é considerada político-religiosa à medida que demonstra intencionalidades político-sociais e busca desenvolver um pensamento crítico e político nas pessoas pobres para impulsioná-las a resistir e lutar por sua libertação. Isso é feito pelo autor a partir da resignificação dos principais personagens, eventos e instituições bíblicas em um programa de leitura política da Bíblia, objetivando uma oposição aos modelos de governo considerados autoritários e excludentes.

Palavras-chave: Milton Schwantes. Hermenêutica Bíblica. Práxis Profético-Ecumênica. Igreja Profética e de Rosto Popular. Pobre Como Critério Hermenêutico.

ABSTRACT

This thesis analyses biblical hermeneutics in Milton Schwantes and its main sociological thrusts. In the light of the contributions of the Social Sciences, it presents an analysis of Schwantes' socioeconomic and political context, considering this to be an important and guiding aspect for the development of his hermeneutical horizon. Thereafter, the focus is on an analysis of Milton Schwantes' exegetical methodology and the main hypotheses that permeate his work. The thesis ends with notes in the field of contemporary biblical studies, specifically sociology of the Bible, bringing forth a dialogue between the proposal of Milton Schwantes and other Bible scholars. In addition, it seeks to locate the professional character of the research, by indicating some possibilities of application of the method developed and employed by Milton Schwantes. "The poor" is presented as a hermeneutical criterion. For this reason, the biblical hermeneutics under analysis is considered political-religious as it demonstrates political-social intentionalities and seeks to develop critical and political thinking in poor people to encourage them to resist and fight for their liberation. This is undertaken by Schwantes by the re-signifying of the main characters, events and biblical institutions through a political perspective, intending to oppose authoritarian and excluding models of government.

Keywords: Milton Schwantes. Biblical Hermeneutics. Prophetic-Ecumenical Praxis. Prophetic Church with a Popular Face. The Poor as a Hermeneutical Criterion.



LISTA DE SIGLAS

ABIB	Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica
BBLAMS	Bibliografia Bíblica Latino-Americana Milton Schwantes
BHS	Bíblia Hebraica Stuttgartensia
CBLA	Comentário Bíblico Latino-Americano
CEBI	Centro de Estudos Bíblicos
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CIB	Curso Intensivo de Bíblia
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CNBB	Conselho Nacional dos Bispos Brasileiros
CPR	Ciência Prática da Religião
CPT	Comissão Pastoral da Terra
ESG	Escola Superior de Guerra
EST	Escola Superior de Teologia
FMI	Fundo Monetário Internacional
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
I PND	Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento
II PND	Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento
III PND	Terceiro Plano Nacional de Desenvolvimento
ISI	Industrialização de Substituição de Importações
LPB	Leitura Popular da Bíblia
LXX	Septuaginta
MHC	Métodos Histórico-Críticos
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PAEG	Programa de Ação Econômica do Governo
PCB	Programa Comum de Bíblia
PIB	Produto Interno Bruto
PNV	A Palavra na Vida
PTP	Por Trás da Palavra
RIBLA	Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana
SNI	Serviço Nacional de Informações
SUCAM	Superintendência de Campanhas de Saúde Pública
UMESP	Universidade Metodista de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 CONTEXTO SOCIOECONÔMICO E ECLESIAÍSTICO BRASILEIRO REFLETIDO NA LITERATURA DE MILTON SCHWANTES.....	18
1.1 Contexto socioeconômico	18
1.2 Pobreza no campo e a práxis profético-ecumênica	29
1.3 Esperança de uma igreja profética e de rosto popular	40
2 A HERMENÊUTICA BÍBLICA EM MILTON SCHWANTES.....	51
2.1 A Bíblia e sua interpretação.....	51
2.2 Metodologia exegética.....	65
2.3 Sujeitos hermenêuticos privilegiados?	75
3 INDÍCIOS SOCIOLÓGICOS DOS TRABALHOS DE MILTON SCHWANTES: O LUGAR DO POBRE PARA UMA PRÁXIS PROFÉTICO-ECUMÊNICA.....	88
3.1 Leitura popular da Bíblia e ação pastoral	88
3.2 Formação de biblistas brasileiros/as, fomento à pesquisa bíblica e a proposta de uma corrente hermenêutica engajada	100
3.3 Desdobramentos da teologia bíblica após Milton Schwantes	111
CONCLUSÃO.....	121
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICE A: BIBLIOGRAFIA BREVEMENTE COMENTADA DE MILTON SCHWANTES.....	135

INTRODUÇÃO

Pesquisar a hermenêutica bíblica latino-americana tendo como objeto de análise o método de Milton Schwantes – *in memoriam* – representa o desafio de perscrutar uma perspectiva idiossincrática de um biblista brasileiro¹, que instrumentalizou o texto bíblico para estimular pessoas em situação de pobreza a lutarem por condições dignas de vida, bem como para contribuir no processo de formação de pesquisadores e pesquisadoras da Bíblia na América Latina e, de modo significativo, no Brasil.

Desde o início do século XXI, algumas obras versaram sobre Milton Schwantes e suas contribuições para o campo das pesquisas bíblicas no Brasil, na América Latina e no mundo. Em 2006, em comemoração pela passagem de seu sexagésimo aniversário, o livro *Profecia e Esperança* reuniu artigos e poemas de diversos autores e autoras, abordando, em quatro blocos, aspectos relacionados à vida e a jornada do autor no assim chamado movimento bíblico latino-americano.² A obra elenca temas hermenêuticos, considerando os elementos bíblicos gerais e as perspectivas latino-americanas e europeias da leitura bíblica.³ Além disso, aborda os principais temas do Antigo Testamento,⁴ como também analisa aspectos do Novo Testamento.⁵ Embora o livro tenha sido tributado ao biblista Milton Schwantes, o conteúdo assumido não aborda de maneira pormenorizada sua metodologia exegético-hermenêutica e nem explora por completo a sua literatura.

A teóloga Nancy Cardoso, em 2012, organizou em um único volume uma coleção de pequenos textos deste biblista no intuito de homenageá-lo, em virtude de seu recente falecimento. Além disso, pretendeu ofertar uma visão do conjunto de sua produção literária

¹ No Brasil, parece não existir uma definição terminológica clara sobre o termo *biblista*. Há argumentos que sugerem que um biblista domine uma série de línguas bíblicas, antigas e modernas: SILVA, Airton J. Quantos idiomas deveria um biblista dominar? In: OBSERVATÓRIO BÍBLICO [Site institucional]. 07 out. 2006. [online]. [n.p.]. Outros atribuem o termo a pessoas leigas que realizam um curso de formação bíblica comprometidas com o trabalho bíblico popular realizado pelas comunidades de base: CASONATTO, Odalberto D. O que é um biblista? O que faz o biblista? Estas informações estão relacionadas com a ciência da religião? In: ABÍBLIA.ORG [Site institucional]. 07 abr. 2013. [online]. [n.p.]. O documento da Pontifícia Comissão Bíblica menciona o termo uma única vez, sem esclarecer o sentido que lhe é atribuído: PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Roma: [s.n.], 1993. [online]. [n.p.]. Na pesquisa, o termo é tomado como epíteto para identificar os pesquisadores em Bíblia, considerados teólogos da libertação, os quais fizeram uma opção metodológica da leitura dos textos bíblicos, a saber: a opção pelos pobres latino-americanos e sua libertação. Veja: TERRA, Kenner R. C. Opção pelos pobres e recepção da Bíblia: a leitura bíblica na teologia da libertação. *Revista Reflexus*, Vitória, a. VI, n. 8, p. 63-75, 2012. p. 63.

² DREHER, Carlos A.; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria; DREHER, Isolde R. (orgs.). *Profecia e Esperança: um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006. P. 9-41.

³ DREHER, MUGGE, HAUENSTEIN, DREHER, 2006, p. 42-148.

⁴ DREHER, MUGGE, HAUENSTEIN, DREHER, 2006, p. 149-217.

⁵ DREHER, MUGGE, HAUENSTEIN, DREHER, 2006, p. 218-401.

para a reflexão das igrejas e das pastorais.⁶ Logo, o livro também não apresenta argumentos críticos sobre os aspectos exegético-hermenêuticos que perpassam os textos elencados. O critério de seleção favoreceu somente alguns temas relacionados às contribuições do autor para a leitura bíblica popular. Na prática, estes escritos são marcados pela substituição de algumas expressões e termos técnicos por uma linguagem mais familiar para uma melhor compreensão do assunto por parte dos leitores e das leitoras.⁷

Quem avançou na direção de uma análise teórico-metodológica do movimento bíblico latino-americano e, inevitavelmente, abarca o método de Milton Schwantes, foi o teólogo e especialista em Antigo Testamento, Hans de Wit. Seu livro disponibiliza parte de uma seção para analisar as principais ênfases que caracterizaram a hermenêutica bíblica do biblista brasileiro, questionando a respeito da legitimidade e/ou vulnerabilidade das suas principais hipóteses. Entretanto, enfatiza-se mais o movimento bíblico que ele aderiu do que uma análise abrangente do contexto de produção literária e outros aspectos que permeiam a sua literatura.⁸ Apesar da relevância e da representatividade da obra, Hans de Wit propõe uma investigação mais ampla dos diferentes métodos de interpretação. Assim, seu objetivo difere de uma abordagem específica do objeto de análise desta pesquisa.⁹

Em se tratando de artigos acadêmicos, em 2012, a *Revista Caminhando* publicou um dossiê intitulado *Vida e obra de Milton Schwantes*, refletindo sobre o horizonte e os projetos teológicos do autor. Merece destaque o artigo de Lucas Nascimento, sob o título: *A Bíblia e a vida: o método exegético de Milton Schwantes*, que visa explicitar e sistematizar a metodologia exegética apreendida nas aulas de Milton Schwantes. De modo geral, o artigo exhibe as principais etapas da análise exegética, ilustrando-as à luz dos textos do biblista. Mas, a contribuição permanece no nível de uma demonstração didática, priorizando a descrição de exercícios exegéticos e não avança para uma análise dos aspectos hermenêuticos, como é proposto nesta pesquisa.¹⁰

Em 2013, Haroldo Reimer fez apontamentos sobre a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes. Contudo, face aos limites de um artigo e a complexidade do tema, o texto não

⁶ PEREIRA, Nancy C. *Milton Schwantes: escritos de história e paixão*. São Leopoldo: CEBI, 2012. p. 5-11.

⁷ A título de exemplo, no primeiro capítulo, o termo *ruah* foi substituído pela palavra *espírito*. Veja: PEREIRA, 2012, p. 18-35. Em outras publicações de cunho acadêmico, o autor usou preferencialmente o termo *ruah*. Confira: SCHWANTES, Milton. No espírito dos quatro ventos: estudando Ezequiel 37,1-14. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XV, n. 20, p. 171-182, 2001a. p. 175.

⁸ WIT, Hans. *En la dispersión el texto es patria: introducción a la hermenêutica clásica, moderna e pós-moderna*. San José: Universidad Bíblica Latino Americana, 2002. p. 255-267.

⁹ WIT, 2002, p. 9-18.

¹⁰ NASCIMENTO, Lucas M. A Bíblia e a vida: o método exegético de Milton Schwantes. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 17, n. 2, p. 55-63, 2012. p. 55-63.

aprofunda a questão, mas pavimenta caminhos para outras pesquisas.¹¹ Em 2017, Milton Schwantes foi apresentado, segundo a categoria gramsciana, como um intelectual orgânico, por causa de sua atuação nos movimentos sociais rurais brasileiros. Mas, o artigo não apresenta um estudo isolado sobre as suas contribuições.¹² Em 2020, o autor desta pesquisa publicou dois artigos sobre o tema. O primeiro propõe o resgate de elementos de mediação pastoral/social da teologia bíblica de Milton Schwantes para uma leitura da realidade presente, considerando os desafios da pandemia do novo coronavírus.¹³ O segundo advoga por novas abordagens teórico-metodológicas, em relação ao método em análise, a partir da mediação da Ciência Prática da Religião (CPR).¹⁴ Por fim, nos levantamentos realizados no *Banco de Teses da Capes*¹⁵ e no *Portal de Periódicos da Capes*¹⁶, não foram identificadas teses ou dissertações sobre a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes.

No esforço de avançar neste debate, a pesquisa analisa a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes e os principais desdobramentos de suas contribuições para uma práxis profético-ecumênica. Sua sensibilidade em conduzir os estudos acadêmicos em diálogo com o povo, seu contributo na formação acadêmica de homens e mulheres no campo das pesquisas em Bíblia, bem como sua participação no processo de gestação do movimento bíblico latino-americano, representam alguns dos aspectos práticos, sociais e profissionais aqui perscrutados.¹⁷ No entanto, o interesse recai sobre os impactos proporcionados pelas transformações socioeconômicas e políticas. Sobretudo, no final da década de 1970 até a primeira metade da década de 1980. Privilegia-se o contexto brasileiro e o modo como este cenário teria influenciado o horizonte hermenêutico do autor, bem como sua atuação política junto aos movimentos rurais sociais e populares brasileiros.

Ao se examinar os aspectos socioeconômicos e políticos que influenciaram seu ideário hermenêutico, enfocam-se principalmente as dimensões e as consequências da pobreza sobre a vida de camponeses que, expulsos de suas terras, teriam sido transformados em operários e trabalhadores rurais. Aqui se enfatiza menos o perfil biográfico do autor, embora, ao longo da

¹¹ REIMER, Haroldo. Não há dabar sem contexto: apontamentos sobre hermenêutica bíblica em Milton Schwantes. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 232-245, 2013. p. 232-245.

¹² PY, Fábio; PEDLOWSKI, Marcos A. Atuação de religiosos luteranos nos movimentos sociais rurais no Brasil (1975-1985). *Revista Tempo*, Niterói, v. 24, n. 2, p. 233-252, 2018. p. 246-249.

¹³ CRUZ, Wallace S. Por uma leitura da realidade presente na perspectiva de Milton Schwantes. *Revista Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 46, n. 1, p. 34-49, 2020a. p. 34-49.

¹⁴ CRUZ, Wallace S. A interpretação do texto bíblico de Milton Schwantes: por uma mediação da Ciência Prática da Religião. *Revista Reflexus*, Vitória, a. XIV, n. 24, p. 735-753, 2020b. p. 735-753.

¹⁵ CAPES. *Catálogo de teses e dissertações*. [s.d.]. [online]. [n.p.].

¹⁶ CAPES. *Portal de periódicos*. [s.d.]. [online]. [n.p.].

¹⁷ WIT, Hans. “Camino de um día” (Jonás 3,4): Jonás y la memoria social de los pequeños. *Revista Theologica Xaveriana*, Bogotá, v. 58, n. 165, p. 87-126, 2008. p. 89-91.

pesquisa, alguns traços de sua trajetória de vida sejam necessariamente apresentados.¹⁸ Prioriza-se, antes de tudo, a análise do contexto da produção literária e da atuação intelectual e pastoral do autor. Compara-se a forma pela qual esse cenário perpassa suas obras, iluminando suas concepções exegético-hermenêuticas e resultando em um impacto político em seus discursos e suas ações no espaço público. Porém, afirmar que esta perspectiva hermenêutica tem uma finalidade política não resolve. Mas, interessa também conhecer o procedimento exegético-hermenêutico aí pressuposto e situá-lo no debate acadêmico contemporâneo para aferir seus impactos, deslocamentos e vulnerabilidades.

A natureza da pesquisa é bibliográfica e exploratória. Bibliográfica, pois se utiliza do referencial teórico composto principalmente pela literatura de Milton Schwantes, mormente os seus artigos acadêmicos. É exploratória, porque, face ao caráter inédito da abordagem, objetiva-se elucidar o problema formulado, constituindo hipóteses incipientes. Também serão consideradas outras fontes entre livros, artigos, teses, etc. Em geral, são contribuições do campo das Ciências Sociais, Ciências das Religiões, Hermenêutica Bíblica Latino-americana, Sociologia da Bíblia, entre outras áreas de estudo. Busca-se, através desta metodologia, extrair as possíveis contribuições relacionadas aos aspectos profissional e histórico-social do objeto de estudo aqui investigado.

O autor da pesquisa parte de seu próprio anseio de iniciar uma caminhada como pesquisador do texto bíblico, especialmente no campo das pesquisas sobre o Antigo Testamento. Também, por apreciar a trajetória de vida de Milton Schwantes que, nascido de uma família pobre, trouxe grandes contribuições para a comunidade acadêmica brasileira, latino-americana e global. Esta pesquisa, portanto, marca o começo de uma jornada de alguém que enfrentou e enfrenta, com vigor, as dificuldades de acesso aos espaços acadêmicos brasileiros. Em algum momento, a leitura dos textos de Milton Schwantes reavivou o desejo de cumprir a jornada rumo à vocação de pesquisador da Bíblia. Logo, a paixão pelo conhecimento bíblico sobressaiu como um desejo de se inserir como um mestre entre seus mestres.

A pergunta formulada nesta pesquisa se baseia em como, à luz do contexto brasileiro e dos valores da Teologia da Libertação, a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes se articula com a finalidade de resgatar os elementos histórico-sociais dos textos bíblicos e atualizá-los para os seus leitores e leitoras no presente. De modo que, este labor não despreze

¹⁸ Para conhecer mais sobre a biografia de Milton Schwantes, veja: DREHER, Martin N. Milton Schwantes: um perfil biográfico. *In*: DREHER, MUGGE, HAUENSTEIN, DREHER, 2006, p. 11-23. Veja também: SCHWANTES, Milton. A teologia e o direito dos pobres. [Entrevista concedida a] [s.n.]. *IHU Online*, São Leopoldo, n. 188, p. 52-57, 10 jul. 2006a. [online]. p. 53.

o que foi interpretado como a realidade concreta de homens e mulheres empobrecidos/as e se converta efetivamente em uma práxis profético-ecumênica, desenvolvida em um determinado contexto eclesiológico, a saber: uma igreja profética e de rosto popular. Com efeito, o problema central que se propõe perscrutar é: como se realiza a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes e quais são os seus possíveis desdobramentos para uma práxis profético-ecumênica, tendo como critério interpretativo o lugar de homens e mulheres empobrecidos, no contexto da sociedade brasileira?

Para tanto, o primeiro capítulo apresenta um panorama geral do contexto socioeconômico e eclesiástico brasileiro, privilegiando a análise do período compreendido entre o final da década de 1970 até a primeira metade da década de 1980. Isso será realizado em diálogo com as Ciências Sociais, tendo como aporte teórico-metodológico, sobretudo, as contribuições de pensadores como, Thomas Skidmore, Scott Mainwaring, Sérgio Abranches, Elio Gaspari, Bernardo Mançano Fernandes, João Pedro Stédile, entre outros/as. Tais contribuições serão úteis para o mapeamento das principais sequelas resultantes do avanço do capitalismo industrial no Brasil, salientando a situação de pobreza da população rural. Deseja-se mostrar que a literatura de Milton Schwantes pretende refletir criticamente o modo como esse cenário foi interpretado por ele. Como também será possível explicitar sua participação nos movimentos sociais rurais e populares brasileiros e as características de seu projeto de uma igreja profética e de rosto popular.

O segundo capítulo se dedica a análise dos passos metodológicos pressupostos na hermenêutica bíblica em Milton Schwantes. No intuito de se fundamentar teoricamente, sua literatura orientará todas as seções. Assim, é proposto um diálogo com outras perspectivas hermenêuticas, especialmente as latino-americanas, para cada um dos aspectos investigados. Este exercício auxiliará na identificação do (s) caminho (s) teórico-metodológico (s) enveredado (s) pelo biblista brasileiro. Os objetivos corolários que se pretendem alcançar são: apresentar a Bíblia como memória popular e campesina e, por isso, a exigência de ser interpretada em um horizonte histórico-social; o emprego de uma metodologia exegética que ultrapassa as fronteiras teórico-metodológicas da exegese clássica, com traços de uma análise sociológica da Bíblia, evidenciando um deslocamento no campo pragmático de uma leitura heurística para uma leitura política; e, por último, descrever-interpelar quem seriam os sujeitos intérpretes privilegiados do texto bíblico, segundo o autor.

Este capítulo se ocupará também em demonstrar os grandes temas e as principais hipóteses que atravessam as obras do autor. Propõe uma discussão sobre as críticas ao estruturalismo, a oposição à teoria das fontes, a relevância das perícopes, a interpretação da

Bíblia na ótica do conflito, o êxodo libertador como paradigma hermenêutico e seus desdobramentos, o tribalismo javista como berço do messianismo davídico e seus projetos concretos, a profecia como fio condutor da interpretação, as comunidades de base como *locus* privilegiado para a leitura bíblica popular, a exegese como instrumento subserviente à pastoral, a posse da terra como tema pujante da narrativa bíblica e a conversão da categoria sociológica pobre em critério hermenêutico. Encerra-se com a suspeita de que, por um lado, a literatura do autor pode esconder – não de modo projetado – uma violência epistêmica, segundo as críticas pós-coloniais de Gayatri Spivak. Os sujeitos intérpretes seriam sempre mediados pelos profissionais em exegese, sem emancipação para a produção de conhecimento. Por outro lado, sua proposta de uma práxis profético-ecumênica parece sobreviver a essas críticas. Isto estaria relacionado com as suas propostas teológico-eclesiais que não distinguem as categorias igreja e movimento social.

O terceiro capítulo realiza um estudo sobre os indícios sociológicos das principais contribuições de Milton Schwantes, considerando o lugar do pobre como critério hermenêutico para a construção de uma práxis profético-ecumênica. Este capítulo, portanto, se concentrará na descrição mais aprofundada da atuação do autor no âmbito da pastoral e da leitura bíblica popular. Pretende-se aferir como este autor contribuiu para a formação acadêmica de biblistas brasileiros/as, bem como esboçar alguns projetos que nasceram no intuito fomentar as pesquisas bíblicas na América Latina. Além disso, será apresentado um panorama dos desdobramentos da teologia do Antigo Testamento após Milton Schwantes. Sobretudo, em uma perspectiva sociológica da Bíblia. As reflexões realizadas deverão, no mínimo, esclarecer se existe uma lacuna aberta para o resgate e/ou atualização dessa perspectiva hermenêutica nos dias de hoje.

É neste último capítulo que se pretende apresentar uma reflexão sobre o caráter profissional da pesquisa. Isto é, busca-se demonstrar que a hermenêutica bíblica de Milton Schwantes se mostra adequada para aplicabilidade profissional nos contextos da ação pastoral ecumênica, de pessoas envolvidas com os movimentos sociais e populares, das CEBs, do CEBI, das pastorais sociais ou da ação eclesial e espaços congêneres. O emprego profissional da metodologia de Milton Schwantes poderia também se estabelecer entre aqueles/as teólogos/as ou biblistas que, regulamentados por um horizonte hermenêutico-teológico específico, fazem uma opção metodológica intencionando articular teoria e prática em uma perspectiva bíblico-teológico-pastoral para interagir com, denunciar e solucionar os dilemas sociais da atualidade.

Feitas as considerações, a hipótese fulcral da pesquisa consiste em considerar a ideia de uma hermenêutica bíblica determinada a apropriar-se dos personagens, eventos e instituições do mundo bíblico, sobretudo do Antigo Testamento, ressignificando-os e instrumentalizando-os através de uma leitura política. Surge daí o projeto de uma igreja profética e de rosto popular, com perfil ecumênico, liderada por pessoas pobres, inserida nos movimentos sociais e populares, em constante oposição aos modelos de governos totalitários e excludentes. E almejando, utopicamente, a construção de uma sociedade igualitária onde todos e todas tenham a garantia da posse da terra, qualidade de vida e alimento para as suas famílias.



1 CONTEXTO SOCIOECONÔMICO E ECLESIAÍSTICO BRASILEIRO REFLETIDO NA LITERATURA DE MILTON SCHWANTES

Na lógica do movimento bíblico latino-americano, a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes alega pressupor a realidade concreta como chave de leitura da Bíblia. Nestes termos, a mediação hermenêutica se torna ato segundo, pois esta tarefa somente seria possível após o compromisso da aproximação dessa realidade pressuposta. Esta pesquisa seguirá nesta mesma direção. Parte-se da análise do contexto para depois aprofundar os aspectos hermenêuticos e, enfim, esboçar as principais contribuições deste biblista brasileiro.

Neste capítulo, em diálogo com as Ciências Sociais, busca-se descrever os principais aspectos do contexto socioeconômico e eclesiástico que marcaram a sociedade brasileira, sobretudo, no período compreendido entre o final da década de 1970 e a primeira metade da década de 1980. O ponto de partida é uma análise dos principais efeitos provocados pelo rápido processo de industrialização e urbanização no Brasil que teriam incidido sobre a população de baixa renda, salientando a situação da população rural. O objetivo corolário é mostrar que a literatura de Milton Schwantes pretende espelhar esse cenário à luz de seu próprio entendimento e, a partir de suas elucubrações, o autor teria se envolvido na organização dos movimentos sociais rurais e populares brasileiros, apresentando o seu projeto de uma igreja profética e de rosto popular.

1.1 Contexto socioeconômico

Após doutorar-se na Alemanha, em 1974, Milton Schwantes retornou ao Brasil e iniciou suas atividades pastorais e acadêmicas. Tornou-se pastor, naquele ano, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), assumindo uma paróquia na cidade de Cunha Porã, em Santa Catarina. Em 1978, iniciou suas atividades como professor na Faculdade de Teologia da IECLB, em São Leopoldo, hoje Escola Superior de Teologia (EST).¹⁹ Sem abdicar de sua formação científica, dedicou-se à produção de uma literatura que exprime o modo como ele compreendeu a realidade de seu tempo, alegando o resgate do sentido bíblico em uma perspectiva histórico-social.²⁰ Desta forma, entende-se que o estudo deste *corpus* não pode ser dissociado de uma análise do contexto socioeconômico da época,

¹⁹ SCHWANTES, 2006a, p. 53.

²⁰ SCHWANTES, Milton. Aprendendo a ler a escritura. *Revista Simpósio*, São Paulo, n. 41, p. 5-19, 1998a. p. 7-8.

sob a égide das contribuições das Ciências Sociais. O próprio autor afirma que a “contextualidade se transforma em símbolo metodológico”²¹.

De antemão, considera-se que Milton Schwantes estaria fazendo uma leitura da Bíblia e da sociedade na ótica do conflito de classes em um horizonte caracteristicamente latino-americano. Isso implica diretamente na rejeição de um aspecto da teoria clássica marxista que localiza somente o proletariado industrial – ou operários urbanos – como a classe revolucionária essencialmente oposta ao capitalismo.²² Ao contrário, o autor parece propor, em última análise, a emancipação da classe camponesa como categoria revolucionária.²³ Nesses termos, a literatura em tela é marcada pela adesão de algumas teses marxistas como chave de leitura do texto bíblico e de seu contexto de produção, bem como demonstra que o alvo de suas críticas seria o sistema capitalista em sua versão latino-americana. Esse aspecto norteará não apenas este, mas todos os capítulos desta pesquisa.

À luz das contribuições de Otto Maduro, o biblista brasileiro estaria objetivamente situado em uma posição específica na estrutura de classes da sociedade, o que tornaria suas propostas e ações perpassadas e orientadas pela ótica do conflito.²⁴ Neste sentido, o fato dele ser filho de um casal de agricultores que possuíam uma pequena gleba de terra, em um vilarejo nas colônias de pequenos agricultores evangélicos, no Rio Grande do Sul,²⁵ seria um dos aspectos que o teriam levado a perceber a realidade de uma maneira correspondente à sua condição social e diversa de outras posições de pesquisadores e de pesquisadoras inseridos/as nesta mesma sociedade.²⁶ Com efeito, considera-se que o lugar de enunciação – marcado pela mundividência campesina – e as inclinações políticas de Milton Schwantes teriam influenciado sua interpretação da Bíblia e da realidade de seus dias.

Com base nisso, parte-se da análise dos principais efeitos das políticas econômicas – implantadas no período entre 1964-1985 – que teriam incidido negativamente sobre a população de baixa renda, sobretudo a classe dos trabalhadores rurais que, ao migrarem para os centros urbanos, passariam a compor a classe dos operários. Estes receberam grande destaque na literatura em análise, como será averiguado na seção seguinte. A despeito de a atuação do biblista ocorrer em um momento em que o país adentrava em um processo de reabertura política, a crise econômica que marcava os seus dias parece resultar de momentos

²¹ SCHWANTES, 1998a, p. 7.

²² MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 10.

²³ SCHWANTES, Milton. Profecia e Organização: anotações à luz de um texto (Am 2,6-16). *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 5, p. 26-39, 1985a. p. 34.

²⁴ MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 97-100.

²⁵ SCHWANTES, 2006a, p. 53.

²⁶ MADURO, 1981, p. 99-100.

precedentes.²⁷ Segundo Thomas Skidmore, no início da década de 1960, o Brasil teria atravessado um período de instabilidade política e econômica por causa de diversos fatores como o malogro da política de industrialização de substituição de importações (ISI), os gastos com a construção de Brasília, os efeitos do Plano de Metas sobre a inflação, entre outros.²⁸ Mas, teriam sido os efeitos nocivos das políticas econômicas vigentes durante a ditadura militar que emergiram nos textos do biblista brasileiro.²⁹ O que justifica o recorte da pesquisa.

Milton Schwantes pretendeu incorporar os dilemas econômicos e sociais de sua época à interpretação bíblica, produzindo literatura *ad hoc*. Em seus textos, as instituições bíblicas como o Estado, o exército, o templo; ou grupos como os comerciantes, as elites do antigo Israel, os camponeses, o movimento profético, entre outros, teriam adquirido significado teológico, sob a alegação de se estar questionando e denunciando tais dilemas. O exército, por exemplo, foi descrito como a instância viabilizadora dos crimes e delitos contra os camponeses empobrecidos pelo Estado.³⁰ A organização camponesa foi considerada o eixo social da denúncia profética.³¹ Deste modo, a linguagem bíblica teria sido instrumentalizada para comunicar, implícita ou explicitamente, as dimensões, as causas e as consequências da pobreza da época. Essa hipótese será articulada ao longo deste capítulo. Por isso, faz-se um breve retrospecto dos principais aspectos socioeconômicos do período da ditadura militar, objetivando confrontá-los com as obras do autor.

Na análise de Thomas Skidmore, o modelo econômico implantado durante a ditadura militar priorizou o avanço do processo de industrialização e urbanização no Brasil em detrimento da população pobre. A intervenção do Estado teria caracterizado a economia nacional, implicando em um processo de mudanças estruturais e consequente aceleração da taxa de inflação. Desde a ascensão ao poder, através de um golpe de estado, em 1964, os representantes da ditadura militar teriam objetivado estabilizar a economia no intuito de superar os problemas econômicos precedentes como a dívida externa, balanço de pagamentos, déficit público, etc. Este período seria marcado por um crescimento expressivo da população urbana, instaurando uma crise na agricultura que passou a apresentar dificuldades na distribuição de alimentos, resultando no aumento dos preços para o consumidor final. Para estabilizar a economia, teriam sido implantadas medidas visando o controle da inflação através da diminuição de gastos públicos, aumento das receitas por meio de impostos bem

²⁷ SKIDMORE, Thomas E. *The politics of military rule in Brazil, 1964-85*. New York: Oxford University Press, 1988. p. 236-239.

²⁸ SKIDMORE, 1988, p. 29-33.

²⁹ Por exemplo: SCHWANTES, 1985a, p. 35.

³⁰ SCHWANTES, 1985a, p. 36.

³¹ SCHWANTES, 1985a, p. 34.

como dos investimentos para o desenvolvimento da indústria nacional. Segundo o autor, os impactos dessas decisões incidiram, direta e negativamente, sobre a classe trabalhadora,³² como será tratado a seguir.

Thomas Skidmore aponta ainda que as principais estratégias políticas e econômicas, desenvolvidas no período da ditadura militar, mostram o demasiado esforço de seus representantes em superar os obstáculos do desenvolvimento econômico nacional sem qualquer preocupação com o custo social aí atrelado. O Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG), implantado no período entre 1967-1969, teria pretendido combater a inflação por meio de uma política econômica austera, engendrando ações conjunturais e reformas estruturais, como uma maneira de buscar uma adaptação das leis e das instituições à fase industrial brasileira, de modo que as necessidades da economia industrial tornaram-se prioritárias. Para ele, as principais consequências geradas pelo PAEG foram: aumento nos juros, maior arrecadação tributária, perda do valor real dos salários e a criação de novos órgãos e instrumentos do sistema financeiro.³³

O autor norte-americano também retrata que outro momento importante da economia brasileira – marcado por um significativo e contraditório crescimento econômico – ficou conhecido como o *milagre econômico* ou *milagre brasileiro* – 1969-1973. A implantação do Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento (I PND) teria sido marcada pela realização de grandes obras da iniciativa pública, aumento do Produto Interno Bruto (PIB), declínio da inflação, aumento nas exportações, etc. Apesar dos êxitos logrados, vários problemas continuariam a existir como a concentração de renda, o processo de desnacionalização da indústria, a dívida externa não estaria totalmente controlada, a renda *per capita* permaneceria muito baixa, etc. Mas, com o choque do petróleo, em 1973, o milagre chegaria ao fim. E, novamente, o país teria atravessado um período de elevação da taxa de inflação e da dívida externa.³⁴

De acordo com Thomas Skidmore, o problema da dívida e da inflação permaneceu durante os anos 1974-1979. Entretanto, teria sucedido uma insistência na manutenção de altas taxas de crescimento e na realização de projetos dispendiosos. Por meio do Segundo Plano de Desenvolvimento Nacional (II PND), o objetivo seria estimular a produção de insumos básicos, bens de capital, alimentos e energia, pois, pretendia-se contornar os impactos provocados pela primeira crise do petróleo e adequar a economia ao estágio de

³² SKIDMORE, 1988, p. 18-45.

³³ SKIDMORE, 1988, p. 29-33.

³⁴ SKIDMORE, 1988, p. 138-144.

desenvolvimento industrial. Na prática, teriam sido privilegiados os investimentos no setor energético e nas indústrias de base para atingir os objetivos expansionistas da ditadura militar.³⁵ Deste modo, as consequências diretas destas políticas econômicas deixariam boa parcela da população brasileira em uma grave situação de pobreza e desigualdade de renda.³⁶

No período entre os anos 1979-1985, sucederia uma crise econômica e um processo de reabertura política no Brasil, segundo o autor norte-americano. A ditadura militar teria sofrido com os estigmas econômicos gerados pelo fim do milagre econômico e, na tentativa de superá-los, lançaria o Terceiro Plano Nacional de Desenvolvimento (III PND). Mas, este pacote econômico não surtiria o efeito esperado, pois, em virtude da recessão econômica, novos empréstimos no exterior foram negados. Novamente, o país teria que lidar com o aumento da taxa de inflação e com os efeitos da dívida externa, permanecendo sob a tutela do Fundo Monetário Internacional (FMI). O FMI, a partir do segundo choque do petróleo, em 1979, teria intensificado a pressão sobre o Brasil para pagar a dívida e atender o seu cronograma. Enquanto isso, a economia estaria afundando cada vez mais na recessão.³⁷

Thomas Skidmore acredita que este modelo econômico foi mantido sob um elevado custo social e que as medidas de austeridade adotadas pela ditadura militar teriam provocado o aumento das tensões sociais. Para ele, as greves de Osasco e do ABC exemplificam esse fato.³⁸ Além desse, a deterioração do respeito aos direitos dos trabalhadores, o crescimento da desigualdade de renda, o aumento da pobreza, o crescimento do desemprego, a depreciação do valor real dos salários e muitos outros problemas sociais são tomados como exemplos pelo autor norte-americano.³⁹ Em termos gerais, o Brasil teria estatizado a economia no esforço de manter um Estado central, um poder executivo forte, desprezando o poder legislativo e judiciário. A ditadura militar teria recebido o apoio dos setores industriais privilegiados e dos latifundiários, bem como do imperialismo norte-americano. Nesta lógica, seriam priorizados os interesses das elites em detrimento dos interesses da população de baixa renda.⁴⁰

Paralelamente, Elio Gaspari aponta que os mecanismos políticos de controle desenvolvidos durante a ditadura militar se sustentaram sob a égide da repressão e da violência. Sobretudo, durante o milagre brasileiro. Este período foi conhecido também como *os anos de chumbo*. Este autor relata que qualquer tipo de organização social – movimentos sociais, sindicatos, ligas camponesas, imprensa, estudantes e professores universitários, entre

³⁵ SKIDMORE, 1988, p. 178-180.

³⁶ SKIDMORE, 1988, p. 308.

³⁷ SKIDMORE, 1988, p. 231-239.

³⁸ SKIDMORE, 1988, p. 212-215, 289-298.

³⁹ SKIDMORE, 1988, p. 184.

⁴⁰ SKIDMORE, 1988, p. 18-206.

outros – poderia representar uma ameaça para a ditadura militar. Neste ínterim, “a tortura foi o seu instrumento extremo de coerção [...] tornou-se matéria de ensino e prática rotineira dentro da máquina militar de repressão política da ditadura”⁴¹. Através da repressão, propunha-se silenciar tudo o que era interpretado como ameaça. A título de exemplo, segundo o autor, a perseguição mais acentuada contra as ligas camponesas teria ocorrido entre os anos 1964-1973 e, no período da ditadura militar, elas teriam sido completamente reprimidas e suas lideranças presas.⁴²

Embora esta análise careça de detalhes importantes, nota-se que Milton Schwantes pretende incorporar como pano de fundo o modo como ele interpretou a situação de pobreza e desigualdade de renda, apontando-as como resultado das ações políticas e econômicas implantadas pela ditadura militar. Seu objetivo seria construir uma ponte hermenêutica entre a Bíblia e a realidade socioeconômica e política de seus dias, tal como a vê.⁴³ Neste sentido, considera-se que o autor teria assumido um programa de leitura histórico-social, com elementos marxistas, para interpretar os eventos bíblicos e contemporâneos no horizonte do conflito de classes – campo *versus* cidade –, no qual algumas pessoas teriam acesso ao poder e bens, enquanto outras não.⁴⁴ Para ele, “a história bíblica [...] representa [...] os interesses de escravos que tinham que suar [...] para manter as glórias do Estado. [Esta diferença] tem que ser levada em conta [...]. Doutra modo fabrica-se confusão hermenêutica”⁴⁵.

As inclinações políticas do biblista brasileiro indicam – isso poderá ser notado ao longo da pesquisa – que a Bíblia estaria servindo como uma espécie de pedágio imagético no processo de interpretação. Portanto, a base da correlação não seria entre o texto bíblico e a realidade, mas, entre a opção política aderida – programa de leitura histórico-social em chave marxista – e a realidade interpretada por Milton Schwantes. Por isso, como já dito, ele estaria percebendo no conflito de classes o ponto axial para compreender a realidade de seus dias.⁴⁶ Seria por meio das lutas populares contra a opressão arregimentada que poderia emergir uma nova sociedade justa e igualitária. Essa perspectiva de luta de classes e de conflito estaria sendo tomada pelo biblista brasileiro como instrumento para o desenvolvimento da consciência de pessoas em situação de pobreza para se organizarem na luta por libertação.

⁴¹ GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 13-17.

⁴² GASPARI, 2002, p. 207-221.

⁴³ SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança*: meditações sobre Gênesis 1-11. Petrópolis: Vozes, 1989a. p. 50.

⁴⁴ LÖWY, Michel. Marxismo e religião: ópio do povo? In: BORON, Atilio A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (orgs.). *A teoria marxista hoje*: problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, 2007. p. 298-315.

⁴⁵ SCHWANTES, 1989a, p. 43-44.

⁴⁶ MARX, Karl. *O capital*: crítica da economia política, livro primeiro: o processo de produção do capital. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987. p. 16.

Neste sentido, ele estaria se posicionando como um mediador ativo entre a Bíblia e a classe camponesa, para despertar nesta uma consciência crítica e política.⁴⁷

Em 1978, ele publicou um artigo intitulado *Natã precisa de Davi*. O manuscrito é produto de sua palestra inaugural como professor na Faculdade de Teologia da IECLB. O elemento central da crítica que perpassa o texto será abordado na terceira seção deste capítulo. Por ora, há resquícios que merecem destaque imediato. Por exemplo, no entendimento do autor, Natã se apropria de uma parábola popular, aplicando-a em defesa dos interesses da corte e, portanto, desloca-a de sua função primordial, a saber: a denúncia contra a situação social e o terror que viviam os fracos.⁴⁸ Ele explica que:

Essa parábola é mais uma prova de que o início do reinado de Davi coincide com a pobreza. [...] a concentração de riquezas e o aumento dos marginalizados [...] já nos dias de Davi a situação estava clara. Numa mesma cidadezinha tinha que conviver o pobre aterrorizado com sua ovelhinha, e o rico opressor com seus grandes rebanhos. É a situação do peão sob as botas do patrão.⁴⁹

Esta afirmação pode ser entendida como um contra discurso do biblista brasileiro em relação ao modelo econômico implantado pela ditadura militar e, em última instância, como uma denúncia à pauperização e à espoliação da população de baixa renda no Brasil. Nesta citação, ele articula os personagens e a linguagem bíblica para expressar sua crítica social. Neste sentido, de modo intuitivo, este trecho poderia ser lido da seguinte maneira: em um determinado governo (reinado de Davi), a desigualdade é caracterizada pela má distribuição de renda (riquezas) e aumento dos marginalizados; os setores privilegiados pelas políticas da ditadura militar (patrões) detinham boa parte das riquezas (grandes rebanhos), enquanto os trabalhadores (pobres/peões sob as botas) eram aterrorizados com os efeitos da crise sobre os seus salários (ovelhinhas).⁵⁰

Com base na análise feita acima, dois aspectos devem ser considerados em relação ao contexto da publicação deste artigo: a situação de pobreza e a desigualdade de renda que teriam assolado boa parte da população brasileira – na literatura em apreço, especialmente um grupo de camponeses transformados em operários e trabalhadores rurais. Daí deriva a discussão sobre o desemprego e subemprego implícita no trecho em análise. De modo geral, o agravamento da desigualdade na distribuição de renda teria incidido especialmente sobre as pessoas politicamente mais frágeis e acabaram beneficiando as elites. O sociólogo Sérgio

⁴⁷ SCHWANTES, 1989a, p. 13-50.

⁴⁸ SCHWANTES, Milton. Natã precisa de Davi: na esperança da igreja profética. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 18, n. 3, p. 99-118, 1978. p. 113-114.

⁴⁹ SCHWANTES, 1978, p. 113.

⁵⁰ SCHWANTES, 1978, p. 113.

Abranches explica que a maior incidência de desemprego e subemprego estaria entre as famílias pobres, pois estas “mobilizam para o trabalho os filhos em idade escolar e aqueles membros em menor condição de trabalhar (velhos, inválidos) e precisam submeter-se, no conjunto, a uma sobrecarga de trabalho para obter renda parca que lhes garanta a subsistência precária”⁵¹.

Segundo Thomas Skidmore, em busca de melhores condições salariais e o reconhecimento legal dos representantes sindicais, em 1979, em São Paulo, houve uma intensificação do ativismo sindical por meio da deflagração de greves – com destaque para os metalúrgicos da região do ABC. Os grevistas teriam conseguido parar a indústria automobilística – grande exportadora – e sofrido repressão policial, mas teriam contado com o apoio de católicos radicais e parte da sociedade para manterem-se organizados na luta pelos seus direitos.⁵² Milton Schwantes considera a greve como uma das facetas da espiritualidade desenvolvida entre as comunidades populares, pois seria uma forma concreta de atuação que remete a situações análogas ao texto bíblico.⁵³ Ele explica que no exílio babilônico, os deportados se alegravam quando “conseguiram impor sua exigência de descanso sabático diante de verdugos e de policiais. [...] O sábado era [...] espaço para organizar a esperança [...] por libertação”⁵⁴.

Na década de 1980, conforme Thomas Skidmore, a população pobre brasileira sofria com os efeitos da recessão econômica. O valor real dos salários teria reduzido cinco vezes mais rápido em relação a 1978 e o reajuste salarial semestral passaria a ser anual. O déficit do setor público enrijeceria a fórmula ortodoxa do FMI e o orçamento público seria redirecionado para o pagamento da dívida externa.⁵⁵ Para Milton Schwantes, “o sistema de espoliação capitalista estoura na vila e nas periferias”⁵⁶. Deste modo, sua hermenêutica bíblica alega requerer o resgate dos direitos sociais, políticos e econômicos das pessoas socialmente fracas que, na prática, teriam sido invisibilizadas na ação efetiva do Estado. Esta ideia foi delineada em sua tese doutoral, onde o tema da pobreza não foi tratado de maneira teórica e abstrata. Mas, considera as formas e as consequências da pobreza na Bíblia Hebraica e a

⁵¹ ABRANCHES, Sérgio H. *Os despossuídos: crescimento e pobreza no país do milagre*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 34-35.

⁵² SKIDMORE, 1988, p. 212-215.

⁵³ SCHWANTES, Milton. Teologia Bíblica junto ao povo: anotações preliminares. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 3, p. 43-56, 1987a. p. 49.

⁵⁴ SCHWANTES, 1989a, p. 29-30.

⁵⁵ SKIDMORE, 1988, p. 231-239.

⁵⁶ SCHWANTES, Milton. Da boca dos pequeninos: enfoques antropológicos. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 24, n. 2, p. 148-160, 1984a. p. 160.

compreende como expressão da sociedade do antigo Israel, sobretudo no período da monarquia. Feito isto, o biblista constata que o lugar do pobre não é a periferia.⁵⁷

A análise da situação de pobreza por meio dos níveis de renda não é inteiramente suficiente. Existem outros aspectos relevantes que não têm relação direta e necessária com a renda – saúde, condições sanitárias e de habitação, alimentação e educação das pessoas pobres – mesmo assim, direta ou indiretamente, a questão da renda parece ter incidido sobre o déficit social da população pobre brasileira e, portanto, é tomada nesta pesquisa como um indicador de aproximação na análise destes aspectos.⁵⁸

Em 1989, Milton Schwantes publicou um artigo intitulado: *Caminhos da teologia bíblica*, onde procurou caracterizar a leitura bíblica latino-americana e brasileira realizada nas últimas décadas de então. Em sua análise, paulatinamente, delineou-se uma nova teologia bíblica. Não cabe aqui expor o que ele pretendeu dizer com a expressão *nova teologia bíblica*. Basta ressaltar que a lógica do empobrecimento, em suas várias dimensões, perpassa os escritos deste autor. Neste artigo, ele faz a seguinte afirmação:

Nestas últimas décadas os contrastes se tornaram tão cruéis, o empobrecimento se fez tão avassalador, que já não se pode tapar o sol com a peneira. E, afinal, as classes dominantes não têm solução para a miséria crescente. Os pobres estão jogados sobre si mesmos. Terão que conquistar seus direitos. E é o que vão fazendo, passo a passo, na *luta por teto e terra, por escola e posto de saúde*. Nas lutas sociais, os empobrecidos (mulheres e homens) vão-se tornando sujeitos, conquistam sua cidadania [grifo nosso].⁵⁹

Esta citação reforça a hipótese de que a literatura de Milton Schwantes alega espelhar o seu contexto e que este – enquanto realidade interpretada pelo autor – teria exercido influência sobre seu ideário hermenêutico. Nitidamente alude-se à situação da saúde de pessoas pobres que, relacionada à condição socioeconômica das famílias brasileiras, mostra que a população de baixa renda teria enfrentado barreiras para acessar os serviços de saúde. A taxa de mortalidade infantil, por exemplo, segundo a análise de Sérgio Abranches, teria permanecido elevada para as famílias mais pobres, durante a vigência dos planos econômicos da ditadura militar.⁶⁰ O sociólogo relata ainda que, no período entre 1978 e 1982, a Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM) sofreu cortes significativos em

⁵⁷ SCHWANTES, Milton. *O direito dos pobres*. São Leopoldo: Oikos; São Bernardo do Campo: Editeo, 2013a. p. 296-333.

⁵⁸ SKIDMORE, 1988, p. 184.

⁵⁹ SCHWANTES, Milton. *Caminhos da teologia bíblica*. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 24, p. 9-19, 1989b. p. 10.

⁶⁰ ABRANCHES, 1985, p. 36-37.

seu orçamento. Segundo esta análise, estes e outros aspectos constataam que a saúde teria sido uma das áreas mais negligenciadas pelos representantes da ditadura militar brasileira.⁶¹

O elevado déficit habitacional, as condições de habitação bem como as condições precárias de saneamento das camadas populares também estariam na pauta da hermenêutica em análise, pois o biblista brasileiro alegou que o povo precisava de ajuda conjunta “em suas lutas [...] por teto, por água”⁶². Para Sérgio Abranches, “a maioria absoluta dos domicílios pobres apresentava, em 1976, condições insatisfatórias em suas instalações sanitárias e de água, na densidade de moradores e na qualidade dos materiais de construção”⁶³. Em 1978, “apenas 18% dos domicílios de baixa renda podiam ser considerados plenamente satisfatórios nesses itens”⁶⁴. Segundo ele, esses fatores agravariam ainda mais a situação precária de saúde da população de baixa renda, pois a saúde dependeria em grande medida das condições de salubridade.⁶⁵

De acordo com Thomas Skidmore, o desajuste da produção de alimentos no Brasil, como já mencionado – onde boa parte era destinada à exportação – intensificou ainda mais a situação de fome em que se encontrava a população pobre.⁶⁶ Para Sérgio Abranches, a subnutrição nas famílias pobres teria comprometido o desenvolvimento futuro das pessoas em pelo menos dois aspectos: diminuição das chances de sobrevivência e/ou produção de lesões físicas e intelectuais. Este último aspecto afetaria, sobretudo, as crianças em idade escolar. Uma explicação para esse quadro seria, de um lado, a situação de baixa renda, desemprego e subemprego; por outro lado, a falta de assistência por parte dos programas políticos da ditadura militar.⁶⁷ Milton Schwantes também alega pensar a alimentação dos pobres em termos de exploração social, porque, para ele, o “rosto sofrido e deformado dos emagrecidos por fome e trabalho pesado, talvez faça referência aos castigos impostos pelos senhores a seus escravos e assalariados”⁶⁸. Ou seja, ele presume que os projetos de dominação política e econômica seriam os verdadeiros produtores da fome.⁶⁹

Segundo o biblista brasileiro, a luta por escola também deveria fazer parte das lutas sociais dos empobrecidos.⁷⁰ Esta afirmação parece estar de acordo com as considerações dos

⁶¹ ABRANCHES, 1985, p. 72.

⁶² SCHWANTES, Milton. “Cantai um canto novo!” – liturgias se aproximam. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 35, p. 49-53, 1992a. p. 51.

⁶³ ABRANCHES, 1985, p. 39.

⁶⁴ ABRANCHES, 1985, p. 39.

⁶⁵ ABRANCHES, 1985, p. 38.

⁶⁶ SKIDMORE, 1988, p. 299.

⁶⁷ ABRANCHES, 1985, p. 40-41.

⁶⁸ SCHWANTES, 1985a, p. 31-32.

⁶⁹ SCHWANTES, Milton. *Ageu*. Petrópolis: Vozes, 1986a. p. 32-33.

⁷⁰ SCHWANTES, 1989b, p. 10.

sociólogos aqui elencados. Para Sérgio Abranches, os principais problemas relacionados à educação dos pobres estavam ligados ao fato de que o ensino tornou-se caro e inacessível às classes de baixa renda na rede privada.⁷¹ E, para Thomas Skidmore, a escola pública enfraqueceu na medida em que os investimentos para a educação, em alguns períodos, foram redirecionados à indústria.⁷² Para o primeiro, muitos jovens não puderam concluir os seus estudos, pois, como já dito, a crise e a queda dos salários impuseram a estes a terrível escolha entre a evasão escolar ou tentar conciliar o tempo entre a escola e o trabalho.⁷³ Para o segundo, essas famílias encontraram dificuldades de acesso às escolas e a precoce inserção no mercado de trabalho interrompeu a formação educacional de inúmeras crianças e jovens.⁷⁴ Em geral, nas décadas de 1970 e 1980, a participação de filhos de famílias pobres nas escolas teria diminuído significativamente.⁷⁵

Fundamentando-se nas contribuições das Ciências Sociais, essas distorções e assimetrias teriam aprofundado ainda mais a situação de pobreza nas áreas rurais do Brasil, sobretudo na área da educação e da saúde, onde a situação da população rural seria ainda mais precária.⁷⁶ Além desses problemas, as condições de rede de esgoto ou fossa seriam debilitadas, o risco de surto de doenças e morte teriam sido maiores em relação à cidade, entre outros fatores. Nas palavras de Sérgio Abranches, “as duas décadas de ordem autoritária consolidaram um padrão de produção agrícola socialmente perverso, com profundas e danosas consequências para a qualidade de vida da população”⁷⁷ rural. Mas, este aspecto será abordado na seção seguinte.

Deste modo, os textos de Milton Schwantes desvelam o seu horizonte hermenêutico e sua perspectiva bíblico-teológica-pastoral, à luz de sua própria compreensão a respeito do cenário socioeconômico e político de seus dias, ou seja, o modo como ele interpreta a realidade. A análise das Ciências Sociais mostra que a população de baixa renda teria sido prejudicada em diversas áreas. Assim, na literatura do biblista brasileiro subjaz uma denúncia contra o modelo de desenvolvimento imposto pela ditadura militar em sua totalidade, considerando-o desumano, injusto e fundamentado na opressão social e econômica das pessoas pobres. Além da crescente desigualdade social, a expulsão da população rural da terra e a concentração sólida de moradores pobres nas periferias urbanas também estariam em sua

⁷¹ ABRANCHES, 1985, p. 78.

⁷² SKIDMORE, 1988, p. 184.

⁷³ ABRANCHES, 1985, p. 45.

⁷⁴ SKIDMORE, 1988, p. 9-10.

⁷⁵ ABRANCHES, 1985, p. 44-45.

⁷⁶ SKIDMORE, 1988, p. 10.

⁷⁷ ABRANCHES, 1985, p. 26.

pauta bíblico-teológica-pastoral, como uma crítica social radical em oposição a esse modelo de capitalismo.

1.2 Pobreza no campo e a práxis profético-ecumênica

Na seção anterior, a literatura de Milton Schwantes foi qualificada como uma crítica social em oposição ao modelo econômico implantado durante a ditadura militar, provocando efeitos que teriam deteriorado as condições de vida da população pobre em benefício dos interesses de setores privilegiados.⁷⁸ Uma análise mais acurada deste *corpus* evidencia um enfoque especial aos trabalhadores rurais, sob a alegação da defesa de seus interesses, à medida que o campesinato foi considerado a principal grandeza social produtiva do mundo bíblico e o trabalho camponês como o mais relevante.⁷⁹ Esta classe teria sofrido de maneira mais intensa com os efeitos produzidos pela mecanização da agricultura, pela desigualdade nos níveis de concentração fundiária e pelos elevados índices de desemprego rural, na época do autor.⁸⁰ Nesta lógica, a perspectiva bíblico-teológica-pastoral do biblista brasileiro não estaria dissociada de seu lugar na estrutura de classe de sua sociedade e de sua trajetória intelectual e pastoral,⁸¹ porque ele se inseriu na organização dos movimentos sociais rurais brasileiros, produzindo material pedagógico e como articulador desses movimentos.⁸² Esta atuação será delineada como uma práxis *profético-ecumênica*.

Na década de 1970, conforme Thomas Skidmore, o financiamento da modernização tecnológica de alguns setores da agricultura foi intensificado,⁸³ aumentando cada vez mais, segundo Bernardo Fernandes, a dependência da indústria produtora de insumos em substituição da utilização dos recursos naturais e da mão de obra, e provocando uma série de transformações no campo.⁸⁴ As sequelas desse processo são apresentadas, nas palavras de Milton Schwantes, da seguinte forma:

⁷⁸ SKIDMORE, 1988, p. 140-141.

⁷⁹ SCHWANTES, Milton. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra: iniciação à temática do trabalho e do trabalhador na Bíblia. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 11, p. 6-21, 1986b. p. 6-21.

⁸⁰ FERNANDES, Bernardo M. *A formação do MST no Brasil*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 49.

⁸¹ MADURO, 1981, p. 97-100.

⁸² Um exemplo são os artigos que ele elaborou, sozinho ou em parceria, para a coleção *A Palavra na Vida*, do CEBI. Em geral, são textos breves e com linguagem simples e pedagógica que remetem às expressões utilizadas entre os camponeses, tais como: “o verbo acampou entre nós”, “a terra para quem trabalha”, entre outras. Ver: SCHWANTES, Milton. A terra pertence a Deus (Lv 25.23): anotações sobre a questão da terra na Bíblia. *Revista A Palavra na vida*, Belo Horizonte, n. 31, p. 7-12, 1990. p. 7.

⁸³ SKIDMORE, 1988, p. 140-141.

⁸⁴ FERNANDES, 2001, p. 49.

Cai em vista que hoje os povos [...] vivem em constante e continuado êxodo. Migração e deslocamentos não são impedidos. Pelo contrário, são favorecidos. Constituem nossa realidade. As pessoas são expulsas do campo para a cidade. Este êxodo rural – na verdade, uma violenta expulsão de pequenos proprietários, lavradores e sem-terra – transforma gente especializada em plantar e colher em desempregados sem profissão. O operário é jogado de um emprego para o outro. A rotatividade caracteriza sua vida. Não há estabilidade. Há êxodo. As famílias são empurradas de uma periferia à outra. [...] Mulheres e homens oprimidos são, hoje, um povo migrante. São pessoas em êxodo. Vivem nas ruas.⁸⁵

Os rápidos avanços na agricultura teriam produzido sérias consequências econômicas e um profundo déficit social, alterando as condições de vida da população rural de baixa renda. Esta situação perdurou ao longo de toda a década de 1980, na análise de Sérgio Abranches.⁸⁶ No trecho supracitado, Milton Schwantes parece fazer uma leitura da exclusão social que estaria sendo ocasionada por esse modelo de desenvolvimento agrícola, com características mais capitalistas, e pela mecanização da lavoura. Seu texto argumenta espelhar o contexto da expulsão de um imenso contingente de camponeses que, anteriormente, dependiam mais da mão de obra e utilizavam pouco maquinário. O destino dessa população, *a priori*, era migrar para a cidade ou para os projetos de colonização – criados durante a ditadura militar – em busca de melhores condições de vida.⁸⁷

Na seção anterior, foi dito que os efeitos da crise econômica teriam alterado as condições de vida nos centros urbanos, prejudicando diretamente as classes mais pobres.⁸⁸ Parafraseando Milton Schwantes, esse cenário expressaria que os trabalhadores rurais migrantes – especialistas em plantar e colher – teriam sido transformados em operários desempregados e sem profissão e sua realidade teria sido marcada pela rotatividade. Deste modo, pela falta de estabilidade na cidade estariam sendo lançados de um emprego para o outro. Ou seja, além da expropriação e expulsão da terra, alega-se que essas famílias migraram para a cidade e se submeteram às dificuldades de toda ordem para sobreviverem.⁸⁹ Em relação ao êxodo rural, Sérgio Abranches explica que o conseqüente crescimento do trabalho assalariado não marcou o fim da situação de pobreza. Ao contrário, a remuneração era baixa, as taxas de desemprego estavam altas, o subemprego deteriorava a vida das pessoas em todas as dimensões e não havia oferta de uma cobertura social adequada.⁹⁰

⁸⁵ SCHWANTES, Milton. O êxodo como evento exemplar. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 9-18, 1988a. p. 17-18.

⁸⁶ ABRANCHES, 1985, p. 22-26.

⁸⁷ STÉDILE, João P. ; FERNANDES, Bernardo M. *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 17-19.

⁸⁸ SKIDMORE, 1988, p. 231-239.

⁸⁹ SCHWANTES, 1988a, p. 17-18.

⁹⁰ ABRANCHES, 1985, p. 30-45.

Outro contingente da população rural expulsa teria migrado para os projetos de colonização – na Amazônia e no Centro-Oeste – iniciados pela ditadura militar, em conjunto com empresas privadas e órgãos públicos, nos anos 1970. Esses projetos foram entendidos como uma maneira de se manter o controle sobre os trabalhadores rurais, no intuito de escamotear a questão da reforma agrária.⁹¹ Deste modo, os representantes da ditadura militar teriam objetivado promover “uma transferência de mão de obra para o garimpo e para o extrativismo de madeira”⁹². Para Bernardo Fernandes, a colonização, em geral, não ofereceu as condições adequadas para o desenvolvimento da atividade camponesa, devido os problemas com solo arenoso, falta de água, doenças, e outras dificuldades,⁹³ redundando, assim, no aumento da concentração fundiária, pois muitas famílias sem condições de sobreviver teriam vendido suas terras para os latifundiários para custear as despesas de retorno aos seus estados ou para outras localidades.⁹⁴

O texto *Profecia e Estado*, de Milton Schwantes, parece também expressar uma crítica social em oposição à ditadura militar e os efeitos de suas políticas econômicas. Ele pretende ressignificar a oposição do profeta Amós ao regime totalitário do Estado opressor de Israel para os seus dias. Seu texto alega que os grupos dominantes exploravam estes agricultores empobrecidos em fase de escravidão. Militares, sacerdotes latifundiários, comerciantes, entre outros, teriam agido em conjunto contra os lavradores, usufruindo de suas terras e de seus cargos. Mas, o problema não seria especificamente cada um destes grupos, mas o Estado.⁹⁵ Neste sentido, o autor teria pretendido confrontar a ditadura militar bem como seus nexos com a exploração, expropriação e expulsão dos agricultores rurais de suas terras. No epílogo, é afirmado que “o conflito com o Estado não emerge do sacerdócio [...] não é do templo e nem da estabilidade sacral [...]. Origina-se justamente na margem [...] na luta de quem efetivamente produz, de quem trabalha na roça”⁹⁶.

O biblista brasileiro alega diferenciar sacerdócio e profecia, destacando que “a contestação à opressão arregimentada sob estruturas estatais”⁹⁷ não provém do templo. O que pode ser entendido como uma crítica às instituições religiosas de seu tempo que, para ele, não estariam denunciando o *status quo*. Mas, permaneciam em silêncio frente à opressão e, algumas delas, estariam sendo beneficiadas pela ditadura militar – mas, isso será tratado na

⁹¹ FERNANDES, 2001, p. 45.

⁹² STEDILE; FERNANDES, 2012, p. 18.

⁹³ FERNANDES, 2001, p. 69-74.

⁹⁴ FERNANDES, 2001, p. 46.

⁹⁵ SCHWANTES, Milton. Profecia e Estado: uma proposta para a hermenêutica profética. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 22, n. 2, p. 105-145, 1982a. p. 130-131.

⁹⁶ SCHWANTES, 1982a, p. 144-145.

⁹⁷ SCHWANTES, 1982a, p. 145.

próxima seção. Entrementes, esta afirmação também remete à ideia de que eram os operários e trabalhadores rurais do presente – considerando o passado bíblico – que deveriam se organizar em oposição contra o Estado e os grupos que o cercam. Não se perca de vista que o termo operário foi utilizado para caracterizar o grupo de camponeses/as que teriam sido forçados a migrar de suas terras para os centros urbanos. O que evidencia que o autor estaria construindo argumentos para legitimar a liderança da classe camponesa na luta contra o modelo de capitalismo vigente. Logo, não se trata de uma aliança entre camponeses e operários, mas da alegação de que uma classe camponesa teria sido forçada a se adaptar às condições de vida da classe operária urbana.⁹⁸

Para Milton Schwantes, “o fim [dessa] opressão é uma tarefa histórica que vamos criar em meio à organização do povo”⁹⁹. Ele considera que a profecia bíblica constituía o elemento central e norteador da efervescência cristã que reifica a presença da igreja e de seus agentes junto aos movimentos populares.¹⁰⁰ Ou seja, à luz de sua interpretação do texto bíblico, o papel profético de uma igreja ultrapassa as fronteiras eclesiais e litúrgicas no intuito de promover uma práxis em benefício dessas pessoas empobrecidas pela ação do Estado.¹⁰¹ Somente na próxima seção será abordado o papel profético de uma igreja, na perspectiva do biblista brasileiro. No segundo capítulo, será analisado como ele apresenta os profetas como representantes dos movimentos populares e camponeses. Por ora, enfatiza-se a sua participação nos movimentos rurais sociais e populares no Brasil.

Na década de 1980, Milton Schwantes esteve envolvido com os movimentos rurais sociais e populares brasileiros no processo de organização na luta pela terra contra os latifundiários e os grileiros. Estes movimentos estariam associados ao processo de organização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).¹⁰² O biblista esteve ligado à Comissão Pastoral da Terra (CPT), às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e contribuiu na formação política dos primeiros trabalhadores rurais, através da publicação de textos para os principais periódicos do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI).¹⁰³ Para Bernardo Fernandes, estas estruturas foram criadas pela igreja católica brasileira e – à luz dos valores da Teologia da Libertação – contribuíram significativamente no processo de formação

⁹⁸ SCHWANTES, 1988a, p. 17-18.

⁹⁹ SCHWANTES, Milton. História de Israel: dos inícios até o exílio. *Revista Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 7, p. 3-26, 1992b, p. 21-22.

¹⁰⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

¹⁰¹ SCHWANTES, 1992a, p. 49-53.

¹⁰² FERNANDES, 2001, p. 46.

¹⁰³ PEREIRA, 2012, p. 7-11.

política, de libertação e organização popular.¹⁰⁴ Nesta seção, segue-se a análise da atuação do biblista na CPT e no MST. Sua assessoria prestada às CEBs e ao CEBI será abordada no terceiro capítulo desta pesquisa.

A CPT foi criada, em 1975, em resposta “à grave situação vivida pelos trabalhadores rurais [...], sobretudo na Amazônia, [...] submetidos a condições análogas ao trabalho escravo e expulsos das terras que ocupavam”¹⁰⁵. É uma entidade que se declara atuante na defesa dos direitos humanos e, desde a sua fundação, se envolveu diretamente nas lutas e manifestações pela reforma agrária.¹⁰⁶ De acordo com Scott Maiwaring, além de denunciar as injustiças, a CPT buscou oferecer serviços legais, estimular a formação de sindicatos e oferecer cursos sobre a fé e a política. Por isso, é considerada uma das mais importantes instituições vinculadas à defesa dos direitos humanos e a mais ligada aos conflitos com o Estado.¹⁰⁷ Em pouco tempo, adquiriu caráter ecumênico ao incorporar agentes de outras vertentes cristãs, com destaque à IECLB.¹⁰⁸ Para a socióloga Daniela Issa, a CPT nasceu para atender os interesses dos pobres rurais do Brasil e, além da perspectiva ecumênica, deve ser reconhecida pela conscientização e apoio logístico aos trabalhadores rurais para as reuniões do MST em todo país.¹⁰⁹

A literatura de Milton Schwantes também pode ser lida à luz do contexto de repressão e injustiça que impulsionou a criação da CPT. Segundo ele, Amós “talvez faça referência aos castigos impostos pelos senhores a seus escravos e assalariados, talvez pense no terror policial”¹¹⁰. Como também afirma que a jurisprudência nos tempos de Amós, se reconquistada pelo campesinato, promoverá a “distribuição de terra [...]. A terra [...] necessita ser medida e redividida [...] mais abundante serão as roças depois do afastamento de toda elite, que detinha o monopólio da terra”¹¹¹. Scott Maiwaring considera que a CPT surgiu em defesa dos interesses dos camponeses quando a repressão policial ainda era uma realidade.¹¹² Ele relata que no Amazonas muitos fazendeiros foram beneficiados por decisões injustas dos tribunais que desconsideraram as reivindicações de camponeses, mesmo quando estes tinham

¹⁰⁴ FERNANDES, 2001, p. 44.

¹⁰⁵ CPT. *Histórico*. 05 fev. 2010. [online]. [n.p.].

¹⁰⁶ CPT, 2010, [n.p.].

¹⁰⁷ MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 201.

¹⁰⁸ CPT, 2010, [n.p.].

¹⁰⁹ ISSA, Daniela. Praxis of empowerment: mística and mobilization in Brazil's landless rural workers' movement (MST). In: STAHLER-SHOLK, Richard; VANDEN, Harry E.; BECKER, Marc. *Rethinking Latin American Social Movements: radical action from below*. Londres: Rowman and Littlefield, 2014. p. 89.

¹¹⁰ SCHWANTES, 1985a, p. 31-32.

¹¹¹ SCHWANTES, 1982a, p. 135.

¹¹² MAINWARING, 1989, p. 201.

fundamentos jurídicos plausíveis para defender seus direitos.¹¹³ Nestes termos, o biblista Milton Schwantes estaria utilizando expressões e linguagem específica para se referir ao contexto de surgimento e de atuação da CPT. No terceiro capítulo, essa estratégia linguística será explicada brevemente à luz da noção de *afinidade eletiva* de Max Weber.

Nesta época, o trabalho da CPT teria se desdobrado no fornecimento de proteção legal aos camponeses e no incentivo da organização e da luta pelos seus direitos, esforçando-se na conscientização destes sobre uma lei aprovada, em 1976, que concedia o direito de receber o título da terra em que viviam e produziam. Mas, a CPT teria que enfrentar as barreiras da burocracia e da violência. Conforme Scott Mainwaring, em 1979, quando a CPT começou o processo de preenchimento dos papéis para os títulos legais em benefício das famílias camponesas, “o Judiciário local permanecia impassível. Quando os camponeses começaram a se recusar a abandonar a terra, à qual tinham direito, as elites locais empregaram táticas repressoras”¹¹⁴.

Para João Stédile, um dos líderes mais proeminentes do MST, o trabalho pastoral da igreja católica brasileira – através da CPT – e da IECLB foi muito importante para a construção de um movimento de caráter nacional e não fragmentado.¹¹⁵ Segundo ele, além dos fatores socioeconômicos que impulsionaram a organização do MST, existem os aspectos ideológico, pastoral e ecumênico que devem ser laureados à CPT. Assim, a CPT representa “a aplicação da Teologia da Libertação na prática, o que trouxe uma contribuição importante para a luta dos camponeses pelo prisma ideológico”¹¹⁶. Ele defende que a perspectiva ecumênica foi determinante para a unidade do movimento em nível nacional. Deste modo, luteranos e católicos se integraram à CPT e ajudaram na organização dos camponeses em várias regiões do Brasil.¹¹⁷

A despeito da influência da ação pastoral da CPT – como também da experiência precedente das ligas camponesas – Graham McGeoch reforça que o MST resiste a uma definição do movimento atrelada apenas a essa herança. Nesta lógica, o MST teria surgido como um movimento que pleiteia uma vida alternativa ao modelo capitalista vigente e, por isso, não buscaria apenas um programa político que se restringe à distribuição de terra do sistema latifundiário. Mas, deveria ser inserido como parte do movimento global contra o modelo capitalista, entendido como neoliberalismo. Neste horizonte, a conquista da terra

¹¹³ MAINWARING, 1989, p. 182-183.

¹¹⁴ MAINWARING, 1989, p. 183.

¹¹⁵ STÉDILE; FERNANDES, 2012, p. 21-23.

¹¹⁶ STÉDILE; FERNANDES, 2012, p. 22.

¹¹⁷ FERNANDES, 2001, p. 65.

constituiria somente o primeiro passo, pois o objetivo último do MST seria a reforma agrária em um processo de consciência revolucionária. E para organizar o movimento e nutrir o compromisso dos trabalhadores rurais nesta luta, o MST teria incorporado a mística como uma prática social e como princípio norteador de suas práticas, diferenciando-o de outros movimentos sociais.¹¹⁸

A perspectiva de Graham McGeoch parece seguir na mesma direção das proposições de Milton Schwantes ao considerar a luta e a posse da terra como o ponto de partida e não o fim último, especialmente para se alcançar um modo de vida alternativo, ou mais justo e igualitário, em oposição aos efeitos negativos do modelo capitalista. Milton Schwantes alega visar à consolidação da reforma agrária no Brasil.¹¹⁹ Para ele, a mística ganharia um significado subversivo, sob a alegação de que no mundo bíblico ela foi constituída na experiência do evento do êxodo libertador, através da resistência de pessoas escravizadas, que reivindicaram a liberdade no deserto e na terra boa. Ele parece se esforçar para inserir o êxodo até naquelas narrativas que trataram o tema de modo mais abrangente, sem considerá-lo uma experiência exclusiva de Israel. No caso de Amós, ele afirma que “o silêncio quanto à expressão menção do evento do êxodo não significa a ausência de seus conteúdos”¹²⁰. Assim, seus argumentos foram enxertando o tema do êxodo e propondo o resgate da mística exodal no agir – subversivo – de homens e mulheres de sua época.¹²¹ E, de maneira jocosa, afirma que “a mística [...] é mais relevante do que a [ritualística] do templo”¹²².

Na sua atuação junto aos movimentos sociais rurais e populares brasileiros, existem evidências contundentes de que suas palavras objetivaram sair do campo da abstração para se materializar em uma atitude caracteristicamente subversiva e revolucionária. O caráter combativo e militante de Milton Schwantes mostra que ele procurou estar profundamente ligado às lutas e aos interesses da classe camponesa brasileira. É o que se pode constatar, por exemplo, na imagem a seguir, que ilustra a participação do biblista brasileiro, através da CPT, no processo de ocupação da Fazenda Anoni, no Rio Grande do Sul, em 1986 – considerada por João Stédile uma das ocupações históricas do MST.¹²³

¹¹⁸ Para compreender a mística do MST em uma perspectiva teológica, em diálogo com as Ciências Sociais, veja: MCGEOCH, Graham G. *Marxismo, mística e o MST: qual é o segredo do MST na luta pela reforma agrária no Brasil?* *Revista Debates do NER*, Porto Alegre, a. 19, n. 33, p. 174-196, 2018. p. 175-185.

¹¹⁹ SCHWANTES, Milton. *Esperanças messiânicas e davídicas. Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 23, p. 18-29, 1989c. p. 26.

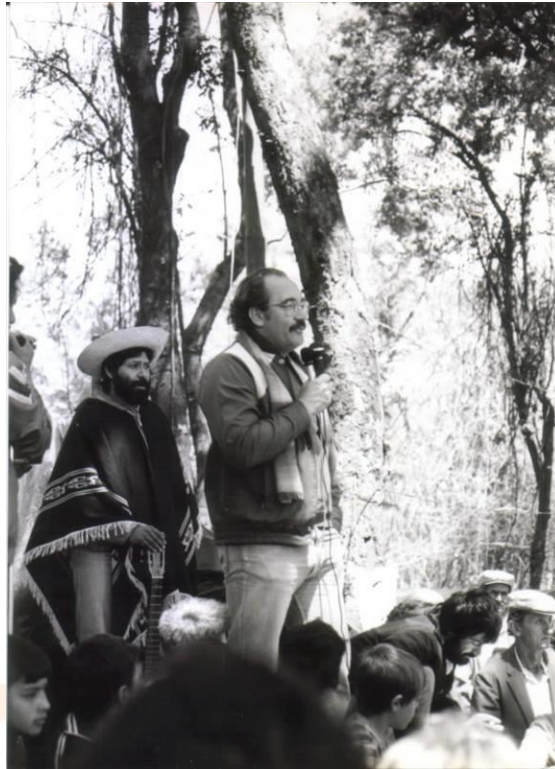
¹²⁰ SCHWANTES, Milton. *Êxodo, libertação e liberdade: uma avaliação. In: REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da. Libertação, liberdade, novos olhares: contribuição ao II Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. São Leopoldo: Oikos, 2008a. p. 92-93. O tema do êxodo será aprofundado no segundo capítulo da pesquisa.*

¹²¹ SCHWANTES, 1984a, p. 156-157; veja também: SCHWANTES, 1986b, p. 8.

¹²² SCHWANTES, 1986a, p. 15.

¹²³ STÉDILE; FERNANDES, 2012, p. 119.

Figura 1. Milton Schwantes: ocupação da Fazenda Anoni, RS.¹²⁴



A imagem atesta que Milton Schwantes teria atuado nos acampamentos não somente como um produtor intelectual do material didático para os trabalhadores rurais, como já foi dito. Mas, como um dos articuladores do MST, através da CPT. É neste sentido que se propõe pensar a sua atuação como uma práxis *profético-ecumênica*. É uma ação profética, pois pretende interpretar o texto bíblico a partir do conflito entre o campo e a cidade, ler a realidade presente nesta ótica, se opor contra a dominação do Estado opressor e defender que a denúncia profética não se origina nos ambientes sagrados institucionalizados, mas na organização camponesa/popular.¹²⁵ É uma ação ecumênica por dois fatores. Trata-se de um pastor luterano vinculado às instituições católicas brasileiras e, simultaneamente, entende a situação dos pobres como um grito ecumênico.¹²⁶ O clamor dos pobres é interpretado como o elemento aglutinador das igrejas que torna as diferenças litúrgicas secundárias.¹²⁷ Os aspectos da profecia e ecumenismo serão retratados na próxima seção, enquanto o conflito entre o campo e a cidade será retomado no próximo capítulo.

¹²⁴ TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO. *Milton Schwantes: o desafio da teologia da libertação*, 2015, 1 fotografia. [online].

¹²⁵ SCHWANTES, 1985a, p. 34.

¹²⁶ SCHWANTES, 1989b, p. 11.

¹²⁷ SCHWANTES, 1992a, p. 51.

Esta práxis alega integrar em sua denúncia os efeitos da mecanização do campo no meio ambiente. Explorados não seriam apenas os camponeses e trabalhadores rurais, mas também a terra.¹²⁸ Segundo Milton Schwantes, “Deus não entregou seu Jardim à pata do boi, à cerca e a pouca gente. Não fez coisa tão bonita pra ser tão maltratada”¹²⁹. Esta crítica pode ser compreendida de duas maneiras: por um lado, denuncia-se novamente a concentração de terra por parte dos latifundiários que abrigam o gado e expulsam o camponês da terra;¹³⁰ por outro lado, denuncia-se a deterioração da terra, seja pelo uso exacerbado de fertilizantes químicos ou outros fatores que degradam o solo. A terra seria a herança de Yahweh para o seu povo “é chão para muita mão. Por isso ele a entregou a Adão, que quer dizer humanidade, e a Eva, que quer dizer vida”¹³¹. Portanto, não se trata apenas da luta pela terra, mas da luta pela terra em boas condições para o plantio que, em sua perspectiva, constitui os pontos nevrálgicos na história bíblica.¹³²

Em sua perspectiva ecológica, esta práxis alega incorporar na mesma intensidade o cuidado com os animais, que no âmbito da indústria de produção animal teriam sido tratados como máquinas inanimadas.¹³³ Para o biblista brasileiro, “a antropologia javista, a seu modo, integra [...] a angústia animal [e avalia] a dor do bicho”¹³⁴. Este pensamento se mostra muito avançado em relação ao seu tempo, levando em consideração o ano de publicação deste artigo – 1984. A título de exemplo, dezesseis anos depois, o governo brasileiro publicou uma lei no intuito de normatizar os métodos humanitários de insensibilização dos animais de açougue para o abate. Trata-se da *Instrução Normativa nº 3*, de 17 de janeiro de 2000, destinada aos estabelecimentos industriais que realizam o abate de animais de açougue.¹³⁵ Este não é um comentário isolado, porque estas e outras questões relacionadas à ecologia perpassam outras obras do autor.¹³⁶

Esta práxis alega não desprezar os dilemas de outras entidades vinculadas à questão agrária no Brasil, como a luta dos povos indígenas brasileiros, especialmente, aqueles ligados

¹²⁸ SCHWANTES, 1984a, p. 160.

¹²⁹ SCHWANTES, Milton. Plantarei o meu povo na terra que lhes dei. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 52, f. 206, p. 424-428, 1992c. p. 427.

¹³⁰ Segundo Milton Schwantes, o gado tem necessidade de comida e de espaço/terra. Isso é tirado daqueles que são feitos pobres. Consulte mais detalhes em: SCHWANTES, 1992b, p. 8.

¹³¹ SCHWANTES, 1992c, p. 427-428.

¹³² SCHWANTES, Milton. Uma terra boa: êxodo 3,8. *Revista Simpósio*, São Paulo, a. XVIII, v. 6, n. 30, p. 169-172, 1985b. p. 170-171.

¹³³ BROOM, Donald M. Bem-estar animal. In: YAMAMOTO, Maria E.; VOLPATO, Gilson L. (orgs.). *Comportamento animal*. 2. ed. Natal: UFRN, 2007. p. 458.

¹³⁴ SCHWANTES, 1984a, p. 160.

¹³⁵ MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Secretaria de Defesa Agropecuária. Instrução Normativa nº 3, de 17 de janeiro de 2000. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, p. 34, 24 jan. 2000. [online]. p. 34.

¹³⁶ Veja mais em: SCHWANTES, 1989a, p. 34-35.

ao Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que estiveram unidos aos camponeses e aos operários no processo de organização da luta pela terra.¹³⁷ Milton Schwantes questiona a exploração histórica contra os povos indígenas e os inclui no direito de lutar pela terra – apenas como parceiros de luta dos operários e dos trabalhadores rurais, mas isso será discutido no segundo capítulo.¹³⁸ Além de vítimas da colonização, para ele, os índios padeceram uma hermenêutica bíblica equivocada e, por isso, deveriam se utilizar do mesmo instrumento que os oprimiu para se libertarem – a Bíblia. Em parceria com Pablo Richard, teólogo chileno, ele defende que deveriam ser criados espaços bíblicos e mediações hermenêuticas para possibilitar a “apropriação direta da Bíblia por parte dos próprios indígenas [...] sejam eles mesmos os que a interpretam a partir de sua própria cultura e religião”¹³⁹.

Outro aspecto desta práxis profético-ecumênica seria o destaque da presença e da eficiência feminina na luta e na resistência pela libertação e conquista da terra. O biblista postula que as mulheres desempenharam papéis centrais no mundo bíblico, especialmente no êxodo, onde elas teriam iniciado a resistência e a oposição ao Faraó.¹⁴⁰ No processo de gestação do MST, as mulheres teriam se envolvido na resistência das ocupações de terras, na luta por direitos de educação, política, saúde, etc., bem como no enfrentamento com os latifundiários, grileiros e o Estado.¹⁴¹ Com efeito, durante as ocupações de terra no Rio Grande do Sul, em 1979, na fazenda Macali, “as mulheres pegaram os seus filhos e formaram uma barreira em torno do acampamento”¹⁴². Na fazenda Brilhante, “novamente as mulheres partiram para o enfrentamento”¹⁴³.

Para João Stédile, o que difere o MST de outros movimentos camponeses históricos seria esta abertura para a participação democrática de toda a família no movimento, sobretudo, as mulheres e as crianças, rompendo, assim, com uma postura machista, conservadora e individualista.¹⁴⁴ Milton Schwantes reproduz esse discurso na seguinte afirmação: “só era viável sobreviver à margem da cidade-estado e em frontal oposição na medida em que o grupo de [...] camponeses que praticasse tal resistência fosse solidário [...]

¹³⁷ FERNANDES, 2001, p. 79-80.

¹³⁸ SCHWANTES, 1985b, p. 169.

¹³⁹ SCHWANTES, Milton; RICHARD, Pablo. Editorial. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 11, p. 5-6, 1992. p. 5-6.

¹⁴⁰ SCHWANTES, 1984a, p. 151. Ver também: SCHWANTES, Milton. A origem social dos textos. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 31-37, 1988b. p. 33-34.

¹⁴¹ FERNANDES, 2001, p. 28.

¹⁴² FERNANDES, 2001, p. 53.

¹⁴³ FERNANDES, 2001, p. 53-54.

¹⁴⁴ STÉDILE; FERNANDES, 2012, p. 33-34.

com espaço para crianças e mulheres”¹⁴⁵. Assim, ele estaria criticando uma leitura bíblica que destaca somente a figura masculina em detrimento da imagem feminina. Sara, por exemplo, a esposa de Abraão, não seria uma função, mas uma mulher.¹⁴⁶ Na ótica do biblista, as mulheres comandavam as batalhas,¹⁴⁷ preservaram e divulgaram as memórias de libertação e promoveram a ação de Yahweh em momentos cruciais.¹⁴⁸ Em suma, ele defende que elas exerceram e continuam exercendo ações decisivas.¹⁴⁹

A referência basilar para esta práxis profético-ecumênica teria sido a memória do êxodo bíblico, defendida por Milton Schwantes como a veia principal da história bíblica.¹⁵⁰ Este aspecto – que será detalhado também no segundo capítulo – está vinculado à ação da CPT, que no seu trabalho pastoral promoveu estudos e reflexões sobre a situação de violência em que viviam os trabalhadores rurais, à luz do livro do êxodo e dos discursos da Teologia da Libertação.¹⁵¹ Para ele, todos os grupos que integraram o antigo Israel tinham uma experiência exodal em comum e o êxodo do Egito seria um símbolo para todos os grupos que se organizam na luta pela libertação e pela conquista da terra.¹⁵² Enquanto evento fundante do povo de Israel, o êxodo teria se tornado uma experiência integradora para o povo subjugado – no presente – pela ditadura militar.¹⁵³ Neste texto, o biblista brasileiro procura se esquivar do equívoco em relação à reconstrução fornecida pela historiografia e a narrativa bíblica do êxodo, ao se apropriar da hipótese da revolução camponesa, de Norman Gottwald.¹⁵⁴ Mas, esta hipótese atualmente está superada, como será mostrado no segundo capítulo.

Na literatura de Milton Schwantes, em geral, as imagens de violência que perpassam o êxodo foram interpretadas como o agir libertador de Yahweh, enfatizando sua ação histórica sem exibir em detalhes o seu *modus operandi*. Fala-se da importância das parteiras que pouparam a vida do Moisés neonato, mas não se menciona o massacre de outras crianças hebreias na ocasião de seu nascimento. Tão pouco foi exposto o extermínio dos primogênitos egípcios.¹⁵⁵ Estes apagamentos tornam complexa a concepção de violência captada em seus textos, pois, aquela realizada contra os opressores é mitigada, sendo traduzida em termos de

¹⁴⁵ SCHWANTES, Milton. *A Família de Sara e Abraão: texto e contexto de Gênesis 12-25*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1986c. p. 43.

¹⁴⁶ SCHWANTES, 1986c, p. 31-37.

¹⁴⁷ SCHWANTES, 1986c, p. 43.

¹⁴⁸ SCHWANTES, 1988b, p. 33-34.

¹⁴⁹ SCHWANTES, 1984a, p. 151.

¹⁵⁰ SCHWANTES, 1988a, p. 9.

¹⁵¹ FERNANDES, 2001, p. 44.

¹⁵² SCHWANTES, 1992b, p. 5.

¹⁵³ SCHWANTES, 1988a, p. 17.

¹⁵⁴ SCHWANTES, 1992b, p. 3-7.

¹⁵⁵ SCHWANTES, 1988a, p. 9-18.

resistência e de libertação. Mas, face à opressão e à violência contra os camponeses e as camponesas, a Bíblia é apresentada em uma perspectiva de militância e oposição. Em outras palavras, a violência não seria inaugurada no campesinato, mas no Estado. A (re) ação de Yahweh contra este último foi traduzida como um agir libertador.¹⁵⁶ Este é um aspecto que será confrontado com as pesquisas atuais, desenvolvidas no campo da sociologia da Bíblia, no terceiro capítulo.

Para conquistar a autonomia política do MST e intensificar a luta pela terra foi necessário romper com alguns pressupostos da igreja e dos sindicatos, segundo Bernardo Fernandes. O autor relata que algumas propostas destas instituições significavam o controle e a manipulação das lutas.¹⁵⁷ O movimento era pressionado com opiniões favoráveis e desfavoráveis a posturas defensivas e ofensivas na realização das ocupações. Mas, somente eles tinham a experiência de enfrentar as diferentes formas de resistência à ação policial e dos pistoleiros. Isso teria impulsionado a busca pela autonomia política e o reconhecimento de que o MST “é fruto dessa realidade e não de instituições”¹⁵⁸. Não foi possível notar claramente a predileção por uma postura ofensiva ou defensiva nos textos de Milton Schwantes. Mas, ele postula o êxodo como uma chave para a leitura bíblica junto aos movimentos sociais e populares e interpela os leitores e as leitoras: “que contornos o êxodo libertador [...] há de assumir, aqui e agora?”¹⁵⁹.

A análise do período de gestação do MST desvela que as origens do movimento estariam atreladas aos efeitos socioeconômicos provocados pela mecanização da agricultura, à herança histórica das ligas camponesas – que teriam sido extintas durante a ditadura militar – e à ação pastoral da igreja católica brasileira e da IECLB, através da CPT. Constatase, pois, o envolvimento de Milton Schwantes com a CPT e com os movimentos sociais rurais e populares brasileiros. Não obstante, a práxis profético-ecumênica aqui intuída não se restringe a uma ação individual. Mas, estende-se para o âmbito coletivo e institucional, isto é, como uma proposta de uma igreja caracteristicamente profética e popular.

1.3 Esperança de uma igreja profética e de rosto popular

Foi argumentado nas seções precedentes que a literatura de Milton Schwantes alega oposição à expropriação, à expulsão da terra, à concentração fundiária, à migração contínua

¹⁵⁶ SCHWANTES, 1989a, p. 15-17.

¹⁵⁷ FERNANDES, 2001, p. 84.

¹⁵⁸ FERNANDES, 2001, p. 286.

¹⁵⁹ SCHWANTES, 1988a, p. 18.

dos camponeses em busca de terras e às condições precárias do trabalho assalariado gestadas a partir do modelo econômico implantado durante a ditadura militar no Brasil.¹⁶⁰ Na luta contra a opressão vigente, ele esteve envolvido com o MST, através da CPT, e com outros movimentos populares vinculados à igreja católica brasileira. Esta ação foi interpretada como uma práxis profético-ecumênica. Esta práxis não pode ser reduzida a uma ação individual. Trata-se de um projeto mais amplo que indaga o papel das instituições eclesiais em relação aos dilemas sociais e econômicos em torno de um grupo de camponeses, transformados em operários e dos trabalhadores rurais, em sua luta pela libertação e pela construção de uma nova sociedade.¹⁶¹ A hipótese da pesquisa é que da hermenêutica bíblica em tela teria emergido o projeto de uma *igreja profética e de rosto popular*.

O texto *Natã precisa de Davi*, mencionado na primeira seção deste capítulo, esboça a primeira característica desse modelo de igreja supostamente imaginado pelo biblista brasileiro. Natã estaria sendo criticado por vincular-se à corte e defender seus interesses: “era amigo da corte [...] amarrado à corte [...] mas é profeta. O alvo de sua profecia [...] combina exatamente com sua posição na corte. Esse alvo é a promessa divina de constância para a dinastia davídica”¹⁶². O texto postula que mesmo conhecendo a exploração contra os pobres, em Judá e Israel, o profeta teria se vinculado à monarquia. Com efeito, uma profecia detida no poder não poderia ser tomada como modelo profético para as igrejas brasileiras. A realidade do país, segundo o biblista brasileiro, solicita uma profecia que dê passos à autonomia crítica e que mantenha distância em relação ao centro do poder.¹⁶³ Em suas palavras:

Com Natã estamos, tão-somente, nos inícios da profecia em Israel. É o começo da luta contra o reinado, contra o grupo que, contraditoriamente em nome do Senhor, se adonou de seu povo. [...] Natã, por fim, silenciou. Esse silêncio é como que o começo do sofrimento da palavra profética sob o novo poder, que se impusera sob a forma do reinado. [...] Desse ensaio também participamos, na procura pela tarefa da igreja. A igreja profética é um ensaio urgente e necessário em nossa situação. Aí valem as dimensões propostas, que nos coloca a tradição bíblica. Talvez seja um tanto esquemático, mas não seria necessário, nos perguntarmos: vamos com Natã, ligados a Davi? Ou: vamos com Miquéias, ligados aos colonos de Judá?¹⁶⁴

Na análise de Scott Maiwaring sobre a relação entre igreja e Estado no Brasil, durante a ditadura militar, a igreja católica brasileira – ou uma parte dela – tornou-se paulatinamente uma força social crítica, uma oposição aos regimes autoritários e um poder emulador da

¹⁶⁰ SCHWANTES, 1986a, p. 32-33.

¹⁶¹ SCHWANTES, 1987a, p. 47.

¹⁶² SCHWANTES, 1978, p. 108.

¹⁶³ SCHWANTES, 1978, p. 109-114.

¹⁶⁴ SCHWANTES, 1978, p. 117-118.

ordem estabelecida. Sobretudo, nas décadas de 1970 e 1980.¹⁶⁵ Trata-se de um processo complexo e dialético, pois, em alguns momentos a cúpula da igreja foi representada por bispos conservadores e em outros por bispos progressistas, implicando em mudanças radicais nas prioridades da igreja católica brasileira. Inicialmente, a Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB) teria apoiado a ditadura militar e só mais tarde manifestaria sua oposição a ela.¹⁶⁶ Mas, as inovações pastorais mais relevantes que teriam contribuído para a transformação da igreja católica, no Brasil, teriam resultado da interação entre agentes pastorais, movimentos leigos e alguns bispos progressistas.¹⁶⁷

Milton Schwantes vinculou-se a este trabalho desenvolvido na base da igreja católica brasileira, que teria intensificado o seu compromisso com as pessoas pobres, após 1964, a partir das transformações no cenário econômico e da crescente repressão da ditadura militar contra a população, os camponeses, os agentes pastorais e o clero.¹⁶⁸ Para Scott Mainwaring, a igreja católica brasileira “tornou-se a mais importante força de oposição durante grande parte dos anos 70. Era a única instituição que podia criticar o modelo econômico e a repressão, defender os direitos humanos e organizar as classes populares”¹⁶⁹. A aproximação do biblista brasileiro, deste modo, desvela outra característica de seu projeto de igreja que, para ser profética e popular, além de se distanciar do poder, deveria enxergar a realidade, tendo como critério a vida das pessoas que sofrem.¹⁷⁰

Esta segunda característica desdobra-se em dois aspectos ligados ao modo como ele interpretou a profecia bíblica: *denúncia* e *anúncio*. A denúncia profética representaria um grito contra a opressão e consideraria que “o social e o religioso não são separáveis”¹⁷¹. Para Milton Schwantes, seria aí que residiria o valor profético do trabalho desenvolvido pela igreja católica brasileira junto ao povo. Sobretudo, aquele realizado nas CEBs que comumente reunia as pessoas para discutirem os textos bíblicos e sua relevância face aos dilemas da época, interpretados como políticos. Na análise do biblista brasileiro:

A releitura bíblica começou [...] com a denúncia. A miséria secular [...] é um grito de denúncia que se pode tentar encobrir com explicações simplistas que justificam a miséria [...] ou a tornam transcendente ao atribuírem sua superação ao milagre do desenvolvimento ou a suprimirem pela violência das armas do Estado. Contudo, fome, desemprego, expulsão da terra, genocídios gritam o seu grito incessante.

¹⁶⁵ MAINWARING, 1989, p. 125.

¹⁶⁶ MAINWARING, 1989, p. 103.

¹⁶⁷ MAINWARING, 1989, p. 123-124.

¹⁶⁸ MAINWARING, 1989, p. 101-127.

¹⁶⁹ MAINWARING, 1989, p. 125.

¹⁷⁰ SCHWANTES, 1992b, p. 19.

¹⁷¹ SCHWANTES, Milton. “A lua nova devorará suas heranças”: observações sobre Oséias 5, 1-7. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 73, p. 8-19, 2002. p. 15.

Ninguém pode deixar de reagir a esse grito. Neste contexto, os conteúdos bíblicos engrossaram as fileiras dos que denunciam a miséria como fruto do enriquecimento. Ampliaram o grito dos empobrecidos. [...] Nas comunidades populares, a Bíblia é experimentada como articuladora e amplificação da denúncia profética.¹⁷²

Deste modo, a denúncia profética consistiria na análise crítica da situação e na descrição da injustiça, pressupondo sempre uma experiência coletiva de opressão. No entendimento de Milton Schwantes, a denúncia seria um protesto social que teria emergido do movimento camponês em oposição aos opressores.¹⁷³ Em seus textos, a denúncia profética e o movimento camponês estão entrelaçados. Com efeito, o modelo de igreja por ele proposto estaria fundamentado na contestação ao Estado e na denúncia contra as instituições que estariam oprimindo os operários e os trabalhadores rurais de seu tempo.¹⁷⁴ Como já mencionado, o autor teria assumido uma leitura histórico-social com alguns traços da teoria marxista clássica – muito alinhada com os discursos da Teologia da Libertação – não apenas para ler os textos bíblicos, mas, também, a realidade a sua volta – como apontado no primeiro capítulo.¹⁷⁵ Neste sentido, sua abordagem ecoava o clima epistemológico da Teologia da Libertação.¹⁷⁶

Entrementes, o biblista brasileiro alega que a denúncia “necessita do contrapeso do anúncio [...] do que virá”¹⁷⁷. Para ele, o anúncio consiste na disseminação da esperança e da partilha social. A ação da igreja não se restringiria a mera descrição das dores dos empobrecidos, mas as converteria em “plataforma da esperança. [...] na profecia os machucados não são [apenas] vítimas, são também semente”¹⁷⁸. Amós foi interpretado nesta ótica em que estaria anunciando “a liquidação deste Estado e da classe que o mantém. [...] e a religiosidade, com a qual tenciona sancionar o Estado”¹⁷⁹. A realidade campesina seria o ponto de partida para a construção de uma nova sociedade em que as relações fossem igualitárias e pautadas na esperança messiânica do davidismo bíblico – promovido pelo campesinato judaíta – que, segundo o autor, se assenta em três pilares: terra, família e pão.¹⁸⁰

Com efeito, assim como teriam sido os profetas, este modelo de igreja deveria amplificar o grito dos operários e dos trabalhadores rurais em contestação ao Estado,

¹⁷² SCHWANTES, 1987a, p. 50.

¹⁷³ SCHWANTES, 1985a, p. 34-36.

¹⁷⁴ SCHWANTES, 1985a, p. 34.

¹⁷⁵ LÖWY, 2007, p. 298-315.

¹⁷⁶ GOTAY, Samuel S. *O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe: implicações da teologia da libertação para a sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 36-62.

¹⁷⁷ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

¹⁷⁸ SCHWANTES, Milton. Javé abrigou: anotações teológicas à luz do livro de Sofonias. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 13, p. 25-44, 1997. p. 38.

¹⁷⁹ SCHWANTES, 1982a, p. 134-135.

¹⁸⁰ SCHWANTES, 1989c, p. 26.

denunciando as suas instituições e anunciando a nova esperança. De modo que lhes fossem garantidos os seus direitos.¹⁸¹ No próximo capítulo, será argumentado que essa leitura dos profetas representa uma ruptura epistemológica com as principais correntes exegéticas do século XIX, bem como com as interpretações caracterizadas pela influência weberiana, à luz do modelo de *autoridade carismática*. Essa análise possibilitará uma melhor percepção sobre como Milton Schwantes apresenta os profetas como representantes dos movimentos populares, que denunciam a exploração nacional e internacional, e em que medida tais movimentos teriam influenciado o seu horizonte hermenêutico.

Para avançar na análise proposta neste capítulo – as bases da eclesiologia profética e popular de Milton Schwantes – é preciso considerar também a relação entre os protestantes e a ditadura militar. Paul Freston constata que houve um grande interesse por parte dos representantes da ditadura militar em investir nos protestantes, a partir de 1970. As propostas teriam girado em torno de ofertas de empregos, nomeações para cargos relevantes, convites para o ingresso de pastores na Escola Superior de Guerra (ESG), convênios, entre outras. Segundo o autor, uma ala das igrejas protestantes cessou os debates sobre as questões sociais e se comprometeu com a ditadura militar.¹⁸² Soma-se o fato de que as igrejas que desenvolviam quaisquer atividades potencialmente políticas estavam sendo observadas, correndo o risco de sofrerem repressão.¹⁸³ Estes fatos ajudam a situar a crítica social do biblista brasileiro em relação ao seu contexto eclesiástico.

A literatura de Milton Schwantes alega refletir esta aproximação entre igreja e Estado à luz do dilema e da ambiguidade de Natã, que “não quer ser infiel ao Senhor que o enviou. Mas está preso às circunstâncias de seu ambiente; chegara a anunciar eternidade à dinastia davídica [...]. Nesse dilema entre profeta e amigo da corte sucumbem veracidade e autenticidade da palavra de Natã”¹⁸⁴. O modo como o texto se desenvolve aponta para uma possível imparcialidade de boa parte das igrejas protestantes em relação aos problemas sociais de então, indicando sua condição mórbida. Segundo o biblista brasileiro, “por séculos, nossas igrejas se empenharam em outro tipo de prática, justamente autônoma diante das angústias populares [...] porque circulavam nas mediações do poder dos senhores como, em boa medida, ainda o fazem”¹⁸⁵. Neste horizonte, manifesta-se uma crítica às igrejas protestantes

¹⁸¹ SCHWANTES, 1986b, p. 12-13.

¹⁸² FRESTON, Paul. *Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro, 1994. p. 25.

¹⁸³ SKIDMORE, 1988, p. 181-182.

¹⁸⁴ SCHWANTES, 1978, p. 114.

¹⁸⁵ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

que se aliaram ao Estado opressor e se distanciaram das questões sociais que emergiram na época.

Paul Freston ainda retrata que, no intuito de mitigar as relações entre igreja e Estado, alguns grupos protestantes mostraram-se favoráveis à ditadura militar. Por exemplo, a Igreja Presbiteriana do Brasil, a Igreja Presbiteriana Independente, e também a Convenção Batista Brasileira e outras igrejas evangélicas.¹⁸⁶ Segundo ele, alguns líderes dessas instituições deram listas aos órgãos de repressão, denunciando outros protestantes considerados subversivos. O autor também reforça que, após 1968, a única igreja protestante em situação de defesa dos direitos humanos era a IECLB,¹⁸⁷ na qual Milton Schwantes atuou como pastor.¹⁸⁸

A IECLB, especialmente a partir da década de 1970, teria assumido uma postura crítica à repressão e uma atitude de solidariedade para com os marginalizados, demonstrando maior interesse em participar de maneira efetiva nas questões políticas e sociais da sociedade brasileira.¹⁸⁹ Segundo Rolf Schünemann, essa postura frente à ditadura militar pode ser considerada como um dos traços do processo de abasileiramento do luteranismo, pois, “ser igreja no Brasil significava participar ativamente da vida política e social do país”¹⁹⁰. Neste período, alguns documentos foram produzidos refletindo sobre a relação entre igreja e Estado e tocavam nas questões inerentes aos direitos humanos e aos problemas sociais da época.¹⁹¹ O *Manifesto de Curitiba* teria sido o único documento público da IECLB que criticou a ditadura militar, segundo Paul Freston. Foi elaborado, em 1970, a partir da Assembleia Geral da Federação Luterana Mundial, realizada na França, e entregue ao Presidente Médici no mesmo ano.¹⁹²

Em um diálogo com membros da IECLB, em 2010, na paróquia do ABCD, em Santo André, São Paulo, Milton Schwantes retratou três fases da igreja luterana no Brasil. A primeira compreende o período do imigrante até 1970. Segundo ele, a transição aconteceu

¹⁸⁶ Para uma análise mais ampla sobre a relação entre forças conservadoras e ditadura militar, ver: ROSA, Wanderley P. da. *Por uma fé encarnada: teologia social e política no protestantismo brasileiro*. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2015.

¹⁸⁷ O autor ressalta que *O Brasil para Cristo* teria sido a única igreja pentecostal a se manifestar, de alguma forma, contra a ditadura militar, e a única a se filiar a entidades ecumênicas. Entretanto, em nota de rodapé na página vinte e sete, ele informa que Manuel de Melo (fundador da igreja), manteve vínculos eleitorais com o partido que apoiava o regime. FRESTON, 1994, p. 25-28.

¹⁸⁸ Vale ressaltar que, a partir de 1988, Milton Schwantes foi transferido para São Paulo e lá atuou como pastor na comunidade luterana de Guarulhos e como professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Veja mais em: SCHWANTES, 2006a, p. 53.

¹⁸⁹ FRESTON, 1994, p. 27.

¹⁹⁰ SCHÜNEMANN, Rolf. *Do gueto à participação – o surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1992. p. 46.

¹⁹¹ BURGER, Germano. *Quem assume esta tarefa: um documentário de uma igreja em busca de sua identidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1977. p. 45-47.

¹⁹² FRESTON, 1994, p. 26-27.

porque as comunidades não queriam mais pastores alemães e, no Brasil, fala-se português e a cultura é diferente. Os processos de urbanização, abasileiramento e politização da igreja teriam configurado a segunda fase, sendo a politização da IECLB a dimensão mais importante. Segundo ele, um aluno de teologia foi expulso pela cúpula da igreja, na década de 1960, por criticar a ditadura militar. Por isso, o processo de politização representou uma fase de amadurecimento em relação a esses problemas. A terceira fase – para ele, ainda não superada – seria o racismo. Ele não define a noção de racismo, mas faz menção à cor e a exclusão social, reforçando que o enfrentou ao longo da vida.¹⁹³ No entanto, segundo ele, o problema ainda persiste e se “não mudou, é porque a turma não tá reclamando”¹⁹⁴.

Na ótica do biblista brasileiro, o papel da igreja consistiria na interação entre a sua agenda e a agenda do mundo.¹⁹⁵ Neste sentido, o modo como ele compreendeu a realidade dos empobrecidos lançaria novos desafios às instituições eclesiais. Não é verdade que isso deveria acontecer de maneira superficial, pois não se trata de uma ação social isolada. Mas, trata-se de deslegitimar a ordem social estabelecida e de transformar a realidade a partir do resgate dos conteúdos bíblicos – o que configura uma chave de leitura histórico-social com elementos marxistas nos termos aqui delineados. Por isso, inspirado nas contribuições de Martinho Lutero, ele propõe que a igreja precisa “facilitar o acesso ao texto sagrado ao maior número de pessoas [...] ir às raízes do testemunho escriturístico [...] entender a escritura a partir do seu eixo”¹⁹⁶. E formular o núcleo bíblico em termos de opressão e libertação.¹⁹⁷

Neste horizonte, a leitura bíblica deveria nortear as ações de uma igreja profética e de rosto popular, pois, trata-se de “um livro para a militância pelo porvir [...] uma [...] cartilha pela esperança”¹⁹⁸. Sua interpretação deveria corresponder ao jeito de ler a realidade e de transformá-la.¹⁹⁹ Para Milton Schwantes, foram os lavradores expropriados que redescobriram a Bíblia e constataram que ela narra as suas próprias vidas. E, “desde então, a história bíblica anima e ilumina a organização da gente do campo”²⁰⁰. Deste modo, os “movimentos sociais recorrem à Bíblia; a luta pela terra, por exemplo, é animada por promessas bíblicas”²⁰¹. Neste sentido, ele supervaloriza a leitura bíblica, sobretudo nas CEBs, porque considera ser não

¹⁹³ SCHWANTES, Milton. *Memórias de uma noite com Milton Schwantes* [YouTube, 27 nov. 2013]. São Bernardo do Campo: Vitor Chaves de Souza, 2013b. (01 min 02s – 07 min 01s). [online].

¹⁹⁴ SCHWANTES, 2013b, 06 min 26s – 06min 29s.

¹⁹⁵ SCHWANTES, 1984a, p. 148.

¹⁹⁶ SCHWANTES, Milton. Bíblia e Lutero. *Revista Caminhando*, Goiânia, a. 2, v. 2, p. 32-34, 1984b. p. 33.

¹⁹⁷ SCHWANTES, 1984b, p. 33.

¹⁹⁸ SCHWANTES, 1989a, p. 17.

¹⁹⁹ SCHWANTES, Milton. Jacó é pequeno: visões em Amós 7-9. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 81-92, 1988c. p. 91.

²⁰⁰ SCHWANTES, 1985b, p. 170.

²⁰¹ SCHWANTES, 1989b, p. 10.

somente um espaço de leitura da Bíblia, mas também uma experiência democrática em meio a uma ditadura militar, não democrática, e porque poderia mobilizar os setores populares a trabalharem pela transformação social. Com efeito, o texto bíblico adquire um fim político, pois pode ajudar a construir uma nova sociedade que promova a dignidade das pessoas e relações políticas, sociais e econômicas igualitárias.²⁰² Nestes termos, igreja e movimentos sociais e populares adquirem significados indissociáveis na literatura em tela.

Logo, a terceira característica de uma igreja profética e de rosto popular consistiria na sua “inserção [...] nos movimentos populares”²⁰³, seguindo o modelo do movimento profético dos tempos bíblicos que, à luz do pensamento do biblista brasileiro, estava ligado ao movimento camponês e representava uma resistência contra as explorações praticadas pelas elites. Para ele, “o movimento social é a própria matriz da literatura profética”²⁰⁴, pois, enfatizava “a defesa do empobrecidos, das vítimas das políticas expansionistas daquele século”²⁰⁵. Assim, o que impulsionaria a postura radical de alguns profetas, bem como sua participação nas lutas populares, seria o fato de que eles mesmos descendiam da periferia.²⁰⁶ Ele alega que o movimento profético constitui o modelo exemplar para a práxis das igrejas populares, pois, a opção pelos pobres é, simultaneamente, uma opção pela sua organização e essa condição insere-as nos movimentos sociais e populares.²⁰⁷ Em relação ao profetismo bíblico, o assunto será retomado no segundo capítulo, como já dito. Mas, também, serão abordadas essas hipóteses no terceiro capítulo face às pesquisas bíblicas contemporâneas.

Este processo de inserção exigiria mudanças radicais na estrutura hierárquica das igrejas. Na proposta do biblista brasileiro, as instituições eclesiais deveriam passar a aprender com os movimentos sociais e populares e com a metodologia hermenêutica dos empobrecidos, não o contrário. No horizonte desta pesquisa, esta é uma questão pastoral que reivindica uma leitura política da Bíblia, como será analisado no segundo capítulo. Porém, para Milton Schwantes, esta metodologia não se desenvolve em ambientes eclesiais e/ou acadêmicos, mas, nasce entre as pessoas pobres e adquire potencial transformador destas instâncias: “a comunidade popular é a fonte da nova leitura bíblica”²⁰⁸. Deste modo, a influência legítima sobre os setores periféricos da sociedade brasileira só seria possível

²⁰² SCHWANTES, 1987a, p. 48.

²⁰³ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

²⁰⁴ SCHWANTES, 1985a, p. 38.

²⁰⁵ SCHWANTES, 1989c, p. 28.

²⁰⁶ SCHWANTES, 1982a, p. 125.

²⁰⁷ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

²⁰⁸ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

quando a igreja se tornasse aprendiz. Ele assevera que esta “leitura bíblica [...] tem seu lugar vivencial na escuta e no serviço das igrejas junto aos movimentos populares”²⁰⁹.

O ecumenismo é a quarta característica do modelo de igreja profética e popular intuído na literatura do autor. Mas, a experiência ecumênica não foi definida como àquela que acontece somente entre igrejas cristãs. O biblista não descarta o uso do termo ecumenismo, mas prefere ampliar o seu significado e seu alcance.²¹⁰ Ele entende que por séculos o cristianismo participou do processo de opressão dos povos latino-americanos e, por isso, ignorou os seus parceiros de caminhada, a saber: os povos indígenas, pessoas negras, mulçumanos, judeus, etc. Segundo ele, esta opressão ganharia novas formas à medida que estes grupos continuam sendo perseguidos pela prática de suas religiões. Destarte, a perspectiva ecumênica deste modelo de igreja não poderia excluir a realidade destas pessoas oprimidas. Tão pouco, deveria se restringir aos espaços reconhecidamente cristãos.²¹¹

Ele assevera que “o ecumenismo nos convida a entender as diferenças como possíveis complementações, não como motivos de separatismos”²¹². O grito dos empobrecidos “já não pode querer recorrer às tradições de uma só igreja [...] é tarefa ecumênica”²¹³. Deste modo, seria inclusivo e transcenderia às fronteiras tradicionais da fé cristã. Para ele, as igrejas e as diferentes religiões se diferenciam liturgicamente entre si. No entanto, liturgias por si só seriam ilegítimas e vazias se não correspondessem ao grito dos povos humilhados. Uma experiência ecumênica fundamentada no clamor destes poderia alterá-las. E a maneira como se organizam, mesmo sendo submetidos a um grave processo de pauperização, representaria uma forma criativa de convivência:

Estes pobres estão organizados [...] nas favelas, nas tomadas de terras, nas lutas sindicais a capacidade organizativa toma corpo. [...] amplia-se a rede das pequenas articulações, daqueles que nem aparecem e nem chamam a atenção. Pessoas que vivem do lixo ensaiam novas maneiras de convívio. Mulheres esmagadas por capital e machismo se fazem solidárias. Associações surgem nas vilas, de maneira discreta. [...] a liturgia, cada vez mais, precisa corresponder a um povo pobre que se organiza!²¹⁴

A experiência de convívio desenvolvida nos setores populares se tornaria paradigmática, para o biblista brasileiro. Segundo ele, as pessoas se reúnem e se organizam a

²⁰⁹ SCHWANTES, 1987a, p. 56.

²¹⁰ Nas palavras de Milton Schwantes, “penso que o diálogo entre as igrejas sempre é uma forma do diálogo inter-religioso, não cria outra categoria. Prefiro designar também todo diálogo inter-religioso de ecumênico”. Veja mais em: SCHWANTES, 2006a, p. 56.

²¹¹ SCHWANTES, Milton. Anotações sobre a Teologia da Libertação: Carta a um amigo. In: OIKOS [Site institucional]. 12 out. 2007. [n.p.]. [online]. [n.p.].

²¹² SCHWANTES, 1989b, p. 11.

²¹³ SCHWANTES, 1989b, p. 11.

²¹⁴ SCHWANTES, 1992a, p. 51.

partir das diferentes injustiças que sofrem. Desta forma, na experiência ecumênica, as diferenças e distâncias litúrgicas precisariam ser deixadas de lado, gerando espaços para intensificar a presença maciça das igrejas nas periferias e redirecionando o seu olhar para o contexto socioeconômico e para as relações entre as pessoas. De modo que suas liturgias fossem fundamentadas em situações concretas. Logo, o autor não faz distinção entre as categorias *igreja* e *movimento social*.²¹⁵ Esse aspecto será retomado no segundo capítulo.

A última característica – talvez a mais intrigante – seria a possibilidade de acesso das pessoas pobres aos órgãos de decisão eclesiásticos. Milton Schwantes critica a democracia interna das igrejas de seu tempo e a descreve como “filtrada por tantos processos seletivos e canais representativos que o povo, de saída, fica excluído”²¹⁶. O caráter profético e popular de seu modelo igreja implicaria, neste caso, na contestação do autoritarismo e da centralidade do poder não somente no âmbito político, mas também no contexto eclesial. Esta perspectiva pode ser entendida como uma proposta para inscrever os empobrecidos como agentes reformadores da igreja: “os negros denunciam [...] o racismo encrustado nas igrejas. As mulheres perguntam por que as estruturas eclesiásticas são tão femininas nas bases, nas comunidades, e tão masculinas nas cúpulas. [...] inquietando as igrejas”²¹⁷. Mas, ele não esclarece se essas pessoas fariam isso de modo autônomo ou através de mediação especializada. Esse aspecto será retomado no segundo capítulo, em relação à hipótese do autor sobre os sujeitos intérpretes privilegiados do texto bíblico.

Desta forma, a análise do contexto eclesiástico desvela uma dimensão das críticas do biblista brasileiro, bem como sua aposta em uma igreja cada vez mais distante do poder e mais próxima dos movimentos sociais e populares – ou, como será retomado no segundo capítulo, que não se distingue dos movimentos sociais e populares. Para ser profética e de rosto popular, “será necessária nova eclesiogênese. [...] em que igrejas e cristãos são solidários com operários e camponeses em sua luta pela libertação, em que o próprio povo empobrecido assume igreja”²¹⁸. As características desse modelo de igreja parecem inserir uma perspectiva eclesiológica centrada na emancipação da classe camponesa – operários e trabalhadores rurais – em sua luta revolucionária contra o capitalismo e pela libertação da opressão vivenciada naquele momento, interpretada como política.

Portanto, a literatura de Milton Schwantes alega apresentar críticas contra o modelo econômico vigente e contra as igrejas que, apoiando a ditadura militar, teriam silenciado face

²¹⁵ SCHWANTES, 2006a, p. 56.

²¹⁶ SCHWANTES, 1987a, p. 47.

²¹⁷ SCHWANTES, 1989b, p. 10.

²¹⁸ SCHWANTES, 1987a, p. 46-47.

aos problemas políticos, econômicos e sociais de seu tempo – configurando um dilema eclesialístico. Nesta lógica, só existiria um modelo de Estado digno do apoio das igrejas, a saber: um governo politicamente participativo, economicamente inclusivo e socialmente justo. As igrejas também deveriam se reestruturar, à luz destes princípios, inserindo-se nos movimentos sociais e populares. Portanto, a igreja deveria se opor ao Estado e lutar por uma sociedade igualitária, assim como era o modelo dos vilarejos na palestina antes da ascensão da monarquia, conforme postulou o biblista brasileiro.²¹⁹

O destaque dado ao contexto da atividade pastoral e da produção literária do biblista brasileiro impossibilitou uma análise mais acurada sobre alguns aspectos fundamentais da leitura que ele faz do profetismo bíblico e a relação dos movimentos sociais e populares com sua hermenêutica. Isso será retratado no próximo capítulo, onde será abordada a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes, à luz das reflexões até aqui levantadas. Cabe perscrutar as continuidades e descontinuidades entre a exegese clássica e a metodologia empregada em sua literatura. Por um lado, ele encontra naquela um auxílio para a análise exegética, mas, por outro lado, não se satisfaz somente com os seus resultados para amparar a tarefa hermenêutica e a reflexão teológica. No esforço de chegar a uma análise exegética profunda dos textos bíblicos, sem perder de vista o contexto socioeconômico e político de seu tempo, compreende-se que, em sua metodologia exegético-hermenêutica, o modo como se interpreta a realidade concreta torna-se o axioma hermenêutico.

²¹⁹ SCHWANTES, 1982a, p. 134-138.

2 A HERMENÊUTICA BÍBLICA EM MILTON SCHWANTES

Este capítulo analisa a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes. O conteúdo quer contribuir para uma melhor compreensão e aprofundamento do segundo momento pressuposto no método do biblista brasileiro, a mediação hermenêutica. No intuito de estabelecer um panorama da relação entre o modo como ele interpretou as condições políticas, econômicas, sociais e eclesiais com o seu jeito peculiar de ler e interpretar o texto bíblico, serão priorizados os seguintes aspectos: a Bíblia como memória popular e campesina abordada em perspectiva histórico-social; a metodologia exegética empregada que ultrapassa os limites da exegese clássica e que, aparentemente, desloca-se do campo pragmático de uma leitura heurística para uma leitura política da Bíblia; a hipótese dos sujeitos intérpretes privilegiados, indagando em que sentido o processo de autorrepresentação desses sujeitos se realiza, ou não, na literatura do autor. A riqueza dos detalhes dificulta a síntese, no entanto, este último aspecto se constituirá da exibição de argumentos críticos pós-coloniais que questionam a hipótese hermenêutica em tela.

2.1 A Bíblia e sua interpretação

A Bíblia não é um livro de eruditos, mas literatura popular e campesina.²²⁰ Esta hipótese traz consigo a complexidade que permeia a metodologia exegético-hermenêutica de Milton Schwantes, em um sentido que ainda se deve precisar. A tese da origem popular dos textos bíblicos fundamenta o seu método. Pensar o texto bíblico como produto de um processo puramente escriturístico não constitui o seu horizonte hermenêutico. Texto escrito é *a posteriori*. É, antes de tudo, fruto de um processo *mnemônico*. Texto descontínuo, que nasceu pequeno, para fixar na memória. Seu surgimento, sua transmissão e seu impacto social seriam da ordem da oralidade e da memória popular campesina do mundo antigo. Teria sido esse o modo peculiar de pessoas analfabetas, em um mundo analfabeto, criarem literatura. Segundo o biblista brasileiro, fragmentos de cultura popular constituem a narrativa bíblica e, por isso, ele alega que a Bíblia é memória dos pobres.²²¹

No círculo do movimento bíblico latino-americano, esta hipótese não foi aceita unanimemente. Entre os seus principais defensores está o teólogo chileno e especialista em

²²⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 55.

²²¹ SCHWANTES, Milton. Interpretação de Gn 12-25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 1, p. 31-49, 1984c. p. 36-37.

Bíblia, Pablo Richard, que define os pobres como os autores humanos da Bíblia e esta, por sua vez, como a memória histórica deles.²²² Por outro lado, o exegeta argentino José Severino Croatto afirma que os pobres têm um lugar no campo hermenêutico, mas não no processo de produção do texto bíblico, pois a Bíblia, especialmente o texto vétero-testamentário, teria sido concluído e estruturado pelas classes dirigentes de Israel e não pelo povo.²²³

Milton Schwantes – como também Pablo Richard – orienta-se mais pela leitura sociológica da Bíblia. Seu interesse recai sobre a historicidade vital dos textos.²²⁴ As estruturas de linguagens seriam elementares no processo de interpretação e a Bíblia precisaria ser lida como texto literário. Mas, a pergunta pelo surgimento dos textos não poderia ser abandonada.²²⁵ Segundo ele, a linguagem estaria ancorada em experiências históricas e concretas do mundo antigo, não apagadas nos processos de releituras pelos quais o texto bíblico passou.²²⁶ Por isso, o intérprete precisaria recorrer às memórias populares arraigadas na narrativa bíblica para acessar as lutas e a opressão das classes oprimidas do antigo Israel. Ao considerar a realidade dos povos latino-americanos análoga, postula-se que a Bíblia deveria ser lida a partir desse contexto.²²⁷

Mas, o biblista brasileiro alega que sua hermenêutica não teria se constituído de meras analogias entre a situação latino-americana e a narrativa bíblica, como se o interesse pelo texto fosse sufocado pelo desejo de reconstruir o contexto. Para ele, ao ler a Bíblia como texto literário – considerando as regras gramaticais das línguas originais, o sentido exato das palavras, as formas, etc. – o intérprete poderia evitar uma série de arbitrariedades. Ele afirma que o sentido dos textos bíblicos não estaria nas estruturas linguísticas, mas nos rastros da dinâmica social que os perpassam.²²⁸ Isso teria orientado sua busca exacerbada pelos “*setores sociais e as lutas populares que geraram e criaram os textos*”²²⁹ [grifo do texto]. Deste modo, no âmbito de suas alegações, ele teria se debruçado especialmente sobre as narrativas de libertação, objetivando contextualizá-las.²³⁰ Isso será abordado ao longo desta seção.

²²² RICHARD, Pablo. Bíblia: memória histórica dos pobres. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 1, p. 20-30, 1984. p. 20-25.

²²³ CROATTO, José S. *Hermenêutica bíblica: para uma teoria da leitura como produção de significado*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1986. p. 47-55.

²²⁴ SCHWANTES, Milton. “Não estendas tua mão contra o menino” (Observações sobre Gênesis 21 e 22). *Revista Ribla*, Petrópolis; São Leopoldo, v. 10, p. 24-39, 1991a. p. 29.

²²⁵ SCHWANTES, 1984c, p. 32-33.

²²⁶ SCHWANTES, 1991a, p. 28-29.

²²⁷ SCHWANTES, 1984b, p. 34.

²²⁸ SCHWANTES, 1984c, p. 32-33.

²²⁹ SCHWANTES, 1988b, p. 31.

²³⁰ SCHWANTES, 1988b, p. 31.

Para Croatto, a autoridade da Bíblia consiste em sua capacidade autônoma de produção de sentido e os pobres seriam os seus intérpretes privilegiados, porque a recebem em sua condição de texto único ou grande relato, reconhecendo-a como mensagem.²³¹ O leitor não estaria lendo um sentido, mas um texto. E dele extrairia um sentido toda vez que se o lesse.²³² Esta é a lógica do conceito ricoeuriano de *distanciamento*, pois o exegeta argentino considera que a redação atual dos relatos bíblicos tem a vantagem hermenêutica de estar muito distante dos eventos e, nesse ínterim, teria se recarregado de sentido.²³³ Para ele, importa a forma final do texto. Por isso, seria preciso substituir a busca pela referência histórica por uma referência do mundo do leitor atual.²³⁴ Em suma, a Bíblia deveria ser tomada como um texto estruturado e acabado. Ela está aí, com suas próprias chaves de leitura e sempre com uma *reserva-de-sentido*, explorada em cada leitura.²³⁵

Nisto consiste a crítica de Milton Schwantes ao estruturalismo francês, pois ele entende ser inviável restringir a interpretação somente no nível do texto final.²³⁶ Permanecer aí geraria um problema hermenêutico, porque esta metodologia seria “incapaz de fornecer a profundidade histórica e os contornos sociais de um texto”²³⁷. Para ele, a análise estrutural prescindiria completamente do contexto histórico, conferindo o “risco de perder a diacronia da vida e seus processos históricos”²³⁸. O biblista brasileiro teria entendido que os textos possuem sentidos históricos, exigindo uma metodologia mais detalhada e aprimorada – uma abordagem histórico-social.²³⁹ Segundo ele, a tarefa hermenêutica não deveria excluir esta proposta metodológica, mas diferenciá-la nitidamente. A análise do texto final, por si só, reforçaria a voz de dominação da sociedade israelita, pois não conseguiria localizar as memórias de emancipação e libertação comumente sufocadas pelos acréscimos literários.²⁴⁰

Para Milton Schwantes, boa parte da Bíblia foi constituída por *perícopes*.²⁴¹ Isto é, pequenas unidades literárias, completas em si e autônomas, que estariam na base da narrativa bíblica. Constituindo, sobretudo, o Pentateuco e a literatura profética.²⁴² Elas seriam a representação ideal da materialização da memória popular em texto escrito. Segundo ele, o

²³¹ CROATTO, 1986, p. 56.

²³² CROATTO, 1984, p. 219.

²³³ CROATTO, 1986, p. 37.

²³⁴ CROATTO, 1986, p. 21.

²³⁵ CROATTO, 1984, p. 218.

²³⁶ SCHWANTES, 1984c, p. 45.

²³⁷ SCHWANTES, 1986c, p. 58.

²³⁸ SCHWANTES, 1984c, p. 32-33.

²³⁹ SCHWANTES, 1984c, p. 49.

²⁴⁰ SCHWANTES, 1984c, p. 47-48.

²⁴¹ SCHWANTES, 1987a, p. 55.

²⁴² SCHWANTES, 1984c, p. 36.

estilo de uma perícopes não poderia se aproximar das estruturas estatais e do templo, mas do clã agrário. Este último seria “a microestrutura elementar na vida do povo [...] o lugar vivencial preferencial da perícopes”²⁴³. Ele afirma que a manifestação da cultura popular foi tão expressiva que a originalidade destas memórias se manteve viva mesmo no processo de transição da oralidade para a fixação textual. Neste sentido, a perícopes seria a portadora da dinâmica social do mundo antigo e, portanto, deveria integrar a “hermenêutica de reapropriação e atualização de tais escritos”²⁴⁴.

À luz desta hipótese, as perícopes ajudariam a desvelar os interesses e os conflitos sociais tecidos no texto bíblico. Para o biblista brasileiro, a Bíblia deveria ser lida e interpretada nesta ótica, pois a sociedade israelita teria sido caracterizada pela oposição entre o campo e a cidade.²⁴⁵ Segundo Hans de Wit, esta oposição teria também sua expressão literária, porque o campo estaria representado pelas perícopes e a cidade – Estado e templo – pelos grandes blocos literários.²⁴⁶ Ou seja, as unidades literárias menores teriam como pano de fundo a dinâmica social da periferia e as grandes narrativas expressariam os interesses da corte e do templo.²⁴⁷ Destarte, a tarefa hermenêutica, segundo propõe o biblista brasileiro, deveria privilegiar as perícopes e não a forma final do texto. Somente assim, a interpretação cresceria em relevância, pois alcançaria os porões da opressão e aprofundaria a dimensão da encarnação. Enfatizar apenas a forma final do texto bíblico seria uma maneira sutil de escamotear os diversos matizes que o perpassam. Neste sentido, a opção metodológica de Milton Schwantes pode ser entendida como uma tentativa de justiça hermenêutica.²⁴⁸

Milton Schwantes alega transpassar as fronteiras dos estratos literários e desvelar a pré-história oral dos textos bíblicos, bem como situar a experiência de Israel no seu contexto histórico-social.²⁴⁹ Para isto, ele recorreu às contribuições de Hermann Gunkel, que considerou o livro de Gênesis como uma coleção de sagas, isto é, um acervo de histórias provenientes do ambiente familiar. Compreendeu os escritos bíblicos como tradições vivas, explicadas à luz das experiências da comunidade em que nasceram e foram transmitidas. Desta forma, reconheceu que a história das origens dos textos precedia sua fixação por escrito.²⁵⁰ Daí deriva duas questões que permeiam a hermenêutica bíblica de Milton Schwantes e o modo como ele concebeu a Bíblia, a saber: o papel decisivo da memória

²⁴³ SCHWANTES, 1984c, p. 36.

²⁴⁴ SCHWANTES, 1984c, p. 36-37.

²⁴⁵ SCHWANTES, 1988c, p. 89.

²⁴⁶ WIT, 2002, p. 255.

²⁴⁷ SCHWANTES, 1984c, p. 35-37.

²⁴⁸ SCHWANTES, 1984c, p. 44-49.

²⁴⁹ SCHWANTES, 1984c, p. 32-38.

²⁵⁰ GUNKEL, Hermann. *Gênesis*. Macon: Mercer University Press, 1997. p. 7-87.

popular e da tradição oral – história pré-literária – e o contexto vital ou o lugar vivencial/social das tradições – *Sitz im Leben*.²⁵¹

No intuito de desnudar o pano de fundo histórico-social e os diferentes elementos presentes na história da sociedade israelita, o biblista brasileiro teria proposto a recomposição dos textos bíblicos a partir da crítica das formas (*Formgeschichte*) e da tradição (*Traditionsgechichte*). A aproximação da crítica das formas pretendia localizar o *Sitz im Leben* e mediante a aplicação da crítica da tradição, intentou-se compreender o contexto histórico, as tradições, as raízes sociológicas, religiosas, culturais, etc. dos textos bíblicos.²⁵² Na prática, ele teria colocado em relevo as principais instituições, personagens e eventos bíblicos, sobretudo da narrativa vétero-testamentária. Eles foram interpretados na ótica do conflito – campo *versus* cidade. De um lado, o exército, templo, estado, comerciantes, entre outros, constituem a elite opressora e/ou mantenedora da opressão. Por outro lado, os camponeses e as camponesas, mulheres e homens escravizados, o movimento profético, etc. integram o grupo dos oprimidos e/ou os defensores de seus interesses.²⁵³

Esta opção metodológica também apontaria para a crítica do biblista em relação à *teoria das fontes*, desenvolvida a partir das contribuições de Karl Heinrich Graf e Julius Wellhausen.²⁵⁴ Para ele, esta tese teria se mostrado fraca e insuficiente, pois, ao contrário do que se afirma, o Pentateuco não poderia ser considerado uma composição literária de quatro documentos (J, E, D, P). Para explicar o seu surgimento, seria “obrigatório clarear a componente básica destes livros: a perícopes”²⁵⁵. Assim como a análise estrutural, a hipótese documental não parte do fenômeno das pequenas unidades literárias e, portanto, ambas cometem o equívoco de privilegiar documentos abrangentes ou blocos literários maiores, prescindindo da dinâmica social que produziu as unidades literárias menores.²⁵⁶

Em resumo, Milton Schwantes entendeu as perícopes bíblicas como memória popular e campesina em torno de questões elementares e concretas da sociedade israelita. Elas teriam sido a voz dos empobrecidos e, para ele, essa perspectiva enriqueceria e aprofundaria a dimensão concreta da tarefa hermenêutica. Para alcançar seus objetivos, sua hermenêutica constitui-se em uma ampliação sociológica do *Sitz im Leben*, objetivando localizar as contradições históricas – de classes – existentes no mundo bíblico. O postulado da perícopes

²⁵¹ SCHWANTES, 1988b, p. 31-37.

²⁵² SCHWANTES, 1984c, p. 35-37.

²⁵³ SCHWANTES, 1988c, p. 89-90.

²⁵⁴ SKA, Jean-Louis. *Introduzione alla lettura del Pentateuco*: chiavi per l'interpretazione dei primi cinque libri della Bibbia. Roma: Edizioni Dehoniane, 2000. p. 5-6.

²⁵⁵ SCHWANTES, 1984c, p. 36.

²⁵⁶ SCHWANTES, 1984c, p. 36-37.

como memória popular deslegitima as redações finais como único critério para a interpretação e, concomitantemente, desloca a análise da teoria das fontes, inserindo uma investigação a partir da dinâmica social que teriam produzido os textos.²⁵⁷ Neste sentido, a Bíblia não seria meramente um texto, mas um mosaico de memórias perpassadas pelo conflito entre a cidade e o campo.²⁵⁸ No terceiro capítulo, esses aspectos serão abordados à luz das pesquisas contemporâneas. Segue-se na descrição dos aspectos inerentes à hermenêutica bíblica em análise.

Milton Schwantes alega propor uma hermenêutica bíblica regulada pela busca da história a partir dos empobrecidos. Interpretar a Bíblia significaria evocar os conflitos históricos subjacentes aos textos, bem como a imagem de Yahweh como um deus solidário que liberta as pessoas pobres da opressão.²⁵⁹ Ele procura identificar quem seriam os portadores e as portadoras das memórias e dos conteúdos, antes de se tornarem texto escrito. O que representa, como já dito, uma proposta de regressão à fase precedente à anotação escrita. Ele considera que, em muitos casos, “o nascedouro das tradições e dos conteúdos [...] *provém da vida do povo. O campesinato é o âmbito dos textos [...] responsáveis pela formulação dos conteúdos; ora setores sociais vinculados aos camponeses*”²⁶⁰ [grifo do texto].

O biblista brasileiro postula a memória do êxodo como uma chave de leitura para acessar o texto bíblico. Ele levou esta hipótese às últimas consequências. Para ele, o êxodo seria o coração da Bíblia e, portanto, imprescindível para compreender os desígnios de Yahweh, bem como para captar o sentido da história que este deus propõe para o seu povo.²⁶¹ Segundo ele, o êxodo constituiria uma tradição popular que perpassa toda a Bíblia. Não somente a Bíblia Hebraica, mas também o Novo Testamento, pois, a “crucificação e ressurreição de Jesus [...] está ancorada na libertação do Egito. O evento salvífico [...] está embebido no evento libertador do êxodo”²⁶². Mais tarde, em 2006, no II Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica, realizado em Goiânia, segundo Osvaldo Ribeiro, o próprio Milton Schwantes teria abandonado o êxodo como chave hermenêutica.²⁶³ Mas, no período histórico

²⁵⁷ SCHWANTES, 1984c, p. 48-49. Veja também: SCHWANTES, Milton. Origem dos textos. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 17, n. 2, p. 13-19, 2012a. p. 13-14.

²⁵⁸ SCHWANTES, Milton. A caminho de terra e liberdade: Gênesis 12 – um roteiro. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 7, p. 129-144, 1991b. p. 132.

²⁵⁹ SCHWANTES, 1989b, p. 18-19.

²⁶⁰ SCHWANTES, 1988b, p. 36.

²⁶¹ SCHWANTES, 1988a, p. 12.

²⁶² SCHWANTES, 1988a, p. 13.

²⁶³ RIBEIRO, Osvaldo L. *Esboços de teologia crítica: reflexões no caminho da superação da teologia clássica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 177. A conferência mencionada por Osvaldo Ribeiro foi publicada na seguinte obra: SCHWANTES, 2008a, p. 89-99. Na leitura realizada pelo autor desta pesquisa – não ouvinte da conferência de Milton Schwantes – não foram localizados argumentos contundentes que evidenciem o suposto

averiguado na pesquisa, a relevância do êxodo foi assumida reiteradamente na literatura em tela. Por isso, como prometido no primeiro capítulo, é necessário aprofundar um pouco mais sobre o tema. Este assunto também será retomado no próximo capítulo à luz das recentes pesquisas no campo da sociologia da Bíblia.

Em Milton Schwantes, o êxodo adquire um sentido tanto para a fé quanto para a história do povo israelita. É considerado o eixo hermenêutico que sustenta duas concepções cruciais: a Bíblia como um testemunho sobre Yahweh e a memória da libertação como experiência fundante da sociedade israelita.²⁶⁴ A primeira implica na afirmação de que os textos bíblicos “não são documentos históricos. São antes testemunhos”²⁶⁵. Isto é, o êxodo seria o momento privilegiado para a revelação do agir histórico de Yahweh a partir dos fracos. Para ele, esta ação perpassa a Bíblia e nos livros que predominam leis e mandamentos, a memória do êxodo foi reformulada em *confissões de fé*.²⁶⁶ Assim como Gerhard von Rad defendeu a hipótese da preservação do cerne do Hexateuco – Pentateuco – nos *credos históricos* (Dt 26,5b-9; Dt 6,20-24; Js 24,2b-13) e radicalizou o êxodo como evento que modela a fé de Israel,²⁶⁷ o biblista brasileiro assenta que estas, e muitas outras passagens, desembocam no êxodo libertador.²⁶⁸

Ele apresenta Deuteronômio 6,21-23 como a síntese do êxodo e como o âmago da confissão de fé do povo estruturado no testemunho do agir histórico de Yahweh.²⁶⁹ O êxodo libertador foi tomado pelo biblista como o cerne da Bíblia. Para ele, até os mandamentos foram estruturados na perspectiva do êxodo, porque teriam sido constituídos para a preservação da libertação das pessoas pobres, e não o oposto. Assim, o sentido dos mandamentos bíblicos não poderia ser reduzido à imposição de deveres sobre o povo. Mas, seriam tomados como práticas cotidianas e exercícios de liberdade a partir da libertação e em função dela. Por isso, ele entendeu que “pode-se, pois, dizer que o êxodo encaminha o discernimento ético”²⁷⁰.

abandono da perspectiva exodal. No texto escrito e publicado, Milton Schwantes assume a necessidade de uma reavaliação do tema do êxodo. De qualquer modo, a pesquisa não poderia deixar de registrar o argumento-contributo de Osvaldo Ribeiro e, portanto, deixa a questão em aberto para futuras pesquisas.

²⁶⁴ SCHWANTES, 1988a, p. 9-18.

²⁶⁵ SCHWANTES, 1988a, p. 14.

²⁶⁶ Compreendidas pelo autor no sentido de breves formulações ou sínteses que perfazem a fé do povo de Israel. Confira: SCHWANTES, 1988a, p. 12.

²⁶⁷ RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Aste, 2006. p. 174-177.

²⁶⁸ SCHWANTES, 1988a, p. 10-12.

²⁶⁹ SCHWANTES, 1988a, p. 11.

²⁷⁰ SCHWANTES, 1988a, p. 13.

Segundo Milton Schwantes, o testemunho bíblico de Yahweh evidencia sua oposição aos poderosos e opressores, porque o “seu alvo é a liberdade de gente escravizada”²⁷¹. Yahweh, nestes termos, torna-se subversivo e age a partir do grito do povo oprimido,²⁷² e determina a história em benefício de “um punhado de gente escrava sem terra e sem templo”²⁷³. Nos conflitos históricos e de classes, se revela solidário aos crucificados, libertando-os da opressão para a liberdade.²⁷⁴ Como mencionado no capítulo anterior, o agir histórico de Yahweh não foi interpretado como um ato de violência na literatura em apreço. Mas, como uma (re) ação ao grito de quem a sofre de modo incisivo. Por isso, para o biblista brasileiro, o “testemunho a respeito de Javé irá por em destaque o êxodo libertador. Não que este tenha sido único! [...] Mas, porque a própria Bíblia chama a atenção para o êxodo, torna-o paradigmático”²⁷⁵.

A segunda concepção considera o êxodo como a experiência precursora da sociedade israelita. Para Milton Schwantes, Israel resulta do encontro de diferentes grupos nas montanhas da terra de Canaã. De modo que constituíram um único projeto: o *tribalismo javista*. Segundo ele, estes grupos teriam atribuído o êxodo como experiência integradora e fundante de sua história.²⁷⁶ Para sustentar este argumento, o biblista brasileiro aderiu à tese de Norman Gottwald que sistematizou as origens de Israel, à luz das contribuições da sociologia e da antropologia.²⁷⁷ Nesta ótica, Israel primitivo surge de uma revolução camponesa, conquista autonomia na sociedade cananeia e se organiza de forma igualitária – política, social e economicamente – caracterizando uma forma antiestatal com liderança descentralizada. O retribalismo de Norman Gottwald inseriu a religião de Yahweh como *locus* de realidades organizacionais e ideológicas que revigoraram o movimento social pautado em relações igualitárias.²⁷⁸

No entanto, deve-se ressaltar que a hipótese da revolução camponesa ou revolução social, de Norman Gottwald, foi pulverizada à luz das contribuições da arqueologia. Segundo Israel Finkelstein e Neil Silberman, esta hipótese foi considerada demasiadamente especulativa e teórica e, portanto, logo deixou de contar com o amparo concreto da arqueologia. Para eles, as pesquisas recentes testemunham em oposição a ela, porque os novos

²⁷¹ SCHWANTES, 1984a, p. 157.

²⁷² SCHWANTES, 1984a, p. 151.

²⁷³ SCHWANTES, 1984a, p. 157.

²⁷⁴ SCHWANTES, 1989b, p. 16-19.

²⁷⁵ SCHWANTES, 1991b, p. 130.

²⁷⁶ SCHWANTES, 1988a, p. 14-17.

²⁷⁷ SCHWANTES, Milton. *Breve história de Israel*. São Leopoldo: Oikos, 2008b. p. 11-17.

²⁷⁸ GOTTWALD, Norman K. *As tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto – 1250-1050 a.C.* São Paulo: Edições Paulinas, 1986. p. 174-175.

dados arqueológicos, tanto nas terras baixas quanto nas terras altas israelitas, teriam evidenciado a impossibilidade de combinar, respectivamente, as realidades sociais de Canaã da Idade do Bronze Tardia e na Idade do Ferro I.²⁷⁹

Mesmo assim, esta hipótese fecundou na literatura do biblista brasileiro, sobretudo para reforçar suas concepções a respeito do êxodo. Por um lado, a experiência do tribalismo javista “aparece como hermenêutica dos atos de justiça de Javé, a defesa dos camponeses diminuídos em seu direito de vida”²⁸⁰. Por outro lado, é “uma interpretação da história a partir de gente espoliada [...] uma hermenêutica da história a partir dos empobrecidos”²⁸¹. Esta experiência ganhou centralidade em sua literatura, pois alude aos dois eixos do êxodo libertador, acima mencionados. Milton Schwantes não pretende propor o modelo tribal como alternativa socioeconômica para o seu tempo. Mas, recomenda a apropriação do método hermenêutico nele implícito. Isto é, a explicitação dos conteúdos bíblicos a partir das experiências e das práticas históricas intuídas no modelo de organização das tribos de Yahweh. Segundo ele, o javismo tem “seu berço na prática histórica”²⁸². O tema do agir histórico de Yahweh também será retomado no capítulo seguinte.

A interpretação que ele fez do êxodo, de modo incipiente, introduziu elementos da leitura bíblica na perspectiva da mulher. Assim como a mexicana Elsa Tamez propõe, por exemplo, ele supera certos preconceitos ideológicos interpretativos e busca romper com a tradicional invisibilidade da mulher em outras leituras contextuais.²⁸³ Ambos enfatizam a centralidade de mulheres escravas, ou consideradas pagãs e pobres, como Agar, que estiveram à margem das interpretações.²⁸⁴ Entrevistado pela autora, na década de 1980, Milton Schwantes considera ser a Bíblia um livro escrito em uma sociedade patriarcal e, por isso, “na Escritura há textos que vêm da voz da mulher; talvez tenham sido escritos por um homem [...] mas têm toda a manifestação do interesse e da cultura da mulher”²⁸⁵. Esta cultura não seria cidadina, mas do campesinato que garantia um lugar privilegiado para as mulheres.²⁸⁶

²⁷⁹ FILKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil A. *A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 333-339.

²⁸⁰ SCHWANTES, Milton. As tribos de Javé: uma experiência paradigmática. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 47, n. 185, p. 103-119, 1987b. p. 117.

²⁸¹ SCHWANTES, 1987b, p. 117-118.

²⁸² SCHWANTES, 1987b, p. 118-119.

²⁸³ ALTHAUS-REID, Marcela M. Demitologizando a teologia da libertação: reflexões sobre poder, pobreza e sexualidade. In: SUSIN, Luiz C. *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 445-470.

²⁸⁴ TAMEZ, Elsa. A mulher que complicou a história da salvação. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 7, p. 56-72, 1987. p. 58-61.

²⁸⁵ TAMEZ, Elsa. *Teólogos da libertação falam sobre a mulher*. São Paulo: Loyola, 1989. p. 103.

²⁸⁶ TAMEZ, 1989, p. 102-103.

A despeito desta afirmação, é preciso reconhecer que Milton Schwantes operou dentro dos limites epistemológicos de seu tempo. Sua literatura não menciona travestis ou *gays* pobres, por exemplo. Não superando, assim, os modelos colonialistas e patriarcais de identidade, sobretudo, uma identidade cristã.²⁸⁷ Porém, enfatiza-se o papel central da mulher na trajetória do povo israelita, como portadoras da memória da libertação que produziram os textos bíblicos e sua resistência e oposição ao Faraó. Segundo ele, a “memória do êxodo atribui, inclusive, funções sacerdotais à mulher”²⁸⁸, bem como reforça a defesa pela sua imagem divina, pois a ação histórica de Yahweh também tem “jeito de mãe [...] tem feições de aconchego maternal”²⁸⁹. Com efeito, ele postula que a Bíblia deveria ser lida nesta “busca do êxodo de mulheres e homens massacrados e deformados por séculos de exploração”²⁹⁰.

Entretanto, tal contribuição não desvalida a reflexão crítica sobre a centralidade do êxodo no âmbito da Teologia da Libertação.²⁹¹ Em um artigo publicado recentemente, Ivone Gebara recupera alguns elementos históricos e conceituais da Teologia da Libertação em relação às mulheres. Segundo ela, apesar dos esforços de alguns teólogos e biblistas da libertação, não foi possível romper com as amarras da dogmática aos conceitos patriarcais excludentes:

As mulheres não tinham nada de especial. Entravam como parte do povo [...] anônimas ou coadjuvantes de uma história de outros [...]. O Deus amante dos pobres, seu libertador, seu justiceiro, pouco olhava para as mulheres e suas formas particulares de sofrimento. Estupradas, exploradas no trabalho, violentadas, prostituídas, empobrecidas pelas guerras, não se sentiam dignas desse Deus amante. [...] O Deus dos pobres e da libertação não gostava de mulheres que faziam aborto, não gostava das que denunciavam a violência masculina, não gostava das sexualidades diferentes, do cheiro das menstruações, das dores do parto, dos anticoncepcionais, dos preservativos, da educação sexual para os homens.²⁹²

Apesar da exclusividade conferida ao êxodo na hermenêutica bíblica de Milton Schwantes e o resgate do papel central da mulher na libertação do Egito, não se aprofunda as tensões com a sexualidade humana no movimento bíblico latino-americano, na teologia, na política, na sociedade e nos espaços religiosos. À luz dessa crítica, o biblista brasileiro introduz questões inerentes à leitura bíblica feminista, mas parece não problematizar as diferentes maneiras de subordinação dos corpos na lógica de um sistema religioso

²⁸⁷ ALTHAUS-REID, 2006, p. 458-459.

²⁸⁸ SCHWANTES, 1988b, p. 34.

²⁸⁹ SCHWANTES, Milton. Era um menino: a experiência faz a diferença. *Revista Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 9, p. 17-25, 1992d. p. 21.

²⁹⁰ SCHWANTES, Milton. Jonas: “os ninivitas creram em Deus”. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 31, p. 27-34, 1991c. p. 131.

²⁹¹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 151-236.

²⁹² GEBARA, Ivone. A Teologia da Libertação e as mulheres. *Revista Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 23, [n.p.], 2020. [online]. [n.p.].

patriarcal.²⁹³ Ao focar o êxodo ele segue em outra direção e isso precisa ser explicado, considerando o modo como ele aborda o texto bíblico. O que exige alguns apontamentos preliminares.

Para lograr êxito, na ótica de Milton Schwantes, a hermenêutica bíblica precisaria “ir às raízes do testemunho escriturístico”²⁹⁴, pela mediação da língua original, especialmente o hebraico, para “formular o núcleo bíblico em termos de opressão e libertação”²⁹⁵. Por isso, ele se refere à Bíblia Hebraica com o acrônimo *TaNak*²⁹⁶. Embora se reconheça a relevância das traduções da *Septuaginta* (LXX) e da *Vulgata*, ele compreende que o retorno às fontes e o resgate dos originais seria uma das maiores contribuições de Martinho Lutero, pois, “Lutero promoveu [...] uma leitura bíblica que fosse além da tradução latina, da qual, em seu tempo, se usava partir na exegese bíblica, e que recorresse às línguas bíblicas: ao hebraico, ao aramaico e ao grego”²⁹⁷. Portanto, a Bíblia Hebraica teria sido assumida por Milton Schwantes como ponto de partida para a interpretação bíblica, bem como para a investigação do eixo hermenêutico que a constitui, a saber: a profecia, pois “está correlacionada à fidelidade à palavra escrita”²⁹⁸.

Para o biblista brasileiro, a Bíblia é palavra (*dabar*), e a palavra é profética. A literatura profética, além de estar no centro, constitui a maior parte no conjunto da Bíblia Hebraica. Isto deve ser entendido no sentido cartesiano. O bloco dos *Nebiim* é quantitativamente maior em relação à *Torah* e os *Ketubim*.²⁹⁹ Desta forma, sua localização e sua extensão teriam sido tomadas como critério hermenêutico para afirmar o sentido único da Bíblia: ela é profética. A profecia seria o fio condutor da interpretação bíblica, em Milton Schwantes.³⁰⁰ Ele entendeu que os profetas compreenderam a *dabar* em sua dupla dimensão: abstração e reificação. Ou seja, simultaneamente, a palavra é pensada e concreta. Com efeito, para ele, não há *dabar* sem contexto.³⁰¹ A Bíblia sem o concreto seria fantasia. Seus leitores e

²⁹³ ALTHAUS-REID, 2006, p. 468-470.

²⁹⁴ SCHWANTES, 1984b, p. 33.

²⁹⁵ SCHWANTES, 1984b, p. 34.

²⁹⁶ Trata-se do cânon oficial judaico de escrituras, chamado pelos cristãos de Antigo Testamento, dividido em: *Torah* (Pentateuco), *Nebiim* (Profetas) e *Ketubim* (Escritos). Para mais detalhes, confira: ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 165-172.

²⁹⁷ SCHWANTES, 1984b, p. 32-33.

²⁹⁸ SCHWANTES, 1984b, p. 33.

²⁹⁹ ARENS, 2007, p. 165.

³⁰⁰ SCHWANTES, Milton. *A força criadora e libertadora da Palavra (1/5)* [YouTube, 10 set. 2004]. São Paulo: Gustavo Martins, 2004a. (25min 01s – 27min 02s). [online].

³⁰¹ SCHWANTES, Milton. *A terra não pode suportar suas palavras: reflexões e estudo sobre Amós*. São Paulo: Paulinas, 2004b. p. 12.

leitoras seriam pessoas que têm fome e sede e, por isso, a palavra não entraria somente pelos ouvidos. Mas, também pela boca.³⁰²

Mas, o objetivo central da profecia, segundo a hipótese do biblista brasileiro, seria contestar o Estado e organizar o povo. Os profetas não suportam os totalitários e denunciam o Estado como matriz da opressão e grande produtor da miséria. O profeta Oséias, por exemplo, é interpretado como “um dos mais típicos teólogos do êxodo, da libertação”³⁰³. Ele teria bebido das tradições do êxodo e recorrido à força desta memória para anunciar esperanças para o futuro.³⁰⁴ Além disso, nesta ótica, a profecia seria a “expressão maior da força do povo, do tribalismo [...] organizam e apoiam o povo a partir de suas necessidades [...] não só acusam as elites das cidades, mas também, em meio ao povo, vão ajudando a fazer aparecer melhor o projeto tribal”³⁰⁵. A profecia não substitui o evento do êxodo na hermenêutica bíblica de Milton Schwantes. Mas, estaria fazendo a sua releitura e, de modo peculiar, estaria “associada à experiência de libertadores e libertadoras [...] Profetas e profetisas [seriam] continuadores de Moisés”³⁰⁶.

Como apontado no primeiro capítulo, é preciso sinalizar neste momento que a leitura dos profetas em Milton Schwantes rompe com os modelos de exegese do século XIX e com as interpretações influenciadas pela perspectiva de *dominação carismática*³⁰⁷ weberiana. De modo geral, as perspectivas do século XIX teriam se concentrado na definição das raízes proféticas em meio ao mundo religioso da época e na descrição das ideias teológicas, das funções cúlitas, entre outras. Para Robert Wilson, essas pesquisas deram pouca atenção aos profetas como figuras humanas intimamente relacionadas com o seu contexto social.³⁰⁸ Para o biblista brasileiro, essas perspectivas ao lado dos modelos de autoridade carismática demonstram pouco interesse pelo lugar social dos profetas e tendem a fixar sua intelectualidade no âmbito das classes dominantes. Para ele, os profetas devem ser localizados na estrutura primária do clã e dos vilarejos do mundo bíblico, ou seja, nas tradições e nos

³⁰² SCHWANTES, 2004a, 23min 06s – 23min 15s.

³⁰³ SCHWANTES, 1992d, p. 20.

³⁰⁴ SCHWANTES, 1992d, p. 20.

³⁰⁵ SCHWANTES, 1992b, p. 15.

³⁰⁶ SCHWANTES, Milton. “Faze sair meu povo Israel do Egito”: anotações sobre Êxodo 3. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XII, n. 14, p. 23-34, 1998b. p. 23-24.

³⁰⁷ Veja mais em: WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4. ed. Brasília: UNB, 1998. p. 326-331.

³⁰⁸ A obra de Robert Wilson apresenta um panorama em relação aos métodos e às perspectivas americanas e alemãs realizadas nos estudos do Antigo Testamento, nos séculos precedentes, alegando que não se deu a devida atenção à importância da profecia no quadro social da sociedade israelita. Veja mais em: WILSON, Robert R. *Profecia e Sociedade no antigo Israel*. 2. ed. São Paulo: Targumim; Paulus, 2006. p. 17-36.

círculos populares que constituem o mundo periférico do campesinato da sociedade israelita.³⁰⁹

Sua leitura da profecia bíblica pode ser resumida e compreendida à luz do seguinte argumento:

Nos profetas está presente a oposição aos dominantes, tanto em retórica quanto em conteúdo; a tradição espiritual-intelectual provém da sabedoria popular; encontram-se inseridos na situação econômica da periferia provinciana. [...] não têm seu lugar social nas esferas e funções religiosas e teológicas da elite, mas em lutas populares e nos movimentos camponeses, dos quais brotaram [...] leiamos os profetas desde o lugar social e econômico periférico do qual provinham.³¹⁰

Para Milton Schwantes, a chave para a leitura dos profetas seria a oposição destes à monarquia, porque o conteúdo da fala profética representaria uma crítica à estrutura do reinado. Ele acredita que as pesquisas que o precederam – sobretudo no século XIX – deixaram esse aspecto à margem quando buscaram entender o fenômeno profético perguntando exclusivamente por suas raízes religiosas, bem como outras perspectivas teriam cometido um equívoco ao afirmar que os profetas emergem do culto, mas o transcendem carismaticamente em sua mensagem e inovação religiosa. Em sua ótica, o movimento social constitui a matriz da literatura profética, por isso, “a pergunta pela dinâmica das relações sociais é incorporada à interpretação [...] são mediações hermenêuticas em textos proféticos”³¹¹. Portanto, ele alega que os profetas estavam vinculados aos movimentos sociais e populares do mundo bíblico.

Por isso, as CEBs foram consideradas pelo biblista brasileiro como o espaço privilegiado para ler e interpretar a Bíblia. Nelas, “a gente simples se identifica com as histórias de libertação, com as denúncias dos profetas”³¹². De acordo com Carlos Mesters, o povo reunido em comunidade demonstra uma atitude hermenêutica que não se detém no texto ou no conteúdo. Mas, os tomam como ponto de apoio e de partida para revelar um sentido ulterior relacionado à sua vida e à situação que vive.³¹³ Estas seriam as bases para o recrudescimento de uma igreja profética e de rosto popular, como abordado no primeiro capítulo. Para Milton Schwantes, “ao se reapropriar da Escritura, as comunidades dos empobrecidos se reapropriaram de seu direito à vida [...] sintonizam os conteúdos

³⁰⁹ SCHWANTES, 1982a, p. 119-123.

³¹⁰ SCHWANTES, 1982a, p. 124-125.

³¹¹ SCHWANTES, 1985a, p. 38.

³¹² SCHWANTES, 1989b, p. 10.

³¹³ MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 31.

escriturísticos desde uma perspectiva concreta e material e desde uma prática de luta e conflito”³¹⁴.

A hermenêutica bíblica de Milton Schwantes se mostra atravessada e orientada pelo modo como ele interpretou os conflitos sociais e políticos de seu tempo e a Bíblia funciona como mediadora de uma ação transformadora – práxis profético-ecumênica – em prol dos movimentos populares de sua época. Ele teria intencionado atuar como um profeta, advindo da periferia e do campo,³¹⁵ para mobilizar os setores populares com uma leitura bíblica engajada nas lutas sociais e políticas. Os movimentos populares teriam sido imprescindíveis para o acolhimento de um conjunto de exigências dos setores populares, em um contexto de crise socioeconômica como efeito da repressão iniciada pela ditadura militar, bem como em circunstâncias de crise eclesiástica, como explicado no primeiro capítulo. Por isso, sua hermenêutica alega uma oposição às relações de dominação, objetivando a organização dos setores que teriam sido prejudicados pela industrialização capitalista: “nas últimas décadas se deram avanços consideráveis na resistência, [...] houve um incremento na organização e [...] foi posto o embrião de novos modelos sociais através de grupos e comunidades de base”³¹⁶.

Em síntese, Milton Schwantes compreende a Bíblia como literatura popular e campesina fomentada pelos setores mais empobrecidos do Israel primitivo. Ele alega que a memória dos pobres foi ganhando consistência lentamente até se fixar definitivamente em texto escrito. Por isso, a Bíblia deveria ser interpretada na perspectiva do conflito, assumindo a memória do êxodo como paradigma hermenêutico.³¹⁷ As CEBs constituiriam o *locus* privilegiado para a leitura e interpretação da Bíblia como uma palavra profética que denuncia o Estado opressor e anuncia um futuro de expectativas. O texto bíblico, no horizonte do autor, não poderia ser compreendido como um texto pronto e acabado, mas como um mosaico de fragmentos de memórias populares preservadas em perícopes. A Bíblia é tomada pelo autor como um livro essencial para a luta dos operários e dos trabalhadores rurais de seu tempo e o fio condutor de sua interpretação seriam os profetas.³¹⁸

Como será abordado a seguir, isso resulta da aplicação de uma metodologia exegética que se apropria de uma leitura política da realidade como axioma hermenêutico. Mesmo assim, os principais aspectos aqui delineados deverão ser retomados no terceiro capítulo no

³¹⁴ SCHWANTES, 1987a, p. 48-50.

³¹⁵ SCHWANTES, 2006a, p. 53.

³¹⁶ SCHWANTES, 1984a, p. 148.

³¹⁷ SCHWANTES, 1989b, p. 16-19.

³¹⁸ SCHWANTES, 1989a, p. 17.

intuito de averiguar as hipóteses do biblista brasileiro em relação às pesquisas atuais no campo da teologia bíblica, especialmente em uma perspectiva sociológica.

2.2 Metodologia exegética

A metodologia exegética de Milton Schwantes não foi sistematizada em uma obra específica ou em um manual de exegese. Porém, através da análise de seu *corpus* literário, é possível perceber os passos exegéticos aplicados pelo autor. Para a tarefa exegética, ele teria considerado ser essencial estudar a estrutura literária de cada perícopo e, por isso, como já delineado anteriormente, aderiu à escola da crítica das formas – *Formgeschichte*. Assim, seria possível reconstituir a forma, o ambiente e o conteúdo dessas pequenas unidades literárias. Ao mesmo tempo, era preciso também perguntar pelas prováveis tradições orais subjacentes a elas. Para isto, a orientação da escola da crítica da tradição – *Traditionsgeschichte* – foi imprescindível.³¹⁹ O diferencial de seu método em relação à escola alemã de exegese consiste na afirmação de que o trabalho exegético não seria o objetivo final. Mas, constituiria o primeiro passo na busca pelo sentido profético da Bíblia e doravante aplicação à pastoral.³²⁰

No esforço da tradução dos textos vétero-testamentários, além da seleção criteriosa das palavras, ele tomou como base a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS).³²¹ A mediação do idioma original pavimentaria acesso às fontes mais antigas.³²² Em sua análise de Isaías 8,1-4, por exemplo, fez-se uma tradução literal do hebraico bíblico com alguns ajustes gramaticais e léxicos, tornando esta perícopo mais inteligível. Mas, estrategicamente, o fluxo narrativo de uma determinada expressão teria permanecido inalterado para nortear a análise.³²³ No ato de traduzir, manteve-se a estrutura sintática e o jogo de palavras da expressão *maher xalal bax baz*, traduzida como “rápido presa, pressa saque”³²⁴, que soa estranho no contexto cultural e

³¹⁹ Horácio Simian-Yofre prefere evitar o uso dos termos *Formgeschichte* e *Traditionsgeschichte*, pois designam somente os eventuais resultados da aplicação dos métodos histórico-críticos. Desta forma, os termos não devem ser empregados como sinônimos dos termos *Formkritik* ou *Traditionskritic*, por exemplo. Estes últimos devem ser tratados como momentos dos métodos histórico-críticos. A pesquisa não faz esta diferenciação, porque, além dela não ser notada nos textos de Milton Schwantes, entende-se que ele não se detém nos limites da exegese histórico-crítica alemã, mas vai incluindo uma leitura sociológica da Bíblia. Por isso, ele está mais interessado nestes resultados. Sobre a argumentação de Simian-Yofre, veja mais em: SIMIAN-YOFRE, Horácio. *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 77.

³²⁰ SCHWANTES, 1984c, p. 40.

³²¹ SCHWANTES, Milton. A cidade da Justiça: estudo exegético de Is. 1.21-28. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 22, n. 1, p. 5-48, 1982b. p. 6-7.

³²² SCHWANTES, 1984b, p. 33-34.

³²³ SCHWANTES, Milton. Armas não armam tendas de paz: observações sobre Isaías 8,1-4. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XVII, n. 25, p. 207-214, 2003. p. 208.

³²⁴ SCHWANTES, 2003, p. 208-209.

linguístico contemporâneo. Mas, seria essencialmente eficaz para enfatizar a função simbólica desta expressão no texto.³²⁵ Feito isto, dedica-se a interpretar e explicar seus significados.³²⁶

Além de cotejar as traduções no vernáculo, em alguns textos, Milton Schwantes aplicou a crítica textual.³²⁷ Isto foi feito na análise da perícopre de Isaías 1,21-28, no intuito de notar as diferenças entre os vários manuscritos que a transmitiram. Trata-se de identificar se esta pequena unidade literária passou por processos de evolução e crescimento no decorrer do tempo. Localizadas as variantes, ele as teria avaliado tendo como critério a correspondência com o texto original e o período da composição das cópias. Após a análise textual, apresenta-se o resultado: “olhando para o todo de nossa passagem, constato tratar-se de um texto que aproximadamente desde o 3º/2º século a.C. não sofreu mudanças significativas”³²⁸. Isso significa que apesar de algumas diferenças em relação às traduções – especialmente a LXX e algumas propostas de alteração do texto massorético – esta perícopre teria sido transmitida com fidelidade.³²⁹

A análise da forma seria um dos passos metodológicos predominantes no procedimento exegético de Milton Schwantes. De modo geral, este teria sido o momento no qual ele visava delimitar a perícopre, sua estrutura e as partes que a integram, bem como sua integridade literária – rupturas ou coesão. Além disso, observa-se e identifica-se o estilo e o gênero literário dos textos.³³⁰ Estes seriam, para ele, traços fundamentais que evidenciam a identidade das unidades literárias menores, isto é, o “rosto e o jeito de ser [dos] versículos”³³¹. Esta análise tornaria o campo fértil para perscrutar as intencionalidades presentes no processo de transmissão bem como o *Sitz im Leben* dos textos, como será explicado adiante.

Em seu estudo exegético dos salmos de peregrinação, Salmos 120-134 – com exceção do Salmo 132, considerado obra de artistas – analisa-se a forma para assegurar a sua fragmentariedade. Nesta publicação póstuma, a aplicação da análise da forma foi sintetizada no intuito de destacar os conteúdos destes escritos. Porém, nota-se que a delimitação das pequenas unidades literárias pressupõe a localização das possíveis rupturas, antes e depois do texto, de modo que se esclareça o seu início e fim. Resultando, pois, na afirmação de que cada um dos salmos de subida de Jerusalém eram textos descontínuos que nasceram pequenos, do

³²⁵ SCHWANTES, 2003, p. 212-214.

³²⁶ SCHWANTES, 2003, p. 209-214.

³²⁷ SCHWANTES, 1982b, p. 6-9.

³²⁸ SCHWANTES, 1982b, p. 9.

³²⁹ SCHWANTES, 1982b, p. 6-9.

³³⁰ SCHWANTES, 1982b, p. 9-16.

³³¹ SCHWANTES, 1982b, p. 15.

tamanho da memória e não do papel.³³² Em relação à análise destes salmos, a delimitação da perícopes de Isaías 1,21-28 teria recebido atenção especial, pois foram expostas as marcas textuais que indicam mudanças na linguagem, no tema, etc., para depois seguir na investigação das características internas desta perícopes.³³³

Ele prossegue no intuito de identificar o estilo através da observação de como a linguagem está estruturada no texto. Para ele, na perícopes de Isaías 1,21-28, perpassam dois estilos diferentes: poesia e lamentação fúnebre. Ele deduz essas características a partir do estudo dos paralelismos – sinonímico, sintético ou antitético – e da métrica observados no texto hebraico. Os paralelismos seriam marcas da poesia hebraica e as características métricas aproximariam esta perícopes da lamentação fúnebre.³³⁴ Feito isto, parte-se para a identificação do gênero literário, objetivando a classificação do texto em diferentes modelos narrativos.³³⁵ Para o biblista brasileiro, trata-se de “uma das muitas *palavras proféticas contra um coletivo* que, como particularidade, contém acréscimos de elementos do *hino fúnebre*”³³⁶ [grifo nosso].

Concluída esta etapa, o interesse do biblista brasileiro recairia sobre o ambiente do texto, isto é, o seu *Sitz im Leben*. Para ele, esta não seria apenas uma busca pelo contexto de produção da perícopes, enquanto texto escrito, mas também das circunstâncias de repetição e disseminação, no nível da oralidade. Ou seja, os diferentes contextos vivenciais/sociais em que as memórias populares teriam sido (re) citadas ou (re) vividas.³³⁷ O biblista brasileiro parte do pressuposto de que a perícopes teria “suas raízes na realidade”³³⁸. Por isso, a tarefa exegética precisaria indicar seu *locus* na sociedade. Este seria momento no qual se procura verificar a data do texto, ambiente histórico, setores da sociedade implicados, contexto religioso, ambiente histórico-social mais amplo – como políticas internacionais, por exemplo – relações sociais imediatas, entre outros aspectos.³³⁹ A perícopes de Isaías 1,21-28 foi localizada, portanto, “nas experiências de luta da população marginalizada em Jerusalém”³⁴⁰. Deste modo, a exegese estaria sendo instrumentalizada – à luz da ampliação sociológica do

³³² SCHWANTES, Milton. *Salmos da vida: a caminho da justiça – Salmos 120-134*. São Leopoldo: Oikos, 2012b. p. 15-32.

³³³ SCHWANTES, 1982b, p. 9-10.

³³⁴ SCHWANTES, 1982b, p. 10-15.

³³⁵ OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 227-251.

³³⁶ SCHWANTES, 1982b, p. 15-16.

³³⁷ Aqui a influência de Herman Gunkel é gritante, pois, neste momento, Milton Schwantes pretende desnudar a fase oral pré-literária, objetivando evocar o contexto sociológico através da forma característica do texto. Confira: SCHWANTES, 1982b, p. 15-16.

³³⁸ SCHWANTES, 1982b, p. 16.

³³⁹ SCHWANTES, 1982b, p. 16-21.

³⁴⁰ SCHWANTES, 1982b, p. 21.

Sitz im Leben – para auxiliar o próximo passo, isto é, os processos interpretativos dos textos bíblicos, inserindo-os na ótica do conflito.³⁴¹

A análise do ambiente desta perícopé aponta ainda para outro aspecto norteador da metodologia exegética de Milton Schwantes. Segundo ele, “o estudo do lugar nos foi mostrando que não é suficiente ler as palavras como formulações idealizadas pela intenção de um autor, mas que se faz necessário perceber através delas as lutas sociais da época”³⁴². Neste sentido, ele não estaria operando exegética e hermeneuticamente à luz dos postulados teórico-metodológicos de Friedrich Schleiermacher. Para este último, o intérprete deveria operar histórica e divinatoriamente. O termo *divinatório* alude à interpretação psicológica, pressupondo o acesso, através do texto, a mente ou a intenção do autor/escritor.³⁴³ Milton Schwantes alega não intencionar acessar ou recriar os processos mentais dos autores do texto bíblico, mas teria sustentado seus argumentos à luz da reconstrução histórica do Israel primitivo e de suas organizações sociais. Isso caracteriza seu horizonte histórico-social.³⁴⁴ E significa que o sentido/conteúdo do texto não estaria vinculado aos seus autores ou redatores – assim como o axioma de Schleiermacher – mas, ao ambiente no qual foi localizado.³⁴⁵

A análise do conteúdo dos textos teria sido o momento privilegiado da exegese do biblista brasileiro, pois consiste na observação minuciosa das frases que constituem cada uma das subunidades – estrofes ou parágrafos – localizadas na análise das formas. Para apreender os conteúdos da perícopé de Isaías 1,21-28, ele analisou as palavras, depois as frases e suas subunidades. Depreende-se que estas subunidades seriam estruturadas pelas frases. O texto, no conjunto, seria formado por estas subunidades, constituindo o campo semântico. Não é verdade que ele assuma que o conteúdo do texto esteja desvinculado do ambiente em que foi localizado. Ao contrário, para ele, as referências extratextuais identificadas na análise do conteúdo sempre serão congruentes em relação ao ambiente.³⁴⁶ Através desta análise, o autor argumenta perceber se este conteúdo implica ou mapeia as situações de conflito do mundo antigo. O interesse recairia, novamente, sobre o sentido histórico-social da perícopé, reforçando a hipótese de que esta seria uma característica preponderante em sua metodologia exegética.³⁴⁷

³⁴¹ SCHWANTES, 1989b, p. 18-19.

³⁴² SCHWANTES, 1982b, p. 21.

³⁴³ SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Hermeneutics and criticism: and other writings*. Cambridge: Cambridge Press, 1988. p. 3-9, 228.

³⁴⁴ SCHWANTES, Milton. *História de Israel: local e origens*. 4. ed. São Leopoldo: Oikos, 2008c. p. 11-16.

³⁴⁵ SCHWANTES, 1982b, p. 21.

³⁴⁶ SCHWANTES, 1982b, p. 21-46.

³⁴⁷ SCHWANTES, Milton. Salmos para o caminho: anotações hermenêuticas a partir dos Salmos 120 e 121. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 50, p. 96-101, 2005a. p. 96.

Feito este levantamento, parece adequado fazer algumas considerações sobre o método exegético em tela. Milton Schwantes parte da análise da forma para determinar um gênero literário que sempre vem carregado pelo seu ambiente, considerando que os conteúdos só poderiam ser significativos quando refletidos enquanto forma e ambiente. Ou seja, ele considerava ser necessário perguntar sobre *como* e *onde* os textos foram transmitidos. Neste sentido, compreende-se que sua metodologia elabora uma ampliação sociológica do *Sitz im Leben* proposto pelos Métodos Histórico-Críticos (MHC), porque estaria ultrapassando os limites de uma análise concentrada apenas nos elementos gramaticais, históricos e no contexto de surgimentos dos textos bíblicos, no intuito de captar as supostas contradições históricas – de classes – existentes no mundo bíblico. Por isso, ele teria priorizado “a pergunta pelos setores sociais e as lutas populares que geraram e criaram os textos”³⁴⁸ [grifo do texto].

O posicionamento analítico controlado por passos metodológicos localiza Milton Schwantes e seu método em uma perspectiva pragmática heurística.³⁴⁹ Porém, como já foi dito, para ele, o trabalho exegético não poderia ser o objetivo final. Idiomas originais, formas, histórias, tradições, entre outros, seriam elementos essenciais, mas não acabaria aí. Seria preciso resgatar os conteúdos bíblicos e conectá-los à realidade concreta.³⁵⁰ Neste sentido, há um deslocamento no campo pragmático de uma leitura heurística para uma leitura política do texto bíblico, que também pode ser considerado como o uso político do argumento heurístico,³⁵¹ como será observado na sequência.

Entretanto, quanto ao modo como o biblista brasileiro procede exegeticamente, seu método pode ser situado dentro dos limites teórico-metodológicos dos MHC.³⁵² Horário Simian-Yofre menciona três limites que devem ser considerados pelo exegeta que se utiliza

³⁴⁸ SCHWANTES, 1988b, p. 31.

³⁴⁹ Ou seja, interessa-se pelo sentido que este tinha quando foi escrito, pressupondo que foi produzido por um autor ou autores, para determinados destinatários e em uma circunstância histórica. Pergunta-se, portanto, sobre os eventos e como aconteceram. Deste modo, a leitura é determinada pelo objeto (ausente), pois emula a sociedade e, através de indícios, levanta hipóteses. Veja mais em: RIBEIRO, Osvaldo L. Viver hermeneuticamente no mundo: pragmática como ação humana intencional e situada. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 105-120, 2009. p. 115-116.

³⁵⁰ SCHWANTES, 1989b, p. 11.

³⁵¹ Ler o texto no contexto da pragmática política implica na atualização da Bíblia a partir dos valores de um determinado grupo. Neste caso, entendido na pesquisa como a projeção dos valores da Teologia da Libertação sobre o texto bíblico. Confira: RIBEIRO, 2009, p. 115-116.

³⁵² O debate sobre os limites dos MHC permanece atual e efervescente. A Revista Estudos Teológicos publicou, em 2019, um dossiê dedicado ao assunto, intitulado: *Métodos Histórico-Críticos de Interpretação Bíblica – Avaliação e Perspectivas*. O volume traz uma série de artigos que discutem os limites, a necessidade de renovação e as contribuições dos métodos. A título de exemplo, sobre a necessidade de demitizar os textos, levada às últimas consequências por Rudolf Bultmann, Elizangela Soares e Paulo Nogueira afirmam que uma hermenêutica demitizante não se mostra uma ferramenta adequada na abordagem de certas narrativas. Neste sentido, os MHC mostram-se limitados para essa tarefa. Veja: SOARES, Elizangela A.; NOGUEIRA, Paulo A. S. Exegese nos limites do sentido: os métodos histórico-críticos e as formas do monstruoso. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 59, n. 2, p. 413-427, 2019. p. 413-427.

dos MHC. O primeiro seria a “dificuldade de estabelecer relação objetiva entre o método histórico-crítico e outros resultados válidos obtidos por outras interpretações, como [...], pela exegese alegórica dos Padres ou pela leitura teológica do Magistério da Igreja”³⁵³. Para Milton Schwantes, a busca pelos núcleos de sentido do texto bíblico não poderiam ter a função de dogmatizar a interpretação, mas de facilitá-la. Por isso, os resultados de uma análise exegética deveriam ser compreendidos como formulações provisórias que carecem de contínua revisão e correção. Ou seja, “não poderá pretender concluir, mas abrir a conversa sobre as Escrituras”³⁵⁴. Em certo sentido, ele não extrapola esse primeiro limite teórico-metodológico.

O segundo limite apontado por Horácio Simian-Yofre diz respeito à incapacidade dos MHC alcançarem certas verdades teológicas ou de fé, isto é, “o método histórico-crítico atinge negativamente a verdade histórico-salvífica, na medida em que nos protege do perigo de entrar por caminhos errôneos, de depositar nossa confiança em hipóteses insustentáveis”³⁵⁵. No nível da análise exegética, conforme acima esboçado, o biblista brasileiro também não teria ultrapassado esse limite. Talvez, no nível hermenêutico isso tivesse ocorrido, pois, no procedimento exegético, enquanto se utiliza dos MHC, ele não se restringiu a afirmações genéricas. Ao contrário, a salvação foi traduzida em gestos concretos. Entretanto, no ato hermenêutico, a teologia teria significado decisivo na superação da opressão. Como já foi dito, para ele, a experiência libertadora de Yahweh, através de seu agir histórico, sobretudo no êxodo, seria a chave de leitura para a história.³⁵⁶ Ou seja, é no ato hermenêutico que se pode falar em superação de limites teórico-metodológicos.

O terceiro limite consistiria na “incapacidade de o método histórico-crítico abrir-se a uma interpretação atual do texto, superando assim a distância entre texto e leitor”³⁵⁷. No nível da exegese, Milton Schwantes se restringiu a análise da primeira fase do texto, isto é, a originária. Mesmo que toda a análise exegética por ele desenvolvida intencionasse a dar um passo rumo ao leitor atual, isto deveria ser entendido como uma atitude hermenêutica – *a posteriori*. Trata-se de uma fase sucessiva à exegese. Isso pode ser facilmente verificado na literatura do autor, pois boa parte de seus textos iniciam com a análise exegética e encerram com aplicações hermenêuticas. Nestes termos, sua metodologia exegética não teria ultrapassado as fronteiras dos MHC. Mas, também não seria correto afirmar que ele se

³⁵³ SIMIAN-YOFRE, 2011, p. 75.

³⁵⁴ SCHWANTES, 1989b, p. 16.

³⁵⁵ SIMIAN-YOFRE, 2011, p. 76.

³⁵⁶ SCHWANTES, 1991a, p. 32.

³⁵⁷ SIMIAN-YOFRE, 2011, p. 76.

satisfaz com os resultados obtidos neste primeiro nível. Pois, para ele, “exegese não só relê sentidos, igualmente perscruta história; dá-se na dinâmica entre sentidos e história”³⁵⁸, bem como “a exegese bíblica, de início, acontece no contexto da pastoral”³⁵⁹.

Este seria o momento da transição dos modos de leitura no campo pragmático ou que o biblista brasileiro tivesse recorrido ao uso político do argumento heurístico para sustentar suas proposições hermenêuticas. Se para a leitura heurística interessa sempre o texto enquanto objeto independente em relação ao leitor, para a leitura pragmática política, importa sempre um grupo específico no processo de sua atualização, pois a leitura política intercorre pela intenção do sujeito de estabelecer uma relação com o outro, através do texto.³⁶⁰ A pergunta pela origem social dos textos bíblicos insere Milton Schwantes em uma perspectiva heurística, pois, trata-se de uma abordagem diacrônica que realça a função histórica e cronológica do texto.³⁶¹ Porém, sua proposta hermenêutica de ressignificação/atualização dos conteúdos bíblicos, à luz do modo como ele define a realidade presente, teria inserido seu método na ótica de uma leitura política ou do uso político do fundamento heurístico. Segundo ele, seria necessário “explicitar a vivência comunitária de fé em nosso povo e o significado alentador e crítico que nelas, uma perícopes como a nossa, passa a assumir [...]. Nossa atualidade [...] está dentro dessa exegese [...] é o quadro referencial desta pesquisa”³⁶².

A subserviência da análise exegética à pastoral – logo, a transição da leitura heurística à leitura política ou a apropriação política da premissa heurística – seria o principal critério de aplicação do método proposto pelo biblista brasileiro. Na defesa da junção da pesquisa bíblica com a pastoral, ele afirma que “o método não fixa [...] o resultado. Porém, [...] auxilia a descobrir”³⁶³. Através da (re) descoberta da profundidade teológica do texto bíblico, ele alega evitar o risco de cair no perigo de esfacelar a interpretação em fragmentos exegéticos.³⁶⁴ Isso indica que a análise exegética, para ele, consiste na primeira dentre outras fases subsequentes. Neste sentido, ele não segue completamente os pressupostos da escola alemã de exegese, mas, superando-os, vai associando simbioticamente uma leitura sociológica da Bíblia a partir da ampliação sociológica do *Sitz im Leben* localizado na análise exegética.³⁶⁵ A despeito da

³⁵⁸ SCHWANTES, 1986c, p. 38.

³⁵⁹ SCHWANTES, 1984c, p. 40.

³⁶⁰ RIBEIRO, 2009. p. 115-116.

³⁶¹ SCHWANTES, 1988b, p. 31.

³⁶² SCHWANTES, 1982b, p. 47.

³⁶³ SCHWANTES, 1984c, p. 32.

³⁶⁴ SCHWANTES, 1982b, p. 5.

³⁶⁵ Segundo Uwe Wegner, os passos metodológicos que os MHC aprofundam podem e devem servir de subsídios também para a análise sociológica da Bíblia. Para mais detalhes sobre a análise materialista ou leitura sociológica da Bíblia, consulte: WEGNER, Uwe. A leitura bíblica por meio do método sociológico. *Revista Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 12, p. 3-28, 1993. p. 21.

influência recebida da academia europeia, Milton Schwantes se aproxima mais da exegese latino-americana e de suas apropriações *autóctones*, pois pretende aproximar a exegese científica à vida do povo.³⁶⁶ Para ele, “exegese precisa ajudar a virar, a revirar as ordens estabelecidas, as que criam pobres [...]. Exegese que repete se atola”³⁶⁷.

Mas, como proceder exegeticamente, segundo os critérios do biblista brasileiro? Para Milton Schwantes, o gesto exegetico seria muito simples e, ao mesmo tempo, poderia colocar tudo em risco.³⁶⁸ Após a aplicação dos passos metodológicos apresentados ele teria procurado localizar o que considerou ser o ponto nevrálgico do texto bíblico, ao explorar seus conteúdos. Trata-se daquilo que ele teria interpretado como o elemento concreto na narrativa bíblica. Segundo ele, “os estudos históricos e sociológicos nos mostram o quanto os conteúdos escriturísticos estão conectados a situações concretas, a momentos determinados”³⁶⁹. Essa afirmação aponta para sua predileção pela análise exegetica dos conteúdos, bem como para a ampliação sociológica do *Sitz im Leben*, acima mencionada. Nesta ótica, os elementos concretos estariam relacionados aos aspectos históricos e aos conflitos reais travados em uma sociedade tributarista. Ele considerou que a Bíblia estaria carregada dessas experiências – histórico-sociais – e, nesse sentido, seria um livro concreto. Por isso, como foi descrito na seção anterior, deveria ser lida e interpretada nesta perspectiva.³⁷⁰

Em seu comentário sobre Ageu, ele pretendeu localizar – através da aplicação do método – as peculiaridades literárias, o contexto histórico mais amplo, as características e contexto do mensageiro, Ageu, e a mensagem do livro. Ao concluir a análise exegetica, seus comentários foram direcionados, exclusivamente, aos aspectos tomados como concretos:

As palavras proféticas de Ageu reenfazam [...] a relação entre a construção do templo e os prenúncios de farta colheita. Reafirmam que o novo santuário implicará pão abundante. Explicitam, com nitidez, a derrocada dos persas; os donos do mundo de então e os que papariam suas benesses estão excluídos da nova era inaugurada pelo templo. Preanuncia o novo tempo, a era messiânica, a irromper prefiguradamente com Zorobabel.³⁷¹

³⁶⁶ MESTERS, Carlos. Como se faz teologia bíblica hoje no Brasil. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 1, p. 7-19, 1984. p. 8-12.

³⁶⁷ SCHWANTES, 1997, p. 44. Na ótica de Horário Simian-Yofre, Milton Schwantes não estaria distinguindo exegese acadêmica e pastoral, que seria equivalente à distinção existente entre pesquisa pura e aplicada. A análise exegetica do biblista brasileiro se encontraria mais próxima da pesquisa aplicada que da pura, porque se destina a resolver problemas concretos. A exegese acadêmica sempre se repetirá, porque ela pergunta o porquê de cada coisa no interior de um sistema científico. Saiba mais em: SIMIAN-YOFRE, 2011, p. 13-18.

³⁶⁸ SCHWANTES, Milton. *Leituras Históricas da Bíblia* [YouTube, 05 abr. 2018]. Vitória: Faculdade Unida, 2018. (46min 40s – 46min 50s). [online].

³⁶⁹ SCHWANTES, 1989b, p. 11.

³⁷⁰ SCHWANTES, 1988c, p. 90.

³⁷¹ SCHWANTES, Milton. *Ageu*. São Paulo: Loyola, 2008d. p. 81.

O contexto político internacional – dominação persa – foi considerado pelo biblista como um elemento concreto, por causa dos efeitos produzidos que teriam incidido negativamente sobre o contexto imediato de Ageu e de seus conterrâneos. Ele afirma que a era persa foi marcada pela arrecadação de tributos, taxas e impostos desvinculados do templo. Este último estaria limitado à expressão da religiosidade e, portanto, vedado de funções políticas.³⁷² Ele propõe pensar o templo como um grande tema que perpassa o livro de Ageu, porque teria assumido perspectivas sócio-políticas em oposição aos limites do modelo persa. Logo, o “conceito da glória assume essa dimensão concreta [...] a exaltação de Javé, no templo, concretiza-se numa natureza favorável e em gente sem fome”³⁷³.

Para o biblista brasileiro, a vitalidade do texto estaria naquilo que é concreto. O exegeta, neste horizonte, deveria estar atento às categorias sociológicas do texto bíblico – economia, sociedade, política, cultura – para captar os contornos contextuais dos projetos de Yahweh nos diferentes momentos históricos.³⁷⁴ Meditando sobre Gênesis 1-11, ele afirma que *terra, pão e vida* seriam os conteúdos elementares promovidos pelas esperanças bíblicas: a “terra (o chão para plantar) [...] o direito ao pão é a fonte de todo direito e de toda justiça [...]. O Antigo Testamento defende a vida e a celebra”³⁷⁵. Contudo, a ressurreição de Cristo – evento neotestamentário – seria o momento nobre e mais radical de defesa da vida na Bíblia, pois é “afirmação de vida [...] em meio à anti-vida”³⁷⁶. Portanto, as esperanças bíblicas foram traduzidas como potencialmente concretas, na literatura de Milton Schwantes.³⁷⁷ Tais peculiaridades desvelam a tensão entre a exegese histórico-crítica e o método deste biblista. Para ele, a ruína da exegese seria não ser concreta e a concreticidade seria sua beleza.³⁷⁸

Muito importante neste processo, sobretudo na investigação dos textos proféticos, foi o modo como se interpretou a noção hebraica de *dabar*, em sua dupla dimensão: *palavra dita* e *palavra evento*. Como já aludido, para Milton Schwantes, toda palavra pressupõe um contexto.³⁷⁹ A coisificação da palavra (*dabar*) deveria ser entendida à luz do universo teológico-hermenêutico da Teologia da Libertação.³⁸⁰ Este ideário marcaria os estudos exegéticos do biblista e teria sido utilizado para justificar sua hipótese de que personagens

³⁷² SCHWANTES, 2008d, p. 15-18.

³⁷³ SCHWANTES, 2008d, p. 48.

³⁷⁴ SCHWANTES, 1984a, p. 48.

³⁷⁵ SCHWANTES, 1989^a, p. 14-15.

³⁷⁶ SCHWANTES, 1989^a, p. 15-16.

³⁷⁷ SCHWANTES, 1989^a, p. 16.

³⁷⁸ SCHWANTES, 2018, 1h 10min 05s – 01h 10min 18s.

³⁷⁹ SCHWANTES, 2004b, p. 12.

³⁸⁰ Ele menciona algumas contribuições de Richard Shaull, Rubem Alves, Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, Juan Luis Segundo, entre outros, especialmente nas notas de rodapé, em: SCHWANTES, 2004b, p. 12.

bíblicos como Amós, Oséias ou Miquéias foram narradores das dores cotidianas do mundo bíblico. Para ele, o próprio livro de Amós solicita uma leitura contextual. Seus conteúdos seriam constituídos por palavras pronunciadas por uma pessoa concreta – Amós – em uma situação específica e política.³⁸¹ As palavras de Amós, deste modo, estariam carregadas das marcas contextuais de seu tempo. Elas teriam data, hora e lugar específicos.³⁸² Outros comentários exegéticos, contemporâneos a este, teriam permanecido no nível da descrição do contexto, ou do tempo de Amós, sem demonstrar os interesses bíblico-teológico-pastorais de Milton Schwantes.³⁸³

Esta prioridade dada aos elementos concretos no procedimento exegético aponta para outros dois aspectos marcantes que preparariam o ato hermenêutico: o primeiro se insere como uma crítica socioeconômica. Em boa parte de seus textos subjazem críticas contundentes em oposição ao sistema capitalista vigente que estaria se mantendo graças a salários baixos: “se a exploração é implantada [...] no capitalismo, então as classes dominantes e o Estado tratam de manter sob controle esta mão de obra, impedindo sua organização em sindicatos e partidos”³⁸⁴, pois, “o capitalismo priva-os de tudo”³⁸⁵. Esse resultado só foi possível, porque ele se debruçou sobre a base material da vida social dos textos bíblicos em sua dimensão socioeconômica – à luz da ampliação sociológica do *Sitz im Leben*. Essa tarefa teria contado com o resgate de elementos ou termos que, do ponto de vista do autor, se relacionaram com a situação econômica de seus dias. Gênesis 2-3, por exemplo, lido nesta ótica, deixaria de ter somente o significado cristalizado pela tradição cristã de pecado individual/pessoal. Nos textos do biblista brasileiro, o pecado foi interpretado especialmente no nível estrutural e nunca desvencilhado dos aspectos socioeconômicos.³⁸⁶

O segundo aspecto se inscreve como uma proposta teórico-metodológica radical. E deve ser assim entendida na medida em que propõe reorientar a análise exegética, ultrapassando, grosseiramente, os limites dos MHC supracitados. Para Milton Schwantes, as pessoas pobres possuiriam habilidades pedagógicas para ensinar exegese. Por isso, o exegeta precisaria ouvi-los antes de interpretar o texto. Logo, ele propõe que “sem escuta não há libertação. Na Teologia da Libertação, em seu sentido profundo, a Igreja é aprendiz do caminho dos empobrecidos”³⁸⁷. Este aspecto dialoga com as proposições de Carlos Mesters

³⁸¹ SCHWANTES, 2004b, p. 12-14.

³⁸² SCHWANTES, 2004b, p. 11-30.

³⁸³ A título de exemplo, veja: WOLFF, Hans Walter. *La hora de Amós*. Salamanca: Sígueme, 1984. p. 13-185.

³⁸⁴ SCHWANTES, 1984c, p. 38.

³⁸⁵ SCHWANTES, 1992a, p. 53.

³⁸⁶ SCHWANTES, 1989a, p. 73-84.

³⁸⁷ SCHWANTES, 2006a, p. 55.

que também entendeu que a exegese deveria permanecer em contínua prontidão para acompanhar as nuances da vida.³⁸⁸ Para Milton Schwantes, “ao partir do concreto, a exegese bíblica, de início, acontece no contexto da pastoral”³⁸⁹, pois, os empobrecidos recriam as reservas de sentido do texto bíblico – memória bíblica popular – a partir de sua realidade sofrida. Pode-se, portanto, consolidar estes dois aspectos a partir do aforismo: a exegese deveria conduzir aos “porões da humanidade”³⁹⁰.

A metodologia exegética do biblista brasileiro conferiu relevância aos MHC, mas não teria se limitado a sua aplicação. Teria se mostrado aberta para outras abordagens possíveis, sobretudo, para uma análise sociológica da Bíblia – à luz da ampliação do *Sitz im Leben* –, porque alega pretender captar e compreender as contradições históricas – de classe – intuídas nas perícopes, dentro da qual teriam se originado. Ele abordou a Bíblia como memória popular e campesina. Porém, não é verdade que tal reminiscência se restrinja ao nível dos significados destas memórias. Contudo, o autor alega a existência de outros sujeitos hermenêuticos nesse processo de interpretação, capazes de recriar as reservas de sentido do texto bíblico em sua dimensão histórico-social, à luz de sua própria história e lugar, como denúncia da opressão e anúncio da libertação. Resta, pois, averiguar em que medida este argumento pode ser sustentado à luz das recentes críticas pós-coloniais.

2.3 Sujeitos hermenêuticos privilegiados?

No contexto da transição democrática brasileira, Milton Schwantes escreveu um texto fazendo apontamentos sobre o sentido bíblico no cenário latino-americano e brasileiro de uma teologia bíblica junto ao – e pelo – povo.³⁹¹ Ele alega estabelecer uma relação indissolúvel entre a classe social produtora dos textos bíblicos – camponeses empobrecidos da sociedade palestinese – e a capacidade interpretativa dos leitores e das leitoras pobres de sua época.³⁹² Seu objetivo seria postular a seguinte tese: “*o povo pobre é o agente da interpretação*”³⁹³ [grifo do texto]. De modo efetivo, ele estaria propondo a conversão da categoria sociológica *pobre* em critério hermenêutico. Em seu relato, o pobre não seria apenas um sujeito economicamente desfavorecido. Mas, sua história e lugar bem como suas experiências de luta deveriam lhe outorgar o direito de ser reconhecido como o intérprete privilegiado da Bíblia,

³⁸⁸ MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 46.

³⁸⁹ SCHWANTES, 1984c, p. 40.

³⁹⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

³⁹¹ SCHWANTES, 1987a, p. 43.

³⁹² SCHWANTES, 1987a, p. 54-56.

³⁹³ SCHWANTES, 1987a, p. 51.

pois somente ele, em sua condição de pobreza, inserido no âmbito das CEBs, poderia acessar as memórias populares e camponesas preservadas nos textos bíblicos.³⁹⁴ Mas, em que sentido seria o pobre, de fato, o sujeito intérprete privilegiado na hermenêutica bíblica de Milton Schwantes?

Na literatura do biblista brasileiro, o critério determinante que ele postulou para qualificar o pobre como hermenêuta privilegiado seria a sua capacidade intrínseca de articular os conteúdos bíblicos à realidade concreta, através de sua organização. Mulheres, homens e crianças, em situação de pobreza, estariam dando “um novo sentido aos textos bíblicos”³⁹⁵, pois, estariam se identificando “com as histórias de libertação, com as denúncias dos profetas, com o Jesus solidário com os pobres”³⁹⁶, em suas lutas sociais. Segundo o autor, a leitura bíblica seria capaz de aguçar o senso crítico e político dessas pessoas e, por isso, elas apresentariam “seu clamor de modo organizado, [...] não mais como pedintes, mas como quem reivindica participar. [...] batendo à porta da história como sujeitos”³⁹⁷. Ele se mostra otimista quanto à leitura bíblica realizada no âmbito dos movimentos populares, considerando-os como projetos vitais “tanto como germes da nova sociedade quanto como organização de lutas para a imposição e o avanço dos interesses populares”³⁹⁸.

Este pensamento, em certo sentido, estaria aludindo às utopias da Teologia da Libertação que teorizaram, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, sobre a construção de um mundo mais justo e igualitário.³⁹⁹ Também estaria reforçando a oposição do biblista brasileiro contra o capitalismo, em virtude de seu caráter excludente e aglutinador de riquezas para as elites econômicas – como foi esboçado no primeiro capítulo.⁴⁰⁰ Ele teria pretendido enfatizar a necessidade de fomentar o poder popular por meio da leitura bíblica. Assim, estes sujeitos intérpretes seriam apresentados como dotados de habilidades, com o auxílio da Bíblia, para reivindicar a posse da terra, seus sindicatos, o recrudescimento das ligas camponesas e outros benefícios políticos, econômicos, sociais e culturais.⁴⁰¹ Embora o caráter teleológico desta nova sociedade pressuponha o fim do Estado, o acesso a terra e à jurisprudência,⁴⁰² o autor não teria exposto mais detalhes sobre este projeto. Porém, colocaria em relevo a organização

³⁹⁴ SCHWANTES, 1987a, p. 52-53.

³⁹⁵ SCHWANTES, 1989b, p. 10.

³⁹⁶ SCHWANTES, 1989b, p. 10.

³⁹⁷ SCHWANTES, Milton. A caminho da terra e liberdade: Gênesis 12 – um roteiro. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 7, p. 129-144, 1991d. p. 129.

³⁹⁸ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

³⁹⁹ RIBEIRO, Cláudio de O. *A teologia da libertação morreu?* Reino de Deus e espiritualidade hoje. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 64-66.

⁴⁰⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 44.

⁴⁰¹ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

⁴⁰² SCHWANTES, 1982a, p. 137.

dos pobres como critério para alcançar este fim. O modelo clânico/tribal dos vilarejos camponeses do mundo bíblico seria a referência basilar para a sobrevivência e as conquistas sociais dos empobrecidos de sua época.⁴⁰³

Observou-se no primeiro capítulo que Milton Schwantes teria tecido suas críticas sobre a relação entre capital e trabalho e as experiências sindicais de sua época. Suas críticas e propostas teriam girado em torno das condições injustas de trabalho e reclamariam uma distribuição de renda mais igualitária. Contudo, seu olhar estaria mais direcionado à questão da reforma agrária e ao tema da terra, contrapondo-se continuamente aos interesses das elites econômicas e os diferentes mecanismos de opressão mediados pela ditadura militar.⁴⁰⁴ Postula-se que Milton Schwantes teria intencionado identificar como sujeitos hermenêuticos, preferencialmente, os/as camponeses/as espoliados/as, que foram expulsos/as de suas terras, sendo alguns submetidos/as ao trabalho forçado nas cidades, constituindo boa parte da classe operária. Sobretudo, aqueles/as que se organizaram em atitude de resistência contra a opressão da ditadura militar,⁴⁰⁵ como os/as trabalhadores/as rurais vinculados ao MST e os operários que reivindicavam seus sindicatos, através das greves. Esta hipótese precisa ser entendida no plano das intenções do autor e não como uma afirmação rígida da pesquisa, pois isso será questionado no final desta seção.

Não é verdade que os textos de Milton Schwantes não apresentem críticas contra a exploração imposta a outros grupos étnicos.⁴⁰⁶ A colonização e a exploração cultural que deterioraram os povos indígenas; ou a realidade histórica de pessoas negras escravizadas, por exemplo, teriam recebido duras críticas à luz da profecia bíblica, em denúncia dos apagamentos, silenciamento e da invisibilidade que sofreram na história do Brasil.⁴⁰⁷ Contudo, não foram encontrados na literatura do autor argumentos capazes de sustentar seu interesse em inseri-los como sujeitos hermenêuticos privilegiados do texto bíblico. Suas abordagens se restringem a estímulos para a construção de relações inclusivas entre povos e deuses distintos, de maneira que se legitime a irmandade entre eles em detrimento das relações excludentes.⁴⁰⁸

⁴⁰³ SCHWANTES, 1982a, p. 138.

⁴⁰⁴ SCHWANTES, 1982a, p. 130-131.

⁴⁰⁵ SCHWANTES, 1986c, p. 43.

⁴⁰⁶ SCHWANTES, Milton. Lindas palavras junto à fonte – Lindas palavras em lugares escondidos: anotações sobre Gn 16, 1-16. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 39, p. 10-20, 2001b. p. 11.

⁴⁰⁷ SCHWANTES, 2001a, p. 178.

⁴⁰⁸ SCHWANTES, 2001b, p. 18.

Os sujeitos hermenêuticos privilegiados da leitura bíblica, afirmados por Milton Schwantes, indubitavelmente, seriam “operários e camponeses em sua luta pela libertação”⁴⁰⁹, reunidos nas CEBs.⁴¹⁰ Os dilemas destes receberam atenção especial, sobrepujando as outras experiências de opressão. Ao evocar os conflitos sociais em torno deles,⁴¹¹ o biblista teria visado à reconstrução da história subjacente aos textos bíblicos para compreender a realidade concreta do campesinato israelita, entendido como “a principal grandeza social produtiva naqueles tempos”⁴¹². Na literatura do autor, as categorias sociais *trabalhadores* e *camponeses* são indissociáveis e intercambiáveis e seus significados adquiriram dupla dimensão – social e teológica: “plantar e colher é, no mundo bíblico, o trabalho socialmente mais relevante e [...] temos em mente o camponês e a camponesa, quando, de modo mais genérico, falamos do trabalhador”⁴¹³. É preciso reforçar que, ao falar dos operários, ele estaria pensando especialmente no remanejamento de “gente especializada em plantar e colher em desempregados sem profissão [que representa o camponês transformado em] operário [...] jogado de um emprego para o outro”⁴¹⁴, em seus dias.

Os grandes temas abordados em suas obras teriam procurado estabelecer relações entre o campesinato do mundo bíblico e o contexto das reivindicações trabalhistas e socioeconômicas dos operários e trabalhadores rurais, de então – através de um programa de leitura histórico-social, com elementos marxistas, como foi apontado no primeiro capítulo. Na esteira de suas principais abordagens, estaria a frequente tensão entre o campo e a cidade: “o campo é o local da produção. [...] A cidade sobrevive à base do campo”⁴¹⁵. Para efetivar seus interesses, a cidade teria se estruturado em exército, templo, comércio, Estado, entre outras instâncias e, através da violência, dos ritos e da arrecadação de tributos, teria explorado a riqueza social camponesa.⁴¹⁶ Milton Schwantes teria interpretado a realidade de seus dias nesta mesma ótica, ou seja, teria assumido um programa de leitura histórico-social com traços marxistas não apenas para interpretar a Bíblia, mas, de igual modo, a realidade que o cercava. Por isso, ele assume que “a leitura bíblica [...] precisa estar inserida no método dos pobres”⁴¹⁷, pois eles seriam peritos na identificação dos temas centrais que perpassam a Bíblia.⁴¹⁸

⁴⁰⁹ SCHWANTES, 1987a, p. 47.

⁴¹⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 56.

⁴¹¹ SCHWANTES, 1989b, p. 18.

⁴¹² SCHWANTES, 1986b, p. 10.

⁴¹³ SCHWANTES, 1986b, p. 6.

⁴¹⁴ SCHWANTES, 1988a, p. 17.

⁴¹⁵ SCHWANTES, 1988c, p. 89.

⁴¹⁶ SCHWANTES, 1988c, p. 89-90.

⁴¹⁷ SCHWANTES, 1988c, p. 91.

⁴¹⁸ SCHWANTES, 1987a, p. 51.

Nesta ótica, os operários e os trabalhadores rurais estariam mais habilitados para identificar os conflitos em torno das relações trabalhistas e dos diferentes modos de exploração do mundo bíblico e inter-relacioná-los à realidade presente. O que constata a tentativa de elevar o campesinato ao *status* de classe revolucionária, superando a teoria marxista clássica que insere apenas o proletariado urbano nessa categoria.⁴¹⁹ Em Milton Schwantes, o tema do trabalho é retratado em sua dimensão social e teológica. Em perspectiva sociológica, teria sido instrumentalizado para a exploração da população camponesa, pois, além de usurpar a produção camponesa, a cidade os explorava também através da corveia,⁴²⁰ por exemplo, “os hebreus [...] recrutados [...] pelo estado faraônico”⁴²¹. Em sua dimensão teológica, seria uma dádiva de Yahweh que feria os interesses citadinos, por duas razões: primeiro, porque “a pessoa é criada como camponês, feita do solo para ‘trabalhar a roça’”⁴²²; segundo, porque o descanso sabático “é antítese do trabalho sofrido [...] reivindicação trabalhista [...] é teologia de extrema resistência”⁴²³. Razões sociais e teológicas que, segundo o autor, exigiriam a emancipação da classe camponesa para uma revolução social.⁴²⁴

Operários e trabalhadores rurais estariam sendo “explorados como mão de obra [...] maltratados e extorquidos ao máximo [...]. São pobres por trabalharem. E neste sentido são empobrecidos. [...] Já são tão dependentes que passam a ser forçados à escravidão”⁴²⁵. Seus corpos submetidos à escravidão teriam sido destruídos e, por isso, precisariam recorrer à Bíblia. Alega-se que as esperanças bíblicas poderiam nutri-los para resistência de atividades contínuas sem descanso e estimulá-los às greves. Para o autor, no exílio babilônico, os “deportados [...] conseguiam impor sua exigência de descanso sabático diante dos verdugos e de policiais [...] O sábado era [...] espaço para organizar a esperança [...] por libertação”⁴²⁶. A condição de sujeitos intérpretes lhes abriria o significado bíblico do trabalho e da resistência, despertando-lhes o senso crítico e político, incitando-lhes à organização para lutarem por condições dignas de trabalho e de renda.⁴²⁷ Mas, é a partir dos grandes temas bíblicos que Milton Schwantes alega localizar os operários e os trabalhadores rurais como sujeitos hermenêuticos privilegiados.

⁴¹⁹ MARX; ENGELS, 1998, p. 29.

⁴²⁰ SCHWANTES, 1988c, p. 89.

⁴²¹ SCHWANTES, 1984a, p. 150.

⁴²² SCHWANTES, 1984a, p. 158.

⁴²³ SCHWANTES, 1984a, p. 156.

⁴²⁴ SCHWANTES, 1998a, p. 12.

⁴²⁵ SCHWANTES, 1982a, p. 130.

⁴²⁶ SCHWANTES, 1989a, p. 29-30.

⁴²⁷ SCHWANTES, 1989b, p. 10.

Indubitavelmente, o direito ou a posse da terra, mais do que qualquer outro, foi o grande tema abordado na literatura de Milton Schwantes. A terra foi pensada na ótica dos colonos, agricultores, meeiros, lavradores e trabalhadores rurais expropriados de suas propriedades.⁴²⁸ Povos indígenas, pessoas negras, pessoas refugiadas e outros grupos étnicos, foram considerados companheiros de opressão e de luta, mas não foram identificados como intérpretes privilegiados como àqueles:

Vejam os em que sentido se dá este companheirismo entre a história bíblica e a luta dos sem terra, dos índios, dos posseiros de nossos dias. A Bíblia tem predileção por alguns temas. Nela, certos conteúdos ou pessoas recebem maior atenção que outros [...] a luta pela terra desempenha papel preponderante. [...] gente recrutada para o trabalho forçado [...] em busca da libertação [...] só foi o começo de um projeto que chega ao seu alvo com o assentamento nas montanhas palestinas. A ‘terra boa’ é o objetivo da libertação. [...] Os profetas ameaçam os soberanos [...] suas ameaças inusitadas provêm do clamor dos camponeses. [...] A vida sofrida da gente do campo é o ninho dos profetas.⁴²⁹

O destaque dado pelo autor aos que ele chamou de intérpretes privilegiados no maior conjunto literário da Bíblia, a profecia, teria intensificado a relevância e a centralidade do tema da terra em suas obras. Segundo ele, a literatura profética conduz a interpretação bíblica ao *dabar*. Neste sentido, o contexto da *dabar* seria a terra em condições favoráveis para o plantio e para a colheita. Por isso, ele defende que a profecia incorpora a memória do êxodo e, em defesa dos camponeses empobrecidos, denuncia a opressão e anuncia a posse da terra.⁴³⁰ Para os profetas, em sua análise, “o social e o religioso não são separáveis [eles] nos mostraram [...] uma análise integradora, de um projeto de vida que contempla o todo, que não segmenta”⁴³¹. E os “profetas radicais [...] têm seu lugar social [...] em lutas populares e nos movimentos camponeses, dos quais brotaram”⁴³². Por isso, eles estariam inseridos na luta pela posse da terra.

Com efeito, Milton Schwantes se esforça para conectar suas principais hipóteses e apostas bíblico-teológica-pastorais ao modo como ele apreendeu a realidade dos operários e dos trabalhadores rurais de seu tempo. Ele afirmou que a memória do “êxodo libertador e a libertação da terra estão, pois, intimamente correlacionados [...] êxodo sem terra seria um contra-senso”⁴³³. A antropologia javista seria “por excelência, antropologia dos sem terra”⁴³⁴,

⁴²⁸ SCHWANTES, 1984c, p. 37-38.

⁴²⁹ SCHWANTES, 1985b, p. 170.

⁴³⁰ SCHWANTES, 2001b, p. 13.

⁴³¹ SCHWANTES, 2002, p. 15-17.

⁴³² SCHWANTES, 1982a, p. 125.

⁴³³ SCHWANTES, 1991d, p. 139.

⁴³⁴ SCHWANTES, 1984a, p. 152.

pois, “Israel vem da luta pela terra”⁴³⁵. O autor assegura que a profecia teria evocado a pequenez destes camponeses expropriados e empobrecidos pela monarquia.⁴³⁶ Segundo ele, a visão utópica de uma nova sociedade, sem dominação e opressão, assevera uma terra livre que produz leite e mel.⁴³⁷ Enfim, o biblista entende e defende que “a luta pela terra boa não é um propósito periférico na história bíblica. [constitui, pois] seus pontos nevrálgicos”⁴³⁸.

Do tema da terra derivam os subtemas da família/clã e do alimento. Milton Schwantes aduz que a opressão do Estado contra os camponeses atingiu sobremaneira os clãs no mundo bíblico.⁴³⁹ Para sua subsistência e no intuito de fugir – êxodo – da opressão e se opor à monarquia, ele argumenta que diferentes grupos clânicos se reuniram nas montanhas palestineses e desenvolveram, intencionalmente, “o modelo social mais avançado, mais moderno, mais criativo”⁴⁴⁰, a saber: o tribalismo igualitário. O tribalismo, de acordo com o biblista brasileiro, teria surgido como um sistema de partilha mútua e, paulatinamente, teria culminado no desenvolvimento de utopias messiânicas que renunciariam um messias pobre, oriundo e em defesa do povo.⁴⁴¹ Este messianismo davídico, promovido pelo campesinato judaíta, asseguraria três objetivos: “posse e uso da terra; promover a família; garantir o pão”⁴⁴².

Como mencionado na seção anterior, Milton Schwantes postula que as esperanças bíblicas redundam em terra, pão e vida. Estes seriam, para ele, elementos concretos que “assemelham-se muito aos objetivos das lutas populares”⁴⁴³ de sua época. Neste horizonte, por exemplo, quando um trabalhador rural acessasse o texto bíblico, estaria acessando sua própria história e prática cotidiana:

Os agricultores não percebem a Bíblia como ‘companhia’, porque aqueles textos têm uma linguagem religiosa, mas porque falam da luta pela terra. [...] Para os colonos, a Bíblia não é só vibrante por lidar com costumes interioranos. É-lhes decisivo que nela aparece a ‘luta do dia a dia’.⁴⁴⁴

⁴³⁵ SCHWANTES, 1985b, p. 172.

⁴³⁶ SCHWANTES, 1988c, 84-87.

⁴³⁷ SCHWANTES, 1998b, p. 27.

⁴³⁸ SCHWANTES, 1985b, p. 171.

⁴³⁹ SCHWANTES, 1991d, p. 141.

⁴⁴⁰ SCHWANTES, 1992b, p. 5.

⁴⁴¹ SCHWANTES, Milton. Elementos de um projeto econômico e político do messianismo de Judá – Gênesis 49,8-12: uma antiga voz judaíta interpretada no contexto da história da ascensão de Davi ao poder (1 Samuel 16 até 2 Samuel 5). *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 48, p. 25-33, 2004c. p. 32. Confira também: SCHWANTES, 1989c, p. 28.

⁴⁴² SCHWANTES, 1989c, p. 26.

⁴⁴³ SCHWANTES, 1989a, p. 16.

⁴⁴⁴ SCHWANTES, 1987a, p. 52.

Desta forma, para o autor, não se trata de uma aproximação da cosmovisão camponesa ou da linguagem religiosa do mundo bíblico com os agricultores da contemporaneidade; também não seria um caso de aproximação de semelhanças culturais ou de costumes camponesinos entre àqueles e estes. Na verdade, o biblista brasileiro considera que “o que decide a experiência da proximidade, é o conteúdo escriturístico, sua postura em relação à posse camponesa da terra e ao uso coletivo de seus frutos”⁴⁴⁵. Ou seja, para ele, a Bíblia seria memória popular e camponesa. Por isso, ele aposta na possibilidade de que operários e trabalhadores rurais de seu tempo, reunidos nas CEBs, a partir de sua realidade supostamente análoga aos camponeses do mundo bíblico, romperiam com a distância temporal – texto e leitor atual – decifrando essas memórias em uma ótica de libertação.⁴⁴⁶

Em síntese, os sujeitos intérpretes do texto bíblico, segundo os argumentos de Milton Schwantes, por direito, seriam os operários e os trabalhadores rurais expropriados e empobrecidos pelos mecanismos de opressão estatais, reunidos no âmbito das CEBs e organizados em suas lutas sociais. Estes sujeitos tomariam a Bíblia e seus conteúdos como símbolo para suas lutas e reivindicações políticas. Segundo o autor, este fenômeno estaria representando uma assincronia estrutural na teologia bíblica latino-americana e brasileira em relação às outras partes do mundo onde a produção teológica era comumente abstrata e generalizada. Porém, a leitura realizada por esses sujeitos intérpretes redimensionaria e recriaria a teologia bíblica à luz da prática pastoral e em meio às lutas populares.⁴⁴⁷ Mas, de fato, os operários e trabalhadores rurais seriam os intérpretes privilegiados na literatura de Milton Schwantes?

Resulta dizer, portanto, que, nos termos desta perspectiva hermenêutica, os sujeitos intérpretes são sempre mediados pelo trabalho de um especialista em exegese. A despeito do reconhecimento de seu potencial intrínseco de recriar as reservas de sentido do texto bíblico e seu método idiossincrático, eles não controlam o processo exegético, mas servem-se apenas de resultados obtidos. Seu papel se restringe a transitar entre a Bíblia e a realidade concreta, inter-relacionando-as. Todavia, permanecem sem força e/ou representatividade intelectual para propor qualquer prerrogativa epistemológica. Neste sentido, são sempre intermediados pela voz de outrem. Isto pode ser entendido como o reflexo da leitura da profecia bíblica, realizada pelo biblista brasileiro, que, repetidamente, assevera: “a profecia [...] é a voz dos

⁴⁴⁵ SCHWANTES, 1987a, p. 53.

⁴⁴⁶ SCHWANTES, 1987a, p. 54-56.

⁴⁴⁷ SCHWANTES, 1989b, p. 15.

empobrecidos”⁴⁴⁸; “é a voz do campo”⁴⁴⁹; “os profetas são voz dos trabalhadores”⁴⁵⁰. Logo, os profetas – dos tempos bíblicos e, por assim dizer, os da atualidade – assumem a posição de reivindicar os interesses dessas pessoas, pois o exegeta possui a habilidade para interpretar os textos bíblicos, considerados sagrados pelo autor brasileiro.⁴⁵¹

O paradigma do sujeito intérprete privilegiado em Milton Schwantes acusa sinais de fraqueza e anacronismo à medida que não supera os discursos hegemônicos, no âmbito acadêmico, e que localiza as pessoas pobres como leitores/as privilegiados/as, mas não as insere como produtoras de conhecimento especializado. Nos tempos bíblicos, elas teriam sido passíveis da mediação do movimento profético para exigir seus direitos.⁴⁵² Na atualidade, a leitura bíblica realizada por elas teria significado e impacto hermenêutico, mas permaneceriam dependentes da mediação dos profissionais da exegese. O método que germinou da pastoral, simultaneamente, provém e estimula a prática da fé, a resistência e a organização dos empobrecidos.⁴⁵³ Neste sentido, o que o biblista brasileiro propõe é uma associação simbiótica entre a leitura bíblica popular e a exegese especializada. O modo como uma pessoa pobre acessa o núcleo bíblico, sintonizando-o à realidade concreta, deveria reorientar a metodologia dos especialistas em exegese. Estes últimos deveriam garantir a seriedade de uma análise qualificada, sem desprezar o papel das pessoas pobres.⁴⁵⁴

Em sua crítica sobre a prática discursiva do pensador ocidental pós-colonial, como também uma autocrítica aos estudos subalternos, a pensadora indiana Gayatri Spivak esboça um dos argumentos mais contundentes das pesquisas pós-coloniais contemporâneas. Ela procura indagar a posição do pensador pós-colonial, rejeitando a possibilidade de algum ato de resistência ocorrer em nome do subalterno sem que esse ato esteja vinculado ao discurso hegemônico. Para ela, o intelectual que acredita poder falar pelo outro e através dele produzir um discurso de resistência, na verdade, estaria reproduzindo as mesmas estruturas de poder e opressão que silenciam o subalterno. Ou seja, corre-se o risco de constitui-lo somente como objeto de conhecimento, sem oferecer-lhe autonomia e liberdade para falar e para ser, de fato, ouvido.⁴⁵⁵

Seu argumento é construído à luz do duplo sentido do termo *representação*, conforme seus significados na língua alemã – *Vertretung e Darsterllung*. O primeiro significa assumir o

⁴⁴⁸ SCHWANTES, 1988c, p. 87.

⁴⁴⁹ SCHWANTES, 1988c, p. 90.

⁴⁵⁰ SCHWANTES, 1986b, p. 12.

⁴⁵¹ SCHWANTES, 1998a, p. 6.

⁴⁵² SCHWANTES, 1986b, p. 8-13.

⁴⁵³ SCHWANTES, 1987a, p. 47-50.

⁴⁵⁴ SCHWANTES, 1987a, p. 52.

⁴⁵⁵ SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 23-60.

lugar do outro, em uma acepção política da palavra, e equivale a uma falsa ideia de representação, pois, o subalterno não tem autorrepresentação e, por isso, o significado do termo por ser entendido como: *falar por*. O segundo implica em uma ideia de representação dramática, quase que teatral, na qual a forma existe, mas o conteúdo é falso, deste modo, pode ser entendido como: *re-presentar*. Para a autora, os termos estão intrinsecamente interligados, porque, nos dois casos, um falante e um ouvinte estão pressupostos. Ela entende que esse processo de fala é caracterizado por uma posição discursiva e, nesse campo dialógico de interações, o sujeito subalterno não tem o direito à fala. Para falar, ele/a deve recorrer ao discurso hegemônico e, neste caso, sempre será intermediado pela voz de outrem.⁴⁵⁶

A crítica de Gayatri Spivak é fundamental para indagar a hipótese dos sujeitos intérpretes em Milton Schwantes. Ela mostra que o discurso de libertação do biblista brasileiro – não intencionalmente – pode escamotear uma violência epistêmica – não notada facilmente na superfície de seus textos – quando se postula a mediação da exegese especializada nos processos hermenêuticos realizados nas CEBs. No entendimento da autora indiana, o sujeito subalterno só poderá falar de modo efetivo quando se expressar em sua própria língua, através de seus próprios esquemas explicativos e de sua própria cultura. Se carecer de se instrumentalizar de outros elementos, jamais poderá ser ouvido e nunca será levado a sério.⁴⁵⁷ Na literatura do biblista brasileiro, os sujeitos intérpretes/subalternos – localizados nas camadas mais vulneráveis do campesinato e constituídos pelos modos específicos da exclusão capitalista – gritam o seu grito, mas não têm voz e não se autorrepresentam, pois o biblista entende que “a libertação emerge, pois, do grito”⁴⁵⁸, e não da voz dos empobrecidos.

Para Milton Schwantes, a leitura bíblica realizada no âmbito das CEBs constituiria um modelo social de *fala* e de *re-presentação* que potencializaria o grito dos empobrecidos: “Ninguém pode deixar de reagir a este grito [...] os conteúdos bíblicos [...] denunciam a miséria como fruto do enriquecimento. [...] Nas comunidades populares, a Bíblia é experimentada como articuladora [...] da denúncia profética”⁴⁵⁹. Esta mediação vai se impondo como condição indispensável para que essas pessoas tenham uma experiência efetiva de libertação, a partir da leitura bíblica proposta nesses espaços. Segundo o autor, “nas últimas décadas, [...] houve um incremento na organização [...] foi posto o embrião de novos

⁴⁵⁶ SPIVAK, 2018, p. 39-52.

⁴⁵⁷ SPIVAK, 2018, p. 60-98.

⁴⁵⁸ SCHWANTES, 1984a, p. 151.

⁴⁵⁹ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

modelos sociais através de grupos e de comunidades de base”⁴⁶⁰. Ele conclui, portanto, que, “no geral, as igrejas, só mui recentemente, tenham sido voz dos que não têm voz”⁴⁶¹. Resta, pois, pensar em que medida as CEBs constituem o espaço de fala para estes sujeitos intérpretes/subalternos.

Considerando os argumentos de Gayatri Spivak, o que o biblista brasileiro caracteriza como grito dos empobrecidos, certamente, não pode ser tomado no sentido de voz. As pessoas pobres reverberam sua dor incomensurável e incessante. Seria a dor de quem padece a fome, o desemprego, a expulsão da terra, os genocídios, a miséria e toda pauperização. Tamanha seria sua dor que não lhes restaria alternativa a não ser recorrer ao grito.⁴⁶² Trata-se do gemido descontrolado de quem estaria almejando terra, pão e vida.⁴⁶³ Brota do âmago daqueles/as que teriam que fazer escolhas para sobreviver: trabalho ou educação? Saúde ou alimento? Lazer ou pagar as despesas? Indubitavelmente, o grito não pode ser confundido com a voz, nos termos aqui apresentados. A voz teria espaço de pronúnciação. O grito incomodaria. Quem grita quer ser ouvido a todo custo. Mas, como não poderiam ser ouvidos, precisariam da *representação* – no duplo sentido do termo – da exegese especializada.

Gayatri Spivak considera que a tarefa do pensador pós-colonial consiste em criar espaços através dos quais o sujeito subalterno possa, de fato, falar. Não se pode falar pelo subalterno, mas, pode-se – e deve-se – trabalhar em oposição à subalternidade, criando espaços nos quais ele/a consiga se articular e, conseqüentemente, ser ouvido/a.⁴⁶⁴ No esforço de aproximar a exegese à pastoral bem como a leitura bíblica às transformações das condições das pessoas pobres, Milton Schwantes parece dar passos significativos nesta direção – isso será retomado mais adiante. Porém, não foram localizados argumentos que inserem estes sujeitos intérpretes como produtores de conhecimento especializado, de maneira autônoma, no processo de interpretação, porque são sempre mediados e representados. Seus representantes precisariam estar atentos ao modo como eles/as conectam o seu grito aos conteúdos bíblicos. Mas, sua voz seria silenciada, ao passo que os especialistas em Bíblia deveriam *falar por* eles ou *re-presentá-los*. Operários e trabalhadores rurais não seriam os intérpretes privilegiados no sentido que a literatura de Milton Schwantes propõe. O lugar do

⁴⁶⁰ SCHWANTES, 1984a, p. 148.

⁴⁶¹ SCHWANTES, 1984a, p. 148.

⁴⁶² SCHWANTES, 1987a, p. 50.

⁴⁶³ SCHWANTES, 1989a, p. 13.

⁴⁶⁴ SPIVAK, 2018, p. 99-109.

pobre é tomado como critério hermenêutico, mas o intérprete, de fato, teria sido o exegeta especializado – o profeta hodierno.⁴⁶⁵

Isso mostra que, por um lado, as críticas pós-coloniais de Gayatri Spivak colocam em xeque as proposições de Milton Schwantes, no nível da interpretação bíblica, porque ele defende a necessidade de mediação – profético-exegética – para amplificar o grito das pessoas pobres. Mas, por outro lado, tendo como critério a situação de pobreza das pessoas, com contornos críticos e revolucionários, o autor brasileiro parece avançar à luz das críticas da autora indiana. Ou seja, no aspecto prático da hermenêutica bíblica de Milton Schwantes se poderia localizar uma *tentativa* de empoderamento de pessoas para resistirem e lutarem pelos seus direitos políticos, civis e sociais. Este aspecto seria a práxis profético-ecumênica, desenvolvida no âmbito de uma igreja profética e de rosto popular – como foi delineado no primeiro capítulo. Portanto, através desse modelo de igreja, Milton Schwantes estaria afirmando a possibilidade da criação de espaços democráticos para trabalhar em oposição à subalternidade.⁴⁶⁶ Neste modelo de igreja, vale lembrar, alega-se a possibilidade de uma liderança constituída por pessoas pobres, simultaneamente, engajadas com os movimentos sociais e populares.

Como descrito no primeiro capítulo, na eclesiologia de Milton Schwantes as categorias igreja e movimento social não se distinguem. Segundo o autor, o papel deste modelo de igreja consistiria na interação entre a sua agenda e a agenda do mundo. Deveria reproduzir a experiência desenvolvida nas CEBs, promovendo espaços democráticos em contextos autoritários e opressivos. Por isso, ele alega que sua liturgia deveria corresponder ao povo pobre que se organiza, sendo sua marca mais subversiva – que rompe com as perspectivas eclesiais hegemônicas – a possibilidade de pessoas pobres ascenderem às instâncias de tomada de decisão. O biblista brasileiro acredita e defende que haveria um potencial intrínseco nas pessoas pobres para recriarem os conteúdos bíblicos – fornecidos pelos exegetas – e, a partir daí, fazerem uma nova leitura da realidade e transformá-la. O que reforça a hipótese de que no aspecto prático do método do biblista brasileiro subjaz uma proposta para se trabalhar contra a subalternidade, criando um ambiente eclesial *ad hoc*.⁴⁶⁷

⁴⁶⁵ Isto está implícito em seu artigo intitulado *Da boca dos pequeninos*, onde o biblista brasileiro aborda sobre a representatividade da igreja em relação ao grito dos pobres e, ao mesmo tempo, ele faz a mediação exegética. Ou seja, assim como em outros textos do autor, o pobre não pode falar. Todavia, o critério para a análise, bem como para sua aplicação é sempre a realidade dessas pessoas. Para obter mais detalhes, consultar: SCHWANTES, 1984a, p. 148-160.

⁴⁶⁶ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

⁴⁶⁷ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

No aspecto prático de sua proposta hermenêutica, o biblista brasileiro parece oferecer um projeto para a construção de espaços onde as pessoas pobres poderiam produzir um discurso de resistência, objetivando serem ouvidos. A igreja profética e de rosto popular seria o lugar privilegiado para a articulação dessas pessoas – igreja e movimento social/popular como categorias indissociáveis. No aspecto prático de seu método, o autor brasileiro poderia sobreviver às críticas pós-coloniais de Gayatri Spivak.⁴⁶⁸ No processo exegético isso não se realizaria – não no nível de uma leitura atenta das obras do autor. Como já dito, os sujeitos hermenêuticos afirmados em sua literatura não controlam o procedimento exegético – sua condição lhes impõe a necessidade de mediação de profissionais especializados. Quem o faz é o exegeta especializado, não eles/as. Aqui os argumentos do biblista brasileiro são fragilizados pelas críticas pós-coloniais da autora indiana Gayatri Spivak, pois os sujeitos intérpretes, de fato, seriam os exegetas – profetas modernos – e não os operários e trabalhadores rurais.⁴⁶⁹

No terceiro e último capítulo, serão apresentados os principais indícios sociológicos da hermenêutica bíblica de Milton Schwantes e o seu caráter profissional. A partir da centralidade que o lugar do pobre ocupa em sua hermenêutica, sua proposta para uma práxis profético-ecumênica – no âmbito de uma igreja profética e de rosto popular – teria ultrapassado as fronteiras eclesiais e da pastoral, desdobrando-se em contribuições para a comunidade acadêmica brasileira e latino-americana, bem como para os movimentos sociais e populares nos quais ele se vinculou. Na esteira de suas principais contribuições, subjaz o interesse de fortalecer a ação pastoral e a experiência popular da leitura bíblica, realizada no âmbito das CEBs. Entretanto, será preciso perguntar pela plausibilidade de suas principais hipóteses à luz das recentes pesquisas desenvolvidas no campo da sociologia da Bíblia.

⁴⁶⁸ SCHWANTES, 1984c, p. 38-39.

⁴⁶⁹ SPIVAK, 2018, p. 39-52.

3 INDÍCIOS SOCIOLÓGICOS DOS TRABALHOS DE MILTON SCHWANTES: O LUGAR DO POBRE PARA UMA PRÁXIS PROFÉTICO-ECUMÊNICA

Neste capítulo, a análise se concentra sobre os principais indícios sociológicos das contribuições de Milton Schwantes, considerando a hipótese do lugar do pobre como critério para uma práxis profético-ecumênica. Procura-se descrever a atuação do autor no contexto da pastoral ecumênica e da leitura bíblica popular realizada nas CEBs, no CEBI e espaços congêneres. Pretende-se aferir, dentro dos limites estabelecidos, como este biblista contribuiu para a formação acadêmica de outros/as pesquisadores/as em Bíblia, sobretudo em solo brasileiro. Além disso, apresenta-se um breve panorama dos recentes desdobramentos da teologia do Antigo Testamento, especialmente no âmbito da sociologia da Bíblia. Estas reflexões deverão, no mínimo, esclarecer em que sentido a hermenêutica bíblica em análise poderá encontrar amparo teórico-metodológico nas pesquisas contemporâneas, bem como localizar sua aplicabilidade profissional.

3.1 Leitura popular da Bíblia e ação pastoral

Na base e no ponto de partida da hermenêutica bíblica de Milton Schwantes está o argumento de uma leitura histórico-social da Bíblia que afirma se colocar a serviço do protagonismo de operários e de trabalhadores rurais em suas lutas revolucionárias contra a injusta distribuição de renda e a expropriação da terra. No primeiro capítulo, considerou-se que o lugar de enunciação e as inclinações marxistas do autor teriam influenciado sua interpretação do texto bíblico bem como do contexto socioeconômico de sua época. Além disso, em muitos casos, sua literatura teria expressado uma linguagem muito próxima da mundividência do campo ou do MST.⁴⁷⁰ Neste sentido, seus apontamentos se enquadrariam na categoria *afinidade eletiva* weberiana – isso será retomado mais a frente.⁴⁷¹ A pesquisa considera que este programa de leitura, desenvolvido no âmbito da Teologia da Libertação, teria motivado a inserção do biblista brasileiro nas CEBs, no CEBI e nos movimentos sociais e populares, especialmente, o seu engajamento na leitura popular da Bíblia (LPB) e na ação

⁴⁷⁰ SCHWANTES, Milton. E o verbo se fez carne e acampou entre nós. In: PEREIRA, Nancy C. (Org.). *Milton Schwantes: escritos de história e paixão*. São Leopoldo: CEBI, 2012c. p. 41-63.

⁴⁷¹ LÖWY, Michel. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. *Revista Plural*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 129-142, 2011. p. 142.

pastoral ecumênica. O que representaria a materialização da práxis profético-ecumênica intuída em suas obras.⁴⁷²

Nos textos do autor, a LPB e a ação pastoral em perspectiva ecumênica estão intrincadas em uma relação indissociável. O ensaio *Jacó é pequeno*, publicado em 1988, evidencia exemplarmente como seu método teria sugerido uma aproximação em meio às práticas das CEBs. Milton Schwantes afirma: “retorno, pois, à pastoral. Que serviço prestaria este estudo às comunidades cristãs que, em meios aos pobres, dão novo rosto a todas as igrejas?”⁴⁷³. Neste caso, o biblista brasileiro estaria inserindo a pastoral como uma atitude de solidariedade com os empobrecidos bem como a matriz da LPB. Em suas palavras:

O método de leitura da Bíblia necessita estar achegado ao método de leitura e da transformação das condições, às quais os pobres estão sendo sujeitados. [...] somente a derrocada das causas de sua pauperização diária será capaz de transformar sua situação. A leitura da Bíblia não poderá estar descolada desta prática dos oprimidos. [...] o jeito de ler a realidade e de transformá-la e o jeito de interpretar a Escritura convergem.⁴⁷⁴

Com esta afirmação, ele estaria validando as CEBs como o espaço democrático ideal para a mobilização das camadas populares a trabalharem pela transformação social e política. Elas seriam a fonte dessa maneira peculiar – latino-americana – de ler e interpretar a Bíblia. Constituiriam o *locus* privilegiado onde “o sentido da fé e de sua prática [estaria] intimamente correlacionado com os textos sagrados”⁴⁷⁵. O biblista brasileiro alega propor uma *leitura-ação* que estaria sendo realizada no âmbito das CEBs e que despertaria uma consciência crítica e política nas pessoas pobres. A dimensão contextual e política da LPB teria convencido Milton Schwantes de que os “círculos bíblicos mudam pessoas. Se não o tivesse experimentado em mim mesmo e observado em outras pessoas por tantas vezes, poderia duvidar”⁴⁷⁶. Portanto, essa não distinção entre política e religião permite situar esta leitura-ação como um desdobramento de sua proposta de uma práxis profético-ecumênica.

Vale ressaltar que Milton Schwantes parece não ter desenvolvido ou proposto uma metodologia para a LPB que implicasse na transgressão de suas fronteiras tradicionais – favelas, sindicatos, movimentos rurais, fábricas, etc. – para abarcar aqueles territórios recentemente politizados que solicitam o enraizamento de práticas emancipatórias de raça, gênero e experiências inter-religiosas. Para o teólogo Graham McGeoch, este desafio

⁴⁷² SCHWANTES, 1987a, p. 48-50.

⁴⁷³ SCHWANTES, 1988c, p. 91.

⁴⁷⁴ SCHWANTES, 1988c, p. 91.

⁴⁷⁵ SCHWANTES, 1998a, p. 6.

⁴⁷⁶ SCHWANTES, 1998a, p. 6.

permanece atual no contexto da LPB na América Latina, sobretudo no Brasil.⁴⁷⁷ O biblista brasileiro teria se concentrado mais nas questões periféricas – urbanas e rurais – refletindo bastante o modo como ele interpretou o texto bíblico e a realidade de seus dias, ou seja, na ótica do conflito entre o campo e a cidade,⁴⁷⁸ como foi exposto no primeiro capítulo e aprofundado no segundo. Neste sentido, Milton Schwantes teria se concentrado mais nos problemas interpretados como políticos e socioeconômicos do que naqueles que, em geral, vêm ganhando espaço nos estudos pós-coloniais mais recentes.⁴⁷⁹

A pesquisa considera que esta forma prática e popular de ler e interpretar a Bíblia pode ter se inspirado em perspectivas protestantes e católicas romana, não necessariamente harmônicas entre si, mas que teriam ganhado certo grau de correlação na literatura de Milton Schwantes. Ela também apresentaria traços da educação popular de Paulo Freire, como será analisado mais a frente. Para exemplificar a possível correlação católico-protestante, serão tomados três modelos. Na ótica protestante do fenômeno, estaria o pensamento de Richard Shaull e, no prisma católico romano, os modelos de Ernesto Cardenal e Carlos Mesters.⁴⁸⁰ Graham McGeoch destaca que a LPB em Solentiname – e as práticas ligadas a ela – se traduz como uma hermenêutica política e social que pretendeu revolucionar contextos históricos. Todavia, ele entende que Carlos Mesters parece ter desconsiderado essa característica revolucionária bem como a perspectiva da luta de classes a ela atrelada, quando propôs que a exegese brasileira seria uma extensão da exegese europeia. Ou seja, Carlos Mesters não teria considerado as perspectivas percussoras da Teologia da Libertação ligadas ao engajamento com a luta revolucionária.⁴⁸¹

A pesquisa considera que o método de Milton Schwantes incorporou elementos que dialogam com estas diferentes perspectivas, selecionando o que era pertinente ao programa de leitura e político que ele teria aderido. Sobretudo, a busca pela explicitação da dimensão contextual e política da LPB.⁴⁸² O que não deve ser entendido como uma negação do pensamento de Graham McGeoch, mas, como uma tentativa diligente de tomar a literatura de Milton Schwantes e criticá-la enquanto a prática epistemológica que se entende e/ou alega ser. Para avançar nesta questão, será verificado brevemente o sentido – social e político – dos traços que indicam certa influência do teólogo Richard Shaull na formação do pensamento do

⁴⁷⁷ MCGEOCH, Graham G. From revolutionary texts to rebellious readers: what is leitura popular da Bíblia and is it really ‘popular’? *Journal Radical Americas*, London, v. 5, n. 1, p. 1-13, 2020. p. 9. [online].

⁴⁷⁸ SCHWANTES, 1988c, p. 89.

⁴⁷⁹ MCGEOCH, 2020, p. 1-13.

⁴⁸⁰ SCHWANTES, 1998a, p. 7.

⁴⁸¹ MCGEOCH, 2020, p. 1-6.

⁴⁸² SCHWANTES, 1998a, p. 7.

biblista brasileiro. A brevidade da análise parece necessária para não se perder de vista o objetivo central da pesquisa.

Milton Schwantes sintetizou o impacto de Richard Shaull sobre seu pensamento em uma entrevista concedida à *IHU On-Line* na seguinte afirmação:

Vivíamos, naqueles dias, no País, ocupado por militares desde 1964, e por teologias importadas em línguas estrangeiras. A teologia da revolução, formulada já nos anos 1950 e aprofundada nos anos 1960 por Richard Shaull, [...] era muito lida por nós protestantes. [...] Ele influenciou, com sua corrente inovadora, o movimento de jovens estudantes de teologia. Afinal, os acontecimentos revolucionários em Cuba, em 1959, punham na ordem do dia o tema da transformação social rápida na América Latina, seja para solucionar a grave crise da integração dos camponeses nas cidades, seja de distribuição de terra e renda. A ‘teologia da revolução’ tematizava a participação cristã nestas transformações.⁴⁸³

O biblista brasileiro, de certo modo, alega ter levado esta ênfase aos seus limites em sua hermenêutica bíblica. Tanto Richard Shaull quanto Milton Schwantes teriam feito um convite à resistência e à subversão, pois alegam considerar as realidades sociais e políticas injustas como *locus* de enunciação de suas respectivas visões teológicas e hermenêuticas.⁴⁸⁴ Nisto consistiria o pensamento político desses autores, cada um a seu modo. Em relação ao primeiro, esse convite seria realizado no campo teológico-pastoral. Ou seja, alega-se uma proposta teológica voltada para uma prática cristã com responsabilidade social, pressupondo uma aproximação dos cristãos ao proletariado e aos movimentos sindicais.⁴⁸⁵ No caso do segundo, esse convite aconteceria no contexto bíblico-teológico-pastoral, pois entende que uma “teologia junto ao povo é uma perspectiva bíblica [que apresenta] contornos revolucionários”⁴⁸⁶, com propostas de engajamento junto à classe campesina. Vale ressaltar a menção que Milton Schwantes faz dos eventos de 1959, em Cuba, no texto supracitado.⁴⁸⁷

Milton Schwantes argumenta estar, ao seu modo, na continuidade das experiências realizadas no contexto de Richard Shaull. Para ele, “já nos primeiros textos elaborados à luz da ‘revolução’ [...] a argumentação bíblica é importante. [...] expressam a dinâmica transformadora de Deus em meio à história [...] evidenciam o testemunho de Deus em meio às transformações sociais, à revolução”⁴⁸⁸. Deste modo, Richard Shaull é apresentado como o pioneiro, entre uma primeira geração de teólogos, em relação ao esforço para elencar alguns

⁴⁸³ SCHWANTES, 2006a, p. 54.

⁴⁸⁴ SCHWANTES, Milton. Anotações sobre novos começos na leitura bíblica. Releituras bíblicas dos anos cinquenta, sessenta e setenta na América Latina. In: REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da. *Hermenêuticas bíblicas: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. Goiânia: ABIB; São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2006b. p. 20-21.

⁴⁸⁵ SHAULL, Richard. *O cristianismo e a revolução social*. São Paulo: UCEB, 1953. p. 61-75.

⁴⁸⁶ SCHWANTES, 1987a, p. 44.

⁴⁸⁷ SCHWANTES, 2006a, p. 54.

⁴⁸⁸ SCHWANTES, 1989b, p. 12.

temas bíblicos no intuito de enfatizar a temática da revolução – importante os/as leitores/as não perderem de vista a expressão *temas bíblicos*. Inaugurando, assim, o que o biblista brasileiro considerou ser o processo de resgate da Bíblia em prol da luta do povo empobrecido em toda a América Latina.⁴⁸⁹

Milton Schwantes pensou a categoria *povo* em dois aspectos ligados ao modo como ele compreendeu a perspectiva revolucionária de Richard Shaull. O primeiro faz uma referência às tribos e aos clãs do mundo bíblico que teriam resistido à opressão da monarquia. O outro aspecto alude à constituição do povo a partir das pessoas empobrecidas da atualidade. Para ele, o conceito de povo “se afunila, para nós, na opressão e resistência de mulheres e homens empobrecidos”⁴⁹⁰, conforme os modelos clânicos e tribais do mundo bíblico.⁴⁹¹ O engajamento do biblista brasileiro, em suas reflexões hermenêuticas, teria buscado auxiliar às questões relacionadas à mudança social no presente, através da leitura-ação desenvolvida no contexto da LPB – histórico-social com elementos marxistas. Em sua literatura, o ponto culminante dessas ideias seria a superação de um modo de pensar *a-histórico* que dominava a teologia/hermenêutica,⁴⁹² o resgate do legado bíblico-profético da Reforma Protestante,⁴⁹³ e a necessidade de manter um olhar direcionado para uma práxis profético-ecumênica, visando à transformação da sociedade a partir de novos lugares, a saber: o modo como ele interpretou a realidade de operários e trabalhadores rurais de seus dias.⁴⁹⁴

Evidentemente, esses apontamentos preliminares de modo algum esgotam a questão. Apenas ressaltam que, nestes aspectos, duas perspectivas – teológica e hermenêutica – teriam brindado certos acordos. Milton Schwantes optou por uma hermenêutica bíblica histórico-social, com um viés político, assumindo alguns elementos de um programa de leitura marxista. Mas, ele entende que existem semelhanças e complementariedades com a persistência profético-teológica de Richard Shaull. Para ele, as “mediações hermenêuticas não só se estabelecem através da consensualidade eclesial e da reflexão teológica, mas também e de maneira predileta através da história e da prática”⁴⁹⁵. Não obstante, a atitude hermenêutica

⁴⁸⁹ SCHWANTES, 1989b, p. 12-13.

⁴⁹⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 45-46.

⁴⁹¹ SCHWANTES, 1987a, p. 45-46.

⁴⁹² SCHWANTES, 1989b, p. 11.

⁴⁹³ SCHWANTES, 1984b, p. 32-34. Veja também: SHAULL, Richard. *The reformation and liberation theology: in sights for the challenges of today*. Louisville: Westminster; John Knox, 1991. p. 15-16.

⁴⁹⁴ SCHWANTES, 1989b, p. 11. Richard Shaull contribuiu significativamente para a dimensão prática de um ecumenismo engajado com a realidade brasileira. Confira: SHAULL, Richard. *De dentro do furacão*: Richard Shaull e os primórdios da teologia da libertação. São Paulo: Sagarana, 1985. p. 15-24.

⁴⁹⁵ SCHWANTES, 1987a, p. 53.

do biblista brasileiro se considera permanentemente aberta para cooptar outras perspectivas complementares ao seu pensamento,⁴⁹⁶ como será descrito agora.

Carlos Mesters e Milton Schwantes se tornaram parceiros e aliados que compartilharam muito da visão bíblico-teológica-pastoral, considerando principalmente o convívio que tiveram no CEBI.⁴⁹⁷ Sob esse prisma, é possível notar algumas características importantes da teologia bíblica do primeiro que perpassam o pensamento bíblico-teológico-pastoral do segundo. Milton Schwantes considera que as contribuições de seu amigo, biblista, representam um segundo passo na elaboração da teologia bíblica latino-americana. Ou seja, Carlos Mesters teria avançado de uma análise de *temas bíblicos* – Richard Shaull – para a interpretação de conjuntos literários maiores. Nas suas palavras, “o roteiro de estudos elaborados por Carlos Mesters sobre o livro de Rute [...] alcançou uma brilhante integração entre a análise científica e a relevância popular de um livro bíblico”⁴⁹⁸. Desta forma, ele considera que a contribuição de Carlos Mesters teria representado a viabilização da Bíblia em nível popular, superando seu uso eclesiástico, tendo nesse aspecto sua relevância pastoral.⁴⁹⁹

Estes biblistas assumiram partilhar grande interesse em correlacionar a reflexão bíblica com a práxis pastoral. Eles acreditaram que a LPB era um projeto divino direcionado à libertação do povo empobrecido. Mas, segundo eles, a LPB só poderia alcançar esse objetivo quando a exegese se aproximasse do povo pobre,⁵⁰⁰ assumindo o papel de subserviente à pastoral.⁵⁰¹ Eles defenderam a leitura comunitária do texto bíblico, pois, assim como entenderam que a Bíblia foi escrita de modo coletivo, não poderia ser lida em perspectivas individualizantes. Para Carlos Mesters, isso implicaria em uma leitura orante, a partir da realidade vivida, em busca de um *sentido-para-nós*, objetivando o exercício da fé.⁵⁰² De certo modo, seria uma leitura engajada, mas não marxista, como pontuou Graham McGeoch, em relação à ausência de uma perspectiva revolucionária e de luta de classes nos textos deste biblista.⁵⁰³ Carlos Mesters entende que o texto bíblico, por si só, já explicitaria a dimensão política explorada na LPB.⁵⁰⁴

⁴⁹⁶ Essa abertura pode ser entendida à luz de seu horizonte ecumênico, pois o biblista confessa haver relevância na pluralidade de métodos, porque o clamor do povo pobre intriga não apenas as igrejas, mas vai solicitando também adaptações metodológicas. Confira: SCHWANTES, 1989b, p. 9-19.

⁴⁹⁷ MESTERS, Carlos. Milton, nosso mestres. In: PEREIRA, Nancy C. (Org.). *Milton Schwantes: escritos de história e paixão*. São Leopoldo: CEBI, 2012. p. 7-11.

⁴⁹⁸ SCHWANTES, 1989b, p. 13.

⁴⁹⁹ SCHWANTES, 1989b, p. 13-14.

⁵⁰⁰ MESTERS, 1984, p. 7-8.

⁵⁰¹ SCHWANTES, 1984c, p. 40.

⁵⁰² MESTERS, 1984, p. 10-12.

⁵⁰³ MCGEOCH, 2020, p. 1-6.

⁵⁰⁴ MESTERS, 1984, p. 10-12.

Milton Schwantes também compreendeu a Bíblia como uma “literatura eclesial [e que] gosta de ser interpretada neste ambiente eclesial”⁵⁰⁵. Não obstante, ele entende que o caráter ecumênico do texto bíblico solicita a inserção, consciente e consequente, das igrejas junto aos movimentos populares.⁵⁰⁶ E este parece ser o ponto principal onde ele se distingue do pensamento de Carlos Mesters. Para Milton Schwantes, as pessoas pobres deveriam ler e interpretar a Bíblia, preferencialmente, no contexto das CEBs. Entrementes, o texto bíblico teria a função de interpelá-los para uma práxis profético-ecumênica no âmbito dos movimentos populares e/ou movimentos sociais rurais brasileiros, não desvinculados da igreja profética e de rosto popular. Neste sentido, na esteira do pensamento de Milton Schwantes, subjaz a proposta de uma LPB com perspectiva marxista que enfatiza os conflitos históricos e a luta de classes – elites cidadinas *versus* campesinato – com acréscimos teológicos, onde Yahweh foi interpretado como um deus solidário com as pessoas politicamente mais fracas, libertando-as da opressão arregimentada pelo Estado opressor. Destarte, uma hermenêutica eclesial com tonalidades marxistas.⁵⁰⁷

Assim como Carlos Mesters, Milton Schwantes não menciona o pioneirismo e a relevância das metodologias e das práticas da educação popular de Paulo Freire,⁵⁰⁸ no âmbito da LPB. De acordo com Maria Buscemi, a LPB na perspectiva da educação popular de Paulo Freire pressupõe que o processo de educação teria nascido a partir das experiências vividas pelos participantes dos círculos bíblicos. Por meio da busca por compartilhar mutuamente as experiências de vida com a Bíblia, as pessoas passariam a refletir criticamente sobre sua realidade vivida e começariam a propor ações inerentes aos movimentos populares.⁵⁰⁹ Ao que se propõe ser, a hermenêutica bíblica de Milton Schwantes alega pressupor esse modelo de conscientização participativa no intuito de promover o desenvolvimento de projetos históricos a partir da LPB. Mas, não reconhece – ou não registrou nos *corpora* – suas raízes em Paulo Freire, levando em consideração somente as metodologias exegéticas e a análise sociológica da Bíblia sempre iluminada pelo modo como julgou ser a realidade latino-americana e brasileira.⁵¹⁰

A despeito da ausência de menção sobre Paulo Freire na literatura em análise, a pesquisa considera a existência de certa relação entre a educação popular e a LPB

⁵⁰⁵ SCHWANTES, 1989b, p. 11.

⁵⁰⁶ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

⁵⁰⁷ SCHWANTES, 1989b, p. 18.

⁵⁰⁸ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 29-32.

⁵⁰⁹ BUSCEMI, Maria S. A facilitação no processo de leitura popular da Bíblia. In: BUSCEMI, Maria S.; ANDRADE, Thiago V. P. ; CARVALHO, João J. O.; VIANA, Múria C. (orgs.). *Leitura Popular da Bíblia: caminhos e orientações*. São Leopoldo: CEBI, 2016. p. 11.

⁵¹⁰ SCHWANTES, 1989b, p. 15.

desenvolvida por Milton Schwantes, em pelo menos três aspectos. O primeiro aspecto teria a ver com a justificativa de uma metodologia hermenêutica que tomaria lugar do pobre como critério de leitura; o segundo seria a convicção de que as pessoas pobres se libertariam através da organização popular; e o terceiro e último aspecto consistiria no argumento de que as pessoas pobres poderiam se educar entre si mediados pelo mundo.⁵¹¹ Todas essas convicções perpassam, em certo sentido, a metodologia hermenêutica de Milton Schwantes e, de igual modo, atravessam o método da *pedagogia do oprimido* de Paulo Freire.⁵¹² Com apenas uma ressalva. Na metodologia do biblista brasileiro permaneceria imutável a figura do exegeta profissional como responsável pelo fornecimento da interpretação científica da Bíblia.⁵¹³

Para Paulo Freire, a figura de um *educador* poderia representar uma ameaça no processo de conscientização crítica e política dos oprimidos, quando não se compreendesse que não se trata de um método de ensino, mas de aprendizagem. Deste modo, o método de Paulo Freire poderia impor uma tarefa radical para a metodologia exegética de Milton Schwantes. Implicaria especialmente no abandono da utilização dos MHC – desenvolvidos na Europa – no processo de interpretação do texto bíblico, para dar espaço exclusivamente ao que ele designou ser o *método dos pobres*.⁵¹⁴ Segundo Paulo Freire, o método das classes dominantes não poderia, contraditoriamente, servir à libertação das pessoas pobres, assim como estaria defendendo o biblista brasileiro – exegese subserviente à pastoral.⁵¹⁵ Neste sentido, Milton Schwantes estaria afirmando um método que procura despertar a consciência crítica e política das pessoas empobrecidas em contextos colonizados, mas, paradoxalmente, estaria se utilizando das ferramentas desenvolvidas em territórios colonizadores.⁵¹⁶ A pesquisa se restringe a apontar para a complexidade que atravessa estas perspectivas no âmbito da LPB, não será seu foco solucioná-la.

Esta reivindicação pelo engajamento dos participantes das CEBs junto aos movimentos sociais, com certo tom de conscientização política e revolucionária, abre espaço para um diálogo entre a perspectiva de Milton Schwantes com o pensamento de Ernesto Cardenal. Na literatura do biblista brasileiro, a *organização* popular teria uma particularidade simbólica, onde a construção desses símbolos se relacionava aos membros das CEBs à medida que se alega que eles compreendiam a Bíblia à luz do modo como interpretavam sua própria realidade. Ou seja, para Milton Schwantes, as CEBs teriam colaborado na gênese de

⁵¹¹ SCHWANTES, 1988c, p. 91.

⁵¹² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. p. 29-61.

⁵¹³ SCHWANTES, 1984c, p. 40.

⁵¹⁴ SCHWANTES, 1988c, p. 91.

⁵¹⁵ SCHWANTES, 1984c, p. 40.

⁵¹⁶ FREIRE, 1974, p. 19-61.

novos modelos sociais, através dos grupos de LPB, fortalecendo a organização popular em uma perspectiva revolucionária.⁵¹⁷ Vale lembrar que ele participou do MST, através da CPT, como também incentivou as greves – como abordado no primeiro capítulo. Neste sentido, tal simbologia em torno da organização popular aproximaria as pessoas pobres de um universo que afetaria a sua fé e que legitimaria a revolução como um processo natural da LPB. Sobre o contexto brasileiro, ele afirmou: “aqui também nós produzimos esse intento forte para fazer uma revolução social”⁵¹⁸.

De modo preliminar, seria possível associar o pensamento revolucionário de Ernesto Cardenal ao de Milton Schwantes para além de uma participação em espaços para discussões políticas à luz do texto bíblico.⁵¹⁹ No caso do primeiro, constatam-se mundividências anti-imperialistas e opositoras à ditadura de Somoza, bem como o ideal da construção de uma sociedade sem classes semelhante ao cristianismo das origens.⁵²⁰ Em relação ao segundo, além da manifestação de sua oposição à ditadura militar brasileira, salientou-se a premência do modelo de uma nova sociedade sem a influência de governos totalitários e em conformidade com os ideais da organização social do campesinato do mundo bíblico.⁵²¹ Tendo em vista a luta pela reforma agrária no Brasil, ele esboça esse modelo de sociedade idealizado:

Haverá distribuição de terra. [...] A redivisão da terra lembra a situação de Israel antes do reinado. [...] Não haverá reinado e, assim, não haverá Estado. [...] E assim se vai delineando um novo projeto. Aparentemente busca seus modelos na era pré-monárquica: todos têm acesso a terra e à jurisprudência numa nova sociedade sem reinado. Contudo, aí não se trata de uma mera volta romântica aos bons tempos passados. Trata-se de uma reestruturação do presente. Pois, o modelo esboçado coincide com experiências então atuais nos vilarejos israelitas. [...] O projeto propõe reagrupar e organizar a vida social a partir do modelo dos vilarejos, do portão.⁵²²

Portanto, em Milton Schwantes, a LPB e a práxis profético-ecumênica a ela associada teriam buscado ser uma aplicação direta de uma hermenêutica em perspectiva histórico-social, tendo como critério hermenêutico o lugar do pobre, objetivando uma mudança revolucionária nas circunstâncias históricas, não perdendo de vista a ótica do conflito entre as classes. Em

⁵¹⁷ SCHWANTES, 1984a, p. 148.

⁵¹⁸ SCHWANTES, 1998a, p. 12.

⁵¹⁹ Os diálogos políticos estabelecidos com os camponeses na comunidade fundada por Ernesto Cardenal, em Solentiname, foram registrados na seguinte obra: CARDENAL, Ernesto. *El evangelio em Solentiname*. Madrid: Trotta, 2006.

⁵²⁰ CARDENAL, Ernesto. *La revolución perdida*. Madrid: Trotta, 2004. p. 245-247.

⁵²¹ Em sua contribuição para o I Congresso de Pesquisa Bíblica, da ABIB, em 2004, Milton Schwantes faz a seguinte declaração sobre o pensamento de Ernesto Cardenal: “Pessoalmente me incluo, nestes caminhos da leitura bíblica popular e libertadora, com alguns ensaios do final da década de setenta”. Confira a nota de rodapé de número quarenta em: SCHWANTES, 2006b, p. 26.

⁵²² SCHWANTES, 1982a, p. 135-138.

alguns de seus textos, manifesta-se também uma natureza anti-imperialista em oposição à dominação estadunidense, considerando o problema brasileiro da dívida externa, por exemplo, na seguinte afirmação: “o pacifismo de Isaías [...] é anti-imperialista. Na insistente admoestação [...] palpita, pois, o momento político, em que Isaías se opõe aos cuidados pela segurança e à confiança na potência da hora. Pelo que se vê Isaías é incomodamente atual”⁵²³. Neste sentido, pode-se falar em uma tentativa de junção dos valores éticos vétero-testamentários à causa dos operários e trabalhadores rurais de então, objetivando projetar a construção de um pensamento e uma práxis profético-ecumênica revolucionária, no intuito de conferir legitimidade aos movimentos sociais rurais e populares brasileiros em sua luta pela reforma agrária.

Milton Schwantes defendia veementemente a possibilidade da aproximação das contribuições da pesquisa bíblica com a pastoral. Por isso, ele entende que a LPB “*não provém da academia* [...] não foi a pesquisa que a fomentou”⁵²⁴ [grifo do texto]. Mas, foi gestada “na pastoral dos pequenos grupos eclesiais [...] da prática de fé, resistência e organização dos empobrecidos”⁵²⁵. Segundo ele, isso fez das CEBs a fonte de *outra* leitura bíblica realizada exclusivamente pelas pessoas pobres.⁵²⁶ Uma leitura não abstrata, mas que produziria os efeitos de uma pastoral, “na qual, pessoas não são expectadoras de ritos, mas ensaiam a fé em formas de organização”⁵²⁷. O biblista brasileiro postula que o uso popular da Bíblia poderia gerar uma experiência de cidadania e, ao incorporar os elementos concretos da vida, destacaria o texto bíblico como denúncia incansável contra a pauperização e como anúncio da partilha social.⁵²⁸ Nesse processo, ele reconheceu o CEBI como espaço produtivo que teria permitido a aplicação de suas concepções bíblico-teológico-pastorais à metodologia da LPB.

Carlos Mesters, um dos fundadores e animadores do CEBI, relata que “Milton Schwantes fez parte do Conselho do CEBI e participava das reuniões periódicas. Ajudava e assessorava nos cursos e encontros. Discutia [...] a organização e os projetos de formação”⁵²⁹. Desde 1979, o CEBI representa uma iniciativa ecumênica que objetiva a divulgação e reflexão sobre a metodologia da LPB na América Latina. Atualmente, mantém parcerias e relações com igrejas, movimentos sociais, movimentos ecológicos, associações diversas e

⁵²³ SCHWANTES, Milton. Sem crer não se permanece: estudos exegéticos em Isaías 7,1-2+3-9. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 12, n. 46, p. 99-118, 2004d. p. 115-116.

⁵²⁴ SCHWANTES, 1987a, p. 47.

⁵²⁵ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

⁵²⁶ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

⁵²⁷ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

⁵²⁸ SCHWANTES, 1987a, p. 48-51.

⁵²⁹ MESTERS, 2012, p. 9.

atividades voltadas para a economia alternativa, tais como: artesanato, produção coletiva de alimentos, produção cultural, entre outras – todas impulsionadas pela LPB.⁵³⁰ No período em que integrou a direção do CEBI, Milton Schwantes contribuiu na formação política dos primeiros trabalhadores rurais,⁵³¹ inserindo-se nos acampamentos e articulando suas principais hipóteses e temas exegético-hermenêuticos nos estudos bíblicos, como afirma Mercedes Brancher:

No início dos anos 80, a Diocese de Chapecó convidou Milton Schwantes para assessorar a escola de formação dos agentes diocesanos de pastoral. [...] o estudo [...] sobre o tema ‘a terra na Bíblia’. [...] conseguiu viabilizar a profunda contribuição do poder místico [...] como força de resistência e de capacidade organizativa do povo. [...] A forma de interpretar [...] a partir do conflito foi [...] significativa [...] vivíamos [...] os primeiros conflitos com ocupações de terra. [...] O uso das ciências aliado à experiência da fé trouxe novas luzes para a caminhada pastoral [...] a experiência [...] do Êxodo [...] favoreceu para que a Palavra reencontrasse o [...] espaço agrícola onde o conflito [...] fez o povo descobrir que Deus estava no meio deles. Sua luta pela terra tornou-se um compromisso de fé.⁵³²

As palavras da autora implicam no reconhecimento das contribuições da hermenêutica bíblica de Milton Schwantes, evidenciando suas intencionalidades pastorais através da metodologia da LPB, no contexto de sua atuação no CEBI. Seriam indícios do esforço intelectual de um biblista brasileiro que compreendeu que a LPB “tem seu lugar vivencial na escuta e no serviço das igrejas junto aos movimentos populares [e, ao mesmo tempo] está enraizada na pastoral”⁵³³. Ele teria buscado intercambiar o conhecimento acadêmico – ciência bíblica – e o saber popular – experiência ecumênica da fé – nos espaços onde se alega que a solidariedade com os empobrecidos, em meio aos conflitos históricos, era priorizada. Segundo Milton Schwantes, a LPB teria levantado novas perguntas que exigiam o aprofundamento da reflexão científica. Para ele, este aprofundamento seria pertinente, porque qualificaria a luta pela defesa da vida, a partir da LPB.⁵³⁴

Mercedes Brancher oferece ainda outro relato sobre o que ela classifica como as principais contribuições para a LPB, que contaram em boa medida com o esforço e a dedicação do biblista brasileiro e que foram apoiadas inicialmente pelo CEBI. O Programa Comum de Bíblia (PCB) foi assessorado por Milton Schwantes e ficou sob a responsabilidade da autora. Segundo ela, o PCB se ancorava em dois pilares: articulação das experiências da

⁵³⁰ CEBI. *O CEBI e sua atuação*: os resultados. [s.d.]. [n.p.]. [online].

⁵³¹ PY; PEDLOWSKI, 2018, p. 247.

⁵³² BRANCHER, Mercedes. Vou falar do que vi e conheci. Um mestre amigo. In: DREHER, Carlos A.; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria; DREHER, Isolda R. (orgs.). *Profecia e Esperança*: um tributo a Milton Schwantes. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 25-26.

⁵³³ SCHWANTES, 1987a, p. 56.

⁵³⁴ SCHWANTES, 1989b, p. 16-19.

LPB latino-americanas e a formação bíblica.⁵³⁵ Este último pilar será abordado na próxima seção, privilegiando a participação de Milton Schwantes na formação acadêmica, em nível de pós-graduação *stricto sensu*, de homens e mulheres no Brasil. Mas, segundo ela, no intuito de criar novos espaços de formação bíblica teria nascido o Curso Intensivo de Bíblia (CIB) do CEBI. Organizado por Milton Schwantes, o objetivo do curso era o oferecimento de um conhecimento bíblico acadêmico subserviente à LPB. Mais tarde, CIB foi transformado em uma experiência mais flexível, tornando-se o CIB itinerante.⁵³⁶

Além disso, Milton Schwantes teria contribuído produzindo textos para as duas principais publicações do CEBI: *Por Trás da Palavra* (PTP) e *A Palavra na Vida* (PNV). No primeiro periódico, vale destacar um texto escrito, em 1995, intitulado *Do jeito da traça*, onde a profecia de Oséias foi descrita como denúncia da atuação política, das práticas religiosas e da idolatria. Esta última entendida como a prática de um javismo cada vez mais distante da justiça de Yahweh em relação às pessoas pobres.⁵³⁷ E como esboçado no segundo capítulo, à luz das críticas pós-coloniais de Gayatri Spivak, esta reflexão – destinada à LPB – reforça a necessidade de uma mediação hermenêutica entre os supostos sujeitos intérpretes e a Bíblia, pois, enfatiza que “os profetas aparecem claramente como mediadores desta esperança que resta. Pois, foram os profetas os que no passado e na atualidade souberam e estão habilitados a ler a presença de Deus”⁵³⁸.

Em *A Palavra na Vida*, ele buscou oferecer reflexões bíblicas como subsídios à pastoral. Como apontado no início desta seção, ele se utilizou de jargões no intuito de se identificar com o contexto imediato dos operários e trabalhadores rurais de seu tempo – *afinidade eletiva* weberiana. No texto intitulado *E o verbo se fez carne e acampou entre nós*, por exemplo, a palavra *acampou* estaria aludindo às circunstâncias dos assentamentos iniciados pelo MST.⁵³⁹ Em outro ensaio publicado neste periódico, em 1990, intitulado *A terra pertence a Deus*, Milton Schwantes apresentou temáticas distintas, onde foram delineadas propostas inerentes aos direitos humanos. Nestes textos, ele afirma retratar o direito das pessoas pobres, abordando o tema da terra em seus variados aspectos e a temática da dívida externa brasileira à luz das distintas conotações que a lei do sábado teria recebido ao longo do tempo. O direito ao sábado e a liberdade na terra foram descritos por ele na

⁵³⁵ BRANCHER, 2006, p. 29-32.

⁵³⁶ BRANCHER, 2006, p. 31.

⁵³⁷ SCHWANTES, Milton. *Do jeito da traça: Oséias 5,8-7,16*. *Revista Por Trás da palavra*, São Leopoldo, a. 15, n. 87, p. 25-30, 1995. p. 28-29.

⁵³⁸ SCHWANTES, 1995, p. 30.

⁵³⁹ SCHWANTES, 2012c, p. 38-63.

perspectiva de uma experiência com Yahweh como um deus que quer firmar o seu povo e libertá-lo da opressão.⁵⁴⁰

Durante a sua atuação no CEBI, Milton Schwantes teria assumido o princípio básico de desenvolver a sua visão ecumênica, considerando que a vida estaria acima de qualquer estrutura institucionalizada e/ou religião. Ele considerava o CEBI e a metodologia da LPB como importantes contribuições para o ecumenismo brasileiro. Concebia-os como o *locus* privilegiado para o desenvolvimento da sensibilidade de cristãos e de cristãs para as questões populares e sociais, bem como para articular uma espécie de fórum teológico. O que, segundo ele, teria indicado que o CEBI estaria adotando certas pautas acadêmico-teológicas à medida que interpretava a Bíblia a partir das pessoas pobres e em solidariedade com elas. Para o autor, as carências populares seriam a fonte das iniciativas ecumênicas. Por esta razão, a luta pela terra e o MST tornaram-se uma questão ecumênica em sua literatura. Na ótica de Milton Schwantes, o *ecumenismo popular* seria o aspecto mais relevante nas interações entre as igrejas-movimentos de seu tempo.⁵⁴¹

Deste modo, a pesquisa considera que, a seu modo, o biblista brasileiro intencionou criar possibilidades para que homens e mulheres, em situação de pobreza, tivessem acesso ao texto bíblico. Mas, sempre mediados pela interpretação fornecida pelos profissionais em exegese para desenvolver uma consciência crítica e política que os inserissem nas lutas populares – condição última para superar a subalternidade e promover uma revolução social. Neste esforço, compreende-se que o principal objetivo de Milton Schwantes teria implicado no fortalecimento da tarefa de inter-relacionar o conhecimento acadêmico com o saber popular. Na próxima seção, aborda-se sobre a influência e a participação dele na formação de biblistas brasileiros/as, nos projetos que ele iniciou/participou para o desenvolvimento das pesquisas em Bíblia no continente latino-americano, bem como sua proposta de formar uma escola constituída por biblistas inseridos/as nos movimentos sociais e populares.

3.2 Formação de biblistas brasileiros/as, fomento à pesquisa bíblica e a proposta de uma corrente hermenêutica engajada

No *site* institucional da Bibliografia Bíblica Latino-Americana Milton Schwantes (BBLAMS), encontra-se uma lista organizada com os nomes de alguns biblistas latino-

⁵⁴⁰ SCHWANTES, 1990, p. 7-42.

⁵⁴¹ SCHWANTES, Milton. Entrevista com o pastor Milton Schwantes. In: CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) (Org.). *Bíblia e ecumenismo: um grande desafio*. Belo Horizonte: CEBI, 1988d. p. 32-36.

americanos/as. No conjunto, estão elencadas seiscentas pessoas que de alguma maneira relacionam – ou relacionaram – o texto bíblico à prática profissional e/ou eclesial. Entre os inscritos, misturam-se pessoas com o grau de mestre/a, doutor/a; ou assessores/as eclesiásticos, assessores/as de diocese, coordenadores/as de pastorais, etc. Em alguns casos, uns pesquisaram o texto bíblico no mestrado, mas não deram continuidade no doutorado; outros/as realizaram suas pesquisas em nível de graduação e não aprofundaram os estudos em nível de pós-graduação; outros/as não possuem vínculos com a comunidade acadêmica latino-americana no campo das pesquisas em Bíblia.⁵⁴²

Pode-se dizer que a BBLAMS, em certo sentido, está na continuidade das propostas sugeridas por Milton Schwantes, considerado seu principal idealizador e facilitador. A BBLAMS nasceu ligada à área de Literatura e Religião no Mundo Bíblico, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Seu principal objetivo seria incentivar a pesquisa bíblica através da facilitação do acesso ao material produzido na América Latina e no Caribe. O biblista brasileiro a idealizou tendo como princípio norteador a certeza de que a Bíblia deveria pertencer a todos e a todas, independentemente da obtenção de títulos acadêmicos. Hoje, o projeto é coordenado pelo professor José Ademar Kaefer, ex-aluno de Milton Schwantes, e conta com o auxílio de uma equipe de estudantes de Bíblia da UESP. Como foi apontado, o projeto reúne os/as biblistas vinculados ou não à comunidade acadêmica latino-americana e, nesse sentido, representa a continuidade das propostas de seu idealizador.⁵⁴³

Entre os seiscentos nomes listados, quarenta e cinco atingiram o grau de mestre/a e/ou doutor/a, em Ciências da Religião, formados/as em solo brasileiro, sob a orientação de Milton Schwantes. O que equivale dizer que 7,6% dos biblistas latino-americanos/as, registrados na BBLAMS, tiveram a participação do biblista brasileiro em sua formação acadêmica, em nível de pós-graduação *stricto sensu*. Neste grupo, encontram-se dezessete mulheres, correspondendo a 37,7% dos/as orientandos/as deste professor.⁵⁴⁴ Segundo Mercedes Brancher, incluída neste percentual, a formação acadêmica de mulheres teria estado na agenda

⁵⁴² Esta investigação foi realizada pelo autor desta pesquisa, a partir da consulta e do confronto entre os dados registrados no *site* da BBLAMS com a Plataforma Lattes-CNPq. Cada um dos nomes apresentados na lista da BBLAMS foi analisado individualmente na Plataforma Lattes-CNPq. Para obter mais detalhes, consultar: BBLAMS. *Biblistas*. [s.d.]. [n.p.]. [online]. Veja também: PLATAFORMA LATTES-CNPq. [Site institucional]. [s.d.]. [online].

⁵⁴³ BBLAMS. *A Bibliografia Bíblia Latino-Americana Milton Schwantes*. [s.d.]. [n.p.]. [online].

⁵⁴⁴ A pesquisa considerou apenas os/as estudantes que concluíram o mestrado e/ou doutorado. Desta forma, não foram inseridos na análise estudantes que tiveram o curso interrompido. Vale ressaltar que o autor da pesquisa realizou os cálculos apresentados a partir do confronto das informações obtidas no *site* da BBLAMS com a Plataforma Lattes-CNPq. Confira em: BBLAMS, [s.d.], [n.p.]; PLATAFORMA LATTES-CNPq, [s.d.], [n.p.].

de Milton Schwantes como prioridade. Ela relata que a despeito de as mulheres superarem numericamente os homens no comprometimento com a LPB, elas teriam encontrado imensas barreiras no acesso às universidades. Por isso, a autora confessa que se um grupo de mulheres conseguiu chegar ao grau de doutoras em Sagrada Escritura, nestes últimos tempos, isso deve ser laureado ao incentivo e apoio oferecidos por Milton Schwantes.⁵⁴⁵

Não obstante, apesar das contribuições em relação à formação acadêmica de biblistas mulheres no Brasil, esse resultado ainda se mostra bastante tímido e incipiente. O número de homens pós-graduados ainda supera quantitativamente o cômputo de mulheres.⁵⁴⁶ Todavia, alguns textos do autor evidenciam sua preocupação com a inserção delas nos espaços acadêmicos. Isto está refletido, por exemplo, no artigo intitulado *Javé abrigou*, onde ele alega criticar a imagem de um deus conquistador que impõe submissões intermináveis às pessoas, especialmente às mulheres. Ele presume que a força feminina nas CEBs estaria solicitando uma teologia bíblica com novos enfoques, a saber, “que o ‘Deus libertador’ passe pela crise profunda da despatriarcalização”⁵⁴⁷. Tal esforço é traduzido, nesta pesquisa, como uma tentativa do autor estabelecer trocas intercambiáveis entre o saber acadêmico e o saber popular, valorizando, sobretudo, a participação das mulheres neste processo. Ele afirma reiteradamente que o saber popular era marcado pela presença feminina e, por isso, precisaria ser lapidado e fortalecido no contexto acadêmico.⁵⁴⁸

O número de mulheres orientadas pelo professor Milton Schwantes, no Brasil, permanece inalterado na consulta ao seu currículo *lattes*. No entanto, o número de homens aumenta para trinta e cinco. Com efeito, o percentual de mulheres cai para 32,69%, enquanto o número de mestres e doutores do sexo masculino sobe para 67,31%.⁵⁴⁹ Deve-se considerar que, em geral, a inserção de dados nas duas plataformas aqui exploradas ocorre de modo manual e depende que seus usuários atualizem continuamente os registros. Enquanto o currículo *lattes* é alimentado pelos seus usuários, a BBLAMS recebe as informações, via e-mail, para a atualização de sua lista. Deste modo, não foi possível aferir, em termos numéricos e/ou percentuais, as contribuições de Milton Schwantes para a formação acadêmica de homens e mulheres brasileiros/as.⁵⁵⁰ Além da divergência numérica verificada, corre-se o

⁵⁴⁵ BRANCHER, 2006, p. 34.

⁵⁴⁶ Na análise, entre os/as quarenta e cinco mestres/as e/ou doutores/as que foram orientados/as por Milton Schwantes, vinte e oito são homens e apenas dezessete são mulheres.

⁵⁴⁷ SCHWANTES, 1997, p. 28.

⁵⁴⁸ SCHWANTES, 1984a, p. 151.

⁵⁴⁹ PLATAFORMA LATTES-CNPq, [s.d.], [n.p.].

⁵⁵⁰ Na BBLAMS, consta a seguinte mensagem: “queremos manter este site atualizado. Por isso, por favor, informe-nos os seus atuais endereços. O endereço da Bibliografia Bíblica é bibliografia.biblica@metodista.br”. Confira: BBLAMS, [s.d.], [n.p.].

risco da inexistência de registros enviados para ambas as plataformas, por parte desses e de outros/as alunos/as do biblista brasileiro.

No *site* da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB) não foi localizada qualquer listagem com os nomes de biblistas brasileiros, somente um agradecimento especial aos professores Johan Konings e Milton Schwantes, considerados idealizadores do primeiro encontro de biblistas, que teria possibilitado o nascimento da ABIB.⁵⁵¹ Outra maneira que se buscou para mensurar a participação de Milton Schwantes na formação de biblistas brasileiros/as, em nível de pós-graduação *stricto sensu*, deu-se através do relato de alguns de seus ex-alunos e ex-alunas. Esta pesquisa recebeu as contribuições de Mercedes Lopes, Valmor da Silva e Ivoni Richter Reimer, via *e-mail*, que não mediram esforços na descrição da importância do professor Milton Schwantes em suas trajetórias de formação acadêmica e perfil profissional. Segundo Mercedes Lopes:

Milton contribuiu muito para um diálogo entre a academia e a educação popular. Ele ocupou estes dois espaços com uma grande competência e dedicação. Ele abriu espaços para biblistas brasileiros na academia e contribuiu na formação bíblica continuada nos espaços populares. Atualizava continuamente suas pesquisas e compartilhava com simplicidade e entusiasmo. Estimulava leituras e pesquisas. Gostava que suas orientandas/os usassem de criatividade na elaboração de seus trabalhos. Valorizava uma boa redação! Dava sugestões para ampliar a pesquisa, chegando a ir até à biblioteca para mostrar novas possibilidades.⁵⁵²

Atualmente, Mercedes Lopes trabalha intensamente fora dos espaços acadêmicos e está bastante envolvida com o CEBI. Ela considera relevante e atual a capacidade de seu orientador articular o conhecimento acadêmico com o saber popular. Além de gostar dessa perspectiva, a biblista confessa que se utiliza desta metodologia em suas experiências nos círculos bíblicos.⁵⁵³ Ela acredita que a literatura de Milton Schwantes contribui para superação dos fundamentalismos nos discursos religiosos e, nesse sentido, se mostra atual e relevante.⁵⁵⁴

Em seu relato, Valmor da Silva afirma que:

Milton atuou no IEPG (Instituto Ecumênico de Pós-Graduação) em São Bernardo do Campo, na Metodista (posterior Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESP). [...] Logo passou a reunir um grupo de doutorandos em Bíblia. Cito alguns nomes que me lembro de memória (Valmor da Silva, Sandro Gallazzi,

⁵⁵¹ ABIB. *Sobre a ABIB*. [s.d.]. [n.p.]. [online].

⁵⁵² LOPES, Mercedes. *Três perguntas sobre Milton Schwantes* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <soares.ensino@gmail.com> em 21 set. 2020. 1 *e-mail*.

⁵⁵³ O autor da pesquisa participou de um evento intitulado *Formação Nacional: oficina da LPB Região Sudeste*, promovido pelo CEBI, em março de 2020, na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Na ocasião, a biblista Mercedes Lopes conduziu alguns momentos da oficina de LPB e foi possível constatar a presença de elementos da metodologia de Milton Schwantes em seu *modus operandi*.

⁵⁵⁴ LOPES, 2020, [n.p.].

Tânia Mara Vieira Sampaio, Nancy Cardoso Pereira, Domingos Sávio da Silva, Tércio Machado Siqueira). Quando ainda não se sabia o que era fazer doutorado em Bíblia no Brasil, começamos a discutir projetos de tese e, em seguida, a Metodista teve o curso aprovado pela CAPES. A grande contribuição, no meu parecer, é a harmonização entre a exegese acadêmica e a pastoral popular.⁵⁵⁵

Em conformidade com o depoimento de Mercedes Brancher e Mercedes Lopes, Valmor da Silva acredita que o diferencial de Milton Schwantes consiste na sua capacidade de confluir os saberes acadêmico e popular. Essa perspectiva seria importante, segundo ele, porque “teve desdobramentos nas pessoas que ele formou, e que passaram a atuar em seminários e em faculdades. Essa herança marca a formação e os escritos de novos biblistas”⁵⁵⁶.

Para Ivoni Reimer, nunca houve uma diferenciação entre uma hermenêutica acadêmica e outra popular na metodologia exegético-hermenêutica ensinada pelo seu professor. Nas suas palavras, Milton Schwantes:

Sempre fez exegese e sua hermenêutica sempre foi libertadora; sua leitura e hermenêutica são críticas a qualquer relação de dominação (no texto e na vida). O que ele trabalhava conosco nos estudos ele trabalhava também nas comunidades e nos movimentos, utilizando obviamente uma linguagem adequada.⁵⁵⁷

A biblista enfatiza a seriedade e competência de Milton Schwantes nas pesquisas e o modo como ele procurou dialogar a LPB com a perspectiva acadêmica.⁵⁵⁸ Infelizmente, outros relatos livres não foram reunidos na pesquisa – diferentes daqueles publicados em livros e/ou artigos acadêmicos. Alguns *e-mails* não chegaram aos seus destinatários, enquanto outros não foram respondidos em tempo hábil. No entanto, as opiniões aqui reunidas reconhecem como uma marca peculiar da hermenêutica bíblica em tela o esforço pela aproximação entre o conhecimento científico e o saber popular.⁵⁵⁹

Além do interesse pela formação de biblistas brasileiros/as, Milton Schwantes teria se empenhado para estabelecer uma rede latino-americana, de biblistas e instituições, no intuito de estimular as pesquisas bíblicas na América Latina. Ele alega a necessidade de se desenvolver um saber bíblico latino-americano, não fragmentado, na continuidade da literatura produzida *in loco* e não somente fundamentadas nas produções do norte global. Para ele, qualquer produção literária que não mencionasse os autores latino-americanos estaria

⁵⁵⁵ SILVA, Valmor da. *Três perguntas sobre Milton Schwantes* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <soares.ensino@gmail.com> em 23 set. 2020. 1 *e-mail*.

⁵⁵⁶ SILVA, 2020, [n.p.].

⁵⁵⁷ REIMER, Ivoni R. *Uma pergunta sobre a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <soares.ensino@gmail.com> em 01 fev. 2021. 1 *e-mail*.

⁵⁵⁸ REIMER, 2021, [n.p.].

⁵⁵⁹ Basta conferir os diversos relatos registrados na obra: DREHER, MUGGE, HAUENSTEIN, DREHER, 2006, p. 5-401.

reproduzindo o processo de dominação tecnológica. Ele não estaria propondo uma cisão epistemológica radical entre o norte global e a América Latina. Mas, uma utilização mais recorrente das contribuições das pesquisas desenvolvidas no continente latino-americano, ao lado das pesquisas desenvolvidas no norte global. Uma proposta de emancipação total o colocaria em uma situação contraditória, porque ele mesmo utilizou muito do referencial teórico-metodológico europeu na elaboração de sua hermenêutica bíblica.⁵⁶⁰

Sendo assim, no intuito de catalisar tais anseios, em parceria com um grupo de biblistas latino-americanos e caribenhos, desenvolveu-se o projeto da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA). Na apresentação do primeiro número, intitulado *Leitura popular da Bíblia: por uma hermenêutica da libertação na América Latina*, o biblista brasileiro relata algumas das preocupações que animaram a criação do periódico. Segundo ele, “RIBLA tenta ser um elo que interliga as experiências locais, regionais e nacionais [visando compartilhar] experiências de leitura bíblica [...] da América Latina e do Caribe. [integrando-se] na caminhada ecumênica”⁵⁶¹. Atualmente, a revista é publicada em português e espanhol e já se encontra em seu octogésimo segundo volume. E, conforme informações obtidas no *site* oficial, desde o seu lançamento, em 1988, RIBLA pretende refletir a interpretação bíblica em perspectiva ecumênica, levando em consideração a pluralidade de métodos e contextos.⁵⁶²

Outra iniciativa articulada em uma perspectiva ecumênica e pastoral foi o Comentário Bíblico Latino-Americano (CBLA), que nasceu da experiência da LPB, na década de 1980. Alguns biblistas católicos e protestantes reuniram-se no intuito de registrar a experiência da interpretação bíblica latino-americana e fundaram este projeto. Trata-se da publicação de obras que pretendiam apresentar comentários práticos voltados à pastoral, objetivando o fortalecimento da caminhada das pessoas pobres. O comentário bíblico de Ageu, de Milton Schwantes, publicado em 1986, foi uma das obras disponibilizadas a partir do CBLA. Nele, o autor apresenta propostas hermenêuticas que situam Ageu como um contestador anti-imperialista em prol da reconstrução do templo de Jerusalém. Nesta lógica, a reativação do templo apontaria que as condições de vida das pessoas seriam transformadas. Para o autor, a

⁵⁶⁰ SCHWANTES, 1998a, p. 9-10.

⁵⁶¹ SCHWANTES, Milton. Apresentação. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 5-6, 1988e. p. 5-6.

⁵⁶² RIBLA [*Site* institucional]. [s.d.]. [*online*]. [n.p.].

profecia de Ageu apresenta um templo marcado pelo fenômeno profético e pela reorganização do povo para superação do empobrecimento.⁵⁶³

Ressalta-se ainda a revista *Estudos Bíblicos* – publicada a partir de 1984 como uma extensão da *Revista Eclesiástica Brasileira*, tornando só mais tarde um periódico independente. Estudos Bíblicos foi um periódico elaborado por biblistas latino-americanos no intuito de apresentar ensaios em nível mais popular, sem pretender abandonar os critérios de cientificidade. Em seu primeiro número, *A Bíblia como memória dos pobres*, há um artigo de Milton Schwantes intitulado *Interpretação de Gn 12-25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco*. Neste ensaio, a preocupação do autor teria sido defender a hipótese da perícopes como memória popular, solicitando uma metodologia mais próxima dessa abordagem, tendo como pano de fundo as questões elementares e concretas das pessoas na América Latina, como esboçado no segundo capítulo.⁵⁶⁴ Este texto tornou-se essencial para compreender o horizonte hermenêutico do autor e foi publicado ao lado das contribuições de Carlos Mesters e Pablo Richard que versaram, respectivamente, sobre os principais desafios da teologia bíblica no Brasil e a tese da Bíblia como memória histórica dos pobres.⁵⁶⁵

Deste modo, a pesquisa postula que em relação à formação de biblistas brasileiros/as e o grande interesse demonstrado pela disseminação e pela valorização das pesquisas bíblicas desenvolvidas na América Latina, Milton Schwantes pretendeu formar uma escola de biblistas, homens e mulheres, cujo estatuto epistemológico consistiria na aproximação entre o saber científico e o saber popular. À luz de sua literatura, este projeto não se mostra puramente acadêmico, cujo escopo se detém no âmbito das reflexões teóricas. Ao contrário, a proposta estaria redirecionando a teologia bíblica e a atividade dos biblistas para uma reflexão à luz das experiências latino-americanas e caribenhas, mormente o contexto brasileiro, pois, foi este o contexto privilegiado de sua participação mais incisiva sobre a formação acadêmica de seus alunos e alunas, enquanto professor universitário. De modo que, a teologia bíblica – a ser desenvolvida por seus alunos e alunas – deveria ser recriada “a partir da prática da leitura da Bíblia em meio às lutas populares”⁵⁶⁶.

Da mesma forma como outros estudos interpretam a atuação de Milton Schwantes, à luz da teoria gramsciana, como um intelectual orgânico inserido nos movimentos sociais

⁵⁶³ SCHWANTES, 1986a, p. 11-82. Outras obras publicadas no contexto do CBLA foram: SCHWANTES, 1986c, p. 1-91; como também, SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de deus no século VI a.C.* São Leopoldo: Oikos, 1987c. p. 1-142.

⁵⁶⁴ SCHWANTES, 1984c, p. 31-49.

⁵⁶⁵ Para obter mais detalhes sobre os artigos de Carlos Mesters e Pablo Richard, ver: MESTERS, 1984, p. 7-19; ou RICHARD, 1984, p. 20-30.

⁵⁶⁶ SCHWANTES, 1989b, p. 15.

rurais,⁵⁶⁷ a pesquisa propõe que ele pretendeu formar uma escola de intelectuais orgânicos ou, por assim dizer, *biblistas orgânicos*. Neste sentido, ele teria desenvolvido uma doutrina hermenêutica cujo ponto de partida seria, em última análise, o reconhecimento da exploração sofrida pelos operários e trabalhadores rurais brasileiros, interpretada como resultado da opressão da ditadura militar. O que Milton Schwantes buscou desenvolver foi um estudo histórico-social do texto bíblico para elaborar uma teoria hermenêutica – no campo pragmático de uma leitura política da Bíblia ou pelo uso político do argumento heurístico – que fosse aplicável como uma práxis profético-ecumênica. Neste horizonte, suas principais hipóteses exegético-hermenêuticas deveriam convergir teleologicamente. Nas suas palavras:

Praticamos uma leitura histórica do êxodo como fenômeno em meio às lutas sociais. O antagonismo entre os hebreus/oprimidos e o faraó/opressor é chave de leitura. Não interpretamos o êxodo como um tema, mas como uma luta. E esta é uma luta marcante, porque alguém poderia enaltecer a libertação como assunto, sem, contudo, localizá-la nos conflitos histórico-sociais. Esta [...] perspectiva é a que amplamente prevalece entre nós. [...] A libertação é questão pastoral. Com isso o êxodo está no dia-a-dia da atuação eclesial em meio às dores e às esperanças do povo. Daí provêm novas perguntas e inquietações, novas perspectivas e propósitos para a leitura.⁵⁶⁸

À luz da teoria gramsciana, a pesquisa postula que Milton Schwantes pretendeu formar uma escola constituída preferencialmente por uma categoria de biblistas organicamente ligados aos movimentos sociais e populares.⁵⁶⁹ Trata-se de uma corrente de pensamento que estaria sugerindo uma sutura completa entre estes biblistas orgânicos e o povo das CEBs. A escola deveria assumir a tarefa de inseri-los na atividade social em defesa dos setores populares, após tê-los elevado a certo grau de capacidade criativa, prática e certa autonomia na orientação exegético-hermenêutica, nos limites de uma leitura política da Bíblia. Seria, nestes termos, um grupo de biblistas especializados com o intuito inicial de desenvolver espaços de discussão e produção acadêmica destinada à compreensão do papel da teologia bíblica em relação à vida dos oprimidos na América Latina – o que indica também o uso político do argumento heurístico.⁵⁷⁰

Por que o interesse na formação de uma corrente de pensamento com um viés histórico-social e político constituída por biblistas orgânicos? Porque Milton Schwantes acreditava que as experiências da LPB e da pastoral inserida nos movimentos sociais e populares estavam carregadas de senso crítico e político e, por isso, poderiam provocar fortes

⁵⁶⁷ PY; PEDLOWSKI, 2018, p. 247.

⁵⁶⁸ SCHWANTES, 1991b, p. 132.

⁵⁶⁹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 15-53.

⁵⁷⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

impactos “em quem vem da academia pura”⁵⁷¹. Segundo ele, quem lê a Bíblia, inserido nestes movimentos, “sabe manter distância crítica de conteúdos bíblicos”⁵⁷², pois insere o texto bíblico em suas práticas cotidianas. Neste sentido, o biblista inscreve a categoria biblista orgânico como aprendiz da pastoral e dos movimentos populares e sociais e, para ele, “tal perspectiva histórica na interpretação nem de longe é uma falação acadêmica. [...] é uma questão pastoral [que] reivindica uma leitura histórica da Bíblia. Uma metodologia pastoral de transformação histórica encontra-se em mútuo aprendizado”⁵⁷³.

Este é um aspecto que perpassa toda a discussão apresentada até aqui, desde o primeiro capítulo. Fazendo um breve retrospecto, para Milton Schwantes, as academias e as igrejas *tradicionais*, por assim dizer, seriam o símbolo ridicularizado da cisão existente entre a reflexão bíblico-teológico-pastoral ou entre os biblistas/teólogos e o povo. No contexto das relações entre teoria e prática – atividade dos biblistas orgânicos e pastoral – que ele propõe, as academias e as igrejas deveriam se tornar subservientes à pastoral e à organização popular. Deste modo, os resultados originários da tarefa exegético-hermenêutica – argumento heurístico – não deveriam cair na passividade intelectual – abstração. Mas, deveriam ter a sua disposição – como função social orgânica reconhecida como de utilidade pública, através do uso político do argumento heurístico – instituições para colaborar e subsidiar as atividades que se pretende empreender. Isso explica a sua proposta de uma igreja profética e de rosto popular e, agora, portanto, uma corrente de pensamento com uma perspectiva histórico-social, que faz uma leitura política da Bíblia. Não se perca de vista que tais proposições estão sendo refletidas sob a égide do pensamento de Antonio Gramsci.⁵⁷⁴

Na esteira das proposições do biblista brasileiro subjaz o desejo de romper com uma suposta distância preestabelecida entre a teologia bíblica e o povo, através da formação de biblistas orgânicos inseridos no campo político, econômico, social, cultural e eclesial. Como já aludido, o advento desta escola – enquanto corrente de pensamento – representaria o início de novas relações entre a pesquisa em Bíblia e a ação pastoral, não apenas na academia, mas nos movimentos sociais e populares bem como na vida eclesial. O que exigiria uma profunda reorganização da estrutura acadêmica – que não desprezaria o trabalho acadêmico *tradicional* – no intuito de conduzir a atividade exegético-hermenêutica. Nesta ótica, os biblistas orgânicos contariam com bibliotecas especializadas e enriquecidas com a produção literária

⁵⁷¹ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

⁵⁷² SCHWANTES, 1987a, p. 50.

⁵⁷³ SCHWANTES, 1986c, p. 83-84.

⁵⁷⁴ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p. 8-159.

latino-americana. Mas, a radicalidade dessa proposta consiste no argumento de que a estreita colaboração entre a pastoral e as universidades impulsionaria a cultura latino-americana, superando a hegemonia do norte global, sem eliminá-la completamente.⁵⁷⁵

Milton Schwantes esperava que fossem criados, através destes biblistas orgânicos, espaços simultaneamente acadêmicos, eclesiais e populares, capazes de conduzir as pessoas pobres aos umbrais do pensamento crítico. Elas seriam capazes de fomentar o pensamento crítico, a resistência e a luta contra a opressão interpretada como política, a partir de uma leitura política da Bíblia. Assim, ficaria a cargo destes/as biblistas orgânicos o compromisso pedagógico de ensinar as pessoas pobres o modo como governar suas escolhas políticas, por exemplo, na aquiescência daqueles/as que iriam governar o Estado. Em síntese, eles/as seriam os/as agentes privilegiados para a desconstrução de uma trama ideológica que estaria localizando a pessoa pobre como um ser *a-histórico*.⁵⁷⁶ À luz das elucubrações de Gayatri Spivak, como descrito no segundo capítulo, essa mediação traria consigo uma latente violência epistêmica.⁵⁷⁷

O *locus* discursivo da hermenêutica bíblica de Milton Schwantes seria o movimento bíblico-teológico latino-americano desenvolvido no âmbito da Teologia da Libertação. Por isso, ao estabelecer um diálogo com Clodovis Boff, na primeira fase de seu pensamento, a teologia bíblica sugerida pelo biblista brasileiro pode ser considerada, em certo sentido, como uma *teologia bíblica do genitivo*, incorporada ao que se designa como *teologia do político*, pois a práxis profético-ecumênica, intuída na literatura de Milton Schwantes, pressupõe uma prática política orientada para objetivos determinados.⁵⁷⁸ No entanto, para Clodovis Boff, a *libertação* constitui somente um tema teológico e não uma ótica a partir da qual se faz uma leitura da tradição da fé.⁵⁷⁹ Mas, para Milton Schwantes, a “libertação é uma questão pastoral”⁵⁸⁰. Para aquele, a rigor, só há uma teologia que estrutura todas as demais perspectivas teológicas. Mas, para o biblista brasileiro, trata-se de uma nova percepção bíblico-teológico-pastoral, pois institui uma nova prática em meio ao povo.⁵⁸¹

Sob a égide do pensamento de Clodovis Boff, a proposta de Milton Schwantes consistiria em uma tentativa equivocada à medida que procura apresentar uma teologia bíblica

⁵⁷⁵ Segundo Milton Schwantes, na ciência bíblica do norte a dimensão comunitária e coletiva, desenvolvida na América Latina, tende a desaparecer. Veja mais em: SCHWANTES, 1989b, p. 16.

⁵⁷⁶ SCHWANTES, 1989b, p. 10-11.

⁵⁷⁷ SPIVAK, 2018, p. 60-98.

⁵⁷⁸ BOFF, Clodovis. *Teologia e Prática: a teologia do político e suas mediações*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 321-334.

⁵⁷⁹ BOFF, 1982, p. 175-200.

⁵⁸⁰ SCHWANTES, 1991b, p. 132.

⁵⁸¹ SCHWANTES, 1991a, p. 37.

alternativa à teologia *tradicional*, pois, desta última, se desdobrariam todas as demais teologias do genitivo. Porém, para o biblista brasileiro, o germe da teologia bíblica latino-americana seria, em última instância, a LPB. Nas suas palavras, “a teologia bíblica [...] terá que brotar da leitura popular da Bíblia. [...] a questão é redimensioná-la para nosso contexto, recriá-la a partir da prática da leitura da Bíblia em meio às lutas populares”⁵⁸². Na sistematização de Clodovis Boff, a proposta de tornar o estatuto epistemológico da teologia bíblica um todo orgânico representaria a construção de uma trama ideológica. Neste horizonte, o modelo de Milton Schwantes não poderia ser constituído no nível de sua própria legitimidade e nexos, sem o arcabouço teórico-metodológico da teologia tradicional.⁵⁸³ Mas, o biblista brasileiro teria rompido completamente com as perspectivas de Clodovis Boff ao insistir na existência de um pensar teológico *autóctone*.⁵⁸⁴

Tal discussão abre espaço para refletir o aspecto profissional da pesquisa e aferir a aplicabilidade profissional da metodologia hermenêutica, proposta por Milton Schwantes. Indubitavelmente, o autor contribuiu para a formação acadêmica de um grupo de biblistas brasileiros/as, em nível de pós-graduação *stricto sensu*, como esboçado ao longo desta seção. Mas, para abordar o caráter e a aplicabilidade profissional de sua perspectiva hermenêutica, recorre-se à mediação das Ciências das Religiões. A pesquisa postula que a hermenêutica bíblica em análise está ligada com a adesão a uma práxis – profético-ecumênica – que localiza a missão da igreja – profética e de rosto popular – no mundo e inserida nos movimentos sociais e populares. Neste sentido, esta perspectiva pode ser refletida à luz do axioma da *ação pastoral como práxis transformadora*, como propõe Agenor Brighenti. Tornando-se, assim, não apenas objeto de análise das Ciências das Religiões, mas, uma proposta de uma integração da reflexão crítica na ação pastoral.⁵⁸⁵

Deste modo, o *modus operandi* da hermenêutica bíblica de Milton Schwantes seria adequado, profissionalmente, nos contextos da ação pastoral ecumênica, de pessoas envolvidas com os movimentos sociais e populares, das CEBs, do CEBI, das pastorais sociais ou da ação eclesial, entre teólogos e biblistas da libertação, entre outros espaços similares.⁵⁸⁶ Para estarem alinhados a estas propostas, eles/as precisariam fazer uma leitura política da Bíblia ou recorrer ao uso político do argumento heurístico produzido por especialistas em Bíblia, pois, considerando o método utilizado pelo biblista brasileiro, esta prática profissional

⁵⁸² SCHWANTES, 1989b, p. 15.

⁵⁸³ BOFF, 1982, p. 39-53.

⁵⁸⁴ SCHWANTES, 1989b, p. 15.

⁵⁸⁵ BRINGHENTI, Agenor. Ciência da Religião aplicada à ação pastoral. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 666-667.

⁵⁸⁶ BRINGHENTI, 2013, p. 666-667.

deveria pressupor, no mínimo, o uso da Bíblia.⁵⁸⁷ Seria adequado, de igual modo, o emprego profissional deste método entre teólogos ou biblistas que alegam a possibilidade de articulação entre teoria e prática em uma perspectiva bíblico-teológica que leva em conta o contexto econômico, político, cultural, em uma sociedade caracterizada pela injustiça estrutural institucionalizada, sem estarem diretamente vinculados ao movimento bíblico-teológico latino-americano ou influenciados pelo ideário da Teologia da Libertação.⁵⁸⁸ Este será o tema da próxima seção.

3.3 Desdobramentos da teologia bíblica após Milton Schwantes

Na seção precedente, em virtude da politização da leitura bíblica verificada, considerou-se pertinente localizar profissionalmente o *modus operandi* de Milton Schwantes no contexto da ação pastoral ecumênica e nos espaços congêneres, bem como na prática de teólogos e/ou biblistas regulamentados pelo ideário da Teologia da Libertação. O próprio autor alega que em ambientes como o CEBI, por exemplo, a leitura bíblica pretendia ser concreta e política, sem se alinhar a configurações políticas específicas.⁵⁸⁹ Para ele, como já delineado ao longo da pesquisa, esse esforço representava uma contribuição para despertar nas pessoas empobrecidas uma consciência crítica e política em relação ao cenário socioeconômico brasileiro e continental. Ele acreditava, portanto, que através dos teólogos/as, biblistas, assessores/as, agentes de pastoral, etc., reunidos nesses espaços de reflexão bíblica, seria possível ensinar às pessoas pobres o modo como filtrar as notícias e as informações a respeito da situação do país, inserindo-as nos movimentos sociais e populares, especialmente naquele cenário marcado pelo controle das mídias, no contexto de repressão exposto no primeiro capítulo.⁵⁹⁰

A tarefa de situar profissionalmente a metodologia empregada pelo biblista brasileiro no seio da ação pastoral ecumênica e das perspectivas hermenêutico-teológicas libertacionistas levanta a pergunta sobre outras perspectivas bíblico-teológicas recentes não vinculadas ao horizonte interpretativo latino-americano. Apesar da representatividade reiteradamente afirmada das contribuições de Milton Schwantes para o campo das pesquisas em Bíblia, mormente nas obras que versaram sobre ele, compreende-se que uma reavaliação das hipóteses intuídas na sua literatura permitirá uma abordagem a partir de uma ótica

⁵⁸⁷ SCHWANTES, 1989b, p. 15.

⁵⁸⁸ BRINGHENTI, 2013, p. 666.

⁵⁸⁹ SCHWANTES, 2006b, p. 30.

⁵⁹⁰ SCHWANTES, 2006b, p. 31.

completamente nova. Vale observar o interesse declarado do autor em “acolher [...] nos caminhos já andados [...] novas percepções à luz de novas hermenêuticas em uso e prática nas academias”⁵⁹¹. Deste modo, pretende-se repensar as concepções de Milton Schwantes à luz de uma perspectiva mais recente.

Antes, é importante apontar que a confiabilidade histórica da hipótese de que a Bíblia seria memória popular e campesina defendida por Milton Schwantes é questionável para quem considera a perspectiva arqueológica sobre o surgimento dos textos bíblicos. Segundo Israel Finkelstein e Neil Silberman, boa parte da narrativa bíblica seria fruto de esperanças, medos e ambições do reino de Judá, desembocando no reinado do rei Josias, no final do século VII a.C.⁵⁹² Os autores não negam a composição do texto bíblico baseada em um corpo substancial de memórias que teriam sido adequadamente preservadas.⁵⁹³ Mas, defendem que o texto bíblico estaria reforçando o *status* social do reino de Judá, em uma sociedade com evidências de alfabetização e que, no pós-exílio, alguns de seus modeladores teriam estado ligados à elite sacerdotal e, por isso, produziram escritos para amalgamar a comunidade e determinar suas normas.⁵⁹⁴ A Bíblia seria, para eles, uma criação da monarquia tardia, intimamente conectada com a história deuteronomista, advogando a ideologia e as necessidades da elite de Judá – especialmente o cerne histórico do Pentateuco.⁵⁹⁵

Estas descobertas mostram que, atualmente, a hipótese de Milton Schwantes não poderia ser apoiada à luz da arqueologia. Como retratado no segundo capítulo, para postular que a Bíblia seria memória popular e campesina e produzida em um mundo analfabeto, o biblista brasileiro apontou para a relevância da perícopes – como invólucro dessas memórias – no processo de constituição do Pentateuco, pois ela teria sua origem nos pequenos organismos sociais do mundo bíblico, a saber, o clã agrário, a família, o povo pobre, etc.⁵⁹⁶ Mas, o trabalho arqueológico parece testemunhar contra essa afirmação. Deste modo, com base nesses dados, ainda seria possível sustentar que a perícopes representa a materialização da memória popular em texto escrito? O Pentateuco, de fato, não se aproximaria das estruturas estatais? Em que medida as pequenas unidades literárias seriam fieis representantes do clã agrário do mundo bíblico? A Bíblia seria exclusivamente a voz de um povo pobre e analfabeto?⁵⁹⁷

⁵⁹¹ SCHWANTES, Milton. Editorial. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 50, p. 7-8, 2005b. p. 8.

⁵⁹² FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018, p. 33.

⁵⁹³ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018, p. 25.

⁵⁹⁴ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018, p. 235-313.

⁵⁹⁵ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018, p. 25.

⁵⁹⁶ SCHWANTES, 1984c, p. 35-36.

⁵⁹⁷ SCHWANTES, 1984c, p. 35-39.

Entretanto, a perspectiva bíblico-teológico-pastoral de Milton Schwantes parece encontrar espaço em meio à interpretação teológica do Antigo Testamento realizada pelo exegeta norte-americano, Walter Brueggemann. Este último acredita estar avançando em relação ao método de Brevard Childs, que teria desenvolvido a corrente convencionalmente chamada de *Nova Teologia Bíblica* como uma tentativa de normatizar a teologia do Antigo Testamento sob o amparo das afirmações doutrinárias da Igreja.⁵⁹⁸ Para Walter Brueggemann, existem quatro aspectos que precisam ser considerados na construção de uma teologia do Antigo Testamento: mostrar que a crítica histórica tem uma função na interpretação teológica, não perdendo de vista as advertências de Brevard Childs sobre o seu uso; fundamentar a interpretação teológica na teologia sistemática; atentar para o caráter judaico e as reivindicações judaicas do texto bíblico; não ser indiferente ao contexto – político e econômico – da cultura ocidental.⁵⁹⁹

A teologia do Antigo Testamento do exegeta norte-americano alega não estar sendo reduzida a um mero exercício religioso, mas, simultaneamente, acredita ser uma contribuição para o debate público de como poderiam ser julgadas as questões em meio às lutas revolucionárias.⁶⁰⁰ Nas palavras expressas pelo autor:

O Antigo Testamento [...] serve a uma comunidade (ou comunidades) eclesial(s), porém, é algo mais que um documento eclesial. [...] opera no mundo do poder e se refere ao surgimento e queda de impérios e à vida e morte de pessoas e comunidades. [...] Assim, no limite da teologia do Antigo Testamento, devemos perguntar sobre como esse estranho texto pode fazer diferença na ampla crise pública na qual estamos todos envolvidos, quer queiramos ou não. [...] Essa percepção crescente sugere que as questões da dimensão moral do poder e as questões concretas resultantes da vida pública nunca estão longe do horizonte de uma teologia do Antigo Testamento.⁶⁰¹

Dessa maneira, entende-se que Walter Brueggemann quer construir uma teologia do Antigo Testamento sob a alegação do resgate da memória da fé israelita, sobretudo nos *corpora* Pentateuco e Profético – assim como Milton Schwantes – para articular a fé cristã na contemporaneidade. Neste sentido, sua pesquisa estaria assumindo um enfoque pastoral, pois, na esteira de suas contribuições, subjaz a intenção de situar o testemunho de Israel sobre Yahweh – interpretado pelo autor na ótica de um confronto com as superpotências do mundo bíblico vétero-testamentário – no cenário hodierno, que ele argumenta ser polêmico e

⁵⁹⁸ HASEL, Gerhard F. *Teologia do Antigo Testamento: questões básicas no debate atual*. Rio de Janeiro: JUERP, 1988. p. 37-41.

⁵⁹⁹ BRUEGGEMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2014. p. 158-172.

⁶⁰⁰ BRUEGGEMANN, 2014, p. 172.

⁶⁰¹ BRUEGGEMANN, 2014, p. 172.

pluralista assim como era no Antigo Testamento.⁶⁰² Este enfoque pastoral seria exatamente o ponto de convergência entre as perspectivas de Walter Brueggmann e de Milton Schwantes, como se tentará explicar mais adiante. Entrementes, não é verdade que entre esses autores não existam divergências no nível da interpretação. Elas existem. Mas, a pesquisa não se concentrará nelas. Apenas será tomado um único exemplo para evidenciar que elas ocorrem.

O interesse demasiado pela abordagem histórico-social e a opção pelo sistema político marxista levou Milton Schwantes a interpretar o agir histórico de Yahweh como uma ação libertadora em benefício quase que exclusivo dos camponeses pobres do mundo bíblico. Ele teria feito isso uniformizando a ação de Yahweh, como se ele estivesse continuamente a serviço de pessoas espoliadas e expropriadas.⁶⁰³ Walter Brueggmann considera que, na cultura hebraica antiga, boa parte das narrativas sobre o testemunho de Yahweh teria sido caracterizada pelo uso de verbos de ação que apontariam para uma ação divina multifacetada. Haveria uma dimensão do incerto – não exibida nos textos Milton Schwantes – que indicaria tensões e contradições no relacionamento entre Yahweh e seu povo. Assim, junto à solidariedade com o povo, defendida com vigor pelo biblista brasileiro, haveria cólera e ira, bem como, em muitas ocasiões, Yahweh não seria confiável ou eficaz. Além disso, o exegeta norte-americano não menciona a exclusividade atribuída ao campesinato israelita, assim como consta na literatura do autor brasileiro. Mas, ele trata Israel em sentido amplo, sem identificá-lo com uma classe específica.⁶⁰⁴

A hipótese de Milton Schwantes estaria em conflito com esta versão da descrição sobre o agir de Yahweh, porém, em relação à aplicação do método sociológico, é possível apontar certos acordos. É que Walter Brueggmann simpatiza com a análise sociológica da Bíblia e, para ele, mesmo que as suposições sociológicas não sejam marxistas, o modo de interpretar e de teologizar sobre o Antigo Testamento requer a percepção da existência de conflitos de poder subjacentes à Bíblia.⁶⁰⁵ Em suma, Milton Schwantes teria feito uma retórica estilizada sobre o agir de Yahweh, privilegiando somente a dimensão da solidariedade com o campesinato israelita. Mas, ele teria apagado o lado negativo e/ou contraditório da ação divina que poderia culminar no malogro desse mesmo povo.⁶⁰⁶ Mas, em termos metodológicos, considerando o pensamento Walter Brueggmann, ele teria optado por um caminho ainda viável para as pesquisas bíblicas da atualidade. Para Walter Brueggmann, “um

⁶⁰² BRUEGGMANN, 2014, p. 909-968.

⁶⁰³ SCHWANTES, 1989b, p. 16-19.

⁶⁰⁴ BRUEGGMANN, 2014, p. 213-299.

⁶⁰⁵ BRUEGGMANN, 2014, p. 86-92.

⁶⁰⁶ BRUEGGMANN, 2014, p. 309-310.

desvio do concreto é improvável na fé de Israel e entenderemos erroneamente o testemunho de Israel sobre Javé, se imaginarmos uma generalização tão volátil”⁶⁰⁷.

Através da imaginação sociopolítica da igreja, de Walter Brueggmann, se poderia propor uma aproximação mais estreita com as perspectivas bíblico-teológicas-pastorais de Milton Schwantes. O exegeta norte-americano, por meio da sua crítica retórica, argumenta procurar pelo significado teológico das palavras no Antigo Testamento, sob a alegação de estar dentro dos limites do texto, para localizar o testemunho narrado sobre Yahweh. Em sua concepção, a igreja deveria se apropriar dos significados teológicos do testemunho bíblico vétero-testamentários no intuito de oferecer um contra discurso às metanarrativas dominantes na cultura ocidental, por exemplo, a do *consumismo militar*, entendida por ele como “uma interpretação do mundo na qual as pessoas são consideradas como as unidades primárias de sentido e referência e os indivíduos, em liberdade irrestrita, estão autorizados [...] a buscar bem-estar, segurança e felicidade como bem lhes convier”⁶⁰⁸. Nessas pinceladas gerais, esses enfoques bíblico-teológicos alegam extrapolar os contornos tradicionais – europeus e norte-americanos – para interagir com os aspectos sociais em uma perspectiva pastoral.⁶⁰⁹

Em relação ao profetismo bíblico, também parece haver certa harmonia entre as perspectivas bíblico-teológicas desses autores. Ambos defendem que a emergência da mediação profética teria ocorrido caracteristicamente na presença da monarquia e em reação a ela, como também alegam que, de modo geral, os profetas viviam às margens da sociedade israelita.⁶¹⁰ Para Walter Brueggmann, os profetas seriam indivíduos descredenciados nesta sociedade e, por isso, teriam apelado para a autoridade de Yahweh – na composição da *fórmula do mensageiro* – para validar seus pronunciamentos contra a cultura dominante.⁶¹¹ Para Milton Schwantes, os profetas teriam sua origem na periferia e estariam profundamente vinculados às tradições populares da sociedade israelita. Sua origem periférica e marginal justificaria sua constante oposição às classes dominantes, tanto em retórica quanto em conteúdo. Sobretudo, os profetas radicais que, para o biblista brasileiro, “têm seu lugar social [...] em lutas populares e nos movimentos camponeses, dos quais brotaram”⁶¹².

O exegeta norte-americano confessa generalizar o fenômeno profético em Israel,⁶¹³ não fazendo distinção dos diferentes matizes que caracterizavam a profecia no mundo bíblico.

⁶⁰⁷ BRUEGGMANN, 2014, p. 314-315.

⁶⁰⁸ BRUEGGMANN, 2014, p. 926.

⁶⁰⁹ BRUEGGMANN, 2014, p. 911-928.

⁶¹⁰ BRUEGGMANN, 2014, p. 806. Veja também: SCHWANTES, 1982a, p. 124-125.

⁶¹¹ BRUEGGMANN, 2014, p. 805-812.

⁶¹² SCHWANTES, 1982a, p. 125.

⁶¹³ BRUEGGMANN, 2014, p. 805.

Por exemplo, de modo consciente, ele estaria desviando dos estudos sobre o fenômeno cananeu do êxtase ou das pesquisas relacionadas à instituição da função profética – culto, corte, etc. – alegando, de modo incisivo, que o ponto de partida para se pensar a profecia em Israel seria a tradição revolucionária e radical do personagem Moisés, considerado por ele como um profeta bíblico.⁶¹⁴ A motivação de Walter Brueggmann é teológica e, portanto, ele sabe jogar as regras do jogo acadêmico, mas, para construir os seus argumentos, o autor se fundamenta quase que exclusivamente nos elementos teológicos. Segundo ele:

A profecia nasce exatamente naquele momento em que emerge uma realidade política social tão radical e tão inexplicável que sua causa só pode ser teológica. Uma causa teológica sem uma realidade político-social interessa somente aos estudiosos profissionais da religião e uma realidade político-social sem motivação teológica não atrai nossas atenções aqui. Mas passamos sobre uma e outra e somos levados a falar e admirarmo-nos da vocação profética.⁶¹⁵

Desta forma, o autor norte-americano argumenta que os profetas de Israel, de modo geral, tinham que lidar com os modos dominantes de poder de seu tempo bem como com as definições dominantes da realidade e, através dos ditos de Yahweh, eles “foram capazes de pronunciar algo além do lugar-comum de seus contemporâneos e convidar seus ouvintes a sair dos lugares-comuns dominantes para imaginar um cenário alternativo de suas vidas com Javé”⁶¹⁶.

A expressão-chave que aproximaria os pensamentos de Walter Brueggmann e de Milton Schwantes parece ser a locução: *motivação hermenêutico-teológica-pastoral*. O biblista brasileiro afirma reconhecer a multiformidade da profecia vétero-testamentária e que esse fenômeno estaria longe de ser um todo homogêneo ou monolítico.⁶¹⁷ Portanto, não se trata de um equívoco exegético ou acadêmico cometido de modo inconsciente pelos autores em análise. Eles se mostram motivados, hermenêutica, teológica e pastoralmente, a dar significado ao texto bíblico para os seus projetos bíblico-teológico-pastorais. E, de modo consequente e inevitável, o movimento profético também acaba caindo em certo grau de generalização na hermenêutica bíblica em Milton Schwantes. Ora, se o profeta estivesse vinculado à corte, como o exemplo de Natã, mencionado no primeiro capítulo, ele seria uma espécie de modelo profético inadequado para as igrejas. No entanto, se ele apresentasse – ou se Milton Schwantes assim interpretasse – algum discurso com tons de crítica social e

⁶¹⁴ BRUEGGMANN, Walter. *A imaginação profética*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983. p. 14-16.

⁶¹⁵ BRUEGGMANN, 1983, p. 16.

⁶¹⁶ BRUEGGMANN, 2014, p. 811.

⁶¹⁷ SCHWANTES, 1982a, p. 105.

política, em defesa do campesinato israelita, seria um modelo legítimo e plausível para as instituições eclesiais.⁶¹⁸

O que acaba de ser afirmado pode ser notado também nas citações de Milton Schwantes apresentadas ao longo da pesquisa. Boa parte de seus textos reconhecem os profetas como continuadores dos projetos libertadores de Moisés, à medida que a profecia estaria evocando a memória do êxodo libertador.⁶¹⁹ O que se pretende dizer é que Milton Schwantes também está consciente das regras acadêmicas, mas, ele faz uma opção metodológica em que se alega estar utilizando a teoria da história social de Israel como um recurso relevante para a ação pastoral das CEBs e espaços congêneres. Esta reflexão de modo algum pretende desvalidar sua capacidade científica bem como sua maestria em fazer exegese. Ele sabia o que estava fazendo e o fez com excelência. Mas, ele teria ido para o espaço acadêmico carregado de motivações teológico-pastorais e, de modo criativo, teria construído os seus argumentos hermenêuticos para alcançar os seus objetivos pastorais:

Por isso, temos que colocar toda a força nisso: na leitura do texto bíblico. E aí na medida da necessidade, de acordo com o interesse vai se incorporando à leitura informações históricas que poderão ajudar a que não se calque no fundamentalismo. Mas também, tem que se evitar outro tipo de 'fundamentalismo', o de simplesmente crer nas informações da ciência, porque esta é provisória, seus resultados nunca são definitivos, estando sempre abertos para novos conhecimentos. Por isso, não se trata de substituir o texto por dados da investigação histórica, mas sim de ir iluminando a leitura comunitária e popular do texto bíblico, dessa memória profética e transformadora, com descobertas da ciência histórica, na medida do interesse e das possibilidades da comunidade.⁶²⁰

Neste sentido, o interesse da comunidade de fé, das CEBs, do CEBI, da CPT, etc. sempre estiveram em posição de prioridade na hermenêutica bíblica de Milton Schwantes. O caráter provisório e os resultados indefinidos das ciências são tomados por ele como critério estabelecido para introduzir suas motivações, convicções e intuições bíblico-teológico-pastorais no debate acadêmico. Afinal, para ele, “a comunidade popular é a fonte da nova leitura bíblica”⁶²¹.

Nos termos até aqui apresentados, especialmente em relação ao profetismo bíblico, compreende-se que as contribuições de Walter Brueggemann abrem uma lacuna no campo da teologia bíblica, a partir do enfoque pastoral, para inserir ou atualizar a perspectiva de Milton Schwantes. É preciso considerar que o autor norte-americano declara o teor teológico que perpassa suas obras, como também apela para certas generalizações para fundamentar seus

⁶¹⁸ SCHWANTES, 1982a, p. 145.

⁶¹⁹ SCHWANTES, 1998b, p. 24.

⁶²⁰ SCHWANTES, 1992b, p. 7.

⁶²¹ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

argumentos bíblico-teológicos. Com base em suas alegações, seu interesse seria produzir, à luz do texto vétero-testamentário, uma crítica em oposição à consciência dominante para deslegitimar a ordem estabelecida, bem como propor que as pessoas e as comunidades cristãs caminhem rumo à situação alternativa.⁶²² Em relação ao biblista brasileiro, alega-se que o enfoque bíblico-teológico-pastoral seria o processo interpretativo – leitura popular – em meio à prática transformadora, ou seja, trata-se de uma “leitura bíblica [...] enraizada na pastoral”⁶²³.

É importante não perder de vista que não se pretende aferir em detalhes as possibilidades de aproximação entre estas perspectivas. Isso poderá ser feito em futuras pesquisas. Aqui se pretende apenas indicar que a perspectiva teológico-pastoral de Walter Brueggmann abre um espaço que possibilitaria o resgate-atualização do pensamento bíblico-teológico-pastoral de Milton Schwantes, no atual debate no campo da teologia bíblica do Antigo Testamento, a partir de uma leitura sociológica da Bíblia. O *certo* ou o *errado* estão fora de análise. O autor norte-americano quer resgatar o que ele interpreta como o testemunho do Antigo Testamento e da tradição profética para confrontar o que se designa como a situação de adaptação da igreja face à cultura consumista.⁶²⁴ O biblista brasileiro alega objetivar a construção de uma teologia bíblica com contornos críticos contra os governos totalitários e excludentes à medida que os interpretou como as principais instâncias geradoras de pobreza.⁶²⁵ Portanto, são duas perspectivas bíblico-teológicas que alegam a possibilidade da exegese crítica se colocar a serviço das questões pastorais, sociais e políticas de seu tempo.

Em relação ao êxodo libertador, Walter Brueggmann assevera que este evento bíblico seria o mais radical dos testemunhos de Israel sobre Yahweh. Segundo ele, o êxodo “confirma que o Deus de Israel é um oponente incansável da opressão humana, mesmo quando a opressão é empreendida e patrocinada pelo que parecem ser poderes legítimos”⁶²⁶. Isto é, assim como Milton Schwantes, ele argumenta que a memória do êxodo teria sido evocada pelos israelitas em situações políticas e socioeconômicas concretas, das quais teria se afirmado que Yahweh liberta-os. Na teologia bíblica do autor norte-americano, se afirma que esse testemunho sobre a divindade reivindica uma existência em liberdade.⁶²⁷ O que se deseja afirmar é que, também, no tema do êxodo bíblico, as perspectivas de Milton Schwantes e Walter Brueggmann parecem dialogar com certa harmonia. Ambos acreditam na possibilidade

⁶²² BRUEGGMANN, 1983, p. 9-149. Veja também: BRUEGGMANN, 2014, p. 805-838.

⁶²³ SCHWANTES, 1987a, p. 56.

⁶²⁴ BRUEGGMANN, 1983, p. 9-10.

⁶²⁵ SCHWANTES, 1988c, p. 89-90.

⁶²⁶ BRUEGGMANN, 2014, p. 259.

⁶²⁷ BRUEGGMANN, 2014, p. 258-260.

do resgate da tradição do êxodo como um recurso relevante para suas próprias esperanças e lutas por transformação social.⁶²⁸

Oswaldo Ribeiro problematiza essa questão quando considera ser o êxodo “uma narrativa de morte”⁶²⁹. Ele classifica a leitura do êxodo realizada pelos teólogos e biblistas da libertação como uma *reinscrição transgressiva*, que pode ser entendida como uma crítica ao projeto poético da libertação utilizado de modo estratégico e estilizado, visando escamotear os registros de violência e brutalidade que teriam sido ocasionados pelo deus da libertação, Yahweh.⁶³⁰ Para o autor, “quando o êxodo se torna poesia, mas ainda é o *Êxodo* do Senhor da Libertação, a Ideia ri-se de nós”⁶³¹ [grifo do texto]. Ancorado nas contribuições de Karl-Otto Apel, Edgar Morin e Gianni Vattimo, ele alega propor uma libertação da força da *Ideia-Forte de Deus*, que teria substituído à opressão faraônica quando se afirma libertação onde se lê morte.⁶³² Em outras palavras, se no âmbito da Teologia da Libertação se afirma que “o Deus libertador não aceita o culto de escravos e de dominados”⁶³³, para ele, “não houve libertação na narrativa: houve troca de senhores”⁶³⁴, pois, Yahweh, nesta ótica, teria retirado seu povo do Egito para submetê-los a sua soberania e matá-los, quando lhe fosse apropriado.⁶³⁵

O argumento de Oswaldo Ribeiro contribui para fazer uma distinção entre uma perspectiva puramente exegética e outra amplamente bíblico-teológica-pastoral, sem perder de vista a descrição feita, no segundo capítulo, sobre os limites teórico-metodológicos da exegese clássica pensados por Horácio Simian-Yofre.⁶³⁶ O exegeta James Nogalski, por exemplo, se mostra muito concentrado em questões históricas e composicionais, operando a partir do pressuposto de que a tarefa interpretativa primária para os livros proféticos deveria ser mais literária do que de natureza sociológica ou hermenêutica.⁶³⁷ Mas, como já aludido, Walter Brueggemann parece estar em busca de uma nova roupagem para a teologia bíblica, face às exigências sociais que se impõem no século XXI.⁶³⁸ Neste sentido, não seria através das perspectivas de Oswaldo Ribeiro e de James Nogalski que o método de Milton Schwantes

⁶²⁸ SCHWANTES, 1989b, p. 17-19.

⁶²⁹ RIBEIRO, 2013, p. 175.

⁶³⁰ RIBEIRO, 2013, p. 175-190.

⁶³¹ RIBEIRO, 2013, p. 186.

⁶³² RIBEIRO, 2013, p. 176-188.

⁶³³ OROFINO, Francisco. As releituras do êxodo na Bíblia. In: REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da. *Libertação-Liberdade, novos olhares: contribuições ao II Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2008. p. 30.

⁶³⁴ RIBEIRO, 2013, p. 176.

⁶³⁵ RIBEIRO, 2013, p. 175-190.

⁶³⁶ Ver a nota de rodapé 344 desta pesquisa. Para mais detalhes, consulte: SIMIAN-YOFRE, 2011, p. 13-18.

⁶³⁷ NOGALSKI, James. *Interpreting Prophetic Literature: historical and exegetical tools for reading the prophets*. Louisville: Westminster John Knox, 2015. p. 7-26.

⁶³⁸ BRUEGGEMANN, 2014, p. 805-838.

teria uma chance de resgate-atualização no presente século. Mas, parece que o horizonte de Walter Brueggmann oferece essa possibilidade. Afinal, são dois enfoques bíblico-teológico-pastorais que alegam querer interagir com os eventos históricos contemporâneos.⁶³⁹

No texto introdutório desta pesquisa, mencionou-se que seu autor publicou recentemente dois artigos propondo o resgate de alguns elementos da hermenêutica bíblica de Milton Schwantes. No artigo intitulado *Por uma leitura da realidade presente na perspectiva de Milton Schwantes*, propõe-se o resgate de alguns elementos de mediação pastoral-social intuídos na teologia bíblica de Milton Schwantes para ser realizada uma leitura dos desafios da realidade presente marcada pelo contexto da pandemia do novo coronavírus.⁶⁴⁰ No segundo artigo, *A interpretação do texto bíblico de Milton Schwantes: por uma mediação da Ciência Prática da Religião*, versou-se sobre a possibilidade de uma mediação da Ciência Prática da Religião – enquanto um campo que se mostra interessado pela materialização e aplicabilidade de conhecimentos científico-religiosos aos problemas sentidos no contexto das sociedades – em relação ao método do biblista brasileiro.⁶⁴¹ Entende-se que estas propostas também situam o biblista brasileiro e sua pesquisa no âmbito de uma teologia bíblica fundamentada em uma leitura política da Bíblia, explorando, sobretudo o seu horizonte histórico-social.

Sendo assim, seria condizente localizar, profissionalmente, a hermenêutica bíblica de Milton Schwantes – além dos espaços já indicados da ação pastoral ecumênica, das CEBs, do CEBI e organizações congêneres – na atividade de teólogos/as e/ou biblistas regulamentados a partir de um horizonte hermenêutico-teológico cujo escopo requer uma leitura política da Bíblia, ou o uso político do argumento heurístico, ou que assumam ser um enfoque bíblico-teológico – como é afirmado por Walter Brueggmann – fora dos contornos tradicionais, sob a alegação de querer interagir com, denunciar e solucionar os dilemas sociais interpretados como políticos na contemporaneidade. Nas palavras de Milton Schwantes, seria “preciso traduzir a Bíblia para os nossos dias”⁶⁴².

⁶³⁹ SCHWANTES, 1984c, p. 36-37.

⁶⁴⁰ CRUZ, 2020, p. 34-49.

⁶⁴¹ CRUZ, 2020, p. 735-753.

⁶⁴² SCHWANTES, 1984b, p. 33.

CONCLUSÃO

Milton Schwantes não poderia deixar de ser visto como um filho do seu tempo e como integrante de uma geração de teólogos e biblistas com limites e influências peculiares. Seu método parece ter ecoado de maneira relevante o clima cultural e epistemológico no qual ele atuou. Por isso, sua pesquisa – como de qualquer pesquisador ou pesquisadora – pertence a seu tempo e lugar. O modo como ele interpretou o seu momento histórico teria sido uma base fundamental para discernir, a seu modo, a situação de pobreza das pessoas que se reuniam nas CEBs e nos espaços congêneres. Não se pode concluir que seus projetos bíblico-teológico-pastorais teriam fracassado. Sua literatura parece esboçar um crescente interesse em resgatar a tradição bíblica como um recurso para a construção de uma teoria hermenêutica engajada na transformação social. O que teria impactado os leitores/as e alunos/as que decidiriam prosseguir nos caminhos pavimentados pelo autor.

Na análise do contexto socioeconômico e eclesial realizado no primeiro capítulo, em diálogo com as Ciências Sociais, trouxeram-se à baila os aspectos fundamentais que nortearam a pesquisa, a saber: os principais efeitos das políticas econômicas implantadas pela ditadura militar, sobretudo sobre os camponeses transformados em operários e trabalhadores rurais; e a denúncia subjacente contra o silêncio de boa parte das igrejas protestantes em relação à situação de pobreza que essas pessoas teriam enfrentado. A literatura do biblista brasileiro demonstrou, com muitas evidências, que seu autor teria assumido um programa de leitura histórico-social com inclinações marxistas – sob influência da Teologia da Libertação – para ler e interpretar não somente a Bíblia, mas, de igual modo, a realidade de seus dias. Em consequência disto, ele teria participado nos movimentos sociais rurais e populares brasileiros e, ao lado das críticas às igrejas, teria apresentado as características essenciais de seu projeto de uma igreja profética e de rosto popular. Nesta pesquisa, o biblista brasileiro foi especialmente caracterizado pelo seu ímpeto pastoral e ecumênico.

No segundo capítulo, perscrutou-se a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes, os passos metodológicos por ele aplicados e as principais hipóteses que perpassam suas obras. A Bíblia como memória popular e campesina abriu a discussão, pois, sob a égide dessa premissa, o autor teria sugerido o emprego de uma metodologia exegética com traços de uma análise sociológica da narrativa bíblica, cruzando e ampliando as fronteiras teórico-metodológicas da exegese clássica. Seu método teria sido articulado em um horizonte histórico-social e, por isso, constatou-se um deslocamento no campo pragmático de uma leitura heurística para uma leitura política do texto bíblico. Em linhas gerais, os resultados do

estudo realizado sugerem que o biblista brasileiro teria fortes objeções em relação às contribuições do estruturalismo francês e da teoria das fontes. Por isso, ele teria defendido a relevância da análise das perícopes – como invólucro de memórias campesinas e populares do mundo bíblico – para interpretar a Bíblia na ótica do conflito de classes, tendo o êxodo como paradigma hermenêutico e a profecia como o fio condutor da interpretação.

O objetivo do autor teria sido indicar a exegese como instrumento subserviente à pastoral bem como à metodologia da LPB. Ao considerar a posse da terra como o tema sublime da narrativa bíblica, ele teria pretendido classificar os operários e os trabalhadores rurais como sujeitos intérpretes privilegiados da Bíblia. Mas, essa hipótese não pôde ser sustentada à luz das críticas pós-coloniais de Gayatri Spivak, na medida em que estes sujeitos carecem da mediação dos especialistas em exegese. Neste sentido, o intérprete privilegiado sempre foi o exegeta e não a pessoa pobre. O lugar do pobre seria o critério hermenêutico. Mas, sua proposta teológico-ecclesial – que não teria distinguido as categorias igreja e movimento social – parecem resistir a essas críticas, pois, o modelo de uma igreja profética e de rosto popular estaria oferecendo um espaço para se lutar contra a subalternidade, especialmente no seu engajamento no espaço público a partir da práxis profético-ecumênica.

O terceiro capítulo apresentou os principais indícios sociológicos das contribuições do biblista brasileiro e o caráter profissional da pesquisa. Milton Schwantes demonstrou ter sido um pastor-intelectual bastante engajado na ação pastoral ecumênica e na LPB. Além de ter tomado o lugar do pobre como critério hermenêutico para a construção de uma práxis profético-ecumênica, ele teria contribuído na formação acadêmica de pesquisadores/as da Bíblia, no Brasil, e na implantação de projetos para fomentar as pesquisas bíblicas na América Latina. Considerou-se adequado situar a aplicabilidade profissional de seu método hermenêutico nos contextos da ação pastoral ecumênica, de pessoas envolvidas com os movimentos sociais e populares, das CEBs e espaços similares.

À luz do pensamento de Walter Brueggemann, considerado um autor relevante no atual debate nas pesquisas sobre o Antigo Testamento, sobretudo em uma perspectiva sociológica da Bíblia, verificou-se uma abertura para um possível resgate-atualização da perspectiva hermenêutica de Milton Schwantes. Por isso, sugeriu-se, de igual modo, o emprego profissional da metodologia do biblista brasileiro na atividade de teólogos/as ou biblistas que fazem uma opção metodológica, intencionando articular teoria e prática em uma perspectiva bíblico-teológico-pastoral, no intuito de interagir com, denunciar e solucionar os dilemas sociais contemporâneos – regulamentados ou não pelo ideário da Teologia da Libertação.

Após esse arrazoado analítico e exploratório, torna-se possível apontar para uma resposta provisória à pergunta-problema formulada na pesquisa. Postula-se que Milton Schwantes teria aderido a um programa de leitura histórico-social com traços marxistas para ler e interpretar tanto o texto bíblico quanto o momento histórico de sua atuação, tendo a Bíblia como pedágio imagético nesse processo. Assim, à luz dos valores da Teologia da Libertação, sua metodologia hermenêutica teria se articulado com a finalidade de resgatar os elementos histórico-sociais do texto bíblico e atualizá-los para as pessoas pobres de sua época, objetivando desenvolver neles/as uma consciência crítica e política. O que teria justificado sua opção por uma leitura política da Bíblia ou pelo uso político do argumento heurístico para efetivação dos seus interesses. De modo que o lugar do pobre teria sido tomado como critério hermenêutico para a construção de uma práxis profético-ecumênica a ser aplicada em um contexto eclesial específico, a saber: uma igreja profética e de rosto popular.

A hipótese já delineada na introdução permanece intocável. Conclui-se que o biblista brasileiro idealizou um projeto hermenêutico determinado a apropriar-se dos personagens, eventos e instituições do mundo bíblico, em última análise, do Antigo Testamento, intencionando ressignificá-los e instrumentalizá-los através de uma leitura política. Sob a égide deste projeto hermenêutico, ele teria imaginado o modelo de uma igreja profética e rosto popular, com perfil ecumênico, liderada por pessoas pobres, inserida nos movimentos sociais e populares, realizando uma práxis profético-ecumênica e em contínua oposição às políticas e aos governos totalitários e excludentes. A dimensão utópica deste programa hermenêutico consistiria na construção de uma sociedade com um regime igualitário onde todos e todas teriam a garantia da posse da terra, qualidade de vida e alimento para as suas famílias.

O termo *pobre*, em Milton Schwantes, não se restringe ao clássico conceito marxista da revolução social, econômica, etc., mas, faz referência à classe camponesa que, em sua condição de vítimas das políticas econômicas implantadas pela ditadura militar, teriam sido marginalizadas e forçadas a migrarem do campo para a cidade. São camponeses que teriam sido transformados em operários desempregados e/ou trabalhadores rurais sem terra, empobrecidos pela ação do Estado. O que indica que, superando as ideias de Karl Marx, o biblista brasileiro rejeita o proletariado urbano como a classe essencialmente revolucionária contra o sistema capitalista e eleva a classe campesina a essa categoria. Na teoria marxista clássica, as demais classes sucumbiriam face à grande indústria e o proletariado seria o seu produto mais legítimo. Na hermenêutica bíblica de Milton Schwantes, a irrupção dos pobres

depende de uma leitura política da Bíblia engajada nos diferentes aspectos em torno da vida das pessoas pobres, não apenas aqueles de caráter socioeconômico.

Finalmente, permanecem algumas questões a serem aprofundadas em futuras pesquisas. Duas já foram apontadas ao longo do texto: uma melhor verificação sobre a afirmação de que Milton Schwantes teria abandonado a premissa do êxodo no congresso da ABIB seria adequada, pois esse argumento parece ter sido suprimido no texto publicado; e uma análise mais acurada sobre as diferenças e/ou conformidades específicas entre os trabalhos do biblista brasileiro e de Walter Brueggemann também seria relevante. Além disso, a atuação de Milton Schwantes como um professor de Ciências das Religiões abre a possibilidade de articular metodologicamente sua hermenêutica bíblica com a formação de um programa de gestão social, tendo a Bíblia como sua ferramenta mais efetiva. Seria oportuno e curioso, também, realizar um estudo de caso com as pessoas que foram pastoreadas por ele, na IECLB, e verificar se o seu estilo pastoral condiz com o que se propõe em sua literatura. Por último, também se poderia aprofundar o uso que o autor faz dos jargões utilizados entre operários e trabalhadores rurais a partir da noção de *afinidade eletiva* weberiana.

Por ora, a pesquisa procurou demonstrar que a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes não põe inimizade entre religião e política. Ela é preferencialmente político-religiosa. Ele também teve coragem para afirmar que a LPB poderia conscientizar as pessoas pobres em relação às contradições do mundo, como ele as interpretou, sejam elas estruturais, mas seriam contradições que deveriam impeli-las a irem adiante. Nesta situação, as pessoas pobres teriam que resistir e lutar para conquistar sua libertação. Portanto, as propostas bíblico-teológico-pastorais do biblista brasileiro demonstram desafiar as igrejas, as instituições religiosas e os profissionais da religião a uma ação pastoral transformadora junto aos movimentos sociais e populares, reivindicando o enriquecimento das relações sociais na luta pela vida e cidadania.

REFERÊNCIAS

- ABIB. *Sobre a ABIB*. [s.d.]. Disponível em: <https://abiblica.org.br/novo/sobre-a-abib/>. Acesso em: 30 jan. 2021.
- ABRANCHES, Sérgio H. *Os despossuídos: crescimento e pobreza no país do milagre*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALTHAUS-REID, Marcela M. Demitologizando a teologia da libertação: reflexões sobre poder, pobreza e sexualidade. In: SUSIN, Luiz C. *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 445-470.
- ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. São Paulo: Paulus, 2007.
- BBLAMS. *A Bibliografia Bíblia Latino-Americana Milton Schwantes*. [s.d.]. Disponível em: <http://portal.metodista.br/biblica/sobre>. Acesso em: 17 jan. 2021.
- BBLAMS. *Biblistas*. [s.d.]. Disponível em: <http://portal.metodista.br/biblica/biblistas>. Acesso em: 17 jan. 2021.
- BOFF, Clodovis. *Teologia e Prática: a teologia do político e suas mediações*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BRANCHER, Mercedes. Vou falar do que vi e conheci. Um mestre amigo. In: DREHER, Carlos A.; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria; DREHER, Isolde R. (orgs.). *Profecia e Esperança: um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 24-36.
- BRINGHENTI, Agenor. Ciência da Religião aplicada à ação pastoral. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 663-673.
- BROOM, Donald M. Bem-estar animal. In: YAMAMOTO, Maria E.; VOLPATO, Gilson L. (orgs.). *Comportamento animal*. 2. ed. Natal: UFRN, 2007. p. 457-482.
- BRUEGGMANN, Walter. *A imaginação profética*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.
- BRUEGGMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2014.
- BUSCEMI, Maria S. A facilitação no processo de leitura popular da Bíblia. In: BUSCEMI, Maria S.; ANDRADE, Thiago V. P.; CARVALHO, João J. O.; VIANA, Múria C. (orgs.). *Leitura Popular da Bíblia: caminhos e orientações*. São Leopoldo: CEBI, 2016. p. 8-23.
- BURGER, Germano. *Quem assume esta tarefa: um documentário de uma igreja em busca de sua identidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1977.
- CAPES. *Catálogo de teses e dissertações*. [s.d.]. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 04 jan. 2021.
- CAPES. *Portal de periódicos*. [s.d.]. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?>. Acesso em: 03 jan. 2021.

CARDENAL, Ernesto. *La revolución perdida*. Madrid: Trotta, 2004.

CARDENAL, Ernesto. *El evangelio em Solentiname*. Madrid: Trotta, 2006.

CASONATTO, Odalberto D. O que é um biblista? O que faz o biblista? Estas informações estão relacionadas com a ciência da religião? In: ABÍBLIA.ORG [Site institucional]. 07 abr. 2013. [n.p.]. Disponível em: <https://www.abiblia.org/ver.php?id=6598>. Acesso em: 03 jan. 2021.

CEBI. *O CEBI e sua atuação: os resultados*. [s.d.]. Disponível em: <https://cebi.org.br/como-atuamos/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

CPT. *Histórico*. 05 fev. 2010. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/sobrenos/historico>. Acesso em: 24 out. 2020.

CROATTO, José S. *Hermenêutica bíblica: para uma teoria da leitura como produção de significado*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1986.

CRUZ, Wallace S. Por uma leitura da realidade presente na perspectiva de Milton Schwantes. *Revista Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 46, n. 1, p. 34-49, 2020a.

CRUZ, Wallace S. A interpretação do texto bíblico de Milton Schwantes: por uma mediação da Ciência Prática da Religião. *Revista Reflexus*, Vitória, a. XIV, n. 24, p. 735-753, 2020b.

DREHER, Carlos A.; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria; DREHER, Isolde R. (orgs.). *Profecia e Esperança: um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006.

DREHER, Martin N. Milton Schwantes: um perfil biográfico. In: DREHER, Carlos A.; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria; DREHER, Isolde R. (orgs.). *Profecia e Esperança: um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 11-23.

FERNANDES, Bernardo M. *A formação do MST no Brasil*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FILKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil A. *A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados*. Petrópolis: Vozes, 2018.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FRESTON, Paul. *Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro, 1994.

GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GEBARA, Ivone. A Teologia da Libertação e as mulheres. *Revista Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 23, [n.p.], 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/61023>. Acesso em: 01 dez. 2020.

GOTAY, Samuel S. *O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe: implicações da teologia da libertação para a sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

GOTTWALD, Norman K. *As tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto – 1250-1050 a.C.* São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GUNKEL, Hermann. *Gênese*. Macon: Mercer University Press, 1997.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

HASEL, Gerhard F. *Teologia do Antigo Testamento: questões básicas no debate atual*. Rio de Janeiro: JUERP, 1988.

ISSA, Daniela. Praxis of empowerment: mística and mobilization in Brazil's landless rural workers' movement (MST). In: STAHLER-SHOLK, Richard; VANDEN, Harry E.; BECKER, Marc. *Rethinking Latin American Social Movements: radical action from below*. Londres: Rowman and Littlefield, 2014. p. 85-100.

LOPES, Mercedes. *Três perguntas sobre Milton Schwantes* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <soares.ensino@gmail.com> em 21 set. 2020. 1 e-mail.

LÖWY, Michel. Marxismo e religião: ópio do povo? In: BORON, Atilio A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (orgs.). *A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas*. Buenos Aires: CLACSO, 2007. p. 298-315.

LÖWY, Michel. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. *Revista Plural*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 129-142, 2011.

MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia político, livro primeiro: o processo de produção do capital*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MCGEOCH, Graham G. From revolutionary texts to rebellious readers: what is leitura popular da Bíblia and is it really ‘popular’? *Journal Radical Americas*, London, v. 5, n. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.scienceopen.com/hosted-document?doi=10.14324/111.444.ra.2020.v5.1.003>. Acesso em: 07 jan. 2021.

MCGEOCH, Graham G. Marxismo, mística e o MST: qual é o segredo do MST na luta pela reforma agrária no Brasil? *Revista Debates do NER*, Porto Alegre, a. 19, n. 33, p. 174-196, 2018.

MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

MESTERS, Carlos. Como se faz teologia bíblica hoje no Brasil. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 1, p. 7-19, 1984.

MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MESTERS, Carlos. Milton, nosso mestre. In: PEREIRA, Nancy C. (Org.). *Milton Schwantes: escritos de história e paixão*. São Leopoldo: CEBI, 2012. p. 7-11.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Secretaria de Defesa Agropecuária. Instrução Normativa nº 3, de 17 de janeiro de 2000. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, p. 34, 24 jan. 2000. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/978108/pg-34-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-24-01-2000?ref=goto>. Acesso em: 18 out. 2020.

NASCIMENTO, Lucas M. A Bíblia e a vida: o método exegético de Milton Schwantes. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 17, n. 2, p. 55-63, 2012.

NOGALSKI, James. *Interpreting Prophetic Literature: historical and exegetical tools for reading the prophets*. Louisville: Westminster John Knox, 2015.

OROFINO, Francisco. As releituras do êxodo na Bíblia. In: REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da. *Libertação-Liberdade, novos olhares: contribuições ao II Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2008. p. 27-36.

OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PEREIRA, Nancy C. *Milton Schwantes: escritos de história e paixão*. São Leopoldo: CEBI, 2012.

PLATAFORMA LATTES-CNPq. [Site institucional]. [s.d.]. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 17 jan. 2021.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Roma: [s.n.], 1993. [n.p.]. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html. Acesso em: 03 jan. 2021.

PY, Fábio; PEDLOWSKI, Marcos A. Atuação de religiosos luteranos nos movimentos sociais rurais no Brasil (1975-1985). *Revista Tempo*, Niterói, v. 24, n. 2, p. 233-252, 2018.

RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Aste, 2006.

REIMER, Haroldo. Não há dabar sem contexto: apontamentos sobre hermenêutica bíblica em Milton Schwantes. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 232-245, 2013.

REIMER, Ivoni R. *Uma pergunta sobre a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <soares.ensino@gmail.com> em 01 fev. 2021. 1 e-mail.

RIBEIRO, Cláudio de O. *A teologia da libertação morreu? Reino de Deus e espiritualidade hoje*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

RIBEIRO, Osvaldo L. Viver hermeneuticamente no mundo: pragmática como ação humana intencional e situada. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 105-120, 2009.

RIBEIRO, Osvaldo L. *Esboços de teologia crítica: reflexões no caminho da superação da teologia clássica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

RIBLA [Site institucional]. [s.d.]. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Ribla/index>. Acesso em: 22 jan. 2021.

RICHARD, Pablo. Bíblia: memória histórica dos pobres. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 1, p. 20-30, 1984.

ROSA, Wanderley P. da. *Por uma fé encarnada: teologia social e política no protestantismo brasileiro*. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2015.

SHAULL, Richard. *O cristianismo e a revolução social*. São Paulo: UCEB, 1953.

SHAULL, Richard. *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da teologia da libertação*. São Paulo: Sagarana, 1985.

SHAULL, Richard. *The reformation and liberation theology: in sights for the challenges of today*. Louisville: Westminster; John Knox, 1991.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Hermeneutics and criticism: and other writings*. Cambridge: Cambridge Press, 1988.

SCHÜNEMANN, Rolf. *Do gueto à participação – o surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1992.

SCHWANTES, Milton. Natã precisa de Davi: na esperança da igreja profética. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 18, n. 3, p. 99-118, 1978.

SCHWANTES, Milton. Profecia e Estado: uma proposta para a hermenêutica profética. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 22, n. 2, p. 105-145, 1982a.

SCHWANTES, Milton. A cidade da Justiça: estudo exegético de Is. 1.21-28. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 22, n. 1, p. 5-48, 1982b.

SCHWANTES, Milton. Da boca dos pequeninos: enfoques antropológicos. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 24, n. 2, p. 148-160, 1984a.

SCHWANTES, Milton. Bíblia e Lutero. *Revista Caminhando*, Goiânia, a. 2, v. 2, p. 32-34, 1984b.

SCHWANTES, Milton. Interpretação de Gn 12-25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 1, p. 31-49, 1984c.

SCHWANTES, Milton. Profecia e Organização: anotações à luz de um texto (Am 2,6-16). *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 5, p. 26-39, 1985a.

SCHWANTES, Milton. Uma terra boa: êxodo 3,8. *Revista Simpósio*, São Paulo, a. XVIII, v. 6, n. 30, p. 169-172, 1985b.

SCHWANTES, Milton. *Ageu*. Petrópolis: Vozes, 1986a.

SCHWANTES, Milton. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra: iniciação à temática do trabalho e do trabalhador na Bíblia. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 11, p. 6-21, 1986b.

SCHWANTES, Milton. *A Família de Sara e Abraão*: texto e contexto de Gênesis 12-25. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1986c.

SCHWANTES, Milton. Teologia Bíblica junto ao povo: anotações preliminares. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 3, p. 43-56, 1987a.

SCHWANTES, Milton. As tribos de Javé: uma experiência paradigmática. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 47, n. 185, p. 103-119, 1987b.

SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio*: história e teologia do povo de deus no século VI a.C. São Leopoldo: Oikos, 1987c.

SCHWANTES, Milton. O êxodo como evento exemplar. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 9-18, 1988a.

SCHWANTES, Milton. A origem social dos textos. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 31-37, 1988b.

SCHWANTES, Milton. Jacó é pequeno: visões em Amós 7-9. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 81-92, 1988c.

SCHWANTES, Milton. Entrevista com o pastor Milton Schwantes. In: CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) (Org.). *Bíblia e ecumenismo*: um grande desafio. Belo Horizonte: CEBI, 1988d.

SCHWANTES, Milton. Apresentação. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 5-6, 1988e.

SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança*: meditações sobre Gênesis 1-11. Petrópolis: Vozes, 1989a.

SCHWANTES, Milton. Caminhos da teologia bíblica. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 24, p. 9-19, 1989b.

SCHWANTES, Milton. Esperanças messiânicas e davídicas. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 23, p. 18-29, 1989c.

SCHWANTES, Milton. A terra pertence a Deus (Lv 25.23): anotações sobre a questão da terra na Bíblia. *Revista A Palavra na vida*, Belo Horizonte, n. 31, p. 7-12, 1990.

SCHWANTES, Milton. “Não estendas tua mão contra o menino” (Observações sobre Gênesis 21 e 22). *Revista Ribla*, Petrópolis; São Leopoldo, v. 10, p. 24-39, 1991a.

SCHWANTES, Milton. A caminho de terra e liberdade: Gênesis 12 – um roteiro. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 7, p. 129-144, 1991b.

SCHWANTES, Milton. Jonas: “os ninivitas creram em Deus”. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 31, p. 27-34, 1991c.

SCHWANTES, Milton. A caminho da terra e liberdade: Gênesis 12 – um roteiro. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 7, p. 129-144, 1991d.

SCHWANTES, Milton. “Cantai um canto novo!” – liturgias se aproximam. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 35, p. 49-53, 1992a.

SCHWANTES, Milton. História de Israel: dos inícios até o exílio. *Revista Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 7, p. 3-26, 1992b.

SCHWANTES, Milton. Plantarei o meu povo na terra que lhes dei. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 52, f. 206, p. 424-428, 1992c.

SCHWANTES, Milton. Era um menino: a experiência faz a diferença. *Revista Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 9, p. 17-25, 1992d.

SCHWANTES, Milton; RICHARD, Pablo. Editorial. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 11, p. 5-6, 1992.

SCHWANTES, Milton. Do jeito da traça: Oséias 5,8-7,16. *Revista Por Trás da Palavra*, São Leopoldo, a. 15, n. 87, p. 25-30, 1995.

SCHWANTES, Milton. Javé abrigou: anotações teológicas à luz do livro de Sofonias. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 13, p. 25-44, 1997.

SCHWANTES, Milton. Aprendendo a ler a escritura. *Revista Simpósio*, São Paulo, n. 41, p. 5-19, 1998a.

SCHWANTES, Milton. “Faze sair meu povo Israel do Egito”: anotações sobre Êxodo 3. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XII, n. 14, p. 23-34, 1998b.

SCHWANTES, Milton. No espírito dos quatro ventos: estudando Ezequiel 37,1-14. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XV, n. 20, p. 171-182, 2001a.

SCHWANTES, Milton. Lindas palavras junto à fonte – Lindas palavras em lugares escondidos: anotações sobre Gn 16, 1-16. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 39, p. 10-20, 2001b.

SCHWANTES, Milton. “A lua nova devorará suas heranças”: observações sobre Oséias 5, 1-7. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 73, p. 8-19, 2002.

SCHWANTES, Milton. Armas não armam tendas de paz: observações sobre Isaías 8,1-4. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XVII, n. 25, p. 207-214, 2003.

SCHWANTES, Milton. *A força criadora e libertadora da Palavra (1/5)* [YouTube, 10 set. 2004]. São Paulo: Gustavo Martins, 2004a. (27min 02s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SGdr28plf18>. Acesso em: 30 nov. 2020.

SCHWANTES, Milton. *A terra não pode suportar suas palavras: reflexões e estudo sobre Amós*. São Paulo: Paulinas, 2004b.

SCHWANTES, Milton. Elementos de um projeto econômico e político do messianismo de Judá – Gênesis 49,8-12: uma antiga voz judaíta interpretada no contexto da história da ascensão de Davi ao poder (1 Samuel 16 até 2 Samuel 5). *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 48, p. 25-33, 2004c.

SCHWANTES, Milton. Sem crer não se permanece: estudos exegéticos em Isaías 7,1-2+3-9. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 12, n. 46, p. 99-118, 2004d.

SCHWANTES, Milton. Salmos para o caminho: anotações hermenêuticas a partir dos Salmos 120 e 121. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 50, p. 96-101, 2005a.

SCHWANTES, Milton. Editorial. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 50, p. 7-8, 2005b.

SCHWANTES, Milton. A teologia e o direito dos pobres. [Entrevista concedida a] [s.n.]. *IHU Online*, São Leopoldo, n. 188, p. 52-57, 10 jul. 2006a. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao188.pdf>. Acesso em: 03 out. 2020.

SCHWANTES, Milton. Anotações sobre novos começos na leitura bíblica. Releituras bíblicas dos anos cinquenta, sessenta e setenta na América Latina. In: REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da. *Hermenêuticas bíblicas: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. Goiânia: ABIB; São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2006b. p. 11-32.

SCHWANTES, Milton. Anotações sobre a Teologia da Libertação: Carta a um amigo. In: OIKOS [Site institucional]. 12 out. 2007. [n.p.]. Disponível em: http://oikoseditora.com.br/milton_schwantes_meditacoes.htm. Acesso em: 12 nov. 2020.

SCHWANTES, Milton. Êxodo, libertação e liberdade: uma avaliação. In: REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da. *Libertação, liberdade, novos olhares: contribuição ao II Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo: Oikos, 2008a. p. 89-99.

SCHWANTES, Milton. *Breve história de Israel*. São Leopoldo: Oikos, 2008b.

SCHWANTES, Milton. *História de Israel: local e origens*. 4. ed. São Leopoldo: Oikos, 2008c.

SCHWANTES, Milton. *Ageu*. São Paulo: Loyola, 2008d.

SCHWANTES, Milton. Origem dos textos. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 17, n. 2, p. 13-19, 2012a.

SCHWANTES, Milton. *Salmos da vida: a caminho da justiça – Salmos 120-134*. São Leopoldo: Oikos, 2012b.

SCHWANTES, Milton. E o verbo se fez carne e acampou entre nós. In: PEREIRA, Nancy C. (Org.). *Milton Schwantes: escritos de história e paixão*. São Leopoldo: CEBI, 2012c. p. 41-63.

SCHWANTES, Milton. *O direito dos pobres*. São Leopoldo: Oikos; São Bernardo do Campo: Editeo, 2013a.

SCHWANTES, Milton. *Memórias de uma noite com Milton Schwantes* [YouTube, 27 nov. 2013]. São Bernardo do Campo: Vitor Chaves de Souza, 2013b. (13 min 17s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nYKv-guz0X0>. Acesso em: 08 out. 2020.

SCHWANTES, Milton. *Leituras Históricas da Bíblia* [YouTube, 05 abr. 2018]. Vitória: Faculdade Unida, 2018. (1h 19min 55s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TBqRfFKdFwM&t=2727s>. Acesso em 10 dez. 2020.

SILVA, Airton J. Quantos idiomas deveria um biblista dominar? In: OBSERVATÓRIO BÍBLICO [Site institucional]. 07 out. 2006. [n.p.]. Disponível em: <https://airtonjo.com/blog1/2006/10/quantos-idiomas-deveria-um-biblista.html>. Acesso em: 03 jan. 2021.

SILVA, Valmor da. *Três perguntas sobre Milton Schwantes* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <soares.ensino@gmail.com> em 23 set. 2020. 1 e-mail.

SIMIAN-YOFRE, Horário. *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2011.

SKA, Jean-Louis. *Introduzione ala lettura del Pentateuco: chiavi per l'interpretazione dei primi cinque libri dela Bibbia*. Roma: Edizioni Dehoniane, 2000.

SKIDMORE, Thomas E. *The politics of military rule in Brazil, 1964-85*. New York: Oxford University Press, 1988.

SOARES, Elizangela A.; NOGUEIRA, Paulo A. S. Exegese nos limites do sentido: os métodos histórico-críticos e as formas do monstruoso. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 59, n. 2, p. 413-427, 2019.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2018.

STEDILE, João P.; FERNANDES, Bernardo M. *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

TAMEZ, Elsa. A mulher que complicou a história da salvação. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 7, p. 56-72, 1987.

TAMEZ, Elsa. *Teólogos da libertação falam sobre a mulher*. São Paulo: Loyola, 1989.

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO. *Milton Schwantes: o desafio da teologia da libertação*, 2015, 1 fotografia. Disponível em: <https://teologialibertacao.wordpress.com/2015/10/21/milton-schwantes-o-desafio-da-teologiadada-libertacao/>. Acesso em: 16 out. 2020.

TERRA, Kenner R. C. Opção pelos pobres e recepção da Bíblia: a leitura bíblica na teologia da libertação. *Revista Reflexus*, Vitória, a. VI, n. 8, p. 63-75, 2012.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4. ed. Brasília: UNB, 1998.

WEGNER, Uwe. A leitura bíblica por meio do método sociológico. *Revista Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 12, p. 3-28, 1993.

WILSON, Robert R. *Profecia e Sociedade no antigo Israel*. 2. ed. São Paulo: Targumim; Paulus, 2006.

WIT, Hans. *En la dispersión el texto es patria: introducción a la hermenêutica clásica, moderna e pós-moderna*. San José: Universidad Bíblica Latino Americana, 2002.

WIT, Hans. “Camino de um día” (Jonás 3,4): Jonás y la memoria social de los pequeños. *Revista Theologica Xaveriana*, Bogotá, v. 58, n. 165, p. 87-126, 2008.

WOLFF, Hans Walter. *La hora de Amós*. Salamanca: Sígueme, 1984.



APÊNDICE A: BIBLIOGRAFIA BREVEMENTE COMENTADA DE MILTON SCHWANTES

No intuito de abordar brevemente a vasta produção literária de Milton Schwantes, buscou-se reunir suas principais contribuições publicadas em livros, artigos e folhetos populares. Com efeito, boa parte de suas conferências e textos inéditos não foram elencados. Para o levantamento e obtenção do material bibliográfico adotaram-se os seguintes procedimentos: localização e obtenção das publicações existentes nos acervos da biblioteca ecumênica e de teologia da UMESP; consulta ao catálogo do CEBI; acesso virtual à biblioteca da EST; pesquisa junto aos registros da BBLAMS; análise das informações divulgadas no currículo *lattes* do autor; e uma eventual investigação nos textos do biblista brasileiro, sobretudo nas notas de rodapé, onde ele geralmente indicava algumas de suas publicações. A possibilidade de continuar a bibliografia comentada em outros projetos permanece aberta e viável, pois, reconhece-se a possibilidade de esquecimento ou não identificação de algumas obras. Isso poderá ampliar o mapeamento dos trabalhos de Milton Schwantes no futuro.

Optou-se pela organização da bibliografia sem subdivisões. As referências bibliográficas seguem acompanhadas por uma síntese correspondente ao assunto versado, tradução em outros idiomas, entre outros aspectos considerados relevantes. Eventualmente, os/as leitores/as serão informados sobre a ausência de comentários. Para facilitar o acesso, as obras estão organizadas em ordem cronológica, apresentando um código numérico antes de cada uma delas. Ademais, o arranjo da bibliografia procura seguir às normas da ABNT, conforme o manual de normas da Faculdade Unida de Vitória.

[001] SCHWANTES, Milton. *Das Recht der Armen: Eine Untersuchung zu den Begriffen ras, dal, 'ebyon und 'ani in den alttestamentlichen Gesetzen, bei den Propheten und in der Weisheit*. Tese (Doutorado em Bíblia – Antigo Testamento) – Universidade de Heidelberg, Heidelberg, 1974.

Breve comentário: Tese doutoral defendida na Alemanha, sob a orientação de Walter Hans Wolff, que procura caracterizar os pobres na *Torá* e nos *Nebiim*, apresentado Yahweh como um deus voltado para os socialmente fracos. Sua tradução ao português ocorreu em 2013, conforme comentado na referência [371].

[002] SCHWANTES, Milton. *Prédica, Atos dos Apóstolos 1,10-14 (15-26)*. Cunha Porã: [s.n.], 1976.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao manuscrito.

[003] SCHWANTES, Milton. *Das Recht der Armen*. Frankfurt: Peter Lang, 1977.

Breve comentário: Reimpressão da tese de doutoramento, em formato de livro.

[004] SCHWANTES, Milton. Não oprimirás o teu próximo. In: *MEDITAÇÕES*. São Leopoldo: OASE, 1977. p. 16-19.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a esse manuscrito.

[005] SCHWANTES, Milton. *Sementes*. Cunha Porã: Cadernos do povo, 1978.

Breve comentário: Uma espécie de folheto bíblico destinado à pastoral.

[006] SCHWANTES, Milton. Natã precisa de Davi: na esperança da igreja profética. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 18, n. 3, p. 99-118, 1978.

Breve comentário: Publicação da conferência inaugural como professor universitário na Faculdade de Teologia da IECLB. Neste ensaio, o autor reflete muito sobre o seu projeto de uma igreja profética. Analisa o personagem bíblico Natã e apresenta uma revisão de sua imagem, apontando para suas limitações e fragilidades, enquanto um profeta que se mostra amigo da corte. Em contrapartida, as esperanças de uma igreja profética assumem matizes mais concretos, revolucionários e desafiadores.

[007] SCHWANTES, Milton. *Isaías: tentativas para a compreensão de alguns textos do profeta Isaías*. São Leopoldo: Faculdade de Teologia, 1979.

Breve comentário: Análise exegética de alguns textos de Isaías com observações interessantes sobre gramática, situação histórica, entre outros elementos.

[008] SCHWANTES, Milton. *Isaías: textos selecionados*. São Leopoldo: Faculdade da IECLB, 1979.

Breve comentário: Publicado em dois volumes.

[009] SCHWANTES, Milton. *Ensaio sobre uma teologia do Antigo Testamento: questões abertas em Gn 1-11*. São Leopoldo: [s.n.], 1980.

Breve comentário: Reflexão sobre Gênesis 1-11 na perspectiva da esperança. As experiências registradas neste bloco, segundo o autor, teriam servido de caminho para o povo de Israel em novas experiências.

[010] SCHWANTES, Milton. *Textos bíblicos para introdução ao Antigo Testamento e história de Israel*. [s.l.]: [s.n.], 1980.

Breve comentário: Texto mimeografado.

[011] SCHWANTES, Milton. Um estudo de provérbios capítulo 25: a glória dos governantes consiste em investigar a corrupção. São Leopoldo: CECA, [1980].

Breve comentário: Há dúvidas sobre a data precisa desta publicação, com base nas informações obtidas no site da biblioteca da faculdade EST e na biblioteca ecumênica da

UMESP. Por isso, ela foi deixada entre colchetes. No entanto, em 1984, este ensaio foi publicado novamente, na forma de artigo, na revista *Estudos Teológicos*. Consultar a referência [034].

[012] SCHWANTES, Milton. *Ensaio sobre uma teologia do Antigo Testamento: questões abertas em Gn 1-11*. São Leopoldo: [s.n.], 1981.

Breve comentário: Esta versão foi mimeografada. Comentários na referência [009].

[013] SCHWANTES, Milton. *Aceito o meu batismo*. São Leopoldo: Sinodal, 1981.

Breve comentário: Material produzido por obreiros que atuaram no Distrito Eclesiástico Uruguaí da IECLB. Milton Schwantes participou novamente na coautoria da oitava edição desta obra, em 1987.

[014] SCHWANTES, Milton. *Jesus é o fundamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1981.

Breve comentário: Material produzido por obreiros atuando no Distrito Eclesiástico Uruguaí da IECLB. Milton Schwantes participou novamente na coautoria da sétima edição desta obra, em 1988.

[015] SCHWANTES, Milton. O movimento de Jesus: um resumo do livro de Gerd Theissen. In: BEATO, Joaquim; WOLFF, Günter A.; FRANCO, Scilia. *Tradição mosaica: reflexões bíblicas*. Irajá: Cadernos do povo, 1981. p. 57-76.

Breve comentário: Nesta obra, o biblista brasileiro também participou como editor e escrevendo a apresentação dela.

[016] SCHWANTES, Milton. *A cidade e a torre (Gn 11, 1-9): exercícios hermenêuticos*. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 21, n. 2, p. 57-76, 1981.

Breve comentário: Argumenta sobre a necessidade de se incluir na tarefa hermenêutica a realidade social, através da análise integral do processo de surgimento, criação e articulação do texto bíblico, não apenas as fases de fixação literária. Para o autor, isso ajudaria a reconhecer a Bíblia como um texto originado na organização popular. Este artigo foi publicado também nas seguintes obras: *Igrejas, desenvolvimento e participação popular* e *Pastoral popular libertadora*, ambas publicadas em 1981, no Brasil. Foi publicada também em espanhol, sob o título: *La ciudad y la torre: un estudio de Génesis 11,1-9*, no livro: *Las iglesias en la práctica de la injusticia* e foi reimpresso na revista *Cristianismo y Sociedad*, n. 69-70, p. 95-101, também em 1981.

[017] SCHWANTES, Milton. “Sai da tua casa e vai”: considerações sobre este lema a partir de Gênesis 12,1-4. *Revista do CEM*, São Leopoldo, v. 4, n. 1, p. 4-10, 1981.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao manuscrito.

[018] SCHWANTES, Milton. *Teologia do Antigo Testamento: anotações*. São Leopoldo: Faculdade de Teologia da IECLB, 1982.

Breve comentário: Este também foi copiado em polígrafo. Reimpresso em 1986.

[019] SCHWANTES, Milton. A cidade da justiça: estudo exegético de Isaías 1,21-28. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 22, n. 1, p. 5-48, 1982.

Breve comentário: O autor busca uma dupla direção, a saber: localizar o projeto revolucionário de Isaías e a leitura criteriosa de um texto bíblico. Trata-se de um estudo interessante para apreender os primeiros passos na exegese do Antigo Testamento.

[020] SCHWANTES, Milton. Profecia e Estado: uma proposta para a hermenêutica profética. *Revistas Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 22, n. 2, p. 105-145, 1982.

Breve comentário: Esta pode ser resumida em uma proposta do biblista brasileiro de uma hermenêutica profética. O ponto axial consistiria no antagonismo entre a profecia vétero-testamentária e o Estado. Trata-se de uma profecia cujas raízes remontam ao movimento camponês do mundo bíblico que deveria ser tomada como modelo para as igrejas da atualidade, que deveriam se inserir nas periferias através de sua atuação junto aos movimentos sociais e populares.

[021] SCHWANTES, Milton. Salmo 24: uma liturgia singular. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 22, n. 3, p. 283-304, 1982.

Breve comentário: Análise exegética do Salmo 24 que localiza o seu surgimento no âmbito do santuário de Jerusalém, respirando a teologia e a liturgia jerusalemita. Mas, o salmo estaria, segundo o autor, enraizado no campesinato. Ou seja, os sacerdotes teriam cooptado os principais elementos éticos e teológicos dos camponeses para a composição deste texto.

[022] SCHWANTES, Milton. *Gn 1,1-2.4^a*: observações históricas e teológicas. [s.l.]: [s.n.], 1982.

Breve comentário: Texto mimeografado.

[023] SCHWANTES, Milton. Vida de Criança e interesse de estado: Gênesis 22. In: PRADO, Luis O. P. *Clamores: estudos bíblicos*. Maravilha: Cadernos do Povo, 1982. p. 36-43.

Breve comentário: Nesta obra, além de participante, Milton Schwantes também foi o editor.

[024] SCHWANTES, Milton. Projeto de Deus na Bíblia. In: ARNS, Paulo E. *Fé e educação política*. Porto Alegre: DAIT, 1982. p. 88-102.

Breve comentário: Não apenas no capítulo escrito por Milton Schwantes, mas em toda a obra, estão contidos os temas abordados durante o Curso de Extensão Universitária no Instituto de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 1981. Em geral, perscruta-se a doutrina social da igreja à luz dos valores do reino de Deus e da realidade política nas diversas organizações populares, nas CEBs, etc., no intuito de apontar quais os principais contributos que se poderiam dar na educação política dessas pessoas.

[025] SCHWANTES, Milton. *Leitura do Antigo Testamento*: anotações de um seminário. São Leopoldo: [s.n.], 1983.

Breve comentário: Esta versão também foi mimeografada.

[026] SCHWANTES, Milton. Lutero e a Bíblia. *Revista Grande Sinal*, Petrópolis, v. 37, n. 9/10, p. 722-724, 1983.

Breve comentário: Comentários esboçados na referência de número [029].

[027] SCHWANTES, Milton. Lutero e a Bíblia. *Revista Informativo Cebi-Sul*, São Leopoldo, v. 2, n. 5, p. 16-19, 1983.

Breve comentário: Comentários esboçados na referência de número [029].

[028] SCHWANTES, Milton. *Leitura do Antigo Testamento*: anotações de um seminário. São Leopoldo: [s.n.], 1983.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a esta obra.

[029] SCHWANTES, Milton. Bíblia e Lutero. *Revista Caminhando*, Goiânia, a. 2, v. 2, p. 32-34, 1984.

Breve comentário: Aponta que Lutero contribuiu de três formas em relação à difusão e compreensão do texto bíblico: teria facilitado o acesso ao texto sagrado ao maior número de pessoas; a necessidade de recorrer à mediação da língua original; Lutero teria desafiado a busca pela compreensão da Bíblia a partir do seu núcleo. Este ensaio também foi publicado em outros periódicos, porém, com o título invertido, isto é, *Lutero e a Bíblia*, conforme acima referenciado.

[030] SCHWANTES, Milton. *História de Israel*: local e origens. São Leopoldo: [s.n.], 1984.

Breve comentário: Esta versão foi mimeografada. A segunda edição é de 2004: *História de Israel*: local e origens. 2. ed. Taubaté: FTD, 2004.

[031] SCHWANTES, Milton. *Bíblia e libertação*. Porto Alegre: CAPB, 1984.

Breve comentário: Este foi um texto escrito no intuito de registrar a memória da Semana Acadêmica sobre as origens de Israel.

[032] SCHWANTES, Milton. “Da boca dos pequeninos”: enfoques antropológicos. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 24, n. 2, p. 148-160, 1984.

Breve comentário: Trata-se de uma análise antropológica do texto bíblico, onde o autor introduz uma perspectiva em que o paradigma dos Direitos Humanos é o direito do sujeito socialmente fraco e o paradigma da vida, a periferia. Yahweh estaria ao lado destes sujeitos, pois, o capitalismo os teria destruído.

[033] SCHWANTES, Milton. Evocaciones e invocaciones hermenêuticas. In: TALLER ECUMÉNICO DE FORMACIÓN DE JÓVENES PARA LA PARTICIPACIÓN EN PROGRAMAS DE LAS IGLESIAS EN DESARROLO. 1984, Managua, *Anais...* México: FUMEC, 1984. p. 20-41.

Breve comentário: O autor não teve acesso a esse texto.

[034] SCHWANTES, Milton. A glória dos governantes consiste em investigar a corrupção: um estudo de provérbios 25. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 24, n. 1, p. 59-82, 1984.

Breve comentário: Este artigo teria sido supostamente publicado na forma de um livreto catequético, em 1980, veja mais detalhes na referência [025].

[035] SCHWANTES, Milton. Interpretação de Gn 12-25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 1, p. 31-49, 1984.

Breve comentário: Texto indispensável para se compreender as críticas do biblista brasileiro em relação ao estruturalismo, teoria das fontes documentais, suas hipóteses sobre a composição do Pentateuco, tendo a perícopes como componente elementar.

[036] SCHWANTES, Milton. Reforma Agrária: uma exigência do Reino de Deus. *Informativo CEBI-Sul*, São Leopoldo, v. 3, n. 8, p. 5-7, 1984.

Breve comentário: Este é um daqueles textos onde o tema da terra na Bíblia é articulado pelo autor na ótica da CPT, MST, etc.

[037] SCHWANTES, Milton; KIRST, Nelson; MALSCHITZKY, Harald. *Proclamar libertação: auxílios homiléticos quer seja oportuno quer não*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a esse texto.

[038] SCHWANTES, Milton. “*E o verbo se fez carne e acampou entre nós*”: notas sobre o estudo da história do povo de Deus. Belo Horizonte: CEBI, 1985.

Breve comentário: A segunda edição foi publicada em 1989, conforme referência [116]. Em 2012, na obra organizada por Nancy Cardoso Pereira, intitulada: *Milton Schwantes: escritos de história e paixão*.

[039] SCHWANTES, Milton. “Proclamar o ano aceitável do Senhor”: pistas para a “teologia bíblica da terra” no contexto da “pastoral da terra”. In: CASALDÁLIGA, Pedro; SCHWANTES, Milton. (orgs.). *Conquistar a terra, reconstruir a vida: CPT – dez anos de caminhada*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 11-28.

Breve comentário: Esboça o modo como o autor teria aprendido com as experiências das ocupações de terras e dos assentamentos brasileiros. Ele se dedica a reforçar que a Bíblia sempre esteve presente nas organizações camponesas e nos movimentos de resistência.

[040] SCHWANTES, Milton. Anotaciones sobre la teologia luterana en América Latina. In: ACCIÓN SOCIAL – OBRA DE LA IGLESIA LUTERANA: INFORME DEL II SEMINÁRIO-TALLER, 1985, Lima, *Anais...* Lima: Lutheran World Relief, 1985. p. 147-157.

Breve comentário: O autor da pesquisa não acessou esse texto.

[041] SCHWANTES, Milton. Uma terra boa: êxodo 3,8. *Revista Simpósio*, São Paulo, a. XVIII, v. 6, n. 30, p. 169-172, 1985.

Breve comentário: O tema da terra é inserido como o objetivo último da libertação. O autor intui um companheirismo entre a história bíblica e a luta dos sem terra – e parceiros de luta – de seus dias.

[043] SCHWANTES, Milton. Metodologia na educação popular: uma entrevista. *Revista CECA-Informativo*, São Leopoldo, v. 1, n. 4, p. 20-21, 1985.

Breve comentário: Consiste em comentários sobre as principais perspectivas da LPB.

[044] SCHWANTES, Milton. Êxodo: a libertação dos oprimidos. *Revista Informativo Cebi-Sul*, São Leopoldo, v. 4, n. 11, p. 5-7, 1985.

Breve comentário: Este breve ensaio foi publicado também na revista *Mundo Jovem*, v. 23, n. 172, p. 17, da PUCRS, no mesmo ano.

[045] SCHWANTES, Milton. Terra para quem nela trabalha. *Revista Mundo Jovem*, Porto Alegre, v. 23, n. 173, p. 11, 1985.

Breve comentário: A defesa pela divisão justa da terra perpassa a discussão.

[046] SCHWANTES, Milton. Profecia e organização: anotações à luz de um texto (Am 2,6-16). *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 5, p. 26-39, 1985.

Breve comentário: A profecia bíblica é apresentada na perspectiva da denúncia, do anúncio e da ameaça. Enfatiza-se a emergência social das palavras proféticas.

[047] SCHWANTES, Milton. *A Família de Sara e Abraão*: texto e contexto de Gênesis 12-25. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1986.

Breve comentário: Tradução para o espanhol, em 1993: *La familia de Sara y Abraham y otros estudios sobre Génesis 12-25*. Caracas: Acción Ecueménica, 1993.

[048] SCHWANTES, Milton. *Ageu*. Petrópolis: Vozes, 1986.

Breve comentário: Este é um comentário bíblico elaborado para o CBLA. Em 1987, foi traduzido tanto para o espanhol sob o título *Hageo*, quanto para o italiano, sendo intitulado como *Aggeo*.

[049] SCHWANTES, Milton. *Historia de Israel*: lugar y origen. Santiago: CTEC, 1984.

Breve comentário: Trata-se da tradução para o espanhol do livro: *História de Israel: local e origens*, de 1984. Veja a referência de número [030].

[050] SCHWANTES, Milton. “Formou a gente do pó da terra”. In: BRANDÃO, Carlos e outros. (orgs.). *Inculturação e libertação*: semana de estudos teológicos CNBB/CIMI. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 41-57.

Breve comentário: Na segunda edição, em 1988, o texto permanece com as mesmas descrições supracitadas. Em 1990, foi publicado para o espanhol: “Formó al hombre de polvo de la tierra”. *Iglesia, Pueblos y Culturas*, Quito, v. 5, n. 17, p. 51-68, 1990.

[051] SCHWANTES, Milton. Teologia bíblica junto ao povo: anotações preliminares. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 3, p. 43-56, 1987.

Breve comentário: Afirma-se que a leitura bíblica latino-americana está enraizada no processo em que as igrejas se solidarizam com a causa de operários e trabalhadores rurais em sua luta pela libertação. Nesta lógica, o povo empobrecido se assume igreja. Aqui há elementos contundentes utilizados na pesquisa para esboçar o modelo de igreja profética e de rosto popular que o autor teria imaginado.

[052] SCHWANTES, Milton. Biblical Theology Together with the People. In: AMIRTHAM, Sam; POBEE, John S. *Theology by the People: reflections on doing theology in community*. Geneva: World Council of Churches, 1986. p. 43-54.

Breve comentário: Trata-se da tradução ao inglês de: Teologia bíblica junto ao povo: anotações preliminares. Conforme descrito na referência [051].

[053] SCHWANTES, Milton. Von unten gesehen: Die Bibel als Buch der Befreiung gelesen. *Evangelische Kommentare*, Stuttgart, v. 19, n. 7, p. 283-387, 1986.

Breve comentário: Este ensaio também foi publicado mais tarde, em 1989, em alemão, sob um novo título: Die Bibel – Wafe der Armen. In: *O Brasil – Ich habe das Schreien meines Volkes gehört*. München: Evangelisch-Lutherische in Bayern, 1989. p. 28-32.

[054] SCHWANTES, Milton. Profecia e Estado: qual é a palavra dos profetas sobre o Estado? *Revista Palavra Partilhada*, São Leopoldo, v. 5, n. 1, p. 16-20, 1986.

Breve comentário: A profecia é introduzida na oposição ao reinado. Tal postura desafia as igrejas contemporâneas, segundo o autor, a mergulharem neste mundo periférico.

[055] SCHWANTES, Milton. “Corra o direito como a água e a justiça como ribeiro perene”. In: HOCH, Lothar C. *Formação teológica em terra brasileira*. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 14-16.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a esta publicação.

[056] SCHWANTES, Milton. O messias criança: observações sobre Isaías 6-9+11. *Revista Palavra Partilhada*, São Leopoldo, v. 5, n. 17, p. 8-21, 1986.

Breve comentário: O destaque é dado à fragilidade do messias. Por isso, ele estaria profundamente vinculado à defesa dos empobrecidos que, assim como ele, eram pessoas fragilizadas.

[057] SCHWANTES, Milton. “Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra”: iniciação à temática do trabalho e do trabalhador na Bíblia. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 11, p. 6-21, 1986.

Breve comentário: Aqui ele reflete sobre o trabalho como categoria social e teológica. O trabalho camponês é apresentado como o mais relevante no mundo bíblico e o campesinato como a principal grandeza social naqueles tempos.

[058] SCHWANTES, Milton. Profetas do povo de Deus. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 208, p. 34, 1986.

Breve comentário: Mantém a lógica de uma profecia cada vez mais distante do centro do poder e que teria assumido uma postura voltada à defesa dos interesses das pessoas politicamente mais vulneráveis.

[059] SCHWANTES, Milton. Loucura e escândalo. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 215, p. 4-5, 1986.

Breve comentário: Ensaio publicado também, em 1987, na revista *Mundo Jovem*, de acordo com a referência número [072]. Depois, em 1988, foi publicado em *Jornal Contexto*, Campinas, v. 6, n. 43, p. 12, sob o título – invertido – *Escândalo e Loucura*.

[060] SCHWANTES, Milton. Apresentação. In: ALT, Albrecht. *Terra prometida: ensaios sobre a história do povo de Israel*. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 5-7.

Breve comentário: O autor da pesquisa não acessou este manuscrito.

[061] SCHWANTES, Milton. A luta por “uma terra boa”. *Revista Mundo Jovem*, Porto Alegre, v. 24, n. 183, p. 14-15, 1986.

Breve comentário: Segundo o autor, a Bíblia anima a luta pela terra que teria sido tomada pelos latifundiários, grileiros, Estado, etc.

[062] SCHWANTES, Milton; DREHER, Carlos. *Bíblia e organização popular*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

Breve comentário: Trata-se de um texto para compor uma série de estudos bíblicos.

[063] SCHWANTES, Milton. A herança de Javé: meditando o Salmo 127. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 27, n. 2, p. 175-180, 1987.

Breve comentário: Propõe uma tarefa eclesial situada na experiência de fé em correlação com as práticas transformadoras em função das pessoas pobres no contexto latino-americano.

[064] SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1987.

Breve comentário: A segunda e a terceira edições desse livro foram publicadas, respectivamente, em 2007 e 2009. Além disso, nos anos 1988, 1993 e 2000 foram publicadas a primeira, segunda e terceira edições em espanhol, sob o título: *Sufrimiento y esperanza en el exilio: historia y teología del pueblo de Dios en el siglo VI a.C.* Em 1991, fez-se uma nova tradução ao espanhol: *Sufrimiento y esperanza en el exilio: historia y la teología del pueblo de Dios en el siglo VI a.C.* Santiago: Rehue, 1991.

[065] SCHWANTES, Milton. As tribos de Javé: uma experiência paradigmática. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 47, n. 185, p. 103-119, 1987.

Breve comentário: Em 1993, este ensaio foi resumido em: Las tribos de Israel (1400-1000 a.C.). *En el Camino*, San Salvador, n. 9, p. 17-18, 1993.

[066] SCHWANTES, Milton. *Amós: meditações e estudos*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1987.

Breve comentário: Esta obra também foi traduzida para o espanhol, em 1987 e em 1989, sob o título: *Amós: meditaciones y estudios*. Em 1991, foi traduzida ao alemão: *Das land kann seine Worte nicht ertragen: meditationem zu Amos*. München: Christian Kaiser, 1991.

[067] SCHWANTES, Milton. “Dize que és minha irmã”: meditações sobre alguns temas de Gênesis 12-25. Belo Horizonte: CEBI, 1987.

Breve comentário: Descreve a narrativa bíblica em torno das questões concretas da vida.

[068] SCHWANTES, Milton. “Nuestra vista clareó”: lectura bíblica en América Latina. *Presencia Ecueménica*, Caracas, n. 7, p. 3-9, 1987.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a este texto.

[069] SCHWANTES, Milton. *Cristo no próximo: meditação sobre Mateus 25,31-46*. Belo Horizonte: CEBI, 1987.

Breve comentário: A versão em alemão deste ensaio foi publicada como: Christus im Nächsten: Überlegungen zu Matthäus 25,31-40. In: *Nachfolge Jesu – Wege der Befreiung: Evangelisch-Lutherische Kirche in Brasilien*. Mettingen: Institut für Brasilienkunde, 1989. p. 132-151.

[070] SCHWANTES, Milton. *O messias criança: observações sobre Isaías 6-9+11*. Belo Horizonte: CEBI, 1987.

Breve comentário: Esta é uma reimpressão, em uma espécie de livreto, do ensaio publicado em *Palavra Partilhada*, conforme descrito na referência [056].

[071] SCHWANTES, Milton. Apresentação. *Revista Semente de Esperança*, Laranja da Terra, v. 2, p. 3, 1987.

Breve comentário: Esta foi uma publicação da IECLB.

[072] SCHWANTES, Milton. “Loucura e escândalo”. *Revista Mundo Jovem*, Porto Alegre, v. 25, n. 188, p. 5, 1987.

Breve comentário: Este ensaio foi publicado, em 1986, conforme referenciado em [059]. Depois, em 1988, foi publicado em *Jornal Contexto*, Campinas, v. 6, n. 43, p. 12, sob o título – invertido – *Escândalo e Loucura*.

[073] SCHWANTES, Milton. Os profetas e os trabalhadores. *Revista Mundo Jovem*, Porto Alegre, v. 25, n. 191, p. 9, 1987.

Breve comentário: Este ensaio teria sido republicado, no mesmo ano, sob um novo título, conforme a próxima referência.

[074] SCHWANTES, Milton. “*Farão pomares e lhes comerão o fruto*”: os profetas e os trabalhadores. *Jornal Contexto*, Campinas, v. 4, n. 33, p. 12, 1987.

Breve comentário: Como mencionado, trata-se do ensaio supracitado [073], mas com um novo título.

[075] SCHWANTES, Milton. Theologie der Befreiung: Ein Interview mit Milton Schwantes. In: LAY, Jochen; MROBKO, Kurt-Dietrich; SCHUSTER, Martin; WAGNER, JOHANNES, A. (orgs.). *Die Armen entdecken das Evangelium: Materialien zur Theologie der Befreiung*. Neuendettelsau: Freimund, 1987. p. 19-23.

Breve comentário: Este texto foi retirado de uma nota de rodapé de uma das publicações do biblista brasileiro e, por isso, o autor da pesquisa não teve acesso direto ao manuscrito.

[076] SCHWANTES, Milton; KILPP, Nelson; KIRT, Nelson; RAYMANN, Acir; ZIMMER, Rudi. *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1988.

Breve comentário: Este dicionário se desdobrou em várias edições futuras.

[077] SCHWANTES, Milton. Projetos de Esperança: meditações sobre Gênesis 1-11. In: RAMALHO, Jether P. *Construir a esperança: encontro latino-americano e caribenho de organismos ecumênicos “Mauricio López”*. Quito: CLAI, 1988. p. 69-135.

Breve comentário: Este ensaio foi ampliado para publicação em livro, em 1989, conforme referência [107].

[078] SCHWANTES, Milton. *Mulher comunidade: a nova mulher*. Petrópolis: Vozes, 1988.

Breve comentário: Nesta obra, o biblista brasileiro foi coautor e merece destaque sua participação nas páginas 63-108. Esta obra foi traduzida para o espanhol, no mesmo ano, sob o título: *Mujer comunidad: “pensaban que el era jardinero”*.

[079] SCHWANTES, Milton. *O espírito faz história*. Belo Horizonte: CEBI, 1988.

Breve comentário: Alega que os profetas souberam elaborar uma teologia do espírito pertinente e vinculada aos acontecimentos históricos. Neste sentido, a ação do espírito apareceria preferencialmente no agir histórico de Yahweh.

[080] SCHWANTES, Milton. Uma experiência igualitária: algumas anotações a respeito das tribos de Javé. *Revista Palavra Partilhada*, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 8-19, 1988.

Breve comentário: Este é um daqueles textos fundamentados na tese de Norman K. Gottwald.

[081] SCHWANTES, Milton. La Biblia, el libro más difundido del mundo. *Actualidad Pastoral*, Morón, v. 21, n. 175, p. 229-235, 1988.

Breve comentário: O autor da pesquisa não acessou este manuscrito.

[082] SCHWANTES, Milton. A Bíblia: um livro de liturgia. *Revista de Liturgia*, São Paulo, v. 15, n. 89, p. 135-142, 1988.

Breve comentário: Este artigo fora traduzido para o espanhol, também em 1988, através da revista *Presencia Ecuménica*, Caracas, n. 11, p. 3-7, 1988.

[083] SCHWANTES, Milton. Uma experienciar igualitária. *Palavra Partilhada*, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 8-19, 1988.

Breve comentário: Trata-se de uma reimpressão do ensaio intitulado: *As tribos de Javé: uma experiência paradigmática*, de 1987, conforme referenciado em [065].

[084] SCHWANTES, Milton. As tribos de Javé: uma experiência paradigmática. In: SUESS, Paulo. (org.). *Queimada e sementeira: da conquista espiritual ao descobrimento de uma nova evangelização*. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 153-166.

Breve comentário: Compilação em livro organizado do ensaio *As tribos de Javé: uma experiência paradigmática*, de 1987.

[085] SCHWANTES, Milton. Bíblia e escravidão: uma meditação sobre Gênesis 9,20-27. *Revista Vida Pastoral*, São Paulo, v. 29, n. 139, p. 10-15, 1988.

Breve comentário: Outro texto que aborda a ação do Estado como uma ação que escraviza as pessoas.

[086] SCHWANTES, Milton; BARROS, Marcelo. Estudos do livro do Êxodo: leitura da Bíblia – celebração da gente. In: BEOZZO, José O. (org.). *Curso de Verão: ano II*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 49-112.

Breve comentário: A segunda edição é de 1991.

[087] SCHWANTES, Milton. O êxodo como evento exemplar. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 9-18, 1988.

Breve comentário: Defende a hipótese de que o êxodo é a veia principal da história bíblica.

[088] SCHWANTES, Milton. A origem social dos textos. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 31-37, 1988.

Breve comentário: A origem social dos textos bíblicos é o campesinato, segundo o biblista brasileiro. O papel das mulheres sobressai, pois elas teriam sido as principais portadoras das memórias da libertação. A temática do êxodo subjaz o desenvolvimento do texto.

[089] SCHWANTES, Milton. A profecia durante a monarquia. In: BEOZZO, José O. (org.). *Curso de Verão: ano II*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 15-33.

Breve comentário: A segunda edição é de 1991 e outras edições subsequentes.

[090] SCHWANTES, Milton. Jacó é pequeno: visões em Amós 7-9. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 81-92, 1988.

Breve comentário: Este ensaio também foi publicado em espanhol: *Jacob el pequeño: visiones en Amós 7-9*, também através da RIBLA, em 1988, p. 87-99. Em 1990, ele foi reimpresso em *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 81-92, 1990.

[091] SCHWANTES, Milton. Sião: refúgio dos oprimidos. *Revista Encontro*, São Paulo, n. 23, p. 27-33, 1988.

Breve comentário: Traduzido para o espanhol, em 1989: *Sión – refugio de los oprimidos. Presencia Ecuémica*, Caracas, v. 5, n. 12, p. 16-18, 1989.

[092] SCHWANTES, Milton. Bibelarbeit – Lukas 24,13-47. In: BACH, Ulrich; BINDEMANN, Walther; BISCHOFF, Karin W. *Ein Bibelstudienheft: Neun Bibelarbeiten*. Berlin: Evangelische Haupt-Bibelgesellschaft, 1988. p. 96-103.

Breve comentário: o autor da pesquisa não teve acesso a este manuscrito.

[093] SCHWANTES, Milton. Hagar and Sarah. In: KIRKPATRICK, Dow; MCCOY, Lewistine (eds.). *Faith Born in the Struggle for Life: a reading of protestant faith in Latin America today*. Grand Rapids: Willian B. Eerdmans, 1988. p. 76-83.

Breve comentário: o autor da pesquisa não teve acesso a este manuscrito.

[094] SCHWANTES, Milton. Apresentação. *Boletim da Bibliografia*, São Bernardo do Campo, n. 1, p. 1, 1988.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a este texto.

[095] SCHWANTES, Milton. Escravidão na Bíblia. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 227, p. 32-34, 1988.

Breve comentário: Este ensaio também foi publicado em: *AGEN*, São Paulo, n. 108, p. 7, 1988. No mesmo ano, foi traduzido para o espanhol: *La esclavitud en la Biblia: "... que te hizo salir de la casa de la esclavitud"*.

[096] SCHWANTES, Milton. "Aflui para ele grande multidão". *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 228, p. 32-34, 1988.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a este texto.

[097] SCHWANTES, Milton. Uma Bíblia que inquieta. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 235, p. 33-34, 1988.

Breve comentário: Este ensaio foi traduzido para o espanhol, em 1989: *La Biblia que inquieta. Pastoral Popular*, Santiago, n. 194, p. 47-48, 1989.

[098] SCHWANTES, Milton. Coisas da corrupção. *Revista Coluna Bíblica*, São Leopoldo, n. 33, p. 1, 1988.

Breve comentário: Em 1993, foi reimpresso em: *Coluna bíblica*, São Leopoldo, n. 6, p. 1, 1993; *Traço-de-União*, Vitória, v. 6, n. 10, p. 2, 1993.

[099] SCHWANTES, Milton. A semana teológica. *Jornal Contexto*, Campinas, v. 5, n. 45, p. 6-7, 1988.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a este texto.

[100] SCHWANTES, Milton. “Entre vós não será assim”. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 234, p. 33-34, 1988.

Breve comentário: Este ensaio foi traduzido ao espanhol, em 1989: “Entre ustedes no será así”. *Presencia Ecuémica*, Caracas, v. 5, n. 13, p. 23-25, 1989. Mais tarde, em 1991, foi publicado em: *Fé y esperanza*, Manágua, n. 10, p. 3-6, 1991.

[101] SCHWANTES, Milton. Monarquia e profetismo. In: I CURSO BÍBLICO. *Ao encontro de Javé*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 27-60.

Breve comentário: Ensaio mimeografado.

[102] SCHWANTES, Milton. O descanso. *Revista Mundo Jovem*, Porto Alegre, v. 26, n. 195, p. 18, 1988.

Breve comentário: O descanso, em Milton Schwantes, tem sentido teológico. Está muito ligado às exigências pelo descanso sabático que o povo teria exigido durante o cativeiro na Babilônia.

[103] SCHWANTES, Milton. El descanso. *Pastoral Popular*, Santiago, n. 187, p. 20-22, 1988.

Breve comentário: Este ensaio também foi publicado, simultaneamente, em: *Presencia Ecuémica*, Caracas, n. 9, p. 5-7, 1988.

[104] SCHWANTES, Milton. O coxo da “porta formosa”. *AGEN*, São Paulo, n. 121, p. 2, 1988.

Breve comentário: Este ensaio também foi publicado no mesmo ano em: *Sem Fronteiras*, São Paulo, n. 162, p. 8-9, 1988. Mais tarde, em 1991, foi publicado em espanhol: El cojo de la “puerta hermosa”. *Presencia Ecuémica*, Caracas, v. 7, n. 21/22, p. 26, 1991.

[105] SCHWANTES, Milton. Testemunho junto à “porta formosa”. *Revista do CEM*, São Leopoldo, v. 10, n. 2, p. 13-14, 1988.

Breve comentário: Trata-se do mesmo ensaio mencionado em [104], publicado agora com um novo título.

[106] SCHWANTES, Milton. Um outro jeito de ler a Bíblia. *AGEN*, São Paulo, n. 119, p. 7, 1988.

Breve comentário: Apontamentos sobre a leitura bíblica realizada na América Latina.

[107] SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança*: meditações sobre Gênesis 1-11. Petrópolis: Vozes, 1989.

Breve comentário: Este livro foi traduzido ao espanhol, em 1990: *Proyectos de esperanza*: meditaciones en Génesis 1-11, Quito: Consejo Latinoamericano de Iglesias, 1990. Mais tarde, em 1992, foi traduzido para o alemão: *Am Anfang war die Hoffnung*: Die biblische Urgeschichte aus der Sicht der Armen. München: Claudius Verlag, 1992. A segunda edição é de 2002: *Projetos de Esperança*: meditações sobre Gênesis 1-11. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

[108] SCHWANTES, Milton. Esperanças messiânicas e davídicas. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 23, p. 18-29, 1989.

Breve comentário: Localiza as tradições messiânico-davídicas no âmbito do campesinato judaíta.

[109] SCHWANTES, Milton. Toda a criação geme e suporta angústias. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 246, p. 29-30, 1989.

Breve comentário: Segundo o autor, a teologia da criação e a teologia do político constituem-se em um só ato teológico. Ou seja, os governantes deveriam buscar uma profunda identificação com as ações divinas – criação – para verificar se suas ações políticas compartilham com os interesses da criação.

[110] SCHWANTES, Milton. *Memórias do povo de Israel*: das origens ao exílio. São Bernardo do Campo: CIB, 1989.

Breve comentário: Trata-se de uma espécie de apostila compilada pelos participantes do curso com a assessoria de Milton Schwantes.

[111] SCHWANTES, Milton. *Época persa, pós-exílio*: assessorial de Milton Schwantes. Teresina: CEBI-Norte, 1989.

Breve comentário: Trata-se de uma espécie de apostila compilada pelos participantes do curso com a assessoria de Milton Schwantes.

[112] SCHWANTES, Milton. Amos hos oss. *Svenska Kyrkans Mission*, Uppsala, p. 129-133, 1989.

Breve comentário: A tradução ao espanhol foi publicada como: *Amós entre nosotros*. *Presencia Ecuménica*, Caracas, n. 14, p. 29-32, 1989.

[113] SCHWANTES, Milton. *Igreja como povo*: “meu povo em Miquéias”. Belo Horizonte: CEBI, 1989.

Breve comentário: Este texto foi publicado também em *A Palavra na Vida*, do CEBI.

[114] SCHWANTES, Milton. Las tribus de Yahweh: una experienciar paradigmática. *Christus*, México, v. 54, n. 626, p. 15-23, 1989.

Breve comentário: Trata-se de uma tradução do ensaio *As tribos de Javé: uma experiência paradigmática*, conforme referência [065].

[115] SCHWANTES, Milton. Cristo en el prójimo. *Christus*, México, v. 54, n. 625, p. 56-63, 1989.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a este manuscrito.

[116] SCHWANTES, Milton. *E o verbo se fez carne e acampou entre nós: notas sobre o estudo da história do povo de Deus*. 2. ed. Belo Horizonte: CEBI, 1989.

Breve comentário: Veja os comentários na primeira edição, em 1985, conforme referência [038]. A tradução da segunda edição ao espanhol foi feita em 1989: *Y el verbo se hizo carne um habitó entre nosotros: notas sobre el estudio de la historia del pueblo de Dios*.

[117] SCHWANTES, Milton. Povo liberto – Terra resgatada: os camponeses e a Bíblia. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO (ELA), I, 1989, São Paulo, *Anais...* São Paulo, ELA, 1989. p. 1-33.

Breve comentário: Este ensaio também foi traduzido para o espanhol: *Pueblo liberado – Tierra rescatada*. Cuenca: Edicay, 1989. Mais tarde, em 1991, foi publicado na obra: *A teologia se fez terra: primeiro encontro latino-americano de teologia da terra*. São Leopoldo: Sinodal, 1991. p. 65-71.

[118] SCHWANTES, Milton. Caminhos da teologia bíblica. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 24, p. 9-19, 1989.

Breve comentário: A versão em alemão deste artigo foi publicada em 1991: *Wege der biblischen Theologie in Lateinamerika*. *Evangelische Theologie*, München, v. 51, n. 1, p. 8-19, 1991.

[119] SCHWANTES, Milton. “Um ribeiro junto ao caminho”: notas sobre o Salmo 110. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 23, p. 52-60, 1989.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a este texto.

[120] SCHWANTES, Milton. Quarto domingo de advento: Is 52,7-10. In: KIRST, Nelson; MALSCHITZKY, Harald; SCHWANTES, Milton. (coords.). *Proclamar libertação: auxílios homiléticos quer seja oportuno quer não*. São Leopoldo: Sinodal, 1989. p. 100-105.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a este texto.

[121] SCHWANTES, Milton. Estudos Bíblicos – Lucas 24,13-35 (no caminho de Emaús): algumas notas mediativas. *Palavra Partilhada*, São Leopoldo, v. 8, n. 2, p. 37-42, 1989.

Breve comentário: Em 1991, este ensaio foi publicado em espanhol: Estudio bíblico em el camino a Emaús. *Presencia Ecueménica*, Caracas, v. 7, n. 23, p. 27-29, 1991.

[122] SCHWANTES, Milton. Novos intérpretes: o povo faz caminho. *Programa Comum de Bíblia*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 44-48, 1989.

Breve comentário: Tradução ao espanhol: *El pueblo hace camino*. No mesmo periódico e ano.

[123] SCHWANTES, Milton. Notes on the Bible Studies. *International Review of Mission*, Geneva, v. 78, p. 409-414, 1989.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a este manuscrito.

[124] SCHWANTES, Milton. Porque a Bíblia incomoda. *Boletim Nacional Pastoral Operária*, Duque de Caxias, v. 12, n. 65, p. 2, 1989.

Breve comentário: Traduzido para o espanhol em: *Pastoral Popular*, Santiago, v. 40, n. 194, p. 47-48, 1989. E assumiu um novo título, sendo publicado em vários periódicos, como descrito a seguir.

[125] SCHWANTES, Milton. "... em vasos de barro". *Coluna Bíblica*, São Leopoldo, n. 26, p. 1, 1989.

Breve comentário: Este é o mesmo texto referenciado em [124] – *Porque a Bíblia incomoda*. Sob esse novo título foi publicado também nos seguintes periódicos: *AGEN*, São Paulo, n. 153, p. 15, 1989; *Informativo Diocese de Santarém*, Santarém, v. 1, n. 6, p. 14, 1989; *Palavra Partilhada*, São Leopoldo, v. 8, n. 1, p. 51-52, 1989; por fim, em *Sem Fronteiras*, São Paulo, n. 172, p. 7, 1989.

[126] SCHWANTES, Milton. Tá na hora de conversar sério. *Pastoral Operária Informa*, São Paulo, n. 32, p. 3, 1989.

Breve comentário: Um panfleto com críticas políticas.

[127] SCHWANTES, Milton. Uma nova leitura bíblica a caminho. *AGEN*, São Paulo, n. 151, p. 14, 1989.

Breve comentário: Breve esboço sobre a leitura bíblica na América Latina.

[128] SCHWANTES, Milton. Cavalos e ídolos rebaixam a gente. *AGEN*, São Paulo, n. 137, p. 11, 1989.

Breve comentário: Este ensaio também foi publicado, em 1989, em *Palavra Partilhada*, São Leopoldo, v. 8, n. 3, p. 40-43, 1989. Em 1990, foi traduzido para o espanhol: "Caballos e ídolos desmenuyen a uno". *Equilíbrios*, Buenos Aires, v. 1, n. 2, p. 4, 1990. Mais tarde, em 1992, foi reimpresso em: *Revista Ponto de Vista*, Guarulhos, v. 2, n. 14, p. 7, 1992.

[129] SCHWANTES, Milton. "Pensam poder devorar o pobre às ocultas". *AGEN*, São Paulo, n. 141, p. 11, 1989.

Breve comentário: Este ensaio foi traduzido ao espanhol, em 1990: “Pensaban poder comer al pobre”. *Presencia Ecuémica*, Caracas, v. 6, p. 18-19, 1990.

[130] SCHWANTES, Milton. Natal estranho. *AGEN*, São Paulo, n. 183, p. 4, 1989.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a este manuscrito.

[131] SCHWANTES, Milton. “Por que sois tão tímidos?”. *Por trás da Palavra*, Belo Horizonte, v. 9, n. 54, p. 8-9, 1989.

Breve comentário: Este breve ensaio também foi publicado em muitos periódicos, tais como: *Coluna Bíblica*, São Leopoldo, n. 32, p. 1, 1989; *Grita Povo*, São Miguel Paulista, v. 7, n. 118, p. 12, 1989; *Kuñaité*, São Paulo, n. 1, p. 6, 1989; *Informativo Diocese de Santarém*, Santarém, v. 1, n. 7, p. 12, 1989; *AGEN*, São Paulo, n. 161, p. 15, 1989.

[132] SCHWANTES, Milton. Religião não pode confinar-se à sacristia. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, v. 101, n. 20, p. 13, 1989.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a este texto.

[133] SCHWANTES, Milton. Focos de Resistência. *Mutirão da Bíblia*, São Paulo, n. 2, p. 11-17, 1989.

Breve comentário: Foi reimpresso sob o título: A Bíblia resgata a memória das mulheres e dos empobrecidos. *O São Paulo*, São Paulo, v. 33, n. 1743, p. 5, 1989.

[134] SCHWANTES, Milton. O direito do órfão! *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 247, p. 33-34, 1989.

Breve comentário: Este ensaio foi reimpresso em: *Palavra Partilhada*, São Leopoldo, v. 8, n. 3, p. 37-39, 1989. Também foi traduzido para o espanhol, em 1990: El derecho del huérfano. *Presencia Ecuémica*, Caracas, v. 6, n. 19, p. 15, 1990. Também foi reimpresso, em 1990: *Anais de N. S. do Coração Sagrado*, São Paulo, v. 53, n. 2, p. 29, 1990.

[135] SCHWANTES, Milton. Escaramuças no desembarque. *Informação IECLB*, Porto Alegre, v. 10, n. 98, p. 2, 1989.

Breve comentário: Trata-se de outro ensaio publicado em diversos periódicos e traduzido em espanhol, respectivamente: *Por Trás da Palavra*, Belo Horizonte, v. 9, n. 54, p. 9-10, 1989; *Coluna Bíblica*, São Leopoldo, n. 28, p. 1, 1989; *AGEN*, São Paulo, n. 162, p. 15, 1989; *Desde las Bases*, Buenos Aires, v. 6, n. 23, p. 8, 1989.

[136] SCHWANTES, Milton. Nuestra forma de leer a Bíblia. *Presencia Ecuémica*, Caracas, v. 5, n. 15, p. 26-27, 1989.

Breve comentário: Em 1990, este ensaio foi publicado novamente em: *Biblito*, Santiago, v. 6, n. 32, p. 42-43, 1990; também em *Focus*, Guatemala, n. 94, p. 1-2, 1990.

[137] SCHWANTES, Milton. No conflito de interpretações. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 242, p. 34-35, 1989.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a este texto.

[138] SCHWANTES, Milton. Reunir e organizar. *Coluna Bíblica*, São Leopoldo, n. 20, p. 1, 1989.

Breve comentário: Novamente um texto reimpresso em vários periódicos: *Cheiro de Terra*, Florianópolis, v. 11, n. 62, p. 4-5, 1989; *AGEN*, São Paulo, n. 160, p. 15, 1989; *Gaivota*, Piracicaba, v. 11, n. 109, p. 9, 1989. Mais tarde, em 1992, foi reimpresso em: *Revista Ponto de Vista*, Guarulhos, v. 2, n. 9/10, p. 7, 1992.

[139] SCHWANTES, Milton. Templo! Templo! Templo!. In: CENTRO ECUMÊNICO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO (CEDI). *Dívida externa e igrejas: uma visão ecumênica*. Rio de Janeiro, 1989. p. 16-17.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a este texto.

[140] SCHWANTES, Milton. “Toda a criação geme e suporta angústias”. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 246, p. 29-30, 1989.

Breve comentário: Veja os comentários na referência [109].

[141] SCHWANTES, Milton. Coisa da corrupção. *Vida e Missão*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 6, 1989.

Breve comentário: Este ensaio foi publicado também em: *O São Paulo*, São Paulo, v. 33, n. 1727, p. 5, 1989; *Estandarte Cristão*, Porto Alegre, v. 96, n. 1692, p. 16, 1989.

[142] SCHWANTES, Milton. A linguagem da profecia. *Revista Uirá*, São Paulo, n. 8, p. 3, 1989.

Breve comentário: Localiza a profecia como um movimento próximo do campesinato e não das estruturas cidadinas.

[143] SCHWANTES, Milton. Amargamente doce. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 241, p. 27, 1989.

Breve comentário: Este ensaio é dedicado a Carlos Mesters. Foi também publicado em: *Por Trás da Palavra*, Belo Horizonte, v. 9, n. 53, p. 10-11, 1989; *Coluna Bíblica*, São Leopoldo, n. 30, p. 1, 1989; *Jornal Contexto*, Campinas, n. 53, p. 6, 1989; novamente em *Por Trás da Palavra*, Belo Horizonte, v. 9, n. 54, p. 6-7, 1989; *AGEN*, São Paulo, n. 156, p. 15, 1989.

[144] SCHWANTES, Milton. “Tudo pelo social!?” *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 239, p. 33-34, 1989.

Breve comentário: Panfleto que expõe muito sobre a perspectiva política do autor.

[145] SCHWANTES, Milton. *Achou mulher, achou o bem: provérbios 18,22*. Belo Horizonte: CEBI, 1989.

Breve comentário: Ensaio publicado para compor a coleção A Palavra na Vida.

[146] SCHWANTES, Milton. Por falar em manjedoura, que estranho! *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, n. 23/24, p. 17, 1989.

Breve comentário: Este ensaio foi reimpresso também com um novo título: Natal estranho. *Coluna Bíblica*, São Leopoldo, n. 51, p. 1, 1989.

[147] SCHWANTES, Milton. Pastor evangélico prega apoio a Lula. [Entrevista concedida a] *Gazeta de Pinheiros*, São Paulo, 1989.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto da entrevista.

[148] SCHWANTES, Milton. ¿Apego ao poder? *Pastoral Popular*, Santiago, v. 40, n. 191, p. 37-39, 1989.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[149] SCHWANTES, Milton. *Época persa: pós-exílio*. Teresina: [s.n.], 1989.

Breve comentário: Resultado de um curso de formação de assessores bíblicos.

[150] SCHWANTES, Milton. Terra e dignidade: uma interpretação de Gênesis 11,27 até 12,20. In: DREHER, Martin N. (org.). *Peregrinação: estudos em homenagem a Joachim Fischer pela passagem de seu 60º aniversário*. São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 203-216.

Breve comentário: Este ensaio foi reimpresso, em 1991, em: *Projeto de Ação de Vida*, São Paulo, v. 3, n. 19, p. 1-15, 1991.

[151] SCHWANTES, Milton; ROCHA, Fausto. Génesis 15: promesa de Dios y tarea nuestra: la lucha por la tierra, hoy como ayer. *Misiones Extranjeras*, Madrid, v. 117, p. 207-231, 1990.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[152] SCHWANTES, Milton. Estou renascendo. [Entrevista concedida a] Fernando Hollunder. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 253, p. 28-29, 1990.

Breve comentário: Esta entrevista também foi publicada, no mesmo ano, em: *Informação IECLB*, Porto Alegre, v. 13, n. 112, p. 13, 1990.

[153] SCHWANTES, Milton. *História de Israel: das origens ao exílio*. São Bernardo do Campo: CIB, 1990.

Breve comentário: A ótica do conflito entre campo e a cidade perpassa esta obra.

[154] SCHWANTES, Milton. Movimento bíblico e pastoral. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 253, p. 23-25, 1990.

Breve comentário: Há elementos importantes sobre sua proposta de uma exegese subserviente à pastoral.

[155] SCHWANTES, Milton. *Ouvi o clamor do meu povo*. Curitiba: FLM, 1990.

Breve comentário: Ensaio mimeografado.

[156] SCHWANTES, Milton. Algumas pistas para a leitura da Primeira Carta aos Coríntios. In: CAVALCANTI, Tereza; BEOZZO, José O. *Curso de Verão, ano IV*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 28-33.

Breve comentário: A segunda edição é de 1991.

[157] SCHWANTES, Milton. *Bíblia, livro de celebração*: curso de aprofundamento bíblico. Arapiraca: CEBI, 1990.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[158] SCHWANTES, Milton. “Trae para cá a los pobres”. *Evangelio y Sociedad*, Santiago, n. 5, p. 16-20, 1990.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[159] SCHWANTES, Milton. *A terra pertence a Deus*. Belo Horizonte: CEBI, 1990. Este é um comentário da série a *Palavra na Vida*.

Breve comentário: O tema bíblico da terra perpassa este ensaio, demonstrando muito sobre a perspectiva política do biblista brasileiro. Aqui, ele se utiliza muito dos jargões comuns entre os camponeses e as pessoas envolvidas com o MST – como *afinidades eletivas* weberianas.

[160] SCHWANTES, Milton. Mit den Augen der Armen: Gespräch mit dem brasilianischen Theologen Milton Schwantes. *Evangelische Kommentare*, 1990.

Breve comentário: Como também foi publicado em: *Michaelsbote*, Caracas, v. 38, n. 6, p. 7-10, 1990.

[161] SCHWANTES, Milton. Einführung in die Bibelarbeiten. *LWB-Report*, [s.n.], n. 28/29, p. 179-185, 1990.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[162] SCHWANTES, Milton. Apresentação. In: BUSS, Paulo W.; WILLE, Hermann; DREHER, Martin N. *Lutero*. Rio de Janeiro: CEDI, 1990. p. 7-8.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[163] SCHWANTES, Milton. Focos de resistência. *Revista Sem Fronteiras*, São Paulo, n. 182, p. 6-7, 1990.

Breve comentário: Este artigo foi impresso em: *Mutirão da Bíblia*, São Paulo, n. 2, p. 11-17, 1989. Em seguida, foi reimpresso sob o título: A Bíblia resgata a memória das mulheres e dos empobrecidos. *O São Paulo*, São Paulo, v. 33, n. 1743, p. 5, 1989. Esta última versão foi

traduzida ao espanhol com o título reajustado, em 1990: Focos de resistência: presencia de las mujeres en la Biblia. *Presencia Ecueménica*, Caracas, v. 7, n. 16/17, p. 22-24, 1990.

[164] SCHWANTES, Milton. Movimentos bíblicos na América Latina. *Revista Sem Fronteiras*, São Paulo, n. 182, p. 11, 1990.

Breve comentário: Este ensaio também foi traduzido para o espanhol, no mesmo ano: Movimientos bíblicos en América Latina. *Biblito*, Santiago, v. 6, n. 34, p. 12-13, 1990.

[165] SCHWANTES, Milton. Movimentos bíblicos e pastoral. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 253, p. 23-25, 1990.

Breve comentário: As leituras bíblicas são situadas na ótica da libertação das pessoas pobres, ou seja, o autor procura responder como a hermenêutica bíblica poderia contribuir para a prática das CEBs.

[166] SCHWANTES, Milton. Poço fundo – água boa. *Revista Coluna Bíblica*, São Leopoldo, n. 13, p. 1, 1990.

Breve comentário: Este ensaio também foi publicado em: *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, v. 102, n. 13, 1990. Mais tarde, em 1991, foi publicado novamente em: *Cruz de Malta*, São Bernardo do Campo, p. 58, 1991. Mais tarde, em 1993, foi publicado sob o título: Água boa se acha em poço fundo. *Jornal Distrital*, Chapecó, v. 3, n. 3, p. 11, 1993.

[167] SCHWANTES, Milton. “Não nos deixe cair em tentação!”. *Revista Sem Fronteiras*, São Paulo, n. 183, p. 40-41, 1990.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[168] SCHWANTES, Milton. “Ele vem: justo e pobre”. *Revista Coluna Bíblica*, São Leopoldo, n. 50, p. 1, 1990.

Breve comentário: Apresenta um messias pobre e frágil e, por isso, estaria atuando na defesa dessas pessoas.

[169] SCHWANTES, Milton. Movimiento bíblica en América Latina. In: BIBLIA-PUEBLO, Cuenca: CBVD, 1990. p. 5-8.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao manuscrito.

[170] SCHWANTES, Milton. *Bíblia, livro celebrativo*. Arapiraca: CEBI, 1990.

Breve comentário: Apresenta o texto bíblico a serviço das CEBs.

[171] SCHWANTES, Milton. Ricos estudam Teologia da Libertação. *Indústria & Comércio*, Curitiba, p. 5, 1990.

Breve comentário: Trata-se de um texto publicado como reportagem.

[172] SCHWANTES, Milton. *Saudação a Fidel Castro no Encontro com as Comunidades de Base no Anhembi*. São Paulo: [s.n.], 1990.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[173] SCHWANTES, Milton. Reportagem sobre o Encontro com Fidel Castro no Anhembi. [Entrevista concedida a] *Aconteceu*, São Paulo, n. 538, p. 1, 6-7, 17 mar. 1990.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[174] SCHWANTES, Milton. *Primer encuentro cariveño de la lectura popular y comunitária de la Biblia*. Santo Domingo: [s.n.], 1991.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[175] SCHWANTES, Milton. Uma nova esperança nasceu. In: DREHER, Carlos. (org.). *Reflexos da brisa leve*. Belo Horizonte: CEBI, 1991. p. 36-47.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[176] SCHWANTES, Milton. Trabalhador e trabalho: alguns dados escriturísticos. *Revista Grande Sinal*, Petrópolis, v. 45, n. 1, p. 100-103, 1991.

Breve comentário: Faz uma crítica ao trabalho forçado e sem descanso, à luz da ótica do conflito entre o campo e a cidade.

[177] SCHWANTES, Milton. Plantando com esperança. *Revista Sem Fronteiras*, São Paulo, n. 186, p. 9-12, 1991.

Breve comentário: A mundividência do campo é ilustrada à luz dos textos bíblicos.

[178] SCHWANTES, Milton. Forasteiros da dispersão: experiência de migrante e memória bíblica. *Revista Travessia*, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 32-34, 1991.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[179] SCHWANTES, Milton. “Sou um cultivador de sicômoros”: vocação em meio ao suor da vida. *Revista de Liturgia*, São Paulo, v. 18, n. 103, p. 6-9, 1991.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[180] SCHWANTES, Milton. Fundamentos bíblico-teológicos para a missão. In: SONHOS EM PARCERIA. Mariápolis: MPB, 1991. p. 71-74.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[181] SCHWANTES, Milton. O projeto de Deus vem do pastoreio. *Projeto Ação de Vida*, São Paulo, v. 3, n. 19, p. 1-15, 1991.

Breve comentário: reflexões gerais sobre o campesinato e os projetos de esperança de Deus.

[182] SCHWANTES, Milton. O pastoreio nas andanças dos patriarcas e das matriarcas. *Projeto de Ação de Vida*, São Paulo, v. 3, n. 21, p. 5-23, 1991.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[183] SCHWANTES, Milton. Projetos em conflito: Gênesis 2-3. In: BEOZZO, José O. (org.). *Curso de Verão*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 11-25.

Breve comentário: Localiza a terra como o alvo da libertação e sua relação intrínseca com o trabalho camponês.

[184] SCHWANTES, Milton. A caminho da terra e liberdade: Gênesis 12 – um roteiro. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 7, p. 129-144, 1991.

Breve comentário: Este artigo é uma reimpressão do ensaio *Terra e Dignidade*, de 1990, conforme a referência [150].

[185] SCHWANTES, Milton. “Não estendas tua mão contra o menino” (Observações sobre Gênesis 21 e 22). *Revista Ribla*, Petrópolis; São Leopoldo, v. 10, p. 24-39, 1991.

Breve comentário: A edição em espanhol foi publicada como: “No extiendas tu mano contra el menino”: observaciones sobre Génesis 21 e 22. *Revista Ribla*, San José, n. 10, p. 27-45, 1991.

[186] SCHWANTES, Milton. *El libro del profeta Oseas*. México: CIB, 1991.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao manuscrito.

[187] SCHWANTES, Milton. SCHWANTES, Milton. Jonas: “os ninivitas creram em Deus”. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 31, p. 27-34, 1991.

Breve comentário: Também foi publicado em: *Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 1, p. 1-12, 1991.

[188] SCHWANTES, Milton. “Plantai o meu povo na terra que lhes dei”: cada chão uma emoção. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 62, n. 106, p. 424-428, 1991.

Breve comentário: Trata-se de um apelo para as igrejas contemporâneas a uma conversão aos pobres, ou seja, as igrejas deveriam atuar na defesa das pessoas sem terra.

[189] SCHWANTES, Milton. Perspectivas – desafios à igreja rumo ao século XXI. In: SCHÜNEMANN, Rolf; SCHRAMMEL, Irma; LACKNER, Stephan. (orgs.). *Igreja Evangélica Luterana de São Paulo: 1891-1991*. São Paulo: IECLB-SP, 1991. p. 17-19.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso a este texto.

[190] SCHWANTES, Milton. São duas mãos: uma lava a outra. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, v. 103, n. 12, p. 14, 1991.

Breve comentário: Também impresso em: *Bíblia e Vida*, São Leopoldo, n. 37, p. 1, 1991. Em 1992, foi publicado em: *Véspera*, São Paulo, n. 238, p. 8, 1992.

[191] SCHWANTES, Milton. A leitura da Bíblia traz a solidariedade. *Revista Ponto de Vista*, Guarulhos, v. 1, n. 2, p. 8, 1991.

Breve comentário: *Solidariedade* como um projeto pastoral que exige o esforço mútuo das diferentes igrejas em relação aos dilemas sociais.

[192] SCHWANTES, Milton. A Bíblia incômoda. *Revista Sem Fronteiras*, São Paulo, n. 192, p. 7, 1991.

Breve comentário: Trata-se da reedição dos artigos referenciados em [124] e [125].

[193] SCHWANTES, Milton. “Eis que crio novos céus e nova terra”. *Bíblia e Vida*, São Leopoldo, n. 1, p. 1, 1991.

Breve comentário: Este ensaio também foi impresso em: *Elo Diocesano*, v. 23, n. 1, p. 16, 1991.

[194] SCHWANTES, Milton. Paz se faz. *A Cruz no Sul*, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 9, 1991.

Breve comentário: Este ensaio foi impresso também em: *Bíblia e Vida*, São Leopoldo, n. 38, p. 1, 1991.

[195] SCHWANTES, Milton. As coisas vão se invertendo. *Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, v. 2, p. 12-13, 1991.

Breve comentário: Foi impresso também em: *Contexto Pastoral*, Campinas, v. 1, n. 1, p. 10, 1991.

[196] SCHWANTES, Milton. A Bíblia e o trabalho. *Ponto de Vista*, Guarulhos, v. 1, n. 3, p. 7, 1991.

Breve comentário: O sentido bíblico-teológico do trabalho exigiria melhores condições para os trabalhadores de então.

[197] SCHWANTES, Milton. “Aos seus ele o dá enquanto dormem”. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 257, p. 48-49, 1991.

Breve comentário: Este ensaio foi reimpresso, em 1992, em: *CIER Boletim*, Florianópolis, p. 4-5, 1992.

[198] SCHWANTES, Milton. “Vocês são para mim migrantes”. *Vai-Vem*, São Paulo, v. 10, n. 47, p. 10-11, 1991.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[199] SCHWANTES, Milton. Memórias de quem está a caminho. *Vai-Vem*, São Paulo, v. 10, n. 48, p. 9-10, 1991.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[200] SCHWANTES, Milton. Sofonias, intérprete de la palabra de Dios en medio del pueblo. *Biblico*, Santiago, v. 7, n. 42, p. 10-12, 1991.

Breve comentário: Este ensaio também foi publicado sob o título “Lectura Popular de la Biblia”. *Boletín Informativo*, Guayaquil, n. 1, p. 2, 1991.

[201] SCHWANTES, Milton. “Vamos à casa do Senhor”. *Revista Ponto de Vista*, Guarulhos, v. 1, n. 4, p. 7, 1991.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[202] SCHWANTES, Milton. Natal estranho. *Revista Traço-de-União*, Vitória, v. 4, n. 38, p. 3, 1991.

Breve comentário: Foi publicado também em: *Contexto Pastoral*, Campinas, v. 1, n. 4, p. 10, 1991.

[203] SCHWANTES, Milton. “E os discípulos colhiam espigas”. *Revista Bíblia e Vida*, São Leopoldo, n. 48, p. 1, 1991.

Breve comentário: Neste mesmo ano, este ensaio foi publicado em outros periódicos, como: *Vai-Vem*, São Paulo, v. 10, n. 49, p. 9, 1991; *O São Paulo*, São Paulo, v. 35, n. 1847, p. 5, 1991; *Repórter da Cidade*, Guarulhos, p. 1, 1991; *Boletim Nacional da Pastoral da Cidade*, Guarulhos, v. 13, n. 87, p. 1, 1991. Mais tarde, em 1992, foi reimpresso em: *Por Trás da Palavra*, Belo Horizonte, v. 12, n. 68, p. 37-38, 1992. Em 1993, foi reimpresso em: *Véspera*, São Paulo, n. 244, p. 12, 1993.

[204] SCHWANTES, Milton. Testemunhos de vida. *Revista Ponto de Vista*, Guarulhos, v. 1, n. 6, p. 7, 1991.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[205] SCHWANTES, Milton. Cantarei ao Senhor enquanto eu viver; cantarei louvores ao meu Deus durante a minha vida (Salmo 104,33). *A Cruz no Sul*, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 3-4, 1991.

Breve comentário: Este ensaio foi publicado também sob o título: “Cantarei ao meu Deus”. *Revista Bíblia e Vida*, São Leopoldo, n. 42, p. 1, 1991.

[206] SCHWANTES, Milton. Evangelisation und Mission. *Zur Debatte*, München, v. 21, p. 5-6, 1991.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[207] SCHWANTES, Milton. Die Heilige Schrift im Alltag leben. *Sonntagsblatt*, München, p. 26, 1991.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[208] SCHWANTES, Milton. Pentateuco. *Bibliografia Bíblica Latino-Americana*, São Bernardo do Campo, v. 4, p. 153-157, 1992.

Breve comentário: Uma espécie de síntese sobre as principais considerações do autor sobre o Pentateuco.

[209] SCHWANTES, Milton; MESTERS, Carlos. *La fuerza de Yahvé actua en la historia: breve historia de Israel*. México: Ediciones Dabar, 1992.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[210] SCHWANTES, Milton. História de Israel: dos inícios até o exílio. *Revista Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 7, p. 3-26, 1992.

Breve comentário: Veja o comentário na referência [153].

[211] SCHWANTES, Milton. *Biblische Wurzeln der Befreiungstheologie*. Hirschberg, Frankfurt, v. 45, p. 490-498, 1992.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[212] SCHWANTES, Milton. “Die Bibel ist ein Gedächtnisbuch der Armen”: interview mit Milton Schwantes. *Jahrestfest der Basler Mission*, Basel, p. 6-9, 1992.

Breve comentário: Este ensaio também foi publicado em: *Unsere Kirche*, Hamburgo, p. 7, 1992.

[213] SCHWANTES, Milton. Festgottesdienst – Predigt zu Amos 9,7-8. *Jahrestfest der Basler Mission*, Basel, p. 24-28, 1992.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[214] SCHWANTES, Milton. Einleitende Bilder zu Markus 1. *Jahrestfest der Basler Mission*, Basel, p. 22-23, 1992.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[215] SCHWANTES, Milton. “Cantai um canto novo!” – liturgias se aproximam. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 35, p. 49-53, 1992.

Breve comentário: O autor propõe que as liturgias eclesiais deveriam brotar da imersão das igrejas nas lutas populares.

[216] SCHWANTES, Milton. Plantarei o meu povo na terra que lhes dei. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 52, f. 206, p. 424-428, 1992.

Breve comentário: Veja comentários em [188].

[217] SCHWANTES, Milton. “E no sétimo dia descansou” (Gênesis 2,2): anotações sobre dívida externa à luz da Bíblia. *Contexto Pastoral- Debate*, Campinas, v. 2, n. 9, p. 10-17, 1992.

Breve comentário: O trabalho é novamente descrito como categoria social e teológica. Por isso, os trabalhadores deveriam reivindicar os seus direitos.

[218] SCHWANTES, Milton. Quinto Domingo da Quaresma – Ezequiel 37,1-14. *Proclamar Libertação*, São Leopoldo, v. 18, p. 103-108, 1992.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[219] SCHWANTES, Milton. *Oseas*. Barranquilla: CIB, 1992.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[220] SCHWANTES, Milton. “*Tomais convosco palavras*”: meditações sobre Oséias 14. São Leopoldo: CEBI, 1992. p. 52-64.

Breve comentário: Este ensaio pertence à coleção A Palavra na Vida.

[221] SCHWANTES, Milton. Ein Gerechter wird in seiner Hoffnung überleben. *Lernort Gemeinde*, Hamburg, p. 29-35, 1992.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[222] SCHWANTES, Milton. Var och när bestämmer hur vi laser Bibeln. *Svenska Kyrkans Mission*, Uppsala, p. 107-110, 1992.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[223] SCHWANTES, Milton. Gerechtigkeit. *Brot für die Welt – Extra*, Stuttgart, n. 5, p. 6, 1992.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[224] SCHWANTES, Milton. “Serei como orvalho” *Revés do avesso*, São Paulo, v. 234, p. 24, 1992.

Breve comentário: Em 1993, foi reimpresso: “Serei como orvalho”. *Revés do Avesso*, São Paulo, v. 2, n. 11, p. 14-15, 1993.

[225] SCHWANTES, Milton. Poder questionado. *AGEN*, São Paulo, n. 228, p. 20, 1992.

Breve comentário: A Bíblia como uma crítica contundente contra o Estado opressor.

[226] SCHWANTES, Milton. “Fora...”. *Véspera*, São Paulo, n. 239, p. 8, 1992.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[227] SCHWANTES, Milton. Sacrifícios são necessários? *AGEN*, São Paulo, n. 232, p. 24, 1992.

Breve comentário: Versa sobre a exploração patrocinada pelo templo de Jerusalém contra os camponeses.

[228] SCHWANTES, Milton. O poder na Bíblia: tensão entre instituição e profecia. *Cadernos do ISEER*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 71-80, 1992.

Breve comentário: Localiza a profecia junto ao movimento camponês e na defesa de seus interesses.

[229] SCHWANTES, Milton. “Misericórdia Quero”. *Revista Coluna Bíblica*, São Leopoldo, n. 31, p. 1, 1992.

Breve comentário: Este ensaio foi impresso também em: *AGEN*, São Paulo, n. 231, p. 24, 1992. Foi traduzido para o espanhol em: “Misericordia quiero”. *Signos de Vida*, Lima, n. 1, p. 24, 1992.

[230] SCHWANTES, Milton. “Tomei-os nos meus braços”. *Véspera*, São Paulo, n. 233, p. 40, 1992.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[231] SCHWANTES, Milton. “Não sois para mim como os cuchitas?”. *Por Trás da Palavra*, Belo Horizonte, v. 12, n. 71, p. 40-43, 1992.

Breve comentário: Este mesmo ensaio também foi publicado sob o título: “Deus não se deixa enquadrar”, *Revista Sem Fronteiras*, São Paulo, n. 202, p. 15-17, 1992. No mesmo ano, foi publicado em espanhol em: *Presencia Ecuménica*, Caracas, n. 26/27, p. 39-40, 1992. Ainda no mesmo ano em alemão: “Seid ihr mir nicht wie die Kuschiten!?” *Mission*, Berlin, n. 3, p. 6-11, 1992.

[232] SCHWANTES, Milton. Die Bibel – eine Lampe. *Bremer Kirchenzeitung*, Bremen, n. 18, p. 5, 1992.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[233] SCHWANTES, Milton. Gute Nachricht für die Armen. *Darum*, Stuttgart, n. 3, p. 5, 1992.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[234] SCHWANTES, Milton. “Pensam poder devorar o pobre às ocultas (1)”. *Revista Ponto de Vista*, Guarulhos, v. 2, n. 11, p. 7, 1992.

Breve comentário: Em geral, são críticas políticas em uma linguagem acessível.

[235] SCHWANTES, Milton. “Pensam poder devorar o pobre às ocultas (2)”. *Revista Ponto de Vista*, Guarulhos, v. 2, n. 12, p. 7, 1992.

Breve comentário: Veja o comentário em [234].

[236] SCHWANTES, Milton. Pão Solução. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 266, p. 49-50, 1992.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[237] SCHWANTES, Milton. Reunir os que andam disperses: proposta de João 11, 45-53. *Revista Ponto de Vista*, Guarulhos, v. 1, n. 7, 1992.

Breve comentário: Este ensaio também foi impresso em: *Contexto Pastoral*, Campinas, v. 2, n. 6, p. 10, 1992.

[238] SCHWANTES, Milton. Espertos e violentos. *AGEN*, São Paulo, n. 229, p. 24, 1992.

Breve comentário: Pode ser entendido como uma crítica retórica à ditadura militar.

[239] SCHWANTES, Milton. “E a verdade vos libertará”. *AGEN*, São Paulo, n. 230, p. 24, 1992.

Breve comentário: Este ensaio também foi impresso em: *Traço de União*, Vitória, v. 5, n. 10, p. 16, 1992.

[240] SCHWANTES, Milton. Era um menino: a experiência faz a diferença. *Revista Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 9, p. 17-25, 1992.

Breve comentário: Este ensaio foi reimpresso em RIBLA, em 1993: *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 14, p. 33-43, 1993.

[241] SCHWANTES, Milton. “Debaixo da macieira”: Cantares à luz de Cantares 8,5-14. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 40, p. 39-49, 1993.

Breve comentário: Foi impresso também em: *Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 9, p. 9-15, 1993.

[242] SCHWANTES, Milton. *Ejes temáticos del Antiguo Testamento*. Santiago: CIB, 1993.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[243] SCHWANTES, Milton. Zu Gast bei Israel, zu Gast bei den Armen. *Kirchentag*, Gütersloh, p. 39-42, 1993.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[244] SCHWANTES, Milton. Por que Oséias. In: CLAI. *Martírio e esperança: programa 500 anos – síntese do encontro continental*. Quito: CLAI, 1993. p. 11-14.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[245] SCHWANTES, Milton. As coisas da Bíblia são fascinantes. *Revista Mundo Jovem*, Porto Alegre, v. 31, n. 246, p. 8-9, 1993.

Breve comentário: Uma localização da Bíblia em meio a questões políticas.

[246] SCHWANTES, Milton. Estranhamentos. *A Cruz no Sul*, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 3, 1993.

Breve comentário: Este ensaio também foi impresso em: *Véspera*, São Paulo, n. 267, p. 16, 1993; *Bíblia e Vida*, São Leopoldo, n. 37, p. 1, 1993.

[247] SCHWANTES, Milton. Jeitos Bíblicos: caracterizando o movimento bíblico. *Contexto Pastoral*, Campinas, v. 3, n. 17, p. 15-16, 1993.

Breve comentário: apontamentos sobre a leitura bíblica latino-americana.

[248] SCHWANTES, Milton. Sinais e milagres. *Contexto Pastoral*, Campinas, v. 3, n. 17, p. 3-4, 1993.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[249] SCHWANTES, Milton. ¿Son necesarios los sacrificios? *Signos de Vida*, n. 4, p. 8, 1993.

Breve comentário: Tradução ao espanhol de SCHWANTES, Milton. Sacrificios são necessários? *AGEN*, São Paulo, n. 232, p. 24, 1992. Veja o comentário em [227].

[250] SCHWANTES, Milton. Argumentos: estes é que não faltam. *Véspera*, São Paulo, n. 3, p. 8, 1993.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[251] SCHWANTES, Milton. “Não me dou com as leis”. *Véspera*, São Paulo, n. 246, p. 12, 1993.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[252] SCHWANTES, Milton. Pena da morte. *Véspera*, São Paulo, n. 245, p. 12, 1993.

Breve comentário: Este ensaio também foi publicado em: *Coluna bíblica*, São Leopoldo, n. 13, p. 1, 1993.

[253] SCHWANTES, Milton. Ele mora entre nós. *Reconciliação*, São Paulo, n. 39, p. 1, 1993.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[254] SCHWANTES, Milton. “Sangue grita da terra”. *Revés do Avesso*, São Paulo, v. 1, n. 10, p. 16-17, 1993.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[255] SCHWANTES, Milton. “A pessoa se rebaixa, a gente se humilha” – Is 2,7-9. *Ponto de Vista*, Guarulhos, v. 2, n. 15, p. 7, 1993.

Breve comentário: Este ensaio foi traduzido para o espanhol: “Caballos e ídolos rebajan la gente” – Is 2,7-9. *Presencia Ecueménica*, Caracas, n. 28, p. 27-28, 1993.

[256] SCHWANTES, Milton. Oséias. *Véspera*, São Paulo, n. 243, p. 12, 1993.

Breve comentário: Oséias é considerado um profeta que articula muito a memória do Êxodo e, a partir dela, esboçaria perspectivas para o futuro.

[257] SCHWANTES, Milton. Anseios ecumênicos. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 271, p. 32-33, 1993.

Breve comentário: O ecumenismo é pensado como um convite para superação das diferenças ou entendê-las como possíveis complementações e não como motivo de separatismos.

[258] SCHWANTES, Milton. Festas de esperança. *Véspera*, São Paulo, n. 258, p. 12, 1993.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[259] SCHWANTES, Milton. “E este era samaritano”. *Véspera*, São Paulo, n. 235, p. 22, 1993.

Breve comentário: Traduzido ao espanhol em: *Signos de Vida*, Quito, n. 3, p. 24, 1993.

[260] SCHWANTES, Milton. “E pôs um sinal em Caim”. *Véspera*, São Paulo, n. 236, p. 22, 1993.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[261] SCHWANTES, Milton. Die Leute glauben. *Mitteilen*, Hamburg, n. 6, p. 17, 1993.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[262] SCHWANTES, Milton. *Introdução à leitura da Bíblia*. Rio de Janeiro: CEDI, 1993.

Breve comentário: Leitura bíblica em perspectiva latino-americana, ecumênica e pastoral.

[263] SCHWANTES, Milton. Cantorias de um povo saído do cativo: a festa que vem depois (Êxodo 15). *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 43, p. 12-19, 1994.

Breve comentário: Aborda, à luz de suas hipóteses sobre o êxodo, como as pessoas libertas podem contagiar outras pessoas e, desse modo, desencadear movimentos de libertação por todas as partes.

[264] SCHWANTES, Milton. Com a Bíblia na esquina. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 278, p. 40-42, 1994.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[265] SCHWANTES, Milton. Ein Gerechter wird seiner Hoffnung überleben. *In: Weltwirtschaft und Gerechtigkeit: Sonderdruck der Nordelbischen Stimmen* 11/93 und 4/94. Kiel: Evangelischer Presserverband Nord, 1994. p. 21-25.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[266] SCHWANTES, Milton. Kirche in der Stadt. *Lernort Gemeinde*, Hamburg, n. 2, p. 21-26, 1994.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[267] SCHWANTES, Milton. A Bíblia: um desafio à unidade. *Contexto Pastoral*, Campinas, n. 21, p. 6-7, 1994.

Breve comentário: Foi impresso também sob o título: A Bíblia – um desafio. *Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 15, p. 5-8, 1994. Em algumas pesquisas também aparece como *Bíblia e ecumenismo*, mas este não parece ser o título publicado, de acordo com os achados impressos.

[268] SCHWANTES, Milton. Da palestra do pastor Milton Schwantes. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, n. 19, p. 7, 1994.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[269] SCHWANTES, Milton. O evangelho é radical e é para todos. *O caminho*, Blumenau, v. 10, n. 11, p. 9, 1994.

Breve comentário: Este ensaio teria sido a publicação de uma reportagem.

[270] SCHWANTES, Milton. Mens van het Koninkrijk. *Kabats*, [s.n.], n. 4, p. 23-24, 1994.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[271] SCHWANTES, Milton. Pentateuco. *Bibliografia Bíblica Latino-Americana*, São Bernardo do Campo, v. 6, p. 180-186, 1995.

Breve comentário: O texto foi publicado em português, espanhol e inglês.

[272] SCHWANTES, Milton. Do jeito da traça: Oséias 5,8-7,16. *Revista Por Trás da Palavra*, São Leopoldo, a. 15, n. 87, p. 25-30, 1995.

Breve comentário: Localiza a crítica de Oséias a certo tipo de culto a Javé, a saber: o culto sacrificial e sacerdotal, que estaria oprimindo os camponeses de então.

[273] SCHWANTES, Milton; MESTERS, Carlos. Caminhando na oração. *Por Trás da Palavra*, São Leopoldo, a. 15, n. 89, p. 22-24, 1995.

Breve comentário: Os autores caracterizam o texto bíblico como testemunhos sobre Deus e, por isso, a oração deveria estar presente no ato da leitura-interpretação da Bíblia.

[274] SCHWANTES, Milton. E estas são as gerações de Terá: introdução a Gênesis. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 23, p. 45-54, 1995.

Breve comentário: Localiza a terra como dádiva da promessa de Yahweh.

[275] SCHWANTES, Milton. *Der Tag wird kommen*: Ein interkontextuelles Gespräch über das Buch des Propheten Zefanja. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1996.

Breve comentário: Este livro foi coeditado com Walter Dietrich.

[276] SCHWANTES, Milton. “Jhwh hat Schutz gewährt”: Theologische Anmerkungen zum Buch des Propheten Zefanja. In: *Der Tag wird kommen*: Ein interkontextuelles Gespräch über das Buch des Propheten Zefanja. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1996. p. 134-153.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[277] SCHWANTES, Milton. Vorwort. In: FISCHER, Friedel; SPELLMEIER, Arteno. *Für Verzweiflung keine Zeit*: Hoffnung teilen im Amazonasgebiet. Erlangen: Verlag der Evangelisch-Lutherischen Mission, 1996. p. 9-12.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[278] SCHWANTES, Milton. Em hora atravessada. *Revista Sem Fronteiras*, São Paulo, n. 241, p. 41-42, 1996.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[279] SCHWANTES, Milton. Eternidade: além dos tempos. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 286, p. 17-18, 1996.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[280] SCHWANTES, Milton. “Lass mein Volk aus Ägypten ausziehen”: Bemerkungen über Exodus 3. In: GERSTENBERGER, Erhard. *Ihr Völker alle, klatscht in die Hände!*. Münster: LIT-Verlag, 1997. p. 95-109.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[281] SCHWANTES, Milton. Geschichten aus der Bibel: exegese zu Jesaja 58. In: SPRENGT DIE KETTEN DER UNGERECHTIGKEIT. Bern: Kirchliches Zentrum, 1997. p. 8-15.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[282] SCHWANTES, Milton. Espiritualidade na profecia: enfoques sobre os Profetas Anteriores (Josué, Juízes, 1 Samuel, 2 Samuel, 1 Reis, 2 Reis). In: BARROS, Marcelo; BEOZZO, José O. *Curso de Verão*. 11. ed. São Paulo: Paulus, 1997. p. 53-68.

Breve comentário: Em geral, mantém os enfoques anteriores, onde a Profecia é localizada no âmbito do campesinato do mundo bíblico.

[283] SCHWANTES, Milton. “Do Not Extend Your Hand against the Child”: Observations on Genesis 21 and 22. In: VAAGE, Leif E. *Subversive Scriptures: revolutionary Christian readings of the Bible in Latin America*. Valley Forge: Trinity Press International, 1997. p. 101-123.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[284] SCHWANTES, Milton. “Javé abrigou”: anotações teológicas à luz do livro de Sofonias. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 11, n. 13, p. 25-44, 1997.

Breve comentário: Neste ensaio, a denúncia e anúncio proféticos priorizam as pessoas pobres. As dores dos oprimidos teriam estimulado as denúncias e de igual modo teriam servido como plataforma dos anúncios de esperança.

[285] SCHWANTES, Milton. Nos caminhos da Páscoa. *Contexto Pastoral*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 36, p. 9, 1997.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[286] SCHWANTES, Milton. “Fogo em redor e glória no meio” – Zacarias 2,1-5. *Contexto Pastoral*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 40, p. 5, 1997.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[287] SCHWANTES, Milton. Ninguém é dono de Deus. *A caminho do 9º Intereclesial de CEBs*, São Luis, n. 18, p. 6, 1997.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[288] SCHWANTES, Milton. “Tem fim, sim!”: um prefácio. In: BARROS, Marcelo. *A dança do novo tempo: o novo milênio, o jubileu bíblico e uma espiritualidade ecumênica*. São Leopoldo: CEBI e Sinodal; São Paulo: Paulus, 1997.

Breve comentário: Este texto foi redigido na contracapa do livro. Assim como o texto: *Profecia ecoa quando palavras ressoam experiência: uma apresentação*.

[289] SCHWANTES, Milton. *Historia de los Orígenes de Israel: aprender de pueblos en marcha y en alianza*. Quito: Tierra Nueva, 1998.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[290] SCHWANTES, Milton. Eine Pädagogik der Hoffnung: Replik auf den Vortrag von Micha Brumlik. In: FRITSCH-OPPERMANN, Sybille. (org.). *Paulo Freire in memoriam: Lernen befreit - Dial-g Pädagogik und gesellschaftliche Transformation in interkulturellen Gesellschaften*. Loccum: Evangelische Akademie Loccum, 1998. p. 113-116.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[291] SCHWANTES, Milton. Natal grande demais... *A Cruz no Sul*, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 16, 1998.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[292] SCHWANTES, Milton. Parábolas: como um tipo de frutas. *Revista Mundo Jovem*, Porto Alegre, v. 36, n. 290, p. 17, 1998.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[293] SCHWANTES, Milton. A torre virou “altar”. *Jornal do Dia*, Macapá, [n.p.], 1998.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[294] SCHWANTES, Milton. Nos caminhos da Páscoa. *Contexto Pastoral*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 36, p. 9, 1998.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[295] SCHWANTES, Milton. “Faze sair meu povo Israel do Egito”: anotações sobre Êxodo 3. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XII, n. 14, p. 23-34, 1998.

Breve comentário: Neste ensaio, a profecia foi associada à experiência de profetas que teriam sido os continuadores dos projetos de libertação de Moisés.

[296] SCHWANTES, Milton. Aprendendo a ler a escritura. *Revista Simpósio*, São Paulo, n. 41, p. 5-19, 1998.

Breve comentário: Situa a Bíblia como fonte de sentido para a religião, teologia e para a vida das pessoas. Ou seja, segundo o autor, o sentido da fé e de sua prática estaria intimamente correlacionado com os textos bíblicos.

[297] SCHWANTES, Milton. Grupo visita sítios arqueológicos em Israel: professor e alunos de Ciências da Religião organizam viagem de estudo bíblico. *Jornal da UMESP*, São Bernardo do Campo, v. 6, n. 45, p. 5, 1998.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[298] SCHWANTES, Milton. “Ein Gerechter wird in seiner Hoffnung überleben”. In: GERSTENBERGER, Erhard S.; SCHOENBORN, Ulrich. *Hermeneutik – Sozialgeschichte: kontextualität in der Bibelwissenschaften aus der Sicht (latein) amerikanischer und europäischer Exegetinnen und Exegeten*. Münster: LIT-Verlag, 1999. p. 171-182.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[299] SCHWANTES, Milton. “E ainda nos tirou água” – Êxodo 1-2: tradições libertadoras e cultura de resistência. In: SATHLER-ROSA, Ronald. *Culturas e cristianismo*. São Bernardo do Campo: UMESP; São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 9-28.

Breve comentário: O livro compõe a Coleção Ciências da Religião, 3.

[300] SCHWANTES, Milton. “Três dias para o deserto”. *A Cruz no Sul*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 3, 1999.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[301] SCHWANTES, Milton. Meu jovem, medo é mau conselheiro!: saudação ecumênica ao Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 28, p. 23-24, 1999.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[302] SCHWANTES, Milton. Unterwegs. *In: Brasilien*. Hamburg: Evangelisches Missionswerk in Deutschland, 2000. p. 190-194.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[303] SCHWANTES, Milton. Sobrevivências: introdução a Obadias. *Revista Ribla*, v. 35, n. 36, p. 191-198, 2000.

Breve comentário: O livro de Obadias é pensado como visão. Mas, o personagem Obadias faria parte de uma cultura de sobrevivência de gente espoliada.

[304] SCHWANTES, Milton. Lindas palavras junto à fonte – Lindas palavras em lugares escondidos: anotações sobre Gn 16, 1-16. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 39, p. 10-20, 2001.

Breve comentário: O tema da terra novamente ganha centralidade neste ensaio, mas com novos enfoques. Dessa vez, ele apresenta a exclusão da mulher, através dos relatos bíblicos de Hagar.

[305] SCHWANTES, Milton. Enfoque bíblico. *In: CNBB. Exclusão e inclusão social na realidade amazônica*. Belém: IRFP, 2001. p. 40-46.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[306] SCHWANTES, Milton. *Gott und Geld*. Berna: Mengis Druck, 2001.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[307] SCHWANTES, Milton. *Dio e il denaro*. Berna: Mengis Druck, 2001.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[308] SCHWANTES, Milton. *Dieu et l'argent*. Berna: Mengis Druck, 2001.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[309] SCHWANTES, Milton. Nas montanhas há solução – Gênesis 13,1-18. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 9, n. 34, p. 81-98, 2001.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[310] SCHWANTES, Milton. No espírito dos quatro ventos: estudando Ezequiel 37,1-14. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XV, n. 20, p. 171-182, 2001.

Breve comentário: *Ruah* teria criado pessoas fortes e não exércitos armados. Exércitos são produtores de ossos e, por isso, não poderiam ter sido criados pelo Espírito, segundo o autor.

[311] SCHWANTES, Milton. Geld und Geist – Wege, die sich nicht treffen. *Amos – Kritische Blätter aus dem Ruhrgebiet*, Essen, v. 15, n. 63, p. 34-35, 2001.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[312] SCHWANTES, Milton. Eles entre eles. Um pouco mais do que acontece. *Boletim Informativo Acontece*, Piracicaba, p. 4, 2001.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[313] SCHWANTES, Milton; MESTERS, Carlos. *Profeta: saudade e esperança*. 3. ed. São Leopoldo: CEBI, 2001.

Breve comentário: Da série *A Palavra Na Vida*.

[314] SCHWANTES, Milton; BRITO, Walderes. *Profetas e profecias: novas leituras*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Breve comentário: Há uma boa descrição sobre a perspectiva do autor em relação aos profetas, nesta obra.

[315] SCHWANTES, Milton. “Es fliesse das Recht der Armen”: Die Armen und die Bibel. *Ordensnachrichten*, Wien, v. 41, n. 5, p. 3-10, 2002.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[316] SCHWANTES, Milton. Ensaio metodológico sobre Oséias 5,1-7. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 74, p. 8-19, 2002.

Breve comentário: Neste ensaio, ele alega que Oséias denuncia o Estado de Israel que estaria oprimindo os camponeses e, através do sacrifício, o sistema espoliativo se mantinha.

[317] SCHWANTES, Milton. Paz e Justiça – Meditações. *Revista Teologia em Questão*, São Paulo, p. 37-43, 2002.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[318] SCHWANTES, Milton. Para que os olhos não fiquem vazios. *Revista Rede*, Petrópolis, v. 10, n. 109, p. 9, 2002.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[319] SCHWANTES, Milton. “A lua nova devorará suas heranças”: observações sobre Oséias 5, 1-7. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 73, p. 8-19, 2002.

Breve comentário: Veja o comentário em [316].

[320] SCHWANTES, Milton. Diferentes e solidários: observações sobre Gênesis 25,1-18. In: COMBLIN, José. *A esperança dos pobres vive*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 193-204.

Breve comentário: No pano de fundo do texto, o autor procura incentivar atitudes solidárias com as pessoas em situação de pobreza da América Latina.

[321] SCHWANTES, Milton. Diante do novo as coisas antigas não se mantêm: exegese e meditação à luz de Isaías 7,10-17. In: BRUECKHEIMER, João P. *Há sinais de paz e graça*. Blumenau: Otto Kuhr, 2003. p. 172-181.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[322] SCHWANTES, Milton. Sinais e Símbolos: comentário a Isaías 8,5-18. *Revista Trilhas*, Cascavel, v. 5, n. 10, p. 67-87, 2003.

Breve comentário: Para o autor, Isaías teria atuado em setores sociais mais próximos aos círculos cortesãos e templares, mas, suas propostas teriam sugerido que o templo fosse abrigo dos pobres.

[323] SCHWANTES, Milton. Armas não armam tendas de paz: observações sobre Isaías 8,1-4. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XVII, n. 25, p. 207-214, 2003.

Breve comentário: Veja o comentário em [322].

[324] SCHWANTES, Milton. “Águas que correm mansamente”: um comentário a partir de Is 8,5-8. *Revista Teologia em Questão*, Taubaté, v. 2, n. 4, p. 45-54, 2003.

Breve comentário: De acordo com o autor, Isaías não teria abandonado o templo e a monarquia, mas teria sugerido a sua transformação.

[325] SCHWANTES, Milton. “Ele vem justo e pobre”. *A Cruz no Sul*, São Paulo, v. 56, n. 4, p. 16, 2003.

Breve comentário: Veja as referências em [168].

[326] SCHWANTES, Milton. “A terra não pode suportar suas palavras” (*Amós 7,10*): reflexão e estudo sobre Amós. São Paulo: Paulinas, 2004.

Breve comentário: Amós teria sido um vidente contra Israel e contra o Estado monárquico do norte. O lugar social de Amós teria sido entre os trabalhadores dependentes e itinerantes e o próprio Amós teria sua origem no campesinato empobrecido.

[327] SCHWANTES, Milton. Sem crer não se permanece: estudos exegéticos em Isaías 7,1-2+3-9. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 12, n. 46, p. 99-118, 2004.

Breve comentário: Isaías teria sido um importante opositor ao seu momento político e, por isso, sua profecia é considerada pelo autor como atual e relevante.

[328] SCHWANTES, Milton. Elementos de um projeto econômico e político do messianismo de Judá – Gênesis 49,8-12: uma antiga voz judaíta interpretada no contexto da história da ascensão de Davi ao poder (1 Samuel 16 até 2 Samuel 5). *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 48, p. 25-33, 2004.

Breve comentário: Trata-se de uma análise exegética do texto com vistas a uma pergunta por sua linguagem social e econômica.

[329] SCHWANTES, Milton. O davidismo messiânico na ótica de Judá: a história da Ascensão de Davi (1 Samuel 16 – 2 Samuel 5). *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. 18, v. 27, p. 187-194, 2004.

Breve comentário: Propõe pensar a história da ascensão de Davi como uma leitura do davidismo a partir dos súditos, dos camponeses, etc. 2 Samuel 7, deveria ser lido a partir de quem participava do governo.

[330] SCHWANTES, Milton. Enfermidades e morte: experiência no exílio: enfoques em Ezequiel 37,1-14. *Revista Ribla*, n. 49, p. 38-47, 2004.

Breve comentário: *Ruah* não teria criado um exército, mas um povo com poder. Veja os comentários em [310].

[331] SCHWANTES, Milton. Orar é viver: a religião na vida e no dia-a-dia. *Revista Visão Teológica*, Dourados, v. 1, n. 1, p. 27-44, 2005.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[332] SCHWANTES, Milton. Observaciones al Cantar de los Cantares: breve introducción a este libro bíblico. *Debarim*, La Habana, n. 4, p. 3-6, 2005.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[333] SCHWANTES, Milton. Salmos para o caminho: anotações hermenêuticas a partir dos Salmos 120 e 121. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 50, p. 96-101, 2005.

Breve comentário: Situa o Salmo 120 no horizonte da justiça, pois seus cantadores teriam sido pessoas estrangeiras mantidas como escravos e, por isso, sua linguagem estaria evocando a memória do êxodo. Já o Salmo 121 apresenta o tema da proteção divina na jornada e no descanso.

[334] SCHWANTES, Milton; SAMPAIO, Tânia Mara V. *Oséias*: uma profecia diferente. São Leopoldo: CEBI, 2005.

Breve comentário: O texto pertence à coleção *A Palavra Na Vida*.

[335] SCHWANTES, Milton. El amore es fuerte como la muerte: observaciones sobre Cantares 8,5-14. *Debarim*, La Habana, n. 4, p. 7-10, 2005.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[336] SCHWANTES, Milton. Provérbios e Sentenças Sapienciais: a origem e o significado de Provérbios 18,1-19,2. *Revista Teologia em Questão*, São Paulo, a. 4, p. 21-30, 2005.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[337] SCHWANTES, Milton. A Bíblia e a boa-nova da paz. In: CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL (CONIC). *Solidariedade e paz: texto-base versão popular e simplificada*. São Paulo: Salesiana; São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 19-31.

Breve comentário: A Bíblia na América Latina e o fato da incorporação das dores e dos anseios dos empobrecidos à leitura bíblica.

[338] SCHWANTES, Milton. Como areia do mar. *A Palavra na Vida*, São Leopoldo, v. 206, p. 7-14, 2005.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[339] SCHWANTES, Milton. No banquete das origens: comida e bebida em narrações bíblicas. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XIX, n. 28, p. 29-45, 2005.

Breve comentário: O direito à comida seria a fonte de todo o direito e de toda a justiça.

[340] SCHWANTES, Milton. Ouvi casa de Davi: estudos exegéticos em Isaías 7,10-17. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XIX, n. 29, p. 178-190, 2005.

Breve comentário: Isaías teria feito uma crítica contra a política internacional dos davídidas.

[341] SCHWANTES, Milton. “E Sara riu” – Gênesis 18,1-15. In: SILVA, Silvia de L. *Ecce mulier/ Esa Mujer: homenagem a Irene Foulkes*. Costa Rica: SEBILA, 2005. p. 37-59.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[342] SCHWANTES, Milton. Como areia do mar. *A Palavra na Vida*, São Leopoldo, p. 7-14, 2005.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[343] SCHWANTES, Milton. *Folhetos Quaresmais*. São Paulo: CONIC, 2005.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[344] SCHWANTES, Milton. Repetições e paralelismos: observações em um debate hermenêutico, exemplificado em Provérbios 10,1. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 66, n. 263, p. 673-679, 2006.

Breve comentário: Interessante estudo puramente exegético de Provérbios 10,1.

[345] SCHWANTES, Milton. *Fontes de água viva: estudos bíblicos sobre graça e transformação*. Genebra: WCC, 2006.

Breve comentário: Livro escrito ao lado de outros autores e autoras.

[346] SCHWANTES, Milton. Um jumentinho no Reino: Marcos 11,1-11. *Revista Teologia e Sociedade*, São Paulo, p. 88-95, 2006.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[347] SCHWANTES, Milton. *As monarquias no antigo Israel: o estado monárquico no final do séc XI a.C.: um roteiro de pesquisa histórica e arqueologia*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulinas, 2006.

Breve comentário: Como o próprio título propõe, trata-se de um roteiro de pesquisa histórica e arqueológica sobre a monarquia no antigo Israel.

[348] SCHWANTES, Milton. E te darei a tua vida para lucro: observações sobre Jeremias 45. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 91, p. 98-102, 2006.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[349] SCHWANTES, Milton. *Jeremias 37-45*. Petrópolis: Vozes, 2006.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[350] SCHWANTES, Milton. Uma parábola sobre a injustiça: exegese sociocrítica de 2 Samuel 12,1-4. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XXI, n. 32, p. 183-194, 2007.

Breve comentário: A monarquia é acusada de cometer injustiça e provocar a morte de expropriação de trabalhadores.

[351] SCHWANTES, Milton. *Gênesis 1-11: vida, comunidade e Bíblia*. São Leopoldo: CEBI, 2007.

Breve comentário: O bloco de Gênesis 1-11 é lido na ótica da esperança concreta, ou seja, como história que vem do reverso do imperialismo.

[352] SCHWANTES, Milton. Esperança messiânica e visão do governante justo: reflexão a partir de 2 Samuel 23,1-7. *Revista Espaços*, a. 16, n. 1, p. 83-88, 2008.

Breve comentário: Veja o comentário em [108].

[353] SCHWANTES, Milton. Solidariedade e conhecimento de Deus: enfoques proféticos em Oséias 6,1-11. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 100, p. 51-59, 2008.

Breve comentário: A profecia de Oséias é descrita como a voz dos trabalhadores que teria contestado o Estado e suas instituições mantenedoras. O autor postula que a leitura de Oséias deve estar atenta às questões concretas como, por exemplo, a temática do trabalho e seus dilemas.

[354] SCHWANTES, Milton. “Jacó, homem íntegro”: reflexões exegéticas sobre Gênesis 25,19-34. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XXII, n. 35, p. 137-157, 2008.

Breve comentário: Jacó seria o camponês e, portanto, Gênesis estaria concedendo as bases para que os profetas e Yahweh fossem interpretados sempre em sua defesa.

[355] SCHWANTES, Milton. Sabedoria: textos proféticos? *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XXII, n. 34, p. 53-69, 2008.

Breve comentário: Segundo o biblista brasileiro, a sabedoria antiga respirava ares populares e camponeses.

[356] SCHWANTES, Milton. Uma promessa de dinastia para Davi na ótica de Jerusalém: anotações sobre messianismo e davidismo em 2 Samuel 7. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, a. XVI, n. 63, p. 9-32, 2008.

Breve comentário: De acordo com o autor, 2 Samuel 7 apresenta a dinastia a ser constituída eternamente, pois o seu enfoque teria caído sobre a casa, dando-lhe durabilidade. Seria, *a priori*, uma narrativa contada a partir de quem participava do governo e próximo ao templo.

[357] SCHWANTES, Milton. *Breve história de Israel*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

Breve comentário: Aproxima-se a lógica da referência comentada em [153].

[358] SCHWANTES, Milton. *Da vocação à provocação*: estudos e interpretações em Isaías 6-9 no contexto literário de Isaías 1-12. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2008.

Breve comentário: Neste ensaio, postula-se que a profecia de Isaías tem um momento histórico específico. Trata-se de um momento político e, por isso, ela estaria diretamente relacionada aos governantes. As exigências de Isaías estariam remontando à guerra Santa, onde Yahweh age e o exército ficaria inerte.

[359] SCHWANTES, Milton. *Ageu*. São Paulo: Loyola, 2008.

Breve comentário: Na profecia de Ageu, o davidismo teria desempenhado um papel decisivo e teria sido mais importante que a liturgia do templo, para o autor.

[360] SCHWANTES, Milton; GARMUS, Ludovico. *Contribuições para o estudo da Bíblia*: 25 anos. Petrópolis: Vozes, 2008.

Breve comentário: Os textos retratam, em geral, as experiências comunitárias e populares.

[361] SCHWANTES, Milton; DREHER, Carlos A.; BIEHL, João G. *Deixem vir a mim a crianças porque delas é o Reino de Deus*. São Leopoldo: CEBI, 2008.

Breve comentário: O texto pertence à coleção *A Palavra Na Vida*.

[362] SCHWANTES, Milton. “De ti sairá”: Miquéias 5,1-5. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, a. XVII, n. 67, p. 77-86, 2009.

Breve comentário: Miquéias foi interpretado como um personagem inserido no contexto histórico da resistência dos camponeses pobres contra as explorações e o terror praticado pela elite. Ele teria se colocado em oposição à incorporação do davidismo ao mundo cortesão da capital.

[363] SCHWANTES, Milton. *Gênesis 12-25: Deus vê – Deus ouve!* São Leopoldo: Oikos, 2009.

Breve comentário: O biblista brasileiro constrói um comentário a partir da mundividência comunitária. Nesta obra, em geral, ele enfatiza três temas: família, amizade e terra.

[364] SCHWANTES, Milton. *Sentenças e provérbios: sugestões para interpretação da sabedoria*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

Breve comentário: O autor procura defender que a influência sapiencial ultrapassa as fronteiras dos livros bíblicos que a cultivam em seus conteúdos.

[365] SCHWANTES, Milton. *Haggai: tage der Hoffnung*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2009.

Breve comentário: O autor da pesquisa não teve acesso ao texto.

[366] SCHWANTES, Milton. Unidos para a liberdade: Êxodo 4,18-31. *In: MUGGE, Miquéias H.; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria; DREHER, Carlos A.; WITT, Osmar L.; BOBSIN, Oneide. Construindo diálogos: história, educação e ecumenismo: homenagem a Martin N. Dreher*. São Leopoldo: Oikos, 2010. p. 87-102.

Breve comentário: O texto apresenta alguns traços do perfil e da perspectiva ecumênica de Milton Schwantes. Ele pensa o termo ecumenismo para além das relações entre as igrejas cristãs. Não abre mão do termo, mas prefere expandir os seus significados.

[367] SCHWANTES, Milton; SANTOS, Rosileny A. (orgs.). *Figuras e Coisas: meditações e ensaios para viver*. São Leopoldo: Oikos, 2011.

Breve comentário: Os textos querem mostrar como as experiências bíblicas podem encontrar a vida das pessoas, ou seja, o cotidiano das pessoas estaria aberto para a vida das pessoas do mundo bíblico.

[368] SCHWANTES, Milton. *Da vocação à provocação: estudos e interpretações em Isaías 6-9 no contexto literário de Isaías 1-12*. 3. ed. São Leopoldo: Oikos, 2011.

Breve comentário: Leia o comentário de [358].

[369] SCHWANTES, Milton. *Salmos da vida: a caminho da justiça Salmos 120-134*. São Leopoldo: Oikos, 2012.

Breve comentário: O autor alega que as pessoas pobres falam em seu próprio nome e fazem-se sujeitos nas frases. O que representaria uma diferença em relação à profecia e à sabedoria, pois, segundo ele, nestes últimos, as pessoas pobres tendem a ser objetos da observação e da defesa e não falantes.

[370] SCHWANTES, Milton. Origem dos textos. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 17, n. 2, p. 13-19, 2012.

Breve comentário: Se opondo a crítica das fontes, o autor postula a origem dos textos à luz das vertentes sociais e econômicas do mundo bíblico. Ele assume não estar focado na busca pela autoria dos textos, mas nos momentos históricos decisivos que os teriam gerado. Por isso, a realidade de trabalhadores oprimidos, por exemplo, é tomada como chave de leitura.

[371] SCHWANTES, Milton. *O direito dos pobres*. São Leopoldo: Oikos, 2013.

Breve comentário: Trata-se da tradução póstuma ao português da tese doutoral de Milton Schwantes.

